



Robert Paul Weston

DEPARTAMENTO DAS CRIATURAS

GOBOLIVROS





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DEPARTAMENTO DAS CRIAÇÔES

Robert Paul Weston



Tradução
Rosemarie Ziegelmaier

GLOBAL LIVROS

Copyright © 2013 Penguin Group (USA) LLC
Copyright da tradução © 2014 Editora Globo S.A.

Título original: *The creature department*

Publicado segundo acordo com a Razorbill, uma divisão da Penguin Young Readers Group, membro da Penguin Group (USA) LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Editor responsável Camila Saraiva
Editor assistente Lucas de Sena Lima
Edição de arte Adriana Bertolla Silveira
Editor digital Erick Santos Cardoso
Diagramação Gisele Baptista de Oliveira
Tradução Rosemarie Ziegelmaier
Preparação Silvia Massimini Felix
Revisão Huendel Viana e Andressa Bezerra

Crédito da capa original Zack Lydon
Direção de arte do projeto original Lindsey Andrews

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W543d

Weston, Robert Paul
Departamento das Criaturas / Robert Paul Weston; tradução
Rosemarie Ziegelmaier. – 1ª ed. – São Paulo: Globo, 2014.
il.

Tradução de: The creature department
ISBN 978-85-250-5787-7

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Ziegelmaier, Rosemarie. II. Título.

14-11085 CDD: 028.5
CDU: 087.5

1ª edição, 2014

Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1.485 – Jaguaré
São Paulo – SP – 05346-902 – Brasil
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Parte 1	
Ilustração	
Capítulo 1	
Ilustração	
Capítulo 2	
Ilustração	
Capítulo 3	
Ilustração	
Capítulo 4	
Ilustração	
Capítulo 5	
Ilustração	
Capítulo 6	
Ilustração	
Capítulo 7	
Ilustração	
Capítulo 8	
Ilustração	
Capítulo 9	
Ilustração	
Capítulo 10	
Ilustração	
Capítulo 11	
Ilustração	
Capítulo 12	
Ilustração	
Capítulo 13	
Ilustração	
Capítulo 14	
Ilustração	
Capítulo 15	
Ilustração	
Capítulo 16	
Parte 2	
Ilustração	
Capítulo 17	
Ilustração	
Capítulo 18	

[Ilustração](#)

[Capítulo 19](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 20](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 21](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 22](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 23](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 24](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 25](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 26](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 27](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 28](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 29](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 30](#)

[Ilustração](#)

[Capítulo 31](#)

[Agradecimentos](#)

PARA Machiko







Capítulo 1

Elliot não quer ir para a Escola Bom Gourmet e Leslie pensa em Paris

— Elliot von Doppler, faça o favor de descer já ou sou capaz de colocar você na sopa do seu pai e servir no jantar!

Elliot puxou a coberta e cobriu a cabeça. Nos últimos cinco minutos, aquela tinha sido a terceira ameaça com essa história de sopa (mas a mãe também já tinha falado algo sobre fritar um dos rins e fazer pickles com os dedos do garoto).

É claro que os pais de Elliot von Doppler nunca tinham devorado ninguém nem pretendiam fazer isso. Não eram canibais: eram apenas críticos de gastronomia.

Peter e Marjorie von Doppler editavam a seção de culinária do jornal *Bickleburgh Times*. A dupla também assinava uma coluna diária chamada “Vale a pena provar”, com críticas de restaurantes da cidade. Às vezes, faziam viagens a outros lugares do país ou do mundo para descobrir novidades. Em outras palavras, o universo da alta gastronomia ocupava totalmente a cabeça dos dois (e isso valia até para a hora de tirar o filho da cama, pela manhã).

— Estou falando sério, Elliot. E você sabe o quanto o seu pai gosta de um bom cozido!

Elliot resmungou.

— Vou contar até três, rapazinho. Se você não aparecer, vou até aí te afogar numa tigela de maionese.

(Mas não se preocupe, pois a mãe de Elliot jamais faria isso. Para falar a verdade, ela nunca acerta o ponto da maionese. Apesar da profissão que escolheram, os pais do garoto são péssimos na cozinha.)

— *Um!*

Elliot pulou da cama e começou a se arrumar. Colocou uma bermuda e uma camiseta, depois vestiu (como sempre) um colete de pescador de cor verde fosforescente.

— *Dois!*

O garoto pegou o seu bem mais precioso: um lápis elétrico com lentes telescópicas retráteis da marca DENKi-3000. Aquele objeto antigo, presente do seu tio Archie, tinha sido o primeiro produto

fabricado pela empresa.

— *Três!* Muito bem, garoto. O seu pai já está subindo com um esmagador de alho...

— Estou indo! — respondeu Elliot. Voou pelas escadas e viu o café da manhã sobre a mesa. Tomates cozidos e algumas torradas queimadas.

— Levamos um tempão para preparar isso — avisou o pai. Estava acomodado na ponta da mesa, com o *Bickleburgh Times* nas mãos. — Por isso, nada de reclamações.

— Sente-se — falou a mãe, olhando para o menino com atenção. — E diga para nós se ficou bom, tá?

Elliot precisou se esforçar para molhar as torradas duras e quase carbonizadas na água que saía dos tomates, mas não ajudou muito.

Já estava no meio da missão (um tanto forçada) de terminar o café quando percebeu um envelope largado em cima da mesa.



O seu nome estava escrito nele.

— O que é isso?

— O seu tio deu uma passadinha aqui hoje cedo, antes de ir para o trabalho — esclareceu a mãe.

— *O quê?* Ele passou aqui? — Elliot estava surpreso.

A mãe confirmou, com um ar contrariado.

— Isso mesmo. Ele some por vários meses, *como sempre*, e de repente... tchan! Bate na porta te procurando...

— Procurando por *mim*? — Elliot estava *ainda mais* admirado. O tio Archie praticamente morava na fábrica da DENKi-3000. A estranha sede da empresa ficava do outro lado do Bickleburgh Park, mas seu tio nunca “dava passadinhas” por ali, nunca. Era famoso por esquecer aniversários, Natal, finais de campeonato de futebol e coisas do tipo. — Mas por que vocês não me chamaram?

— Eu não consigo te acordar nem no horário *normal*... Ele deixou esse bilhete aí para você.

Feliz, Elliot largou a refeição matinal e rasgou o envelope. Dentro, havia uma mensagem escrita às pressas:

Caro Elliot,

Já faz tempo que você me pede para conhecer a fábrica, mas eu nunca tive oportunidade de atender ao seu pedido. Mas, do jeito que as coisas estão, achei que a hora chegou. Apareça aqui hoje e eu te levo para um passeio.

Um abraço,

Tio Archie

P.S. Convide a sua amiga Leslie para vir também.

O garoto ficou olhando para a carta, com a boca entreaberta.

— O que ele escreveu? — quis saber seu pai.

— O tio Archie me convidou para conhecer a fábrica. *Hoje*.

Talvez surpresa com a expressão espantada de Elliot, a mãe perguntou:

— E você não ficou contente?

— Fiquei, só que...

— Só que o quê???

— Eu não sei *quem é Leslie*.

— Acho que não entendi direito — disse a mãe.

— É o seguinte — explicou o garoto, apontando para o fim do bilhete. — Ele escreveu: “Convide a sua amiga Leslie para vir também”.

— Muito simpático da parte dele convidar a menina — falou o pai de Elliot, sem largar o jornal.

— Só que eu *não tenho* nenhuma amiga chamada Leslie. — Ele não gostava de admitir, mas na verdade não tinha muitos amigos. Ou melhor, quase nenhum.

— Espere um pouco — falou a sua mãe. — Como era mesmo o nome daquela menina da feira de ciências?

— *Leslie Fang*?

— Essa mesma. Acho que é dela que o seu tio está falando.

— Não é, não — respondeu Elliot. Ele mal conhecia a garota. Leslie Fang havia entrado na escola alguns meses antes das férias de verão, e por isso não tinha dado tempo de fazer amizade *com ninguém*. — Por que ele quer que eu convide a Leslie? Ela nem está na minha classe.

Era verdade. Elliot só tinha conhecido a menina porque os dois dividiram o terceiro lugar na feira de ciências da cidade. (Tinham projetado dois foguetes em miniatura quase idênticos, o que sempre é chato — mesmo quando se trata de um empate da terceira colocação.)

A mãe de Elliot pensou um pouco.

— Eu vejo bastante essa menina quando estou indo trabalhar, sempre sentada sozinha no parque. Ela aparece lá quase todos os dias desde que as férias começaram e, para falar a verdade, parece muito solitária. Talvez o tio Archie também tenha percebido a mesma coisa.

Elliot quase caiu da cadeira. Não gostava da ideia de dividir o tio com outra pessoa, mas o que ele podia fazer? Leslie Fang era a única Leslie que ele conhecia, e não queria perder a oportunidade de visitar a DENKi-3000 *por nada neste mundo*.

— Certo — resmungou o menino. — Vou convidar a Leslie, se eu encontrar com ela por aí. Posso ir agora?

— Só depois de terminar o seu café da manhã — decretou o pai.

— E de nos dizer o que achou — acrescentou a mãe.

Elliot olhou para o prato com desânimo e misturou algumas migalhas queimadas de pão na poça de molho de tomate. Enquanto se esforçava para terminar a refeição, seus olhos foram parar na manchete do jornal que o pai estava lendo.

Viu uma grande foto da fábrica da DENKi-3000 acompanhada da pergunta:

será que a gigante da tecnologia vai fechar as portas?

Elliot engasgou com a comida (o que não era nada difícil).

— Como *fechar as portas*? — balbuciou. — Estão falando em fechar a fábrica?

O pai concordou:

— Acho que é por isso que o seu tio Archie quer te levar para conhecer o lugar. É agora ou nunca.

— Mas o que isso significa?

— Tem essa outra empresa — explicou o pai. — Uma grande empresa de investimentos. Eles vão comprar tudo e, pelo que estão falando por aí, pretendem transferir a fábrica para outro país.

— Mas... — Elliot mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. — O que vai acontecer com o tio Archie?

— Não dá para saber — respondeu a mãe. — Ninguém sabe.

Elliot não conseguia tirar os olhos do jornal. No canto inferior da impressionante foto da DENKi-3000 havia uma fotografia de um senhor. Tinha cabelos grisalhos e desarrumados, barba espessa da mesma cor, vestindo um suéter marrom e folgado. Também usava um par de óculos com aros dourados. A legenda da foto explicava: *Sir William Sniffledon, há tempos presidente da DENKi-3000, admite que a empresa enfrenta uma séria crise financeira.*

Era estranho pensar que aquele senhor, que podia passar muito bem por um tímido bibliotecário, era o poderoso presidente de uma organização daquele tamanho. Então Elliot leu as primeiras linhas da matéria:

A sede da DENKi-3000, quinquagésima maior produtora de tecnologia do mundo e uma das maiores empregadoras de Bickleburgh, pode ter que encerrar suas atividades dentro de poucos meses.

Depois de um ano de lucros bem abaixo do ideal, a empresa parece pronta para ser comprada pela firma de investimentos Quazicom Holdings. O presidente da DENKi-3000, Sir William Sniffledon, declarou: “Será um dia triste para a cidade se isso acontecer”...

Elliot olhou novamente para a fotografia. A fábrica da DENKi-3000 era a construção mais interessante da cidade: quatro torres de vidro saindo de uma estrutura oval. Embora seu tio fosse o responsável pelo Setor de Pesquisa e Desenvolvimento, o menino nunca tinha colocado os pés naquele

território cuidadosamente vigiado.

O garoto afastou o prato, finalmente vazio.

— Já que o tio Archie me convidou, acho melhor não deixá-lo esperando.

— Devagar, rapaz. — O pai apontou para uma espécie de purê vermelho e preto que ainda restava.

— Antes queremos a sua opinião.

— Tenho mesmo que avaliar?

Os pais de Elliot gostavam mesmo era de *descrever* as comidas. Será que *só comer* era coisa de maluco?

— Como você vai entrar para a Escola Bom Gourmet se não começar a treinar? — perguntou o pai.

— E se eu não for para a Escola Bom Gourmet?

— Quando crescer, você não quer ser um famoso crítico de culinária, como os seus pais?

— Talvez eu prefira ser como o tio Archie.

— Não acho que ele seja um bom modelo. — A mãe voltou a olhar para o jornal.

Elliot, é claro, não tinha a menor intenção de se tornar um crítico de comida. Mas sabia que, se quisesse encontrar o tio, primeiro teria que agradar aos pais.

— Então? — quis saber a mãe.

— Tente ser o mais detalhista possível — orientou o pai.

Os dois estavam curvados sobre a mesa, ansiosos.

— Bem... estava... — Elliot tinha dificuldade para encontrar as palavras. — Crocante. E úmido.

O pai franziu a testa.



— Assim você *nunca* vai entrar numa escola de gastronomia.

— Posso ir?

— Acho que sim — respondeu a mãe, um pouco hesitante. — Mande um abraço para o seu tio.



Sempre que a mãe de Leslie Fang mudava de cidade, a garota logo procurava os melhores refúgios para ficar sozinha. Aqui, nesse triste projeto de uma *cidade de verdade*, o melhor local que ela achou foi

um banco de madeira afastado e relativamente confortável instalado no Bickleburgh Park. Não que ela gostasse especialmente de ficar sozinha (sim, Leslie gostava de fazer amigos, como todo mundo), mas o que você faria se soubesse que a sua mãe é do tipo que joga tudo para o alto e arruma as malas sempre que dá na telha?

Era sempre a mesma coisa. Bastava acabar um namoro ou se cansar do emprego e “*Leslie, me ajude a carregar o nosso velho Volkswagen vermelho porque vamos cair na estrada!*”.

Era melhor se acostumar a viver sozinha, acreditava Leslie. E isso fazia sentido, pois economizava despedidas.

Além disso, Bickleburgh não era o tipo de cidade que agradava à menina. Ela preferia as dezenas de Nova York, Londres e Paris que existem pelo mundo. *Definitivamente*, Bickleburgh não era nada disso. Elas só estavam ali porque o avô de Leslie era dono de um restaurante no bairro chinês e tinha prometido um emprego de garçoneiro para a mãe da menina. E até arranhou um quarto para as duas no apartamento que ficava em cima da cozinha.

Leslie olhou para a sua camiseta preta, as pulseiras pretas, o volumoso vestido preto, as meias pretas e os sapatos de amarrar, da mesma cor, claro. Ela se orgulhava do seu visual. Queria mesmo uma aparência do tipo “*me deixem em paz porque posso ir embora a qualquer momento*”, e tinha conseguido o seu objetivo.

Pelo menos, ela *achava* que tinha conseguido.

Se a sua aparência de fato berrava “*me deixem sozinha*”, por que aquele moleque que ela tinha visto na feira de ciências estava se aproximando dela?

— Olá, Leslie. — Ele falava mais para os próprios pés do que para a menina. — Tudo bem?

— Você é o Elliot, né?

— Sabe o meu nome?

— Claro que sei. Você copiou o meu projeto na feira de ciências.

Elliot arregalou os olhos.

— *Não*, foi só uma coincidência.

Leslie suspirou.

— Ah, sei. Mas foi bem chato, não acha?

— Bem, é você que está falando isso...

Na verdade, o empate no terceiro lugar não era o único motivo pelo qual Leslie sabia o nome do garoto. O que chamava a atenção *mesmo* era que, todo santo dia, não importava o que estivesse usando por baixo, ele vestia aquele colete verde ridículo.

No início, Leslie achou interessante a proposta de visual do colega, do tipo “*me deixem em paz porque só quero saber de ficar sozinho no meu barco de pesca*”. Ela gostou daquilo, mas precisava ser igual *todos os dias*?

Sentada no banco, Leslie se inclinou para a frente.

— Você nunca pensou que um de nós poderia ter ficado em primeiro? Claro, se não houvesse *dois* projetos iguais na mesma feira?

— Pode ser.

Elliot ficou em silêncio por um instante e a menina achou que ele devia estar pensando na possível vitória na competição caso os dois não tivessem tido que dividir o lugar. Mas não, ele estava pensando em algo bem diferente.

O menino apontou para a floresta fechada que ficava do outro lado do parque.

— Sabe, estou indo visitar o meu tio.

— Ah, que legal. E ele mora no mato?

— *Não!* Estou falando *do outro lado*. Ele trabalha na DENKi-3000.

O fluxo de pensamento da menina, que até então estava tentando achar um jeito de se livrar do moleque, de repente mudou de rumo.

— Na DENKi-3000? — ela perguntou. — O seu tio trabalha lá?

Elliot confirmou, cheio de orgulho.

— Trabalha. Ele é o responsável pelo Setor de Pesquisa e Desenvolvimento.

Leslie sempre tinha se perguntado o que acontecia naquelas instalações esquisitas. Era o único lugar que podia causar algum interesse naquela cidade, para não dizer o único que parecia pertencer a uma cidade *de verdade*.

O avô de Leslie fazia entregas na fábrica, mas nunca tinha levado a menina junto, apesar dos pedidos constantes. Por que uma empresa do tamanho da DENKi-3000 escolheria um lugar como aquele para se instalar?

— Sabe — falou Elliot, tomado por uma ansiedade súbita. — O meu tio me convidou para visitar a fábrica e...

— Visitar a fábrica, tá... — comentou Leslie. — Legal. — Ela estava se esforçando para não demonstrar uma inveja tremenda *ou* começar a fazer um monte de perguntas. — Talvez o meu avô conheça o seu tio.

Mais uma vez, os olhos de Elliot se elevaram para encontrar o olhar da menina.

— Ele também é inventor?

— Mais ou menos — respondeu ela. — Ele é chef de cozinha.

Ele se espantou.

— E desde quando isso é ser inventor?

— Ele faz experiências, inventa coisas novas. Bolinhos chineses. Tudo é química, certo?

— É, acho que sim.

— Na verdade ele é dono de um restaurante chinês, talvez você já tenha ouvido falar dele. É o Famoso Freddy, do Dim Sum Emporium. Conhece?

O garoto hesitou.

— Talvez ele não seja tão famoso assim...

A menina revirou os olhos.

— “Famoso” é só o apelido dele.

— Os meus pais conhecem, com certeza. Eles sabem tudo sobre comida.

Leslie não ficou surpresa ao ver que o colega não conhecia o restaurante, que estava quase sempre vazio. A maioria dos pedidos era para viagem e por isso a mãe dela passava grande parte do tempo sem fazer nada, lendo revistas.

Qualquer dia desses, ela ia ficar entediada e começar tudo outra vez. Por isso não valia a pena fazer amizades, mesmo quando o candidato a amigo tinha um tio que trabalhava num lugar tão legal como a DENKi-3000.

Mesmo assim, ela não conseguiu resistir e admitiu:

— Aquele lugar parece bem bacana, né?

Elliot sorriu.

— Nem acredito que *finalmente* o meu tio me convidou para visitar a fábrica!

Leslie enterrou a ponta do sapato na areia, mexendo para os lados.

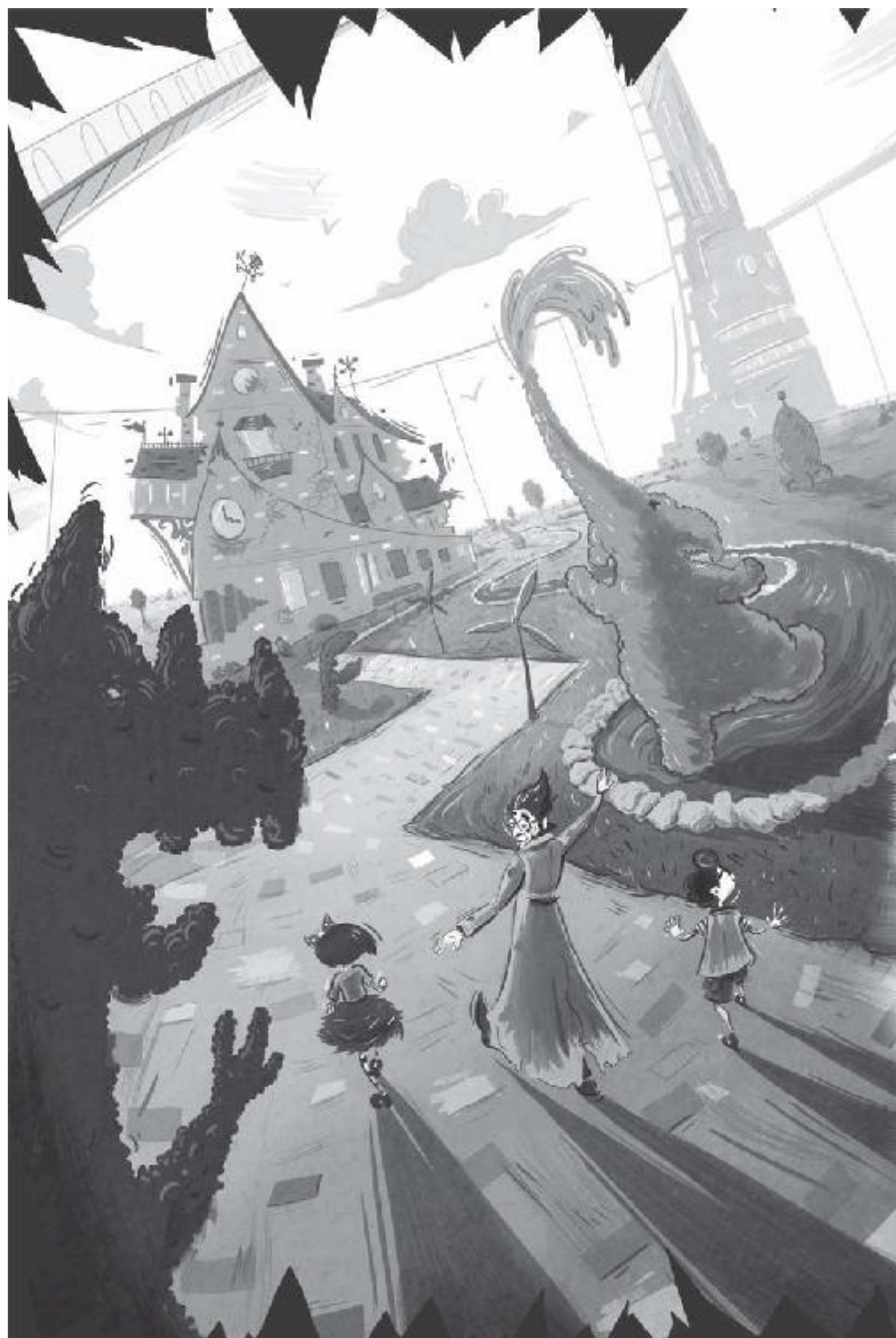
— Sempre tive curiosidade de saber o que rola por lá.

— Bom, para falar a verdade... — O sorriso de Elliot desapareceu e o nervosismo surgiu outra vez.

— É por isso que eu vim falar com você.

— Como assim?

— Não tenho a menor ideia do motivo, mas o meu tio te convidou para ir lá também.





Capítulo 2

O professor revela “onde acontece a magia”

Vista da rua, a sede da DENKi-3000 parecia a combinação de quatro construções distintas. Mas essa impressão era ilusória: as bases das quatro torres “entravam” numa estrutura circular, que formava o perímetro das instalações da empresa.

Olhando de cima, o conjunto lembrava uma bússola gigante, com os quatro pontos cardeais marcados nas bordas. A torre norte era a mais alta e, com o acréscimo de uma esguia antena de rádio instalada no topo, deixava as outras com uma aparência menor ainda.

Quando Elliot e Leslie passaram pelas portas giratórias, quase por magia surgiram letras brilhantes nos vidros, com a inscrição:

Bem-vindo à DENKi-3000

Os inventores das balas de menta wireless!

Depois de entrarem, os dois chegaram ao saguão envidraçado e brilhante. Leslie exclamou:

— Balas de menta *wireless*? Eles inventaram isso?

— É coisa do pessoal do meu tio! O departamento dele foi o primeiro a descobrir que a informação tem sabor. Ou seja, que dá para fazer download da sensação de frescor direto da internet.

O tio de Elliot estava esperando pela dupla no balcão do responsável pela segurança.

— Olá, Elliot! — disse o tio, com um sorriso no rosto. — Estou feliz por finalmente te levar para essa visita! — Virou-se em seguida para Leslie. — E que bom que a sua amiga veio com você.

— Vocês já se conhecem? — perguntou Elliot.

— Conheço o avô dela, o Famoso Freddy.

— E ele é famoso mesmo? — quis saber o menino.

— Por aqui ele é. Não é mesmo, Leslie?

— É, sim. Com certeza vocês já pediram muita comida do restaurante dele.

Leslie achou o professor Von Doppler muito bonito — ao menos para ser o tio de um moleque bobão metido num ridículo colete de pescador. Por outro lado, havia algo *em comum* entre os traços dos dois. O professor era alto e magro, com pernas finas cobertas pelo jaleco amarrotado. Na cabeça saltava um tufo de cabelos castanhos e desgrenhados que emolduravam características precisas e bastante marcantes.

— Prazer em conhecê-lo, professor.

Leslie estendeu o braço e os dois trocaram um aperto de mão.

O tio de Elliot pediu dois crachás de visitante ao responsável pela segurança.

— Com essa identificação, vocês podem vir aqui e me visitar sempre que quiserem — explicou, olhando para o guarda. — Não é mesmo, Carl?

Carl, o responsável pela segurança que estava atrás do balcão, era um sujeito gordinho, com uma cara feliz e repleta de covinhas.

— Isso mesmo — concordou. Virou-se para Leslie. — Se não fosse pelo professor Von Doppler e os meninos do Setor de Pesquisa e Desenvolvimento, acho que a DENKi-3000 não seria nada.

— Carl é o chefe da segurança — esclareceu o tio de Elliot —, mas mesmo assim ele ainda trabalha no balcão de recepção da empresa.

Carl encolheu os ombros.

— Sempre fui do tipo que coloca as mãos na massa.

— Acho que também faço parte do seu time — acrescentou o professor.

Carl achou graça, exibindo outro belo sorriso.

— Talvez seja por isso que, embora a gente trabalhe em áreas tão diferentes, nos damos tão bem.

O tio de Elliot concordou, pensativo.

— É bem possível. — Voltou-se para Leslie e Elliot. — Bom, sou capaz de apostar que vocês dois estão loucos para conhecer a fábrica. Vamos lá. — Virou-se e saiu do imenso saguão, acompanhado da dupla.

Leslie segurou o braço de Elliot e falou baixinho:

— Cara, como o seu tio é legal!

Elliot sorriu. Não estava acostumado a ser associado a “coisas legais”.

O tio do garoto os conduziu por um corredor extenso e sinuoso. Era o espaço interno de uma construção circular que formava a base da sede do DENKi-3000. A parede de vidro dava para um pátio imenso, cheio de caminhos e de jardins.

O tio de Elliot parou.

— É aqui.

— *Aqui?* — perguntou Elliot. Eles estavam parados no meio de um corredor vazio, aparentemente sem nenhum destino possível.

— *Bem aqui.*

O professor Von Doppler parou perto da parede de vidro que, sentindo a sua presença, abriu ao meio

como se fosse um passe de mágica.

Elliot engasgou.

— Eu nunca iria imaginar isso.

O tio piscou para o sobrinho.

— Fique atento. Este lugar é cheio de surpresas. E não estou falando apenas das portas. — Seguiu para a parte ao ar livre. — O meu departamento fica do outro lado.

Torres de aço e de vidro se erguiam sobre as suas cabeças, todas interligadas por passarelas cintilantes. Dentro de cada torre, homens e mulheres com aparência de profissionais importantes se deslocavam em escadas rolantes voltadas para os mais diversos lados.

— Este lugar... é... incrível! — murmurou Leslie.

E era mesmo. A DENKi-3000 era do jeito que ela sempre tinha imaginado: brilhante, futurista e maravilhosa!

Elliot tinha a mesma impressão, mas uma dúvida não abandonava os seus pensamentos: *Por que o meu tio demorou tanto para me trazer aqui? Por quê?*

Não eram apenas as torres brilhantes que impressionavam, mas o próprio pátio: caminhos de pedra cercavam fontes e imensas árvores esculpidas em formato de dragões e de foguetes.

— *Demais!* — exclamou Leslie.

Chegaram a uma estrutura imensa com a forma de um elefante jogando água no próprio corpo e deram de cara com uma construção totalmente diferente do que tinham visto até então. Era tão peculiar que nem Elliot nem Leslie tinham percebido a sua presença — ao menos não num primeiro momento. Estavam ocupados demais, fascinados com aquelas torres de aço e vidro que rumavam para o céu.

— Por aqui — falou o professor Von Doppler, virando na direção da construção esquisita. — Ali é o meu departamento.

A dupla abaixou os olhos e viu: uma construção meio torta, irregular e quase desmoronando, repleta de beirais, frontões, pilares e pórticos, além de torres de vários tipos. As paredes eram feitas de tijolos desbotados vermelhos e cor de laranja, mas as calhas e telhas rachadas eram verde-claras, de um tom que lembrava o musgo.

Em qualquer outro lugar, aquela seria a construção maior e mais interessante do conjunto, mas ali, em comparação com o resto, parecia mais o galpão de ferramentas da empresa.

— Sério? — perguntou Leslie, ao ver para onde o tio de Elliot os levava. — Parece uma casa mal-assombrada.

— É ali que você trabalha? — quis saber o garoto, um pouco decepcionado.

— Ali mesmo — confirmou o tio. — É só ver a placa.

Elliot quase não acreditou quando leu:

— Por que é tão velho?

— Não é exatamente velho — falou o professor —, mas é a parte *mais velha* de toda a empresa.

— Bem que podiam dar uma reformada — sugeriu Leslie.

— Mesmo que Sir William, o presidente da empresa, quisesse reformar isso aqui, não seria possível mexer num tijolo sequer. É o que consta no estatuto original da DENKi-3000, escrito na fundação da empresa: ninguém pode alterar o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento. Na verdade, a única pessoa autorizada a entrar e sair é o chefe do setor de p&d. No caso, eu. — O professor fez uma pequena reverência.



— E nós?

Archie riu.

— Não se preocupem, vocês são os meus convidados. — Virou-se para a construção. — Vamos começar a visita?

— Claro — concordou Elliot, examinando a fachada. — Só tem uma coisa...

Leslie também tinha percebido o fenômeno:

— Não tem porta.

E não tinha mesmo. Todos os demais elementos da estrutura pareciam normais, cada coisa no seu lugar (janelas, pilares, varanda, frontões), menos a porta. Era estranho, mas aquele lugar não tinha entrada.

O professor sorriu outra vez e continuou andando até o que parecia ser uma sólida parede de tijolos.

— Como eu acabei de dizer, a única pessoa autorizada a entrar e sair daqui — aproximou-se da parede e, assim como tinha acontecido com o vidro no corredor, os tijolos se abriram, como que por magia — sou eu.

— *Incrível!* — murmurou Leslie.

Atravessar aquela “porta” foi como entrar num túnel do tempo. A característica mais perceptível era o cheiro de mofo e coisa velha. Mesmo assim, a parte interna da antiga mansão estava menos desgastada do que dava para imaginar olhando de fora.

Cada superfície do saguão imenso estava forrada com uma madeira acolhedora e muito bem encerada. Do teto altíssimo pendiam candelabros que projetavam uma luz trêmula nas paredes, nos cantos e sobre o tapete decorado com flores e desenhos entrelaçados. A parte interna era luxuosa, mas era um tipo de luxo ultrapassado e sem brilho. Parecia um belíssimo carro antigo que começava a enferrujar.

— Não estou entendendo — falou Elliot. — Quer dizer, parece bem bacana e tal, mas é só uma casa

enorme e antiga. E a ciência? E todas as invenções? Sabe, eu achei que tinha algo a ver com... *pesquisa e desenvolvimento*.

O professor franziu a testa, um *pouco desapontado* pela falta de entusiasmo do sobrinho.

— Talvez seja melhor mostrar o meu escritório — falou, esperançoso, conduzindo a dupla para o interior da casa.

Chegaram a uma porta que exibia a seguinte inscrição:

Professor Archimedes von Doppler

Chefe de Pesquisa e Desenvolvimento

Elliot esperava encontrar algo novo no escritório do tio — talvez uma sala imensa e moderna, com fileiras de computadores piscantes e mesas cobertas de protótipos de invenções revolucionárias —, mas, quando o professor abriu a porta, tudo o que havia ali era um espaço pequeno e sombrio, com uma mesa apertada e sem graça e alguns armários de madeira.

O tio de Elliot se acomodou atrás da mesa e colocou os braços sobre ela.

— Então, *é aqui* — disse ele — que acontece a magia.

Elliot e Leslie olharam um para o outro.

— Realmente, não entendo — falou a menina. Ela observava o tapete, movendo os olhos para lá e para cá, como se tentasse descobrir alguma coisa. — Não faz muito sentido...

Elliot concordou:

— É uma casa imensa, mas está vazia. Só você está aqui.

— Vocês têm certeza disso? — Havia um brilho estranho nos olhos do tio. — A visita ainda não acabou.

— Ah, entendi — disse Elliot. — Existem outras portas secretas, além das *passagens secretas* como a que nos trouxe até aqui. — Deu uma volta ao redor da mesa do tio, aproximando-se de um armário de madeira. — Aposto que tem algo bem aqui...

O tio do garoto pulou da cadeira.

— Não mexa aí!

Elliot parou na hora e se afastou do armário.

— Obrigado. — O tio ajeitou o jaleco e se acomodou novamente na cadeira. — Entendo a curiosidade de vocês, mas é preciso ter paciência. Tenho que explicar algumas coisas antes de seguir em frente. Afinal, uma visita ao Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da DENKi-3000 não é uma coisa que acontece todos os dias, certo?

— Nem me fale — concordou Elliot.

— Bem, como eu estava dizendo, não convidei vocês dois para virem aqui sem motivo. A DENKi-3000 está com problemas e precisamos tomar medidas para...

— Ele tem razão — disse a menina. Leslie ainda olhava para o tapete, com aparência confusa. —

Este lugar *tem que ter* alguma coisa a mais.

— Se vocês me deixarem falar só por alguns minutos...

— Impossível — interrompeu Leslie. Ela examinava o professor, mais exatamente a região do estômago.

Elliot teve a impressão de que a menina falava algo que só ela mesma podia entender.

— Como assim, *impossível*? — o professor olhou para Leslie.

— Impossível que só você trabalhe aqui — respondeu ela. — É só olhar como você é magro. Como ia conseguir comer aquele *monte* de comida?

Elliot estava ainda mais confuso do que antes.

— Do que você está falando?

— *Das entregas!* — respondeu a garota. — Lembra que eu contei sobre o meu avô, o Famoso Freddy, do Dim Sum Emporium?

— Ah, o chef...

— *Isso!* Ele faz entregas aqui, *pedidos enormes*, quase todos os dias. Se não fosse o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da DENKi-3000, já teríamos falido.

— É isso o que eu estou tentando explicar — afirmou o tio de Elliot. — O motivo de eu convidar vocês dois para conhecer a empresa...

— *Agora eu me lembro!* — Leslie estalou os dedos e se inclinou na direção da mesa do professor, olhando para ele com ar inquisidor. — Me diga, professor Von Doppler, o que exatamente o senhor esconde atrás daquela porta no final do corredor?

O rosto do professor parecia ter virado pedra.

— Como?

— Na penúltima porta à esquerda, acho...

— Calma. Como você sabe disso?

— O Famoso Freddy me contou.

— Até você chama o seu avô assim? — quis saber Elliot.

Leslie explicou:

— Às vezes, chamo, sim.

— Deixe a Leslie falar, Elliot — orientou o professor.

— Uma vez, estávamos preparando um montão de comida e eu não conseguia acreditar que era um pedido só. O meu avô explicou: “Ah, você *jamaís acreditaria* no que tem naquele lugar estranho que é a DENKi-3000”. Quando ele disse “lugar estranho”, estava se referindo a *isso aqui*. — Ela examinou o escritório do professor. — “Fica atrás daquela porta no final do corredor”, ele disse, “a penúltima à esquerda.”

O professor franziu a testa.

— Maravilhoso. Bem, então ele estragou a surpresa.

— Surpresa? — perguntou Elliot. — Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo?

Mas o tio estava ocupado passando a mão no queixo.

— Acho que temos que bater um papo com o famoso Famoso Freddy. Ele jurou que nunca contaria a ninguém o segredo do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

— Segredo? Que segredo? — insistiu Elliot.

— Ele não contou para mais ninguém, né? — De repente, o professor parecia bastante preocupado.

— Ninguém sabe o que pode acontecer se essa história vazar...

Leslie negou com a cabeça.

— Acho que ele não contou. É que, às vezes, quando trabalha na cozinha o meu avô exagera no vinho e começa a falar um monte de coisas estranhas, a maioria sem sentido. A única coisa que ele falou sobre esta fábrica é que eu nunca iria acreditar no que existe atrás da penúltima porta à esquerda.

— Humm... — O professor não parava de coçar o queixo. — Bom, então *talvez ele não tenha* estragado a surpresa...

Elliot bateu os pés no chão.

— meu deus, mas que surpresa?

O tio finalmente olhou para ele.

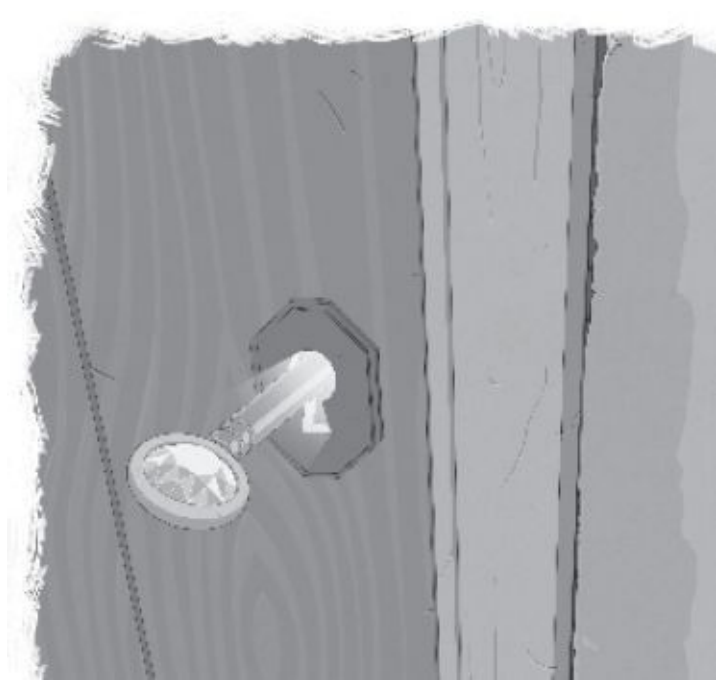
— Acho melhor mostrar a vocês. — Abriu uma gaveta e tirou um chaveiro enorme, com chaves de formatos diferentes.

Os três saíram da sala de Von Doppler calados, rumo à penúltima porta à esquerda. Uma placa exibia duas letras apagadas:

DC

O professor escolheu a chave certa, pequena e com uma parte verde-esmeralda brilhante. Depois de uma volta lenta, abriu a fechadura e empurrou a porta.

— É aqui — murmurou ele — que a magia *realmente* acontece.







Capítulo 3

Gügor apresenta a arte das engenhocas

A porta se abriu, revelando uma sala imensa, repleta de bancadas com computadores e mesas de laboratório. Sobre cada uma delas havia um monte de coisas estranhas: tubos diferentes nos quais borbulhavam líquidos coloridos; mecanismos que fizeram Elliot pensar nos relógios mais complexos (que se moviam com velocidade maior do que a passagem do tempo); telas que pareciam tiradas de televisões antigas com imagens de outro mundo.

Agora sim, foi o primeiro pensamento de Elliot. Era isso o que ele esperava ver no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

Contudo, Elliot e Leslie não ficaram espantados com o *lugar*, e sim com as pessoas. Bem, não eram exatamente *pessoas*...

Eram seres curvados que lembravam ogros, com mandíbulas grandes e dentes quebrados. Havia também criaturas com asas, meio insetos e meio duendes, que brilhavam ao voar. E enormes *coisas* peludas e pesadas, algumas com chifres.

E mais: havia criaturas com várias cabeças, braços e caudas imensas, além de um número incrível de tentáculos. Pareciam dragões, ogros, gremlins e outros nomes de difícil comparação até com as feras dos contos de fadas. Criaturas raras e assustadoras, debruçadas sobre engenhocas igualmente bizarras e experiências estranhas (algumas usavam óculos minúsculos).

— Bem-vindos — disse o tio de Elliot — ao Departamento das Criaturas.

Leslie e Elliot estavam maravilhados demais para responder. Tudo o que conseguiram fazer foi ficar imóveis e observar. Aí, bem devagar, todos os olhares estranhos e de outro mundo reunidos naquela sala se voltaram para os dois.

— Pessoal! — chamou o professor Von Doppler. — Este é o meu sobrinho Elliot e a sua amiga, a Leslie. Já falei deles para vocês.

As reações foram variadas. Algumas criaturas abriram sorrisos e acenaram, outras apertaram os

olhos com ar de suspeita. Muitos deram a impressão de não ligar.

— Será que é impressão minha... — começou Leslie — ... ou este laboratório parece, sei lá... um pouco grande demais? — Ela olhou para trás, para o corredor que ligava o local com a entrada.

Elliot concordou. O laboratório tinha o tamanho de um depósito, grande o bastante para chegar até a rua (ou ir além dela).

— Estava pensando na mesma coisa. Eu acho que esse lugar é maior do que toda a mansão. Como pode ser...

— Possível? — completou o tio. — É simples. Essa estrutura antiga foi criada por arquitetos-criaturas, conforme a física *deles*. É bem diferente da matemática usada por nós, e por isso aqui tem algumas coisas, digamos, *fora do comum*, como laboratórios que são maiores por dentro do que por fora. Mas não se preocupe: depois de conhecer tudo, não vai parecer tão estranho assim.

Elliot percebeu um movimento vindo de perto dos andaimes que caíam do teto. Tinha a forma de um pássaro, talvez um corvo bem grande, instalado sobre uma das travessas. Mas quando ele abriu as asas, o menino concluiu que não tinha nada a ver com uma ave. Para começar, as asas não eram cobertas de penas e mais pareciam asas de morcego, mas a pele esticada tinha uma luminosidade incomum e exibia um brilho pálido como o de uma pérola.

A criatura (ou o que quer que fosse) se lançou no ar e voou para perto deles.

Leslie engasgou.

— O que é isso?

— Não se preocupe — respondeu o professor. — É o Jean-Remy, um dos meus assistentes.

Não era um corvo que tinha vindo na direção deles, mas um homenzinho, menor do que a distância entre o cotovelo e as pontas dos dedos de Elliot. A pele branquíssima contrastava com o traje preto. É claro que chamar aquela criatura de “homenzinho” (no sentido de “ser humano”) não era muito adequado, pois, para começar, os humanos são bem maiores — e não costumam ter asas.

— *Bonjour* — disse ele em francês para o professor Von Doppler. — Quem *son* eles? É *ton rarrro* ter visitantes no *Deparrrrtamento das Crrriaturrras*!

— Este é Elliot, meu sobrinho — respondeu. — E ela é a Leslie.

— Ah! — gritou o serzinho. — Você tem um *sobrrrinho*! — Voou para mais perto de Elliot, para examinar o garoto. — Pode me chamar de *Jean-Remy de la grrrande famille Chevalier*! Ou, se *prrrreferrrrir*, só “Jean-Remy”.

O rosto era de um branco cadavérico, com olhos escuros e um pouco tristonhos. Tinha uns tufo de cabelo preto e um nariz arrebitado que lhe davam um ar um pouco macabro. Mas, apesar de tudo, Elliot achou que Jean-Remy até era engraçadinho.

— Prazer em conhecê-lo — disse Leslie, esticando o braço.

Jean-Remy Chevalier se afastou de Elliot e veio se acomodar perto da menina. Esticou um braço como se quisesse responder à saudação, mas era pequeno demais e só conseguiu segurar a ponta do

polegar de Leslie. Fez isso com confiança e beijou a unha da garota, suavemente.

— *Enchanté, mademoiselle!*

Leslie riu como Elliot nunca tinha visto antes.

— Ela é minha amiga da escola — explicou.

— Você escolheu muito bem, *mon ami* — respondeu Jean-Remy. — Acho que ela vai te fazer feliz.

— Mas... do que você está falando?

Jean-Remy fez um movimento de desdém com a mãozinha.

— Por favor, *non* há necessidade de ser *ton discrrreto*... Afinal, eu sou *frrrancês* e reconheço um casal apaixonado.

— CASAL? — Elliot quase caiu para trás ao ouvir isso.

— Espere aí, amigo — falou Leslie, que preferia morrer a se casar com alguém que usa colete de pescador verde. — Não sei se você percebeu, mas só temos doze anos.

— Ah... *Perrrcebi*, vocês *son* jovens demais *parrra* essas coisas.

— Vocês precisam desculpar o Jean-Remy — falou o professor. — Ele é um morcego encantado e, por toda parte que olha, vê... *amores condenados*.

— Ei! — disse Leslie, apontando para Jean-Remy. — Você quer dizer que estou condenada?

— Ah, *non, non*. É só que eu sou metade encantado e metade *vampirro*! — Encolheu-se. — *Non* é o que as pessoas chamam de uma *union* comum, *cerrrto*? As famílias dos meus pais? *Non, non*, eles *non gostarrram* disso nem um pouquinho. Por isso, o amor condenado, quase *literrralmente*, corre no meu sangue. — Ele moveu o minúsculo dedo entre Elliot e Leslie. — Mas vocês dois, *non*... Vocês *non son* condenados. Isso é óbvio, *non*? *Forrrram* feitos um *parrra* o outro!

Leslie olhou para o colete de pescador de Elliot.

— Talvez a condenação seja melhor.

— Hum, falando em sangue — interrompeu Elliot, nervoso. — Você falou alguma coisa sobre *vampiros*?

— Por favor, *non* se assuste. — Jean-Remy passou um braço do seu ombro elegante para a elegante cintura. — Do meu pai eu *herrrdei* apenas o bom gosto *parrra* me vestir e *nem um pouco* da sede de sangue.

— Sorte nossa — comentou Leslie.

— O Jean-Remy é um dos nossos melhores engenheiros — explicou o professor, talvez para acabar com a conversa sobre vampiros.

— Tenho mãos pequeninas, vocês *notarrrram*? — Jean-Remy mostrou as mãos e abriu os dedos. — Por isso sou muito bom com... *coisas complicadas*.

Para provar, tirou do bolso um minúsculo crachá que exibía uma vistosa foto e o cargo que ocupava:

Jean-Remy Chevalier

Chefe do Setor de Coisas Complicadas



— Muito bem — disse o tio de Elliot. — Vou apresentar o resto da minha equipe. — Virou-se para um imenso bloco de gelatina cor-de-rosa com três pernas atarracadas e perguntou: — Você viu o Gügor?

A coisa gelatinosa se mexeu e respondeu com um barulho que parecia alguém fazendo bolhas num pote de creme.

— Ah, claro — falou o professor, e em seguida apontou para uma grande porta metálica pintada de vermelho, situada na outra ponta. — Ele está na Sala das Engenhocas.

A criatura bolhosa borbulhou alguma coisa.

— Obrigado — disse o professor Von Doppler.

— Está *onde*? — perguntou Elliot.

Conforme o tio se dirigia para a porta vermelha, respondeu:

— Sabe quando a gente coloca moedas numa máquina automática mas o produto não cai? Algumas vezes, o único jeito de fazê-la voltar a funcionar é com um belo chute. É para isso que serve a Sala das Engenhocas.

Quando chegaram na porta vermelha, o professor ia inserir o cartão de identificação no sistema de leitura, mas mudou de ideia.

— Talvez seja melhor vocês se afastarem.

Elliot e Leslie deram um passo imenso para trás e Jean-Remy começou a voar, planando sobre a cabeça do trio.

O professor Von Doppler passou a identificação e a porta abriu. Todos foram recebidos por ruídos, combinados com barulhos que pareciam grunhidos de um animal furioso.

— Gügor, dá licença? — O professor falava devagar enquanto ia entrando. — Eu queria saber se...

O tio de Elliot se abaixou de repente para escapar de um imenso tubo de metal que pulou lá de dentro, passando bem perto da cabeça dele, e foi parar em cima de uma experiência química feita por duas criaturas que pareciam gremlins.

— Gügor! Pare com isso! — gritou o professor. — Não está vendo que a porta está aberta?

Os grunhidos de metal rasgado desapareceram.

— Desculpe, professor — disse uma voz lenta e melodiosa que saía da Sala das Engenhocas. — Gügor não percebeu que vocês estavam aqui. Tudo certo, pessoal?

O professor balançou a cabeça.

— Vim apresentar o meu sobrinho e a amiga dele, que estão fazendo uma visita.

Leslie e Elliot examinaram o ambiente. Tudo o que viram foi uma criatura que parecia uma imensa salamandra com quase dois metros — isso se as salamandras usassem cabelos tipo *dreadlocks*, andassem

sobre as patas traseiras e tivessem mãos ásperas.

A pele da criatura era marrom-clara, pontilhada com sardas pretas e cinzentas. O rosto tinha uma expressão um pouco ausente, que alguns talvez definissem como de “uma inocência infantil”, mas que também podia ser confundida com patetice pura. Elliot deu uma espiada no crachá:

Gügor Quebra-Tudo
Chefe da Sala das Engenhocas

A criatura exibia um semblante surpreendentemente calmo. Na verdade, com os olhos semicerrados e a boca reta e sem expressão, parecia dormir. Elliot teve dificuldade para associar aquele sereno gigante com a imensa quantidade de destroços espalhados no chão. Arames, cabos, correntes, placas de circuito, alavancas desmontadas e botões amassados — tinha coisa por todos os lados!

— Conseguiu consertar, Gügor? — quis saber o professor.

— Quase — respondeu com um lamento, antes de dar uma olhada demorada para toda aquela carnificina eletromecânica. — Desculpe, professor, Gügor vai se esforçar mais da próxima vez.

O professor deu um tapinha nele, em sinal de apoio.

— Da próxima vez vai dar certo.

— O que ele estava tentando fazer? — perguntou Elliot.

— Um *grrrrande* sucesso! — falou Jean-Remy. — Ele está tentando *crriiar* a *desmaterrrializaçon* da *matérrria*, o envio da *matérrria* pelo espaço e depois a *rematerrrializaçon* de novo! Incrível, *non*?

Leslie apertou os olhos.

— Ele está dizendo o que eu acho que ouvi?

O professor explicou:

— É um aparelho de teletransporte. Mas até agora tudo o que ele conseguiu desmaterializar foi o próprio pelo. Vocês estão vendo? — Apontou para uma mesa sobre a qual havia uma pilha de pelos. Alguns fios exibiam cores brilhantes e nada naturais, tons de azul, cor-de-rosa e alguns verdes berrantes.

Elliot se perguntou se a criatura tinha testado o aparelho com o cabelo de alguns punks, mas percebeu que os pelos vinham das criaturas, pois várias delas exibiam pelagem nada convencionais.

— O teletransporte sempre foi um projeto especial para nós — disse o professor. — Acreditem ou não, nem todas as criaturas são tão hábeis como as que trabalham aqui. Existem algumas por aí que *convém evitar*. Um sistema confiável de teletransporte nos ajudaria a controlar esse problema.

Elliot não conseguiu evitar a tremedeira.

— Que tipo de criaturas?

— Bom, de acordo com a minha experiência — começou o professor —, as piores que existem são conhecidas como...

— nããão! — berrou uma criatura que aparentava mais um bolinho de chocolate com pernas. Ela parecia cobrir as orelhas (ou pelo menos o lugar onde deveria haver orelhas).

— Tudo bem, pessoal — falou o professor, com voz tranquilizadora. — Não vou citar os nomes, tá? Mas confiem em mim — olhou para Leslie e Elliot —, um teletransporte ajudaria as criaturas a ir e vir sem ser encontradas.

— Então estão escondidos? — perguntou Leslie. — Eles se escondem no Departamento das Criaturas?

— Bem, sim. Na verdade, a maioria das invenções surge disso, como uma maneira de manter este lugar em segredo.

— Como uma porta que não existe — lembrou Elliot.

— Isso mesmo! — Von Doppler olhou para Jean-Remy, ainda acomodado no ombro de Elliot. — Por que você não ajuda o Gügor a arrumar toda essa bagunça? Vou levar o Elliot e a Leslie para conhecer os outros.

Jean-Remy se curvou.

— *Clarrro*. Como *semprrre*, estou aqui *parrrra* ajudar.

Elliot sentiu uma lufada de ar nos cabelos quando o morcego encantado bateu as asas e seguiu rumo à Sala das Engenhocas. Antes de desaparecer pela porta, disse:

— *Non se prrrreocupe, prrrrofessor*. Da *prrrróxima* vez a máquina vai funcionar!

O professor concordou, com o olhar cheio de esperança, e os levou para uma escadaria que dava acesso aos andaimos.

— Deixe eu entender uma coisa — falou Leslie, quando chegaram diante de uma porta sem identificação. — *Foram eles* que inventaram todas as loucuras produzidas pela DENKi-3000? — Apontou para as criaturas que estavam lá embaixo.

— Isso mesmo — disse o professor —, e a única pessoa que sabe disso sou eu.

— E agora nós — corrigiu Elliot.

— E o meu avô Freddy — acrescentou a menina.

— Sim — murmurou o professor Von Doppler. Parou diante de uma porta na qual uma plataforma suspensa encontrava outra. Quando abriu a porta, Leslie e Elliot viram algo ainda mais estranho do que tudo o que tinham encontrado até ali.







Capítulo 4

Harrumphrey tem uma ideia, Patti respinga lama pelo chão e alguma coisa explode

A criatura que apareceu na frente deles só tinha cabeça. Bem, *quase só era uma cabeça* (e que cabeça imensa!). Parecia um ogro saído dos contos de fadas, mas com uma cuca enorme: pele áspera feito couro, olhos esbugalhados, cabelos sem controle brotando para todos os lados, uma barba grossa com pinceladas de tons de preto, marrom e cinza e um imenso nariz de batata, que servia de apoio para delicados óculos ao estilo pincenê.

De tão grande, a cabeça chegava quase na altura da cintura de Elliot. A coisa toda (isto é, aquela *cabeça* toda) estava grudada diretamente nos pés da criatura — que não tinha braços, mas apenas dois chifres amarelos e gordos. Eles partiam de ambos os lados da cabeça, e da parte de trás dela, saindo da base daquele crânio enorme, se desenrolava uma longa cauda peluda. A criatura se curvou e cumprimentou o tio de Elliot.

Mas talvez *o mais estranho de tudo* fosse o chapéu. Parecia uma combinação de guarda-chuva com sanfona: embaixo da parte curva do guarda-chuva ficava algo parecido com o fole de uma sanfona. Aquele “chapéu” abria e fechava sozinho, como se estivesse respirando. Um espesso tubo de borracha saía do alto do chapéu e se ligava a um computador que emitia ruídos num dos cantos da sala.

— Leslie, Elliot — falou o professor. — Eu gostaria de apresentá-los a Harrumphrey Grouseman, o gênio da casa.

Harrumphrey não conseguiu resistir ao elogio e falou com uma voz ao mesmo tempo rouca e áspera:

— Sou formado em física abstrata pela fcp, a Faculdade das Criaturas Prodígio.

Nenhum dos garotos tinha a menor ideia do que era aquilo, mas ficaram impressionados.

— Prazer em conhecê-lo — disse Elliot.

O menino não estendeu a mão para um aperto, claro, mas conseguiu ler o que dizia o crachá pendurado na barba do monstro:

— Harry — informou o professor —, este é o meu sobrinho e uma amiga dele, a Leslie.

— Muito prazer — respondeu Harrumphrey.

— Posso fazer uma pergunta? — quis saber Leslie. — Que chapéu é esse?

(Elliot estava pensando em perguntar a mesma coisa.)

— Vocês nunca viram um *transferidor de ideias*?

Os dois responderam que não com a cabeça.

Harrumphrey olhou para aquele acessório com cara de guarda-chuva que estava aberto sobre a sua testa.

— Bom, como o nome diz, serve para... *transferir ideias*!

Elliot moveu a cabeça.

— Isso não ajuda muito...

— Achei que bastava olhar para entender — explicou Harrumphrey. — Serve para aspirar ideias de outras cabeças, sabe? Elas passam pelo tubo e vão parar naquele computador ali.

— Como isso é possível?

— É uma característica bem comum entre as criaturas — explicou o tio de Elliot.

— Vocês precisam entender — acrescentou Harrumphrey — que as coisas não funcionam como na ciência dos humanos.

— Dá para perceber — declarou Leslie.

— Olá, Harry! Tudo certo aí?

A voz vinha de uma porta aberta lá no fundo da sala, de onde saiu uma mulher vestida num traje de baile verde e vaporoso.

Embora parecesse muito bonita, logo deu para ver que tinha a pele coberta de escamas prateadas. Quando ela se aproximou, as características de peixe ficaram mais visíveis: duas brânquias saltavam da lateral da sua garganta e as mãos tinham membranas grandes — sem falar na barbatana que atravessava as costas. O seu cabelo também tinha algo de estranho. De longe parecia ser um cabelo normal, mas agora dava para ver que era feito de... *algas*.

— Meninos — falou o professor. — Esta é Patti Mudmeyer, chefe de criação do Departamento das Criaturas.

A mulher-peixe chegou mais perto e eles perceberam que o seu vestido não era verde mas sim branco, ou pelo menos *devia* ser dessa cor tempos atrás. Agora, porém, o mesmo vestido exibia manchas marrom-esverdeadas.

Patti parou, com as mãos na cintura.

— Muito bem, pare de me olhar desse jeito! O seu tio nunca te disse que é falta de educação ficar encarando uma dama?

— Ah, desculpe! — Elliot sentiu que tinha ficado vermelho. — Eu não queria ficar olhando, mas o seu vestido... O que aconteceu com ele?

Patti suspirou.

— Ah, isso é bem comum quando se é uma ninfa do pântano.

— Uma o quê? — perguntou Leslie.

— Acho que vocês já ouviram falar das ninfas dos rios e das florestas. Elas são famosas, eu sei. Mas no passado, há muito tempo, *só existia pântano*. Rios? Florestas? Nada disso. Nós, os Mudmeyer, comandávamos tudo quando as outras criaturas fofinhas não passavam de pupas!

— Hum, certo. Mas o que explica as manchas no seu vestido?

— Como eu disse, sou uma ninfa do *pântano*. Tudo é por causa do meu cabelo. — Passou as mãos sobre os estranhos cachos de algas e, quando terminou, os seus dedos estavam cheios de uma lama cinza-esverdeada. — Isso sai do meu cabelo o tempo todo. Vocês precisam ver como fica o *meu travesseiro* pela manhã. É o pior problema de caspas de todo o mundo. Mas o que fazer? É a minha natureza.

Como se fosse combinado, uma bola de lama escorreu detrás das orelhas de Patti. Percorreu todo o seu vestido e se estatelou no chão.

Leslie se afastou para fugir dos respingos.

— Que lugar é este, a sala da lama?

— Vou fingir que não ouvi — falou Patti. — É claro que vocês não têm ideia de como isso pode ser útil.

Com movimentos ágeis, a ninfa do pântano começou a moldar o lodo saído do seu cabelo e, em segundos, produziu uma pequena estátua cinza-esverdeada que era uma reprodução exata de Leslie.

— Sou eu! — disse Leslie.

— Incrível! — exclamou Elliot.



Patti fez ar de indiferença.

— Dá para dizer que eu tenho um couro cabeludo com muitas utilidades.

— Chega de piadinhas — Harrumphrey interrompeu. — A gente não ia fazer uma reunião? Onde estão o jr e aquele bobão grandalhão?

— Já estão chegando — informou o professor. — Estão acabando de arrumar a Sala das Engenhocas. Harrumphrey lamentou.

— *Outra vez?* — Aproximou-se com a sua cauda e tirou o chapéu esquisito. — Dê uma olhada nos computadores, Patti. Alguma coisa nova?

Patti examinou os monitores.

— A mesma coisa da última consulta. Patins de seis pernas.

Harrumphrey suspirou.

— Há anos não tenho uma ideia nova.

— O que são patins de seis pernas? — quis saber Elliot.

— Ah, eu chamo de *apoios assustadores* — respondeu Harrumphrey. — Tenho um protótipo aqui. —

Moveu-se para trás de uma mesa e, quando apareceu de novo, estava usando um par de patins brancos com rodas vermelhas brilhantes, seis rodas em cada pé. Cada uma delas exibia braços metálicos articulados, o que dava a impressão de que Harrumphrey estava andando sobre duas aranhas estranhíssimas.

— Entendi por que você chamou de assustadores — disse Elliot.

— Para que servem? — perguntou Leslie.

Harrumphrey sorriu, ou melhor, entreabriu o canto da boca. Harrumphrey Grouseman era muito bom para fazer caretas, caras e bocas e outras expressões faciais — na verdade, a sua especialidade eram as carrancas.

— Os apoios assustadores finalmente resolvem o antigo problema dos patinadores que precisam subir e descer escadas.

— Sério? — espantou-se Leslie.

— Se me permite, e como os outros estão atrasados, vou mostrar como funciona. — E saiu patinando ao redor de menina. — Tragam as escadas usadas nos testes.

Patti não parecia muito animada.

— Tem certeza de que vai fazer isso?

Harrumphrey confirmou e patinou até a parede do fundo. Patti pegou um conjunto de escadas de madeira num armário e colocou no meio do caminho.

— Senhoras e senhores, com vocês, os *apoios assustadores*!

Ele veio correndo de encontro às escadas e quando chegou no primeiro degrau...

bum!

Harrumphrey, a engenhoca e até as escadas voaram pelos ares. A criatura caiu de costas num dos cantos, enquanto os patins foram parar embaixo de uma mesa.

— Como eu avisei — Harrumphrey explicou —, ainda é um protótipo.

— Eu usaria um par dessa coisa — falou Leslie —, se ela funcionasse.

— Tenho certeza de que usaria — concordou o professor —, mas não são esses patins que irão salvar a empresa. Precisamos de algo espetacular.

— E temos que pensar rápido — acrescentou Patti. — Os acionistas estão pegando no nosso pé.

Nesse momento, Jean-Remy apareceu voando atrás do professor, seguido do pesado Gügor, que precisou se esforçar para passar pela entrada da sala. Os dois se juntaram aos outros ao redor da mesa de reunião.

— Enfim... — Harrumphrey disse. — Podemos começar?

— E nós? — perguntou Elliot. — Podemos participar?

— Ah, deixe que eles fiquem! — falou Patti. — Eles são adoráveis!

— São mais que isso — explicou o professor. — Eles vão nos ajudar a recuperar a empresa!

— Eles o quê? — as criaturas perguntaram.

— É, nós vamos o quê? — quiseram saber Elliot e Leslie.

— Bem — começou o professor —, vocês não acharam que eu convidei os dois apenas para dar uma volta, né?

— Não é isso que “passeio” significa?

O tio de Elliot mexeu as mãos.

— Escrevi isso na carta para que a sua mãe e o seu pai concordassem com a sua vinda. Se eu dissesse “por favor, deixem o Elliot e a sua amiga virem ajudar um departamento secreto de criaturas estranhas a descobrir uma invenção revolucionária para salvar a DENKi-3000 da falência”, tenho certeza de que eles iriam fazer um monte de perguntas complicadas.

O professor sabia das coisas.

— Mas por que nós?

— O avô da Leslie me falou do sucesso de vocês na feira de ciências, e por isso...

— Eu não chamaria de sucesso — disse Leslie. — Ficamos em terceiro lugar.

— Não é por causa da classificação — esclareceu o professor. — É pelo *jeito* como vocês competiram.

— Tudo não passou de uma grande confusão — adiantou-se Elliot.

— Acho melhor explicar o que aconteceu.

Os dois explicaram. No dia da Feira de Ciências de Bickleburgh, Elliot e Leslie apareceram com experiências bem parecidas. Os dois tinham testado a altura que os seus projetos conseguiam atingir e a única diferença entre os modelos parecia estar no estilo. O foguete de Elliot era vermelho (com chamas cor de laranja escapando pelos lados), enquanto o de Leslie era todo preto, com um desenho de uma caveira sorrindo perto da ponta.

Os dois afirmaram ter quebrado o recorde municipal de altura de voos propulsionados apenas com uma solução de vinagre e bicarbonato de sódio. Os juízes ficaram impressionados, mas havia um problema: de forma independente, tinham chegado aos mesmos resultados. Os números eram idênticos!

Logo, só havia uma coisa a ser feita: para que os juízes pudessem decidir, seria preciso realizar uma nova decolagem.

Elliot e Leslie levaram seus foguetes para o meio da pista e se concentraram para a prova. Juntos, contaram *Três... Dois... Um...* e em seguida...

plosh!

Os dois foguetes encharcaram os juízes com uma espuma azeda feita de vinagre e bicarbonato de

sódio! Ao mesmo tempo, num lançamento perfeito. E quebraram mais um recorde, ultrapassando todos os resultados da experiência anterior... Mais uma vez, os dois foguetes voaram exatamente *na mesma altura!*

Aquilo foi irritante.

Elliot e Leslie pediram outra chance de desempate, mas os juízes não queriam conversa. Estavam furiosos porque teriam que passar o resto do dia cheirando a vinagre e não queriam tomar um novo banho. No entanto, o lançamento dos foguetes tinha sido tão impressionante que eles teriam que premiar tanto Elliot como Leslie — e a terceira colocação, a mais baixa, foi um jeito de premiar a dupla sem parecer mesquinha.

— Em resumo — falou Patti —, vocês criaram uma grande explosão movida a vinagre.

— É um jeito de ver as coisas — disse Elliot.

— Perfeito — resmungou Harrumphrey. — Vocês vão se dar muito bem aqui.

Jean-Remy concordou, solene:

— Depois de ouvir essa *histórrria*, entendo por que o *prrofessor* quer contar com a ajuda de vocês nesse momento.

— Falando nisso — disse o tio de Elliot —, não preciso lembrar ninguém que a DENKi-3000 não criou um único produto novo desde o lançamento do TransMints, no ano passado. Se não conseguirmos logo fazer alguma coisa capaz de impressionar os investidores...

— Vai acontecer alguma coisa ruim? — disse Gügor.

— *Muito* ruim — afirmou o professor. — A empresa será vendida para a Quazicom Holdings International, e por isso precisamos achar algo realmente revolucionário, algo tão incrível que convença os acionistas a desistir da venda. — Olhou para todos que estavam na mesa, inclusive Elliot e Leslie. — Alguma ideia?

Silêncio. Antes que alguém pudesse abrir a boca...

boom!

— O que foi isso? — perguntou Leslie.

As criaturas se entreolharam.

— Foi uma explosão.







Capítulo 5

Reggie acorda e Elliot vê algo no bosque

Todos saíram correndo da sala de reuniões, dando encontrões nos andaimes. Uma nuvem de fumaça verde-esmeralda com cheiro intenso se erguia do chão do laboratório.

— Depressa, Jean-Remy — disse o professor. — Voe e abra as janelas de ventilação!

O elegante vampiro encantado partiu rumo ao alto. Apertou os botões de um painel perto do teto e abriu uma série de chaminés.

— Está tudo bem? — perguntou Elliot, aproximando-se do tio.

— Não se preocupe — disse o professor. — É o Reggie.

— Quem é o Reggie? — perguntou Leslie.

— É o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut. — Patti balançou a cabeça, com ar piedoso. — Ele vive dizendo que foi um herói militar, mas ninguém leva a sério essas histórias de guerra.

— Coronel-almirante? — perguntou Leslie. — Mas isso existe? Coronel é um posto do Exército, enquanto almirante só tem na Marinha. São duas coisas diferentes...

— Vocês podem perguntar isso para o Reggie. Tenho a impressão de que eles fazem as coisas de um jeito um pouco diferente lá no polo Sul.

— Aqui entre nós — disse Harrumphrey —, a gente deixa o Reggie cuidar da segurança. Ou achar que cuida. Aí vem ele. Mal dá para enxergar atrás da nuvem de fumaça.

No andar de baixo, no meio da névoa verde surgiu uma enorme silhueta inerte. Era quase tão imensa quanto Gügor, mas definitivamente mais suave e nem de longe tão musculosa e intimidadora.

Finalmente, uma criatura enorme, peluda e barriguda apareceu no meio da fumaça, tossindo, cuspidando e agitando os braços. O rosto era uma combinação de morsa com buldogue, com bochechas generosas e mandíbula à vista — da qual saíam duas presas irregulares e voltadas para cima, uma em cada canto da boca. Ao lado delas ficavam as fileiras de dentes levemente amarelados.

Ao contrário das outras criaturas, Reggie não vestia jaleco, mas um elaborado traje militar, com

enfeites, uma porção de babados e uma imponente espada cerimonial. Os seus pés estavam acomodados no que possivelmente eram as maiores botas de borracha que o mundo já conheceu.

— Por favor, vocês precisam escutar — dizia. — Algo terrível está para acontecer! Vi nos meus sonhos!

— Você não deveria estar hibernando nessa época do ano?

— Era isso o que eu gostaria de fazer!

Atrás de Reggie se destacavam duas criaturinhas que pareciam pequenos ratos malhados, daqueles que se deslocam sobre as patas traseiras. Tinham uma cara pontuda e cônica, bigodes afiados e um olhar firme e desconfiado. Um deles era fêmea: magra, desajeitada e talvez trocando a pelagem. O outro era menor e mais atarracado, com pelos mais espessos e totalmente desgrenhados. Os dois pareciam uma dupla de vagabundos.

— Que absurdo! — gritou Reggie. — Como você acha que um cavalheiro pode descansar com esses pesadelos? *É horrível!* — Os seus olhos se moveram como num delírio. — Os sonhos avisam o que está para acontecer!

— Ah, claro — zombou a primeira criatura. — Como aquela vez que os seus sonhos avisaram que o Big Ben ia virar queijo?

— Muçarela — corrigiu Reggie.

— Ou quando você sonhou que iam chover camelos em Chicago? — caçoou a outra.

— Camelos *asiáticos*, para ser exato — gritou Reggie. — Com duas corcovas, ouviram?

— Ah, e quando foi que *algum* dos seus sonhos virou realidade?

— Não é porque os meus avisos noturnos ainda não aconteceram que eles não são verdadeiros! Vocês já devem ter ouvido falar dos poderes premonitórios dos *bombastadons* quando hibernam! E esse último sonho, então...

— Rá, rá, rá — zombou a primeira criatura. — Quanta choramingação!

— Ah, mais um sonho catastrófico — provocou a outra.

— Quem são esses dois? — perguntou Elliot, do alto dos andaimes.

— E por que estão fazendo isso com ele? — perguntou Leslie.

— Eles são *hobmongrels* — Harrumphrey explicou. — São assim mesmo.

— O garoto é o Bildorf, e a menina se chama Pib — informou Patti. — Como vocês podem ver, eles adoram perturbar o Reggie.

— Por que vocês me *perseguem*? — Reggie berrava lá embaixo. — Me deixem em paz, seus pestinhas!

Fez um movimento circular desajeitado, como se fosse uma dança inspirada nos seus pesadelos. Girando os braços como as hélices de um helicóptero, derrubou alguns tubos de ensaio e protótipos delicados e provocou nova série de explosões, felizmente não tão intensas.

— Coronel-almirante! — chamou o tio de Elliot, levando as mãos à boca. — Acalme-se! Foi só um

sonho!

De repente, Reggie parou com aquele movimento frenético. Olhou ao redor e viu o professor Von Doppler e os outros, no alto dos andaimes.

— Ah! Archimedes, meu caro amigo, você está aí! Com certeza, um homem com a sua capacidade consegue perceber o perigo que nos ronda! Você e eu, o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut, do corpo de Brigadeiros Reais Antárticos a serviço de Sua Majestade, somos superiores não só na coragem, mas também na capacidade de *fazer previsões*!

— Claro — disse o professor. — Claro que sim, Reggie.

— Ele sempre fala desse jeito? — perguntou Leslie.

— Acho que sim.

— Mas *este* sonho! Nossa, foi *terrível*! Oh, a escuridão! E aquelas hordas imensas e malvadas! — Voltou a girar os braços sem controle, derrubando as coisas.

— Por razões óbvias — explicou o professor em voz baixa —, achamos melhor manter o Reggie fora do laboratório.

— Ah, por favor! — falou Patti às outras criaturas-cientistas. — Alguém pode trazer um pouco de chá com biscoitos?

A pequena multidão em torno de Reggie correu para todas as direções. Eles diziam:

— Chá com biscoitos! Chá com biscoitos!

Mas as duas pequenas criaturas já estavam preparadas. Rindo como crianças travessas, Bildorf e Pib abriram uma gaveta e pegaram uma bandeja de prata, que acomodava um enorme conjunto de chá e um prato cheio de biscoitos de chocolate. Tinham que se esforçar para carregar, mas conseguiram entregar tudo a Reggie, que parou na hora com aqueles giros melodramáticos.

— É o que eu estou pensando? — perguntou Reggie, com desprezo.

— Pare de frescura e pegue logo — ordenou Bildorf. — Vai fazer bem.

— Assim, sem complicação — complementou Pib, com uma voz firme. — Você sabe que adora isso.

— Vocês estão me insultando! — gritou Reggie. — Sou um soldado e um cavalheiro! Não sei se vocês sabem, mas uma vez eu trouxe a paz para o grande...

— *Reino da Antártida* — disse Pib, concluindo a frase. — Nós sabemos, sim, já ouvimos isso *milhaaaares* de vezes.

Reggie torceu o nariz para os *hobmongrels* e a oferta deles.

— Então, é claro que vocês sabem que não é possível acabar com as terríveis visões noturnas de herói militar com algo tão banal como chá e biscoitos de chocolate... Chocolate... Bem, alguém aqui falou em biscoitos de chocolate?



— Bem, biscoitos de *pimenta* cobertos com chocolate — informou Bildorf. — Os seus favoritos.

No mesmo instante, Reggie atacou a bandeja, devorou os biscoitos e secou uma enorme xícara de chá. Enquanto isso, as duas criaturinhas recuaram para o canto da sala. Abriram uma cortina e, com a ajuda das outras, puxaram um enorme sofá de veludo.

Reggie devorava o chá e os biscoitos e, quanto mais comia, mais lento ficava. O sofá foi acomodado atrás dele.

— *Horrível... horrível...* — ele murmurou, com o chocolate derretido escorrendo pelo queixo. — Muito *horrível* mesmo...

Depois do último gole de chá, caiu para trás e se encaixou perfeitamente no assento. Assim que ele caiu, as criaturas empurraram novamente o sofá (com Reggie acomodado em cima) para trás da cortina. O tempo todo, Reggie roncava como um órgão desafinado.



— O que tem nesses biscoitos? — perguntou Leslie ao professor.

— Tem algum sonífero ou algo assim? — quis saber Elliot.

— Nada disso — respondeu o professor. — É que os *bombastadons* têm um metabolismo sensível a chá e biscoitos.

— Que bagunça — disse Leslie, olhando os estragos. — Ele costuma fazer isso sempre?

— Mais do que gostaríamos — Harrumphrey resmungou.

— Mas — disse Jean-Remy — *non* existe a possibilidade de afastá-lo daqui. Por mais *complicaçons* que ele *crrrie*, é um dos nossos.

O tio de Elliot suspirou.

— É verdade. E parece que vamos passar o resto da tarde arrumando essa bagunça. — Virou-se para Leslie e Elliot. — Acho que hoje chega para vocês dois. Podem ir para casa e voltem amanhã, para começarmos o trabalho com o grupo.

Leslie não estava convencida.

— Você tem certeza de que quer a nossa ajuda? É só por causa do que aconteceu na feira de ciências?

O professor sorriu.

— Vocês ficariam surpresos com o que se pode aprender com a explosão de um foguete. Ou dois. Além disso, é preciso uma mente jovem e flexível para entender a tecnologia das criaturas. E, sob essa perspectiva, existe mente melhor que a de adolescentes de doze anos?

— Acho que *faz sentido* — concordou Elliot. Ele também não estava convencido, mas sentia-se feliz por poder voltar logo ao Departamento das Criaturas. Saber da existência daquele lugar já era um privilégio, mas poder ajudar nas experiências parecia bom demais para ser verdade.

— Vamos lá — disse o professor, acompanhando a dupla. — Vou mostrar a saída.

No caminho para casa, Elliot e Leslie estavam tontos de emoção. Quando chegaram ao parque ficaram vagando pela grama, lembrando de tudo e todos que tinham visto: as palavras escritas no vidro; a entrada secreta para a antiga mansão; Jean-Remy Chevalier; Gügor; a Sala das Engenhocas; Harrumphrey Grouseman e os seus incríveis patins; Patti, a ninfa do pântano; Reggie e Bildorf e Pib, aqueles dois ratinhos travessos.

— Mal consigo acreditar que achei que Bickleburgh fosse *chato* — disse Leslie. — Agora que eu conheci o seu tio, parece que não tem lugar mais incrível no universo!

Elliot concordou.

— E eu não posso acreditar que o meu tio sabia sobre todas essas coisas e nunca me contou.

— Bom, é o que eu acho sobre o vovô Freddy, embora ele tenha me dito alguma coisa... Mais ou menos, mas ele insinuou algo depois de secar duas garrafas do seu vinho de cozinha. — Leslie lembrou que precisava voltar para casa logo. — A minha mãe é maluca com horário. Uma vez, eu me atrasei meia hora e ela pensou que eu estava em más companhias... Nos mudamos na semana seguinte.

— É melhor se apressar — disse Elliot —, porque, segundo o meu tio, o Departamento das Criaturas precisa de nós.

Antes de se separarem, discutiram como iriam voltar à DENKi-3000 no dia seguinte.

— O meu avô vai fazer uma entrega de almoço lá amanhã — contou Leslie. — Agora que eu sei de tudo, vai ter que me levar junto, e você vai também. Encontre-me no restaurante ao meio-dia, combinado?

Para chegar em casa, Elliot tinha que atravessar a densa floresta que cercava os campos de críquete. Se alguém tivesse perguntado naquela manhã se ele se importava com a partida de Leslie Fang, ele teria perguntado: *Quem é Leslie Fang?* Mas agora, depois de conhecer o Departamento das Criaturas ao lado dela, Elliot concluiu que, finalmente, poderia estar fazendo uma nova amizade.

O garoto ficou surpreso com a própria preocupação com o horário de Leslie. Afinal, a mãe da menina parecia ser completamente imprevisível.

Perdido nos seus pensamentos, só quando chegou no meio da floresta, com árvores mais densas e sombras mais escuras, notou algo errado. Alguma coisa ali agora parecia... diferente.

Eram as sombras.

Elas *se moviam*.

Não, falou para si mesmo, *isso é besteira. Você passou uma tarde muito legal, com um monte de criaturas incríveis, e agora está vendo coisas estranhas por toda parte, o que é perfeitamente compreensível.*

Parece que tem algo vindo ali atrás.

Barulhos nos arbustos.

Olhos gigantes.

Olhos imensos, irritados, querendo explodir...

Olhos!

Elliot congelou.

Não era uma sombra, mas sim olhos *de verdade*. Enormes, esbugalhados, que saltavam de trás das plantas. E o que era ainda mais estranho: pareciam usar um vistoso rímel roxo.

Elliot olhou novamente, duvidando do que via. Não era possível. Ninguém tinha olhos *tão grandes*, né?

Continuou olhando, torcendo para que os olhos sumissem nas sombras e esperando algum sinal de que era tudo uma ilusão. Mas não: aqueles olhos eram reais.

Ele sabia disso por que...

Eles piscaram.

Elliot correu.

Tropeçando no caminho, percebia que o ruído ficava mais alto — tão alto que, fosse lá o que fosse que estivesse no seu encalço, era *gigantesco*!

Apesar disso, quando Elliot olhou para trás não conseguiu ver nada, pelo menos não de uma vez. Tudo o que percebeu foram flashes de algo realmente assustador.

Um sorriso torto e enorme, exibindo dentes amarelados.

Um grande nariz da cor de aveia, com narinas bufando como as de um cavalo.

Uma única orelha, grande como uma bandeja, saindo de uma abertura situada no centro.

Um gigante!, pensou Elliot. *Estou sendo perseguido por uma criatura gigantesca!*

Assim que esse pensamento se concretizou na sua mente, todos os seus temores viraram realidade. Uma mão verde imensa e com garras afiadas saiu dos arbustos e tentou agarrá-lo.

— aaah! — Elliot gritou, correndo para fora da floresta. Meteu-se no meio de um grupo de homens que jogavam críquete.

— Ei, saia daí, garoto! Está atrapalhando o jogo!

Elliot olhou para eles, confuso e sem fôlego. Voltou a olhar para a floresta e balbuciou:

— Um *gi-gi-gante*!

— Não temos tempo para bobagem, menino! — gritou um dos homens. — Estamos jogando críquete e o nosso jogador se prepara para um lance decisivo!

Elliot não fazia ideia do que isso significava. Tudo o que sabia era que tinha de chegar em casa o mais rápido possível.

Virou-se e correu pelo meio do campo, ignorando os berros furiosos dos jogadores. Só parou de correr quando chegou em frente à porta da sua casa.





Capítulo 6

O representante da Quazicom relembra a sua infância

Na opinião de Chuck Brickweather, o voo para Bickleburgh estava sendo bastante tranquilo. E bem suave, tanto quanto a decolagem na pista lisinha do campo de pouso da Quazicom.

A empresa era dona da mais avançada frota de aviões executivos do mundo. Por mais intensa que fosse a turbulência lá fora, os jatinhos da Quazicom cortavam os céus como uma bala. Na verdade, o movimento ascendente do avião reproduzia a trajetória da organização: tudo perfeito e sem sobressaltos.

Com suavidade.

Chuck olhou pela janela e viu, lá embaixo, uma infinidade de espaços vazios. O avião virou, inclinando para a esquerda, e Chuck avistou Bickleburgh ao longe. Era o único sinal de vida no meio do nada.

Mas que fim de mundo, pensou. Como alguém pode chamar um lugar assim de “cidade”? E, o que é ainda mais estranho, por que a quinta maior empresa de tecnologia do planeta decidiu montar a sua sede num canto como esse? Não tinha nada lá. Mais que isso: era um lugar *estúpido*.

Na opinião de Chuck, Bickleburgh reunia todas as características de uma cidade sem graça no meio do nada: casas comuns e até meio feias, ruas cheias de lojas iguais a milhões de outras, cercadas por um cinturão cinza de fábricas e depósitos. A única coisa que se destacava na paisagem era justamente o destino de Chuck Brickweather: a sede da DENKi-3000. As quatro chaminés da empresa se erguiam em pleno centro da cidade, brilhando sob a luz do sol.

— *Por quê?* — Chuck perguntou em voz alta. — Por que logo aqui?

No instante seguinte, a comissária da Quazicom se aproximou e perguntou:

— O senhor chamou? Posso ajudar em algo?

— Não, obrigado. Eu só estava pensando em voz alta — murmurou Chuck, sem sequer olhar para a moça. Os seus olhos continuavam fixos na cidade.

Depois de constatar que não poderia ajudar em nada, a comissária voltou ao seu lugar no fundo da

cabine.

Chuck abriu a sua mala no assento ao lado e ouviu um barulho de vidro: eram duas garrafas de Knoo-Yoo-Juice, da marca Dr. Heppleworth, que batiam uma contra a outra.

Antes mesmo de assumir o cargo na Divisão de Fusões da Quazicom, Chuck já tomava aquela coisa horrível. Na verdade, a bebida era um tipo de dieta (e de fato o mantinha magro), mas com um gosto *horrível*. Só que não havia opção: a Quazicom era uma empresa preocupada com a elegância, e eles priorizavam funcionários com a silhueta em dia.

Mas houve um tempo (embora ninguém soubesse disso) em que Chuck Brickweather não era exatamente um sujeito magro — muito pelo contrário, estava *bem longe* disso. Ele era gordinho mesmo. Gordo e fofo, e não o sujeito magro e elegante que uma organização como a Quazicom cogitaria contratar.

Na mente dele, eram duas versões diferentes: o Chuck atual, magro e elegante, e... *aquele outro cara*. Aquela criatura amorfa e repulsiva que tinha ficado no passado. O novo Chuck desprezava o Chuck do passado e a sua velha identidade, e por isso sempre levava pelo menos duas garrafas daquela mistura malcheirosa (e com gosto pior ainda) preparada pela empresa Dr. Heppleworth. Na verdade, além das duas embalagens que estavam na mala de mão, havia mais algumas dentro da mala, acomodada com segurança no compartimento de cargas do avião, só por precaução.

Quando ele abriu a mala, porém, não estava procurando o Knoo-Yoo-Juice: o que ele buscava era o relatório sobre a DENKi-3000. Queria dar uma última olhada. Enquanto a maioria das empresas de tecnologia se dedicava a desenvolver aplicativos de *smartphones* e programas para a internet, a DENKi-3000 ainda produzia invenções *de verdade*.

Ao que parecia, o sucesso da organização dependia de um único homem: o professor Archimedes von Doppler, chefe do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da empresa. Infelizmente, Chuck não conseguiu encontrar muitas informações sobre o sujeito, pois Von Doppler raramente dava entrevistas e nunca falava sobre a origem das suas ideias.

Chuck deu uma olhada no pouco que tinha conseguido reunir: alguns artigos e raras fotos sem nitidez.

— Qual é o seu segredo? — perguntou, falando em voz alta com as fotografias. Elas não responderam (é claro), e Chuck guardou o relatório.

Aquele professor escondia alguma coisa...

Foi para isto que a Quazicom o enviou até Bickleburgh: descobrir os segredos da empresa. Era o que a DENKi-3000 tinha de mais valioso. Afinal, ele sabia por experiência própria que bastava compreender os segredos de uma empresa para decifrar a sua alma, ou seja, saber o que a tornava valiosa. Ou, para usar uma frase do seu chefe: “Se você identificar a essência de uma empresa, vai ser fácil arrancar o seu coração”.

Chuck, no entanto, também tinha seus segredos. Alguma coisa dizia que ele *talvez* já soubesse o que o professor estava escondendo. Se estivesse certo, tinha um plano prontinho, mas ele só poderia ser colocado em prática se não restasse *nenhuma dúvida...*

Chuck colocou o relatório no assento ao lado e enfiou a mão no fundo da mala. Tirou uma pequena lata azul com letras verde-escuras. O rótulo dizia:

TransMints
O frescor que vem da web!

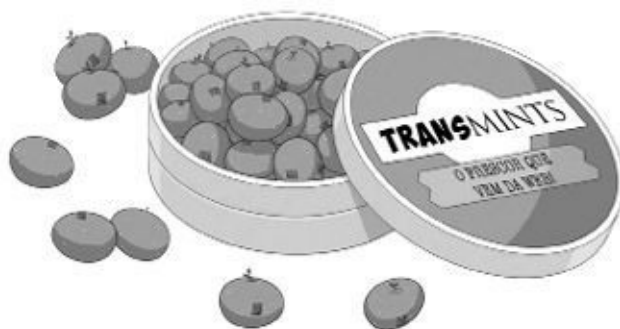
O logo da DENKi-3000 aparecia impresso no canto. Era o produto mais famoso da empresa, mas Chuck nunca tinha experimentado.

Deu uma batida na lata e uma balinha caiu na palma da sua mão. Parecia um ovo de pássaro, uma esfera azul-clara com pequenos pontos brancos. Enquanto observava, o sistema de som do avião deu sinal de vida.

— Senhor Brickweather — disse o piloto. — Acomode-se e fique tranquilo, pois já vamos começar a descer.

Chuck seguiu as instruções. Ajeitou-se na confortável poltrona de couro e relaxou, com um discreto sorriso no rosto. Ele podia ser apenas um consultor da Quazicom, mas estava na hora de se acostumar com o estilo de vida dos executivos de sucesso.

Segurou um TransMints com o polegar e o indicador, examinando bem antes de jogá-lo na boca.



De início, ficou decepcionado, pois não sentiu sabor nenhum. O gosto era até desagradável, meio parecido com a sensação de ter mastigado um pedaço de madeira. Mas esse desconforto durou pouco.

De repente, a sua língua foi atingida por um pequeno choque de eletricidade estática (se é que a eletricidade estática tem gosto de menta) e o sabor tomou conta da boca.

Chuck achava que o TransMints era uma guloseima bobinha e voltada para crianças, agora entendia que era bem mais que isso. De alguma forma, aquele “ovinho” dentro da sua boca estava coletando todos os dados da internet sobre frescor e transformando em... *sabores*!

Primeiro, ele provou a doçura de uma floresta de pinheiros na madrugada; depois, o frescor causado por uma chuva de verão e, em seguida, a aguda crocância de uma noite no Ártico. Uma lembrança intensa surgiu de repente, algo que ele tinha esquecido até a chegada desses sabores.

Ele se lembrou de quando era bem mais novo, gordinho e com o rosto vermelho, rolando na neve pela primeira vez. Na sua mente, ele se viu deitado no chão, sentindo os flocos se acomodarem em silêncio ao redor dos seus cílios, derretendo e formando lágrimas que escorreriam pelas bochechas rechonchudas.

Era um instante de nostalgia pura e verdadeira — algo que ele não podia suportar. Quem era *aquele* garoto? Não é o elegante Chuck de hoje, não, senhor! Aquela criança pertencia à identidade do passado, aquele que Chuck abominava com todas as forças do seu corpo agora magro e esbelto. Não tinha *nada a ver* com o Chuck de hoje, que agora cortava o ar sobre a pequena Bickleburgh a bordo de um jatinho particular. Mas...

Aquela lembrança era tão forte e a saudade tão intensa que Chuck chegou a tremer quando...
uuump!

O avião se inclinou para um dos lados de forma tão repentina que ele *engoliu* o TransMints.

A voz voltou ao interfone:

— Senhor Brickweather? Por favor, aperte o cinto. — O piloto parecia um pouco confuso, o que sempre causa certa preocupação. — Estamos com alguns problemas aqui com, bem... É melhor todos colocarem os cintos de segurança.

O interfone ficou mudo.

uuump!

uuump!

Mais duas manobras de revirar o estômago e ele já não se sentia como se estivessem voando, parecia mais um *rodeio*!

Chuck segurou firme o braço do assento. Como aquilo podia estar acontecendo? A turbulência *nunca* afetava um jatinho da Quazicom!

De repente, o avião começou uma manobra acrobática complicada e, no meio de tantas voltas e giros, Chuck não conseguiu evitar e...

Vomitou.

O seu café da manhã foi parar na janela e no assento da frente.

Foi muito constrangedor, não só porque ele tinha vomitado, mas também porque naqueles meses ele tinha consumido praticamente só o Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth. Por isso, o vômito de Chuck Brickweather tinha uma cor avermelhada, ou púrpura quase brilhante.

“Isso vai ficar manchado”, pensou, murmurando baixinho.

O avião continuou cambaleando pelo céu. Chuck percebeu que, no meio daquela gosma brilhante, um pequeno “ovinho” azul rolava para lá e para cá.

Foi aí que descobriu.

— Ah, seu pequeno miserável... — disse ele, pisando no TransMints. Transformado num estalo de minúsculas faíscas verdes, o “ovo” deixou de existir. No mesmo instante, o avião recuperou a estabilidade.

O sistema de som voltou à vida.

— Espero que esteja tudo bem, senhor Brickweather — falou o piloto. — Desculpe o pequeno susto, mas agora está tudo normal. Vou tentar pousar novamente, o.k.? Acomode-se e relaxe. Vamos pousar em

breve.



Chuck não tinha certeza de que conseguiria relaxar, não com a barra da calça encharcada com o estranho conteúdo expulso pelo seu estômago. Para piorar, ele não tinha trazido outro par de sapatos. Achou a embalagem de TransMints ao seu lado e encontrou um aviso muito claro:

ATENÇÃO: Não deve ser consumido durante viagens de avião

— Que *cheiro* é esse? — quis saber a comissária.

— Ah, desculpe — Chuck respondeu, envergonhado. — Eu passei mal...

— Mas o que o senhor anda *comendo*?

Como contar a verdade? Era constrangedor demais dizer que não comia nada, que estava vivendo apenas de Knoo--Yoo-Juice ao longo de muitas semanas. Por isso, Chuck disse simplesmente:

— Acho que alguma coisa não me fez bem.

Quando o avião começou a pousar no aeroporto de Bickleburgh, Chuck Brickweather teve que admitir, pela primeira vez desde que começou a trabalhar na Quazicom, que as coisas *não estavam funcionando* à perfeição. Mas isso não o incomodou. O avião pousou sem problemas, como sempre, e ele sorriu. Sentia que já sabia onde ficava o coração da DENKi--3000 e, se fosse preciso, não hesitaria em arrancá-lo inteirinho.





Capítulo 7

Elliot tem o cabelo melhor que o de Albert Einstein

— Elliot von Doppler, ou você vem aqui agora ou vamos te transformar em farofa! O seu pai e eu demos um duro danado para preparar um belo café da manhã, viu? Vou começar a contar: um...

Antes que a mãe pudesse continuar a contagem, Elliot desceu as escadas totalmente vestido (incluindo o colete verde, claro).

— Estou aqui, mãe. — Pulou do antepenúltimo degrau e caiu de pé exatamente em frente à mãe, que olhou para ele com ar desconfiado.

— O que *deu* em você hoje?

Elliot não respondeu e seguiu para a cozinha. Ele tinha acordado numa linda manhã de sol, e todo aquele brilho azul do céu de alguma forma o convenceu de que o gigante que o perseguiu na floresta no Bickleburgh Park só podia ser fruto da sua imaginação. Naquele momento, o seu único interesse era voltar para o Departamento das Criaturas.

O garoto devorou o café da manhã horrível como sempre (um cereal empoeirado coberto com ovos torrados de tão fritos). Quando terminou, sorriu para os pais e ergueu o polegar:

— Muito bom, meus caros!

O pai olhou por cima do jornal.

— Espero que isso não seja tudo o que você tem a dizer.

— Ah, certo. Esqueci de dizer que o gosto salgado e marcante da gema serviu como complemento ideal para o aroma consistente da granola...

— Impressionante — disse o pai, um pouco desconfiado. — Você está se sentindo bem?

— Estou ótimo! Acordei de bom humor, só isso...

Em geral, Elliot passava boa parte das férias de verão vagando pela casa ou instalado no quintal, examinando o mundo através do lápis elétrico com lentes telescópicas retráteis da marca DENKi-3000.

Naquela manhã, porém, ele praticamente *dançava* pela casa, cantarolando melodias animadas e com

um sorriso bobo no rosto. Seus pais estavam surpresos. Não que Elliot fosse um menino infeliz, mas certamente não era do tipo que costuma *pular de alegria*.

Pouco antes do almoço, Elliot encontrou a mãe e o pai na cozinha, tentando decifrar juntos as instruções de preparo de um arroz pré-cozido.

Elliot pigarreou.

— Arrã! Bem, pessoal, vou sair com a Leslie esta tarde, tá? — avisou.

— Mas vocês não se encontraram no parque ontem? — quis saber a mãe.

Elliot confirmou e explicou:

— Ela me convidou para almoçar hoje no restaurante do avô dela.

Os rostos dos pais se iluminaram.

— *Sério?* — perguntou o pai. — Que tipo de restaurante?

Elliot não sabia direito.

— É *dim* alguma coisa. *Dim sum*, eu acho.

A mãe fez uma careta:

— Comida chinesa?

— Acho que é — murmurou o garoto.

— Você não podia achar um amigo com um restaurante especializado em culinária molecular *fusion*?

— E isso é comida?

— É a última novidade — esclareceu o pai. — Acho que você ia gostar. Afinal, é quase uma *ciência*.

— Beleza. Posso ir?

— Tudo bem. Mas, se você aceita uma sugestão, diga ao avô da sua amiga para abrir um *gastropub*.

É a tendência do momento, não é, querido?

— É, sim. E ouvi dizer que a culinária molecular *fusion* já está saindo de moda...

— Você não acabou de dizer que é *a última novidade*?

O pai de Elliot ergueu o jornal novamente, escondendo o rosto.

— Você sabe como são essas tendências; acabam de chegar e já tem outra novidade...

A resposta de Elliot foi suspirar, pegar a mochila e cair fora.

O restaurante do Famoso Freddy ficava bem no meio do pequeno porém sempre lotado bairro chinês de Bickleburgh. Na verdade, era um quarteirão com algumas lojas, barracas e restaurantes com placas de néon que ocupavam as calçadas com mesas, nas quais se viam verduras e legumes, peixes secos e uma variedade de utensílios e brinquedos.

Mas o estabelecimento do Famoso Freddy não ficava na rua mais movimentada e sim numa paralela, tão estreita que parecia uma viela. Não tinha placa, nenhum letreiro na entrada e as portas com vidro nebuloso pareciam mais pertencer a um banco que a um restaurante. O único sinal de que ali se servia comida era uma placa de madeira em que se lia:



Elliot olhou para a placa e não ficou nada impressionado. Na verdade, se fosse para falar honestamente, diria que o Dim Sum Emporium do Famoso Freddy parecia uma espelunca.

Abriu a porta e viu dois lances de uma larga escadaria de mármore. Ao subir, começou a sentir o cheiro de uma centena de aromas diferentes.

Apimentado, salgado, azedo, doce...



O seu estômago roncou.

No alto da escada, uma cortina de contas verde-escuras cobria a entrada e não deixava ver nada lá dentro.

Elliot hesitou. Não era o tipo de restaurante que ele esperava encontrar e não parecia nada acolhedor.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou uma voz feminina vinda da ponta da cortina.

— Ah... olá! — respondeu Elliot.

— Você vai entrar ou não? Está bloqueando a entrada. — A voz da mulher era forte e firme.

— Bem, eu estou procurando a Leslie, sabe?

— Elvis Presley? Melhor procurar no karaokê a duas portas daqui.

— Não é “Presley”, é “*Leslie*”.

— *Chop suey*? É claro que temos chop suey! Entre aqui que eu vou servir. Você vai ver que delícia!

— Espere aí. Vim aqui porque estou procurando a *Leslie Fang*. Sou amigo dela.

Seguiu-se uma pausa, como se a pessoa do outro lado estivesse processando a informação.

— Espere um pouco — disse a voz. — *Então é você!*

Uma mão surgiu de trás da cortina e agarrou Elliot pela alça da mochila, puxando o menino para dentro do restaurante.

A mão estava ligada a um braço longo e elegante, que pertencia a uma mulher alta e magra, com uma longa cabeleira preta. Não usava maquiagem e parecia vestir algo parecido com um uniforme: calças e sapatos pretos e uma blusa de bolinhas brancas. Ainda assim, pensou Elliot, ela era bem bonita — para um adulto.

— Você está *paquerando* a minha filha? — perguntou.

Elliot ficou tão chocado com a pergunta que, se não fosse a mão daquela mulher segurando firme a alça da sua mochila, ele teria caído no chão.

— *O quê?* — gritou ele. — Não tenho ideia do que você está falando!

— Acho que já entendi tudo. — Ela apontava o dedo indicador para o rosto de Elliot e falava com os dentes cerrados. — Como você me explica o fato de que hoje a minha Leslie acordou tão feliz e animada a ponto de saltitar... *saltitar!*... pela casa? — O tom de voz ficou mais baixo. — A minha Leslie *nunca* está animada.

— Ei, você é a mãe dela? — perguntou Elliot.

A mulher confirmou com a cabeça.

— E você, seu pequeno conquistador, deve ser o tal do *Elliot*. — Ela sacudiu a cabeça. — Só escutei esse nome hoje.



— O meu nome?

— É, você e o seu tio maluco, que trabalha naquela empresa esquisita.

— A DENKi-3000 — corrigiu Elliot, tentando ficar um pouco mais reto, o que não era muito fácil, porque a mãe de Leslie continuava puxando a mochila com força. — E o meu tio *não* é maluco, ele é um *gênio*.

— É mesmo? Porque, pelo que eu ouvi, nem a empresa sabe direito o que acontece naquele departamento dele. Será que seria mais correto chamar o seu tio de *cientista maluco*? — Ela puxou o menino para ainda mais perto, quase encostando o nariz no nariz dele. — Uma pessoa com *tantos segredos* não pode bater muito bem da cabeça.

— Você não pode falar assim do tio Archie! Você nunca falou com ele!

A mãe de Leslie franziu os lábios.

— Pode ser, mas não estou preocupada com ele. Estou preocupada com *você*. E tudo o que tenho a te dizer é: a minha filha *é muito nova para namorar*!

— Espere, você entendeu tudo errado! Eu tenho *doze anos*! Odeio esse papo de namoro. E nunca beijaria a Leslie, nem num milhão de anos!

— Não tenha tanta certeza. — A mãe de Leslie apertou os olhos e encarou o garoto. — Um milhão de anos é muito tempo.

Elliot não sabia o que dizer.

— Por que todo mundo acha que a Leslie é minha na... namo... namor... — Era ridículo, pois ele nem sequer conseguia pronunciar a palavra.

— Namorada? *Eu sabia!*

— Não! — Elliot protestou, mas percebeu que havia pouco a fazer para convencer a mulher. Decidiu mudar a estratégia. — O que acontece é que o meu tio levou a gente para conhecer o laboratório dele.

Queria nos ensinar sobre *ciência*, sabe? E nós gostamos muito, só isso.

Os pais adoram quando os filhos aprendem alguma coisa sobre ciência. Se você tira boas notas nessa matéria, pode até colocar fogo na sala do diretor que será desculpado. Sem falar que a desculpa já está pronta: *foi por curiosidade científica, eu juro...*

— Ciência? — sussurrou a mãe de Leslie, com uma voz subitamente mais mansa. Começou a soltar a alça da mochila de Elliot (o plano estava dando certo). — Você gosta de ciência?

O garoto confirmou, balançando a cabeça.

— Sou tipo o Einstein, só que menor e com um cabelo mais ajeitado. Ah, e sem bigode.

A mulher cruzou os braços.

— Espere um segundo. Se você é cientista, por que está vestido como um pescador?

— *Mãe!* — Leslie entrou, passando pelas duas portas que ficavam no fundo. — Eu te falei para não tocar nesse assunto!

Elliot olhou para Leslie.

— O que tem de errado com o meu colete?

— Nada — respondeu Leslie. — Ele é bacana. Agora, vamos lá. Você tem que conhecer o meu avô.







Capítulo 8

A estreita relação entre a amizade e a comida

Elliot passou tanto tempo ocupado respondendo às perguntas da mãe de Leslie que nem sequer teve tempo de observar o resto do restaurante. Era maior do que ele esperava. Um teto não muito alto cobria um salão enorme repleto de mesas — todas vazias.

Em uma parede havia um grande aquário com enormes peixes dourados, enquanto as outras três exibiam quadros com variações de uma mesma imagem: uma montanha envolta em névoa, cercada por um lago de águas verdes. Do teto pendiam lanternas de papel e coloridas luzes de Natal.

— Vou deixar bem claro para os dois que só estou permitindo que vocês voltem lá hoje porque terão um acompanhante — ressaltou a mãe de Leslie, ainda de pé perto da entrada.

— Acompanhante? Quem? — perguntou a menina.

— O seu avô Freddy — respondeu a mãe. — Já falei com ele e ele vai ficar de olho. Nada de *namoricos*.

Leslie virou os olhos.

— Confie em mim, mãe, você não tem *nenhum motivo* para se preocupar. — Conduziu Elliot para perto das portas do fundo. Quando elas se abriram, saiu uma nuvem de vapor tão grande que Elliot ficou cego por alguns instantes.

— Então — resmungou uma voz no meio da névoa —, esse é o sobrinho do Archie, né?

Elliot se esforçou para clarear a visão e enxergou uma cozinha imensa, mas totalmente bagunçada, com tábuas, potes e panelas empilhados por toda parte.

A voz rouca tinha vindo de um homem velho, curvado e careca, vestido de branco — sapatos, calças, avental e um chapéu triangular da mesma cor que se equilibrava como que por magia sobre a cabeça calva.

— Elliot von Doppler — disse Leslie —, este é o Famoso Freddy.

— Prazer em conhecê-lo — o avô murmurou, dando um passo adiante para apertar a mão de Elliot.

Com a cabeça careca e o pescoço longo e enrugado, ele parecia uma tartaruga velha e sorridente. — A Leslie me disse que o seu tio finalmente revelou o segredo dele.

Elliot concordou.

— Mas o senhor já sabia das criaturas faz tempo, né? — indagou o garoto.

— Não muito — respondeu o avô. Ele se afastou de Elliot, aparentemente tentando mudar de assunto.

— É melhor começar a carregar as coisas. Eles odeiam quando eu chego atrasado.

O veículo de entregas do Famoso Freddy era um enorme trailer branco puxado por um Volkswagen vermelho cor de ferrugem. Parecia impossível que aquela lata velha rebocasse algo tão grande, ainda mais com comida até o teto.

Quando chegaram na DENKi-3000, Elliot reconheceu o segurança que estava na porta: era Carl, o guarda simpático que eles tinham conhecido no dia anterior.

— Como vai, Freddy? — disse Carl, acenando de dentro da guarita. — Tem algo aí dentro para mim hoje?

Vovô Freddy se inclinou para o porta-luvas, abriu e Elliot sentiu o cheiro de algo delicioso. Era uma pequena caixa de papelão que parecia de bambu, igual às outras levadas no trailer.

— É o seu favorito — disse Freddy, passando a embalagem pela janela.

Apesar de ser um homem grande, Carl riu como uma criança. Abriu a caixa e jogou um bolinho para dentro da boca.

— *Muito booom!* — falou, engolindo de uma vez. — Sabe, Freddy, eu acho que você *não* é famoso o suficiente!

Depois de terminar o bolinho, Carl se inclinou para fora da guarita e olhou para dentro do carro.

— Olá de novo — disse, saudando Elliot e Leslie. — Voltaram para uma nova visita, hein? São crianças de sorte!

O avô de Leslie deu a volta no edifício até chegar a uma rampa íngreme, que parecia furar o chão. Logo ela se transformou num túnel iluminado com luzes amarelas.

Finalmente, chegaram a um beco sem saída. Diante deles havia uma parede de metal cheia de rebites e com uma placa: área restrita para funcionários do departamento de pesquisa e desenvolvimento.

— E agora? — perguntou Leslie ao avô.

— Não se preocupe — Freddy garantiu. — Venho tanto aqui que me deram até um crachá. — Tirou algo do bolso da camisa e mostrou uma identificação tão estranha quanto os cargos que a dupla tinha visto no Departamento das Criaturas:

Alfred Fang

Banqueteiro permanente

Passou o crachá e o beco que parecia sem saída mudou totalmente. A parede abriu e deslizou para longe, como tinha acontecido na entrada da mansão. Não havia mais as luzes amarelas e a única

iluminação vinha dos faróis do antigo Volkswagen.

Estava tão escuro que era difícil saber onde ficavam as bordas da estrada. No lado do motorista, ocupado pelo Famoso Freddy, dava para ver uma parede que lembrava uma caverna subterrânea e irregular. No lado do passageiro, porém, não havia parede nenhuma, só escuridão.

O Famoso Freddy continuou dirigindo por um tempo até chegar a outro beco sem saída, ainda mais convincente que o anterior: era um paredão irregular, formado por uma pedra cinzenta. O avô de Leslie abriu a porta e a neta fez o mesmo.

— *Não!* — Agindo com rapidez (numa velocidade surpreendente para alguém que parecia uma tartaruga velha), o avô agarrou a menina. — Ainda não chegamos! — Em seguida, sussurrou: — Feche a porta.

A gravidade na voz de Freddy assustou a dupla, que não conseguia parar de examinar aquela escuridão toda.

Uma pitada de ferrugem se soltou quando Leslie abriu a porta. Captando a luz difusa do carro, a ferrugem caiu...

e caiu...

e caiu...

até que brilhou no meio do nada.

Aquele lugar não tinha fundo!

Leslie bateu a porta. Eles estavam parados no que parecia ser a borda de um *precipício*! Ela se virou para dizer algo ao avô, mas ele já estava saindo pelo outro lado.

Freddy passava a mão pela parede, até que encontrou uma formação muito especial. Girou uma pedra e à frente deles se abriu uma porta, que levava para uma grande câmara banhada de uma estranha luz verde.

— Uma passagem secreta! — Elliot exclamou, apontando para a pedra que saía da parede. — E com uma trava secreta!

Leslie concordou.

— *Bem mais legal* que scanners e crachás!!

Freddy voltou para o carro, dirigindo pela porta misteriosa rumo à câmara brilhante. Lá dentro, as portas se fecharam às suas costas e eles ouviram o zumbido de máquinas. Não era apenas uma passagem secreta, mas um elevador enorme.

A estranha luz verde sumiu aos poucos conforme eles subiam até chegar ao Departamento das Criaturas.

— oba!!!

Havia criaturas em todos os lugares, assobiando, gritando e batendo as mãos (nadadeiras, tentáculos ou coisa parecida).

— É sempre assim? — Elliot quis saber.

O Famoso Freddy sorriu com orgulho.

— Quando eu chego, é.

Isso explicava por que havia tão poucos clientes no Dim Sum Emporium: o avô de Leslie não precisava de fregueses *normais*, pois todos os seus clientes eram criaturas.

Freddy saiu do carro e cumprimentou os amigos, que o cercaram como se ele fosse um astro do rock (ali, o Famoso Freddy Fang era *realmente* famoso).

O professor Von Doppler abriu caminho no meio da multidão.

— Bem-vindos de volta, vocês dois. — Sorriu para Elliot e Leslie. — Vocês podem comer com a gente no *cafetarium* e depois a gente começa.

— Comer onde? — perguntou Leslie. — Você quer dizer na cafeteria?

— Não — respondeu o tio de Elliot. — Eu quis dizer o que eu disse: *cafetarium*. Provavelmente o melhor lugar para comer em todo o universo!

— E o que é isso? — indagou Elliot.

— Você vai entender quando chegarmos lá.

A comida foi acomodada em carrinhos e transportada por vários corredores da velha mansão — tantos que logo os dois amigos lembraram do tamanho imenso daquele lugar. Quando finalmente chegaram ao destino, uma porção de criaturas mais exóticas estava à espera deles.

O *cafetarium* era uma sala enorme e cheia de pesados bancos e mesas de madeira e, de muitas maneiras, parecia uma cafeteria comum. Mas bastou olhar para cima para saber o que fazia a diferença.

— O telhado! — disse Elliot. — É uma cúpula branca enorme.

— Isso mesmo — disse o tio —, e é por isso que chamamos de *cafetarium*.

A cúpula era *de fato* imensa. Parecia quase tão grande quanto o céu e cobria todo o ambiente.

Elliot, Leslie e o seu avô sentaram-se com o professor e logo Patti, Harrumphrey, Gügor e Jean-Remy se juntaram a eles.

Um grupo de criaturas feéricas voava pela sala, carregando embalagens de comida do Famoso Freddy. Os cestos de bambu se abriram para revelar bolinhos e rolinhos primavera, tigelas de um arroz grudento e legumes verdes cozidos no vapor.

O cheiro era maravilhoso e Elliot, que nunca tinha provado *dim sum*, não sabia por onde começar.

Mas as criaturas pareciam bem à vontade e bastou arrumar as mesas para atacarem o banquete com gosto. Na enorme sala, dava para ouvir os ruídos dos movimentos das mandíbulas, lábios e línguas.



— É melhor você se apressar — disse o Famoso Freddy para Elliot. — Se eles veem que você não está comendo, não hesitam em tirar a comida das suas mãos.

— Experimente isso — sugeriu Leslie, apontando para uma embalagem redonda e brilhante. — São os famosos bolinhos de carne de porco do vovô.

Apesar de desajeitado no manejo dos pauzinhos, Elliot conseguiu levar um deles do cesto de bambu para a boca. Nunca tinha provado algo parecido antes e na hora descobriu por que todas as criaturas adoravam a comida do Famoso Freddy.

O bolinho era suave e picante e liberava um caldo saboroso sem parecer estranho. Elliot não sabia como, mas achou que comer aquilo fez bem para ele. Não era apenas uma sensação boa, mas algo mais profundo... Algo maravilhoso demais para ser descrito.

O garoto olhou ao redor. Fosse qual fosse aquela sensação, ela também atingia as criaturas, que despejavam grandes cargas de bolinhos, rolinhos primavera e legumes cozidos nas bocas enormes (ou pequenas), sorrindo o tempo todo.

A sensação de bem-estar que ele experimentava ao saborear a comida era tremenda. Virou-se para Leslie:

— Você come isso todos os dias? — Elliot quis saber. — Não tem ideia de como eu invejo a sua sorte.

Leslie sorriu.

— É bom, né? Mas sabe de uma coisa? Em casa não é tão saboroso assim.

— É o milagre de comer entre amigos — disse o avô da menina. — Vocês já ouviram dizer que, quanto mais pessoas na mesa, melhor a comida?

Eles comeram em silêncio, aproveitando aquela sensação de satisfação e de amizade.

— Ah! — disse Jean-Remy. — Vejam, até as *crrianças* sentem a mesma coisa!

— Sentem o quê? — Elliot indagou. — Eu só me sinto bem.

— É mais que isso — explicou o tio. — É algo que todas as criaturas entendem. Existem comidas tão saborosas que conseguem nos transportar para algum momento mais feliz. Mesmo para quem nunca provou antes. — Von Doppler olhou para cima. — É essa a função do teto.

Abriu um painel de controle embutido na mesa e, com o toque de um botão, as luzes ficaram mais suaves. No teto abobadado, começaram a surgir imagens. Pareciam fotografias antigas, várias delas em sépia ou em preto e branco, com marcas como dobras e lágrimas.

— É como um *planetarium* — explicou o professor. — Por isso o nome, é claro. Só que, em vez de olhar para as estrelas, o que vemos são...

— *Lembranças* — revelou Gügor. A criatura voltou os olhos para o alto com melancolia, observando as imagens que circulavam enquanto ele comia.

— Gügor está certo — confirmou o professor. — Parecem mesmo fotografias, mas na verdade são recordações. O *cafetarium* capta as lembranças de todos os que estão aqui e as projeta no teto. O que vocês estão vendo agora é o que existe de mais amplo e profundo no universo das criaturas.

Nas imagens (ou lembranças), várias criaturas estavam mais jovens do que eram naquele momento e muitas vezes estavam em outro lugar. Algumas curtiam uma praia, caminhavam por montanhas ou passeavam pelo vasto mundo das cavernas — que eram especialmente impressionantes, com as suas estalagmites e formações rochosas espetaculares, vegetação estranha e quase de outro mundo, além da misteriosa luz hesitante.

— Se todos esses lugares pertencem ao universo das criaturas, o que estamos vendo exatamente? — questionou Elliot.

— Excelente pergunta — comentou o tio. — Esse universo envolve qualquer lugar onde elas vivam, geralmente em segredo, é claro, como aqui no Departamento das Criaturas da DENKi--3000. Basta dar uma olhada nesta sala para ver que existem muitos tipos diferentes. Nós, seres humanos, vivemos em várias cidades e países diferentes, todos com costumes variados. Mas existem alguns aspectos comuns da nossa natureza que nos unem. Com as criaturas é igualzinho.

— Então, é como se fosse uma *criaturidade*, mais ou menos como é a *humanidade* para os seres humanos? — perguntou Leslie.

— Exatamente — disse o professor, levantando a cabeça em direção ao teto. — Você está vendo as memórias coletivas da *criaturidade*, vamos chamar assim, ou do universo coletivo das criaturas.

As lembranças da juventude foram substituídas por imagens novas, que mostravam a antiga mansão antes de virar ruína. Não havia nem sinal das torres dos escritórios da DENKi-3000, feitas de vidro e aço. Em vez disso, existia uma imensa casa antiga cercada de campos vazios, com criaturas brincando na grama, em frente — algo impossível de imaginar na época atual.

— Vocês entenderam? — perguntou Patti. — As imagens do passado fortalecem os nossos laços de amizade, o que intensifica o sabor dos alimentos, como o Freddy explicou.



Na outra ponta da mesa, o Famoso Freddy concordou.

— Se eu conseguisse instalar um negócio desses no meu restaurante, iríamos lotar todas as noites!

Era estranho, mas o que acontecia no *cafetarium* dava uma explicação lógica para tudo aquilo. Só que, com ou sem o tempero da amizade e da saudade, a comida do Famoso Freddy era mesmo deliciosa! Elliot tinha que achar um jeito de convencer os seus pais a escrever sobre o restaurante na coluna deles do *Bickleburgh Times*.

Novas imagens apareceram no teto. Surgiu Patti, vestida com um roupão e uma enorme toalha macia envolvendo a sua cabeleira de algas. Estava recostada num sofá que parecia o de um spa (se é que existem spas no meio de pântanos).

Outra fotografia mostrava Gügor no alto da uma cordilheira: ele saltava entre as montanhas, dando passos sobre o enorme desfiladeiro que se estendia embaixo. E logo depois apareceu Jean-Remy, no alto de uma torre de igreja, com uma bela cidade europeia ao fundo.

— É Paris, né? — perguntou Leslie a Jean-Remy.

— Mas é *clarrrro*! O meu amado lar!

Havia até mesmo uma imagem do coronel-almirante Reginald T. Pusslegut, que tinha causado a maior balbúrdia no dia anterior. Quando a sua fotografia apareceu, várias criaturas apontaram para ela e caíram na risada, sem que Elliot e Leslie entendessem o motivo.

Na imagem, Reggie estava de pé à beira de um penhasco de gelo. Uma das pernas estava erguida sobre uma formação de gelo, e ele olhava para a área vazia logo abaixo. Tudo ali — o uniforme, a postura e até a expressão do rosto — parecia nobre e bastante imponente.

— Onde está o Reggie, por falar nele? — Leslie perguntou, olhando em volta. — Ele não come com vocês?

— Ele deve estar por aqui — explicou o professor —, pois o *cafetarium* está captando lembranças dele.

— Deve estar hibernando — resmungou Harrumphrey.

Assim que terminou de falar, surgiu uma imagem do próprio Harrumphrey, que causou risos até em Elliot e Leslie: vinha da época em que ele era uma criatura-bebê, ou uma imensa cabeça enrolada numa fralda branca e fofa.

Harrumphrey ficou envergonhado.

— Por que tem de aparecer uma coisa *como essa*?

— Você sabe que não podemos controlar as imagens que o *cafetarium* capta — lembrou o professor.

— Sem a gente querer, ele pode até pegar...

Interrompeu o que estava dizendo.

A conversa na sala também parou e uma nova série de fotos começou a passar silenciosamente sobre eles. Eram imagens de batalhas, incêndios, criaturas correndo em pânico para fugir de estranhas figuras sombrias, reunidas em bandos.

Assim que as primeiras imagens aterradoras apareceram, vieram outras, mais outras e muitas outras mais. Elas surgiam e se multiplicavam como um vírus horrível e incontrolável.

O professor apertou um botão e o teto ficou branco.

— O que foi isso? — perguntou Elliot.

O professor Von Doppler respirou fundo.

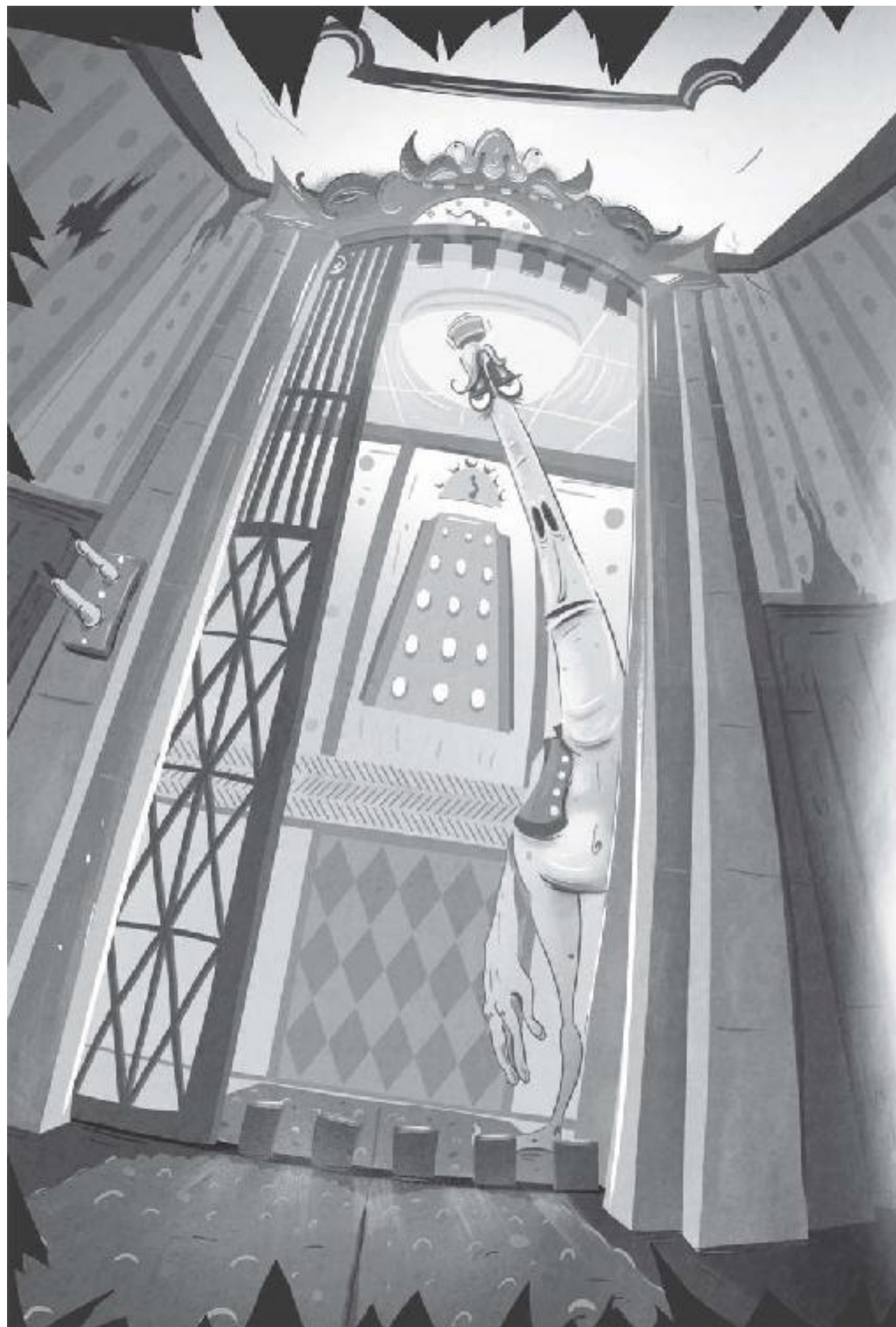
— Esse é o problema do *cafetarium* — respondeu. — Eu estava animado em apresentá-lo aos investidores como a nossa mais recente invenção, mas infelizmente não é possível filtrar as lembranças ruins.

— Lembranças ruins sobre *o quê*? — perguntou Leslie, olhando para o avô, que se limitou a balançar a cabeça.

O professor Von Doppler afastou sua cadeira da mesa.

— E por falar em investidores... — Ergueu-se e consultou o relógio, interrompendo a sessão de perguntas. — Os acionistas foram convocados para uma reunião de emergência, que vai começar daqui a alguns minutos. É melhor eu ir lá para cima. — Respirou fundo e disse para Elliot e Leslie: — Quando eu voltar, vou passar uma tarefa especial para vocês.

Virou-se e rumou apressado para a saída.





Capítulo 9

As expectativas às vezes decepcionam

— Acho que é melhor ir dar uma olhada nessa reunião — falou Harrumphrey.

— Também vou — acrescentou Patti. — Não suporto nem ouvir falar disso. Basta alguém falar esta palavra, “investidores”, para eu ficar arrepiada, vejam só! — Ergueu o braço e mostrou como as suas escamas estavam eriçadas.

— Gügor também não quer ir — falou o próprio. — Essas reuniões deixam Gügor nervoso, com vontade de fazer o que o nome de Gügor diz. — Mostrou os punhos imensos. — Gügor quer *quebrar tudo*!

— Bem, e nós? — perguntou Elliot.

— Podemos ir com vocês? — propôs Leslie. — Talvez a gente possa ajudar o professor de algum jeito.

Harrumphrey balançou a cabeça.

— Bem, na verdade *não podemos* participar da reunião, é claro. Só os executivos e acionistas da DENKi-3000 é que podem. Mas... — Um sorriso raro apareceu naquele rosto. — Isso não significa que a gente não pode assistir.

Jean-Remy começou a se afastar voando.

— Venham, a gente vai *mostrrrr* como é isso.

Entraram num corredor sinuoso. Nas paredes havia portas circulares de tamanhos variados, das quais saíam escadas em espiral que levavam a várias direções.

Outras portas conduziam a quartos cheios de beliches apertados e os dois amigos concluíram que aqueles eram os dormitórios. Alguns estavam ocupados com criaturas adormecidas, mas não havia nenhum sinal de Reggie.

— Olhe lá — resmungou Harrumphrey. — Que preguiçosos! Não é de admirar que este lugar não produz nada de útil há tempos!

— *Non, non, non!* Eles não *dorrmem* por *prrrreguiça* — disse Jean-Remy. — *Ficarrrram* assim *porrrrque comerrrram* muito bem. Por causa dessa *senhorrrrita* e do seu avô, que cozinha *ton* bem.

No fim do corredor, duas portas de correr prateadas davam acesso a um elevador. Quando se aproximaram, Elliot e Leslie viram que aqueles botões eram estranhos — ou melhor, não eram botões.

— São *dedos* — disse Elliot.

— Mas é claro — disse Jean-Remy. — Existe outro jeito de chamar um *expectavador*?

— Um *expecta* o quê?

— Você vai ver quando chegar — afirmou Harrumphrey.

Leslie e Elliot examinaram o painel. Em vez dos dois botões comuns, do painel instalado ao lado da porta saíam dois dedos, no exato lugar em que deveriam ficar os botões. Para piorar (ou deixar tudo ainda mais *esquisito*), os dois dedos eram verdes e tinham uma garra amarela na ponta.

Leslie apontou para os dedos (que apontavam para ela).



— Alguém me explica *o que é isso?* — pediu a menina.

— Ah, são *seotobs* — falou Harrumphrey, como se essa resposta resolvesse. — Ou botões ao contrário.

— Ah, entendi — disse Elliot. — É só ler de trás para a frente.

Harrumphrey piscou e disse:

— Não seja ridículo! *Seotobs* começa com S.

— Sim, é claro... — Elliot respondeu sem muita segurança, ainda não acostumado com o raciocínio peculiar daquelas criaturas.

Leslie chegou mais perto e ficou impressionada como pareciam dois dedos *de verdade*.

— Mas como funciona?

— Você está brincando? — Harrumphrey disse. — Os *seotobs* são o *oposto* dos botões, certo? E, como em geral as pessoas apertam os botões...

Leslie tremeu.

— Oh, não, por favor, não me diga que...

— Claro que sim. — Harrumphrey apontou para o painel com a cauda. — *Puxe* o dedo.

Leslie estendeu a mão e (relutantemente) agarrou a ponta do dedo. Era muito estranho; quente e macio, como se estivesse vivo. A menina puxou.

Surgiu um barulho que parecia um pequeno pum e as portas se abriram, liberando um som semelhante a um “aaaaaah!”.

Leslie soltou o *seotob* e pulou para trás.

— Nossa! Isso é... *nojento*!

Jean-Remy se curvou diante dela.

— *Mademoiselle*, *concorrrdo* plenamente com a sua *imprrrresson*. Esse negócio é repulsivo! Mas, como este é o *Deparrrrtamento* das *Crrriaturrrras*, devo admitir que até que é *aprrrroprrrriado*...

— Desculpem — falou uma voz monótona vinda de dentro do elevador. — Você vão entrar ou não?

Elliot e Leslie espiaram lá dentro e viram uma criatura alta e incrivelmente magra. Parecia um poste com uma barriguinha. Dois olhos fixos estavam instalados no alto daquela criatura em forma de tubo (a boca ficava quase meio metro longe dos olhos, mas era apenas uma abertura horizontal, sem lábios ou qualquer outra expressão).

— Podem entrar agora — anunciou aquela criatura cadavérica. — Lugares para ir, criaturas para ver.

— Este é o Gabe — disse Harrumphrey —, o responsável pelo *expectavador*.

E era exatamente isso o que estava escrito no crachá:

Gabe

Ascensorista de expectavador

— Parece um trava-língua — disse Leslie.

— Não — zangou-se Gabe. — É só o meu trabalho.

Elliot se inclinou para ver melhor a identificação de Gabe.

— Será que alguém pode explicar o que é um *ex-pec-ta-va-dor*?

— Será que vocês dois são cegos? — irritou-se Harrumphrey, batendo a cauda no chão. — É isso que está nos transportando!

— Pois para mim parece um bom e velho elevador.

Harrumphrey riu.

— *Um elevador?! Onde vocês vivem? No século 19?*

— Na verdade — disse Leslie — estamos no século 21 e os elevadores são bastante comuns.

— Pois aqui eles não têm nada de comum. — Harrumphrey atravessou a porta, seguido dos demais. — Tudo o que um elevador faz é subir e descer, por causa de um sistema de cabos e roldanas que faz o serviço. Mas um *expectavador* é diferente, porque ele pode ir para onde quiser.

— Como ele se move? — indagou Elliot. — De onde vem a energia?

— Ele é movido a *esperança* — respondeu Harrumphrey enquanto as portas se fechavam sem fazer barulho.

— Isso é impossível — disse Elliot.

— Você vão ver.

Gabe, a criatura magricela, sentou-se num banquinho instalado no canto.

— Para onde vocês querem ir? — perguntou ele com voz grave.

Jean-Remy voou até o painel de controle, felizmente equipado com botões e não com *seotobs*. Em vez dos números habituais que indicam os andares de um edifício, no entanto, cada um exibia um pequeno conjunto de palavras:

Porta secreta atrás do armário de materiais de escritório no Setor de Contabilidade

ou

Penúltimo ladrilho do teto sobre o

balcão de segurança do mezanino

ou

Saída de ar ao lado da janela do Departamento de Recursos Humanos (E SÓ HUMANOS!)



— Vamos lá — disse Jean-Remy, depois de avaliar as possibilidades. — O poço de *ventilaçon* na *parrrede* oeste da sala de reuniões da torre *norrрте*.

— Certo. — Gabe estendeu a mão com um braço flácido e apertou o botão correspondente.

Quando o botão acendeu, alto-falantes instalados nas paredes começaram a tocar uma serena (porém infalivelmente açucarada) música da bossa nova. Todos ficaram em silêncio.

E esperaram...

E esperaram...

Elliot e Leslie se entreolharam.

— Mas isso aqui está se mexendo? — perguntou Elliot.

— É claro que sim — disse Harrumphrey, um pouco ofendido. — Eu mesmo projetei essa invenção. Os dois prestaram um pouco mais de atenção mas não ouviram nem sentiram nada diferente.

— Não estou sentindo nada — falou a menina. — Quanta bobagem! Estamos apenas presos nesta caixa. Nenhum elevador funciona movido a esperança.

— *Expectavador* — corrigiu Harrumphrey. — E claro que funciona.

Jean-Remy voou até o centro do *expectavador*.

— Ele está *cerrto*, *mademoiselle*. A *esperrrança* é algo muito *poderrroso*, *non*?

— Sim, mas...

— É uma das coisas mais *poderrrosas* do *univerrrso*! Nós, *crriaturrrras*, *semprrre* soubemos disso.

Mas os *serrres* humanos, bem, nem *semprrre*...

— O meu tio sabe — afirmou Elliot.

— Bem, o *prrrrofessor*... Ele é muito especial, não é?

Leslie estava olhando nervosamente para o teto e as paredes do *expectavador*.

— Você está dizendo que, neste exato momento, tudo o que nos sustenta é...

— É a esperança — completou Harrumphrey.

— Mas o que isso *quer dizer*?

— Bem, a física é um pouco complicada, é claro, mas o *expectavador* se baseia nos princípios fundamentais da tecnologia das criaturas, que afirma que tudo, mas tudo mesmo, até as máquinas, tem uma essência. Se alguém conseguir isolar e refinar essa essência, não só se transforma na fonte de alimentação da máquina como, *literalmente*, se torna o ingrediente secreto para fazer uma coisa funcionar. Entenderam?

— Mais ou menos — disse Elliot.

— É, mais ou menos — concordou Leslie.

— Pois a essência do *expectavador* é a *esperança*. Neste momento, as engrenagens estão avaliando a nossa capacidade, medindo as nossas expectativas, conferindo o nosso otimismo e usando essa energia para nos levar aonde queremos ir.

— Você está brincando, não está? — Elliot voltou a perguntar.

— Eu nunca iria brincar com uma das minhas invenções.

— Mas é *incrível* — exclamou Leslie. Se o que Harrumphrey estava dizendo era verdade, o *expectavador* era uma das maiores invenções da história. — Eu não entendo por que essas coisas não chegam em todo o mundo! Por que o professor não apresenta para os acionistas? Poderia salvar a empresa.

Harrumphrey inclinou a enorme cabeça e chupou os dentes.

— Bem... na verdade, apesar do nome, o *expectavador* nem sempre funciona de acordo com as nossas expectativas... Às vezes, ele pode ser um pouco imprevisível.

Para Elliot e Leslie, isso soou bastante ameaçador.

— Espere — disse Elliot. — Você quer dizer que... ele pode cair?

Harrumphrey agitou a cabeça com vontade.

— Ah, isso não, é tudo muito seguro e essa é a grande vantagem do *expectavador*. Ele não cai, pelo menos não totalmente, pois sempre tem algo para nos segurar, porque, seja qual for o problema, a esperança é a última que morre.

— Essa é a *sua* opinião — afirmou Gabe, encolhendo-se ainda mais e ficando ainda mais parecido com um ponto de interrogação meio barrigudo.

— Vocês precisam desculpar o pobre do Gabe — alertou Harrumphrey. — Ele tem um problema de saúde: nasceu com pouca capacidade de ter expectativas.

— Puxa, que coisa chata — lamentou Elliot.

— É — concordou Gabe.

— E tem outro problema com o *expectavador* — prosseguiu Harrumphrey. — É preciso encontrar alguém como Gabe ou então ele dispara em linha reta, cortando o telhado.

Gabe balançou a cabeça, triste.

— Só estou fazendo o meu trabalho.

Todos voltaram a ficar em silêncio, ouvindo os sons cadenciados da bossa nova. Leslie e Elliot estavam começando (mais uma vez) a duvidar que aquilo se movia, mas aí ouviram um *ding* e a música parou.

— Chegamos — anunciou Harrumphrey.

Elliot balançou a cabeça.

— Nem por um momento tive a impressão de que saímos do lugar.

— Mas é claro que saímos! Gabe, abra a porta. Vamos mostrar para eles.

O ascensorista magricela apertou um botão e as portas se afastaram. Leslie constatou que estava errada, pois eles *tinham chegado em outro lugar* — que, infelizmente, não parecia ser um destino muito hospitaleiro. As portas abriram e o que surgiu foi uma parede de cimento.

— Chegamos ao lugar certo? — Elliot perguntou.

Harrumphrey balançou a cabeça.

— Entende por que eu falei em ser *imprevisível*?

Leslie bateu no cimento e constatou que a parede era totalmente sólida.

— E agora?

— Fomos longe demais — Harrumphrey explicou. — Temos que baixar as nossas expectativas. Gabe?

— Tudo bem — concordou a criatura, ainda mais atolada no seu banco. — Vou pensar no meu divórcio, porque em geral funciona. — Fechou os olhos e suspirou. O *expectavador* desceu alguns centímetros.

— Está funcionando — disse Elliot, apontando para uma abertura de fresta que apareceu na parte

inferior da porta.

Gabe suspirou de novo, mas não aconteceu nada: ainda estavam presos dentro daquela coisa.

— Desculpem — falou Gabe. — Isso é o máximo que eu consigo. Acho que vocês formam uma carga elevada de otimismo.

— Ah, *son* as *crrrianças* — disse Jean-Remy. — Pela minha *experrriência*, sei que elas *son* bastante otimistas.

— O.k., vocês dois — disse Harrumphrey, olhando para a dupla. — Temos que descer ainda quase uns três metros. Se vocês têm alguma preocupação, está na hora de lembrar dela.

Elliot e Leslie se entreolharam.

— Bem — falou Elliot, hesitante. — Eu às vezes fico preocupado por não ser tão inteligente como o tio Archie. Queria crescer para ser como ele, mas sei que os meus pais têm outros planos... Não iriam gostar da ideia de me ver trabalhando com um bando de criaturas malucas o dia todo.

— *Malucas?* — perguntou Harrumphrey.

— Eu quero dizer criaturas *legais*, entende? Mas não sei se sou inteligente o bastante, e além disso, agora parece que a empresa vai fechar, e aí...

O menino nem sequer conseguiu terminar, mas isso não era problema. Falar sobre aquilo tudo em voz alta tinha conseguido abalar a esperança de todos em relação ao futuro. Em consequência, o *expectavador* desceu mais alguns metros. Ainda não era o suficiente, mas já ajudava.

Harrumphrey se virou para Leslie.

— Agora é a sua vez.

A menina não sabia o que dizer, mas aí teve uma ideia. Era tão óbvio.

— Eu me preocupo com a minha mãe — falou. — Ela não consegue ficar muito tempo no mesmo emprego. Pede demissão ou é demitida, e aí a gente acaba se mudando para uma nova cidade, e foi por isso que chegamos aqui. O meu avô disse que faria o favor de dar um emprego no restaurante dele, mas está sempre vazio e eu acho que ela não gosta muito. — Leslie abaixou a cabeça. — Estou preocupada porque sei que vamos mudar outra vez. Em geral eu não me importo muito, porque a maioria dos lugares é bem chata, mas Bickleburgh é diferente. Parecia chato no começo, mas... — A menina olhou para os outros. Os seus olhos passaram de criatura em criatura, parando em Elliot. — Agora parece o lugar mais incrível do mundo. Fiz amizade com pessoas e criaturas que nunca pensei que conheceria, e se eu tiver que...

— pare! — interrompeu Harrumphrey. — Está perfeito.

Leslie se virou e viu as portas paradas no mesmo nível de uma grande plataforma, similar aos andaimes do Departamento das Criaturas. Havia tubos e fio cobrindo as paredes e apenas uma luz fraca e vermelha.

— É aqui que a gente vai descer — Harrumphrey anunciou, conduzindo todos (menos Gabe) para a plataforma.

Elliot olhou para trás quando as portas fecharam. Gabe, o ascensorista, estava petrificado no seu banquinho. Ergueu uma mão como se quisesse acenar, mas não fez nenhum movimento. Era apenas uma despedida silenciosa. Em seguida, o *expectavador* começou a descer.

Quando as portas se juntaram, Elliot ficou surpreso com o que viu: no lugar em que o *expectavador* estivera não dava para perceber nada, pois a parede parecia de concreto comum.

— Alguns dizem — começou Jean-Remy, pairando sobre a plataforma — que na idade de vocês ninguém tem *prrrroblemas*. Mas, como acabamos de ver no *expectavador*, *non* é bem assim. Todos nós, *non imporrta* quem somos ou qual a nossa idade, de vez em quando *enfrrentamos* dificuldades. Mas, por favor, *non se prrrreocupem!* Os *prrrroblemas* vêm e von. No mundo das *crriaturrrras*, *acrrreditamos* numa coisa: *son* os *prrrroblemas* que nos fazem ser quem somos.

Pelo menos em parte, Elliot e Leslie concordavam com Jean-Remy: as coisas que causavam preocupação tinham um efeito muito claro sobre tudo o que eles faziam.

— É verdade — reconheceu Elliot. Ele tirou seu lápis elétrico do velho colete de pescador. — Se eu não admirasse tanto o meu tio, provavelmente não levaria isso comigo para todos os lugares.

Leslie concordou.

— Quando você parar de pensar nos seus problemas dessa forma, eles vão ganhar outra dimensão.

Jean-Remy assentiu com a cabeça, sorrindo para os dois.

— *Entrrre* os morcegos encantados, temos a *regrrra* de nem sequer dar nome aos nossos *prrrroblemas*.

— Como assim, *dar nome* aos problemas? — indagou o menino.

— Vou dar um exemplo. Uma vez, há muito tempo, eu me apaixonei por uma bela *prrrincesa* encantada, mas... — Jean-Remy suspirou profundamente. — Bem, vamos dizer que *non* deu *cerrrto*. A minha amada se foi e eu fiquei com uma saudade imensa, que chamo de Bernard.

Leslie se espantou.

— Você se apaixonou por uma princesa encantada que se chamava *Bernard*?

— *Non, non, non!* Você entendeu errado — Jean-Remy bateu os braços (e, conseqüentemente, as duas asas). — Eu falei que ela se foi e *prrrrovavelmente* nunca mais vou vê-la de novo... Mas a dor ainda está aqui. — Apontou o peito com os dedos finos. — É *essa dor* que eu chamo de Bernard.

— Mas isso não é meio estranho?

— *Non!* É muito sensível! A gente vê que a dor vira uma *companheirrrra*. Pode ser uma *companheirrrra* meio *estrrranha*, mas é uma companhia, de qualquer forma. Hoje, quando sinto essa dor, *non* fico *trrrriste* nem assustado, mas digo: “Ah, Bernard, meu velho amigo! Você veio me visitar, seu *malandrrrrinho!*”.

Elliot e Leslie não tinham certeza de que estavam prontos para nomear seus problemas, mas, como um monte de outras coisas que aconteciam no mundo das criaturas, aquilo fazia certo sentido.

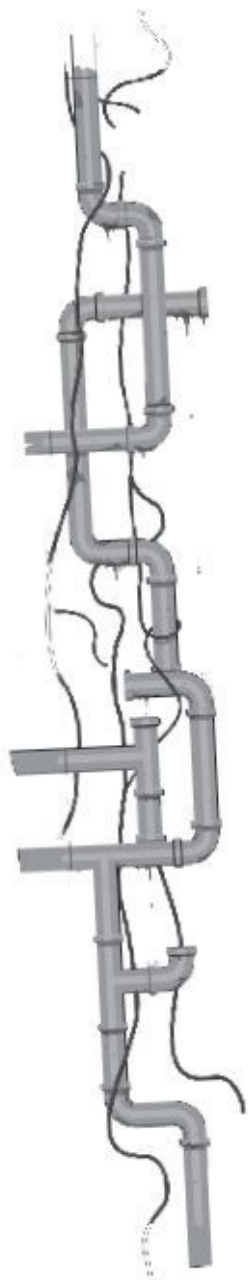
— Desculpem — falou Jean-Remy, voando à frente. — Eu *non deverrrria* perder tempo com essas

histórrrias bobas.

— Até que enfim — resmungou Harrumphrey. — Pessoal, a reunião deve começar a qualquer momento.

No final da plataforma, não havia uma porta mas sim um grande poço de ventilação. Entraram e andaram até chegar num conjunto de grelhas, por onde passavam feixes de uma luz vinda do outro lado.

Elliot, Leslie, Harrumphrey e Jean-Remy ficaram caladinhos, com os olhos atentos para uma imensa sala de reuniões.







Capítulo 10

Sir William esquece alguma coisa, Carl toma um susto e o professor ganha uma última chance

Sir William Sniffledon era tão velho que nem sequer lembrava do seu nascimento: tinha esquecido não apenas o dia, mas *o ano*.

Qual é mesmo a minha idade?, ele se perguntava, enquanto caminhava mancando pelo corredor que levava à principal sala de reuniões da DENKi-3000. *Será que fiz 81? Ou 87? Talvez seja 90*. Ele adorava o som do número 99, mas achava que ainda não tinha chegado lá.

Mas não era apenas o esquecimento próprio da idade que o incomodava. Havia algo (mais importante) que ele tinha esquecido.

Mas o que era?

Todas as manhãs, Sir William Sniffledon acordava com a esperança de finalmente lembrar dessa questão que, apesar de tão importante, tinha caído no esquecimento. Todas as noites, porém, ia se deitar decepcionado por não ter nenhuma novidade.

Finalmente, aproximou-se das portas instaladas no final do corredor. Aquela podia ser a sua última reunião à frente da querida DENKi-3000, isso era bem possível. Os investidores teriam que decidir sobre a proposta da Quazicom.

Se votassem pela venda, a empresa deixaria de existir. Seria engolida pela Quazicom e a primeira coisa que os novos donos fariam seria se livrar das velharias — o que incluía o próprio Sir William. Eram tempos difíceis para a organização e não só por causa da possibilidade de fusão. Aqueles eram tempos de mudança. Quando Sir William tomou a decisão de inventar coisas, pensou em objetos reais, físicos ou mecânicos, que ninguém tinha imaginado até então.

O lápis elétrico era um bom exemplo. Aquela tinha sido uma invenção e tanto! Ele nunca ficava sem ponta, porque minúsculos servomotores apontavam o grafite o tempo todo. Demais! Hoje, porém, as pessoas não se interessavam pelo que ele julgava invenções *de verdade*. Tudo agora era *virtual* e não parecia existir mais nada de real.

Apesar desses pensamentos desanimadores, Sir William se esforçou para aprumar o corpo quando abriu a porta.

Os investidores esperavam por ele — um grupo formado por homens e mulheres com trajes elegantes e bem cortados. Quase todos usavam roupas azul-marinho ou cinza-escuras. *Eles devem achar que sou um velho ermitão maluco*, imaginou o criador, pensando nas suas calças de veludo cotelê e no desgastado casaco de lã.

Alguns deles o cumprimentaram de forma educada porém contida, mas a maioria nem sequer tirou os olhos da mesa em que os executivos dos diversos departamentos estavam acomodados. O lugar de Sir William ficava bem no meio, ao lado da sua vice-presidente, Monica Burkenkrantz.

Ah, Monica, pensou ele.

Quando o fundador da DENKi-3000 a contratou, dois anos antes, ela já tinha passado pela vice-presidência de uma fábrica de palitos, de outra que produzia botões e de uma organização esquisita, que desenvolvia vitaminas e suplementos alimentares. Sir William não tinha dado muita atenção ao terceiro item, mas botões e palitos de dente pareciam ser produtos sólidos e bastante úteis — como eram as coisas que a DENKi-3000 desenvolvia.

No começo, Monica tinha se saído muito bem, sempre entusiasmada e cheia de ideias para melhorar a empresa. Nos últimos tempos, porém, a animação desapareceu. Ela tinha ficado cínica, angustiada e raivosa.

Sir William começou a suspeitar que a origem do entusiasmo inicial tinha a ver com a idade avançada dele. Será que Monica Burkenkrantz estava só *esperando a morte* do chefe? Afinal, se isso acontecesse, ela se tornaria a nova presidente executiva.

Quem sabe, pensou ele com tristeza, *o objetivo dela seria concretizado em breve*.

— Olá, Sir William — falou ela, erguendo-se da cadeira. Monica sorriu e os seus dentes exibiram um brilho tão artificial quanto a cor alaranjada do seu *tailleur*, em claro contraste com os tons sóbrios exibidos pelos investidores. — Achei que o senhor gostaria de abrir a reunião dizendo algumas palavras.

Sir William parou e se apoiou na bengala.

— Isso mesmo, senhorita Burkenkrantz. Só preciso me acomodar no meu lugar.

Monica deu uma risada sem graça.

— Claro, claro!

Um dos investidores se aproximou para ajudá-lo, mas o presidente da empresa recusou a oferta. Não estava tão velho a ponto de não conseguir subir alguns degraus.

— Na nossa última reunião — falou Sir William, depois de se sentar —, os senhores afirmaram que seria melhor para a nossa empresa... — Precisou fazer uma pausa antes de prosseguir. — ... aceitar a proposta de compra feita pela Quazicom Holdings Incorporated. Pois o objetivo desta reunião é votar essa proposta. — Olhou para os presentes com um olhar inconformado. — Não preciso dizer que fui, e continuo sendo, *contrário* a essa decisão.

Um investidor sentado na primeira fileira se levantou — ele tinha sido indicado como o representante dos acionistas.

— Com todo o respeito, Sir William, acho que o senhor está olhando apenas os aspectos negativos dessa proposta.

— Muito bem. Então me mostre os aspectos positivos.

— A proposta é bastante razoável. O valor das ações da DENKi-3000 só vem caindo neste último ano. Durante todo esse tempo, não conseguimos lançar um único produto novo. Diante disso, a Quazicom está sendo praticamente generosa em querer comprar a empresa.

— Esta empresa não é feita apenas de dinheiro. — Sir William Sniffledon realmente acreditava nisso. Ele não sabia explicar (talvez tivesse esquecido disso também), mas era algo que ele sentia dentro da sua alma.

— Senhores — falou Monica —, não é preciso elevar os ânimos. A compra ainda é apenas uma proposta. Na verdade, a Quazicom mandou um representante...

— Um *espião*, você quer dizer — corrigiu Sir William.

Monica riu, nervosa.

— Sir William, o senhor e as suas brincadeiras! Não é nada disso — acrescentou ela, com dureza. — O senhor Brickweather não é um espião, ele só veio conhecer a empresa. Analisar melhor o que temos a oferecer antes de concluirmos a operação.

— Bom, isso parece ser coisa de espião, não é? — insistiu o presidente.

— Arrã... — Monica pigarreou para cortar a conversa. — Na verdade, o senhor Brickweather *está aqui conosco hoje*.

Sir William ergueu as sobrancelhas.

— Aqui? Nesta reunião? Onde?

— Isso mesmo. Bem aqui. — Monica abriu os braços, num gesto de boas-vindas. — Senhoras e senhores, apresento o senhor Chuck Brickweather.

Um homem bem magro se ergueu no meio da multidão.

Ele não vestia roupas de cor azul-marinho ou cinza-chumbo, mas um terno listrado branco e preto. O desenho era tão confuso que quase causava tontura só de olhar.

Tinha cabelos louros, um sorriso de acrílico e um rosto angular (para Sir William, aquele tom de pele rosado podia ser consequência de um constrangimento ou da exposição ao sol, não dava para ter certeza). Era um sujeito de boa figura, sem nada em excesso. Mas, ao mesmo tempo, parecia haver algo de estranho nele.

Eram os olhos, concluiu Sir William. Eles eram *próximos demais* um do outro.

— O senhor Brickweather trabalha na Divisão de Fusões da Quazicom e a empresa pediu que ele tivesse acesso irrestrito a *todas as áreas* da DENKi-3000. — Monica olhou para cada um dos chefes de departamento, mas o seu olhar parou no tio de Elliot, que estava sentado na ponta, perto da janela. — Eu

falei acesso *irrestrito*, ouviu bem, professor?

Von Doppler balançou a cabeça, discordando.

— Desculpe. Enquanto esta empresa ainda se chamar DENKi-3000, é o meu dever defender o estatuto.

— Pois bem, professor. Tenho certeza de que o senhor não vai se importar que o senhor Brickweather dê uma olhada descompromissada no seu Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

— *Impossível* — falou o presidente, pois disso ele se lembrava bem. — O estatuto da DENKi-3000 deixa bem claro que apenas o responsável pelo Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento tem acesso ao que acontece no setor. Certo, professor?

— Eu entendo que este é um caso específico — concordou o professor —, mas os nossos produtos são revolucionários demais para correremos o risco de vazamento de informações.

— Além disso — acrescentou Sir William —, essas regras valem desde a fundação da empresa e por isso nos tornamos a quinta maior empresa de tecnologia do mundo.

— Talvez, se não fôssemos tão cuidadosos com os nossos segredos — sugeriu o representante dos acionistas —, tivéssemos ido longe e hoje não correríamos o risco de fechar as portas.

Antes que ele pudesse continuar, a porta da sala se abriu.

Um grupo de pessoas entrou em bando, carregando cartazes e faixas com mensagens simplistas porém bastante diretas:



Além de outras palavras de ordem.

Quem liderava o movimento era Carl, o chefe da segurança que Elliot e Leslie tinham conhecido um dia antes.

Sir William não sabia muito bem como lidar com aquela surpresa.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Vocês não foram convidados! — berrou Monica Burkenkrantz para os recém-chegados. — Esta é uma reunião dos acionistas!

— E quanto à *nossa participação*? — Carl berrou de volta. — Somos nós que fazemos este lugar

funcionar, e não eles! — afirmou, apontando para os presentes.

Carl se voltou para Chuck Brickweather.

— Caia fora, senhor! — falou. — Nós sabemos muito bem o que acontece quando a Quazicom compra uma empresa: o senhor aparece, desmonta tudo e acaba com ela!

Chuck Brickweather até que tentou se defender, mas Monica tomou a palavra antes:

— Desculpe por essa interrupção, senhor Brickweather. — Ela pegou o telefone que estava sobre a mesa. — Vou chamar a segurança.

— Nós somos a segurança — lembrou Carl.

Os manifestantes deram um grito de alegria.

Monica afastou o telefone.

— Muito bem — disse. — Eu não estava falando da segurança da DENKi-3000.

— Como assim? — Carl estava claramente confuso.

— Vocês ainda não foram informados? Pois o senhor Brickweather não foi a única coisa que a Quazicom mandou para nós. Foram tão gentis que mandaram a segurança *deles*.

— Eles fizeram isso? — perguntou Sir William (ele não iria esquecer uma coisa dessas).

Pegando o telefone novamente, Monica deu a ordem:

— Mandem a segurança para cá.

Atrás do pequeno palco, abriu-se uma imensa porta automática e dela saiu um batalhão de... *robôs*!

Eram todos iguaizinhos, redondos e pretos, com o tamanho aproximado de uma bola de praia. Ficavam apoiados sobre três “pernas” com uma roda na ponta, e por isso conseguiam se deslocar com rapidez e agilidade. Tinham um apêndice esquisito, uma espécie de antena metálica que saía do alto das suas... *cabeças*?

Eles se espalharam pelos corredores, emitindo sons e dando voltas a fim de cercar os manifestantes.

— O que são essas tralhas? — perguntou Carl.

— Eles são o tipo de funcionário que não interrompe uma reunião de investidores — respondeu Monica secamente.

Carl engasgou.

— Não estamos com medo desses soldadinhos, né?

Os outros manifestantes deram gritos de apoio.

O robô que estava mais perto de Carl emitiu uma intensa luz vermelha e uma voz suave e calma saiu dos alto-falantes embutidos:

— Senhor, lamento informar que vocês estão perturbando a tranquilidade dos nossos queridos investidores.

— Sem essa, trambolho. Você não trabalha aqui, *nós* é que trabalhamos. — Carl deu um pontapé no robô. — Por isso, na condição de chefe da segurança *em carne e osso*, digo que está na hora de pegar a sua turma e...

zóim!

De trás, um raio de eletricidade azul partiu da antena de outro robô e atingiu direto o traseiro de Carl.

— *Ei!* Você não pode fazer isso!

zóóóiiimm!

— ai!!!

— buóó!

— miiiii!

De repente, havia raios de eletricidade por toda parte, atingindo o traseiro dos manifestantes.

— Lamentamos muito as inconvenientes consequências desses pequenos choques — falou a voz robótica (porém incrivelmente educada) —, mas vocês não nos deram escolha.

zóim!

— aaiii! — berrou Carl. — Consequência inconveniente? Vocês estão brincando!

— Não — respondeu a máquina. — Só não fomos programados para ter bom humor.

zóim!

— aaiii!

— Façam a gentileza de nos acompanhar...

zóim!

— aiaiaiaiai!

— ... pois teremos o prazer de levá-los de volta aos seus lugares de trabalho.

zóim!

zóóim!

zzzóóóiiimm!

— ai!



Os robôs não precisaram insistir muito mais para expulsar Carl e os outros manifestantes da sala. Depois de alguns instantes de silêncio, Sir William falou:

— Senhor Brickweather — começou. — É assim que a Quazicom lida com as reivindicações dos colaboradores? Com *tratamento de choque*?

O representante ergueu as mãos, como se quisesse se defender. Deu um sorriso brilhante e algo incompleto.

— Como a senhorita Burkenkrantz explicou, não trabalho diretamente para a Quazicom. Não faço parte da empresa, apenas fui enviado aqui para reunir informações.

Talvez para comprovar o que dizia, o homem exibiu um *notepad*, que usaria para registrar sua visita.

— No entanto — falou Sir William —, o senhor *representa a empresa* responsável por esses choques. — E apontou para os robôs que ainda estavam na sala, quietinhos.

— Por que não deixamos de lado essa discussão sobre a segurança — propôs Chuck — e nos concentramos no que tem importância? É essencial que a gente tenha acesso total a todas as áreas da DENKi-3000.

— Lamento, mas não é possível — respondeu o presidente. — Enquanto a empresa estiver nas minhas mãos, vamos respeitar os estatutos.

— Então preciso ser honesto — continuou Chuck, com uma voz surpreendentemente simpática — e lembrá-lo de que o senhor pode estar comprometendo a fusão.

— Que tal um acordo? — propôs uma voz vinda do fundo da sala. Era uma mulher idosa, vestida com um conjunto cinza-claro que combinava com o seu cabelo.

Não é tão velha quanto eu, pensou Sir William. *Pelo menos, acho que não.*

— Pois bem. Que tipo de acordo?

— Acho importante esclarecer que nem todos os investidores são favoráveis à venda. Eu represento a minoria que, assim como Sir William, é contra. — Colocou a mão no bolso e tirou um lápis elétrico com lentes telescópicas retráteis da marca DENKi-3000 de primeira geração. — Tenho isso desde que era garotinha.

Sir William ergueu a cabeça, com orgulho.

— É um excelente produto. Mas qual o acordo que a senhora sugere?

— Acho que quem deve responder isso é o professor Vón Doppler. — Ela voltou a sua atenção para ele. — O senhor está desenvolvendo alguma novidade, professor? Sabemos que, se pudéssemos anunciar um produto novo, mesmo que um protótipo, esta reunião não precisaria acontecer.

O tio de Elliot abriu a boca para começar a responder, mas Monica Burkenkrantz o interrompeu.

— Acho que todos concordam que o professor já teve bastante tempo para desenvolver coisas novas.

— Sem pressa, Monica — falou Sir William. — O senhor pode responder a essa pergunta, professor? Temos algo de fabuloso prestes a ficar pronto?

O professor Vón Doppler respirou fundo.

— Estamos nos dedicando muito no nosso departamento, tentando desenvolver algo realmente revolucionário, mas temo que...

— Que não exista nada concreto — sentenciou Monica. — Isso a gente já sabe.

— Não é verdade — defendeu-se o professor. — Temos algo, sim.

Uma onda de espanto tomou conta dos presentes.

— *Vocês têm?* — Monica Burkenkrantz estava perplexa. — E por que vocês não nos informaram antes?

— Não contei a ninguém — falou Von Doppler. — É uma coisa na qual eu mesmo estou trabalhando, um projeto pessoal.

Sir William sorriu. *Grande professor Von Doppler*, pensou, *sei que no final das contas posso contar com você*.

— Muito bem, professor — o velho disse —, o senhor pode falar um pouco mais sobre esse projeto?

Mas não foi isso o que aconteceu. Von Doppler ignorou todos os que estavam na mesa e até na plateia. Toda a sua atenção estava voltada para a senhora sentada lá no fundo.

— Quando eu era garoto — falou —, era como a senhora e adorava engenhocas. Mas havia uma invenção que me fazia sonhar mais que as outras. Na verdade, foi por isso que me tornei inventor e vim trabalhar na DENKi-3000. Aqui era o único lugar onde eu teria a chance de realizar a minha invenção!

— Mas *qual* invenção? — quis saber Monica, batendo na mesa. — Acho que você já pode parar de fazer mistério!

— Vocês não vão acreditar — disse o professor — ou talvez achem que é bobagem. — Abaixou a cabeça e concluiu: — Além disso, não está pronto.

A plateia soltou um som de decepção (até o representante dos investidores).

— Vocês estão vendo? Mais segredos. Se dependesse de mim, e é claro que não é esse o caso... — Monica olhou para o chefe. — Acho que devemos abrir as portas para que o senhor Brickweather possa fazer o seu trabalho e acertar os detalhes da venda.

— Vamos com calma, senhorita Burkenkrantz — aconselhou Sir William. — Você estava certa quando disse que a decisão não é sua.

— O senhor tem razão — respondeu ela. — A decisão é *deles*. — Monica apontou para os investidores.

Sir William sabia que ela estava certa.

— Sim, é verdade...

— *Ótimo* — interrompeu Monica, erguendo-se da cadeira. — Como parece que o professor não tem nada para mostrar, e como ele é claramente a pessoa *mais resistente* à chegada da Quazicom, e como estamos aqui para votar a decisão, acho que devemos decidir quanto a isso também.

— Decidir o quê? — perguntou o professor.

— Ergam as mãos para votar, o.k.? — continuou ela. — Quem aqui acha que o professor Archimedes von Doppler *deve ser demitido*?

— Não!!!

Sir William e todos os demais se moveram nos seus assentos. A voz tinha vindo da grande abertura de ventilação da parede.

— *Vocês não podem fazer isso!*

Ouviu-se um estalo forte e a grade de ventilação caiu sobre o tapete, seguida de duas crianças. O menino usava um colete de pescador de cor verde (*uma opção bastante inusitada*, pensou Sir William), enquanto a menina estava vestida todinha de preto.

O professor Von Doppler deu um salto.

— Elliot? Leslie? O que vocês...

— São *espiões*! — berrou Monica Burkenkrantz. Ela fez uma pausa, um pouco confusa, e se apoiou sobre a mesa para olhar mais de perto. — Bem pequeninos, mas com certeza são espiões.

As duas crianças ficaram na ponta dos pés e se viram cercadas de uma tropa de educadíssimos robôs-seguranças da Quazicom.

— Pedimos mil desculpas por atrapalhar o caminho de vocês — disse um deles —, mas, de acordo com os nossos dados, não há crianças dentro das paredes desta fábrica. Pode ser que haja alguns ratos, mas crianças? — E liberaram um raio de eletricidade azul. — Sabemos que se trata de um caso especial, mas não temos outra opção a não ser...

— Não! Pare! Eles estão comigo!

Todos olharam para o professor.

O representante dos acionistas, instalado na primeira fileira, franziu a testa.

— Com o senhor, professor? Quer que acreditemos que os profissionais do Departamento de Pesquisa são *crianças*?

— Vocês não entenderam — disse o professor. — O garoto é meu sobrinho, Elliot. Ele e a Leslie, sua amiga, vieram me visitar.

— Visitar *onde*? — perguntou Monica Burkenkrantz. — No tubo de ventilação?

— Tenho que admitir que não tenho *nenhuma ideia* do que eles estavam fazendo dentro da parede. — O professor olhou para o menino com o colete verde. — *Nem imagino* como conseguiram chegar aqui.

Sir William percebeu algo estranho na voz de Von Doppler e imaginou se não teria algo a ver com aquela coisa importante que ele havia esquecido. Será que era alguma coisa relacionada a crianças vivendo nas paredes?

— Nesse caso — falou Monica, inspecionando a abertura de onde os dois tinham caído —, será que são só esses mesmo? Por que não damos uma olhada melhor?

O professor ficou branco:

— Não é preciso...

Antes de terminar a frase, um dos robôs se afastou do resto e se embrenhou pela abertura na parede. Prendeu a garra instalada na ponta da antena no espaço aberto e emitiu uma série de *bliips* e *blops*.

— Sinto muito — falou o robzinho —, mas os meus sensores não encontraram sinal de nenhuma outra criança.

Sir William se dirigiu ao sobrinho do professor e à menina:

— Por favor, venham até aqui.

Os dois obedeceram, claramente nervosos.

— Estão gostando da visita? — perguntou.

Os dois assentiram.

— Vocês podem dizer o que estavam fazendo dentro da parede da sala de reuniões?

— Você não pode demitir o meu tio — disparou o menino.

— Se ele está trabalhando em algum projeto — disse Leslie —, confie em mim, vai ser algo *extraordinário*!

— Pena que agora é tarde demais — decretou Monica Burkenkrantz. — E esta é uma reunião de investidores, não é lugar de criança. Por isso, vamos retomar a votação e...

— NÃO! — O garoto se virou para os presentes. — Vocês precisam acreditar em mim e dar mais um tempo para o meu tio Archie. Se ele está dizendo que tem algo sobre um projeto secreto, aposto que vai ficar pronto *até... o final desta semana*. Prometo!

— É um prazo bastante curto — disse Sir William. — Como vocês sabem que o professor vai conseguir?

— Nós temos certeza — garantiu a menina. — Se tem alguém que pode fazer isso, é o professor e a sua equipe.

Havia algo de estranhamente convincente na argumentação daquelas duas crianças para uma sala repleta de homens de negócios. Sir William ficou aliviado ao ver que a expressão de vários investidores parecia mais serena.

— Vocês falaram até o final da semana? — O presidente olhou para o professor. — Isso quer dizer que só faltam alguns dias. Se você não tem nada agora, o que pode mudar até sexta-feira?

— Bem... — O professor analisou a pergunta por um tempo. — *Tudo* — falou, finalmente. — Até sexta-feira, tudo pode mudar. — Parecia que ele conseguia extrair um pouco da confiança e da energia vinda das crianças. — De algum jeito, vamos achar uma solução.

— Muito bem — falou Sir William. — Era isso o que eu esperava ouvir de você.

— Era isso? — surpreendeu-se Elliot.

Sir William confirmou, e as rugas se transformaram num sorriso amplo.

— Professor, o seu prazo acaba na sexta-feira.

— *O quê?!* — O rosto de Monica ardia de frustração.

— Eu ainda tenho um pouco de influência nesta empresa, senhorita Burkenkrantz, e vou fazer uso dela. — Sir William se apoiou na sua bengala e se levantou. — Vamos deixar o professor Von Doppler trabalhar até sexta-feira ou então...

O professor fez uma expressão triste e disse:

— Ou então vendemos a empresa para a Quazicom.

Sir William sentiu-se grato pela interrupção de Von Doppler, porque seria doloroso demais

pronunciar aquela frase.

— Voltaremos a nos reunir na próxima sexta-feira, de preferência no final do dia — anunciou, com um claro tom de tristeza na voz. — Professor, o senhor tem até esta data para nos impressionar, e enquanto isso... — Olhou para o representante da Quazicom. — Senhor Brickweather, o senhor tem total liberdade para percorrer onde quiser, *com exceção* do departamento do professor. Até sexta-feira, ele vai trabalhar em paz. Fui claro?

— Acho que sim — respondeu Chuck.

Finalmente, Sir William se virou para as crianças:

— E, quanto a vocês dois, seria melhor...

— Os robôs-seguranças vão acompanhá-los até a saída — avisou Monica Burkenkrantz. — E, honestamente, acho que deveriam ser proibidos de voltar aqui.

— *Não!* — gritaram os dois.

Monica apertou os lábios.

— Não podemos deixar pirralhos andando nos tubos de ventilação, isso é pouco higiênico! Sem falar que *contraria* as nossas regras!

As vozes da dupla e do professor se ergueram, mas, no fim, Monica venceu. (E, de certa forma, ela tinha razão. Provavelmente, ter crianças no sistema de ventilação deveria mesmo contrariar algumas normas de saúde e de segurança.) Os robôs acompanharam Elliot e Leslie.

— E lembrem-se — falou a vice-presidente. — Se um desses moleques der trabalho, podem liberar os raios!

Depois da saída deles, Chuck Brickweather pediu a palavra.

— Sir William, posso fazer uma pergunta?

— Pode, senhor Brickweather.

— *Todas* as reuniões com investidores são como esta?

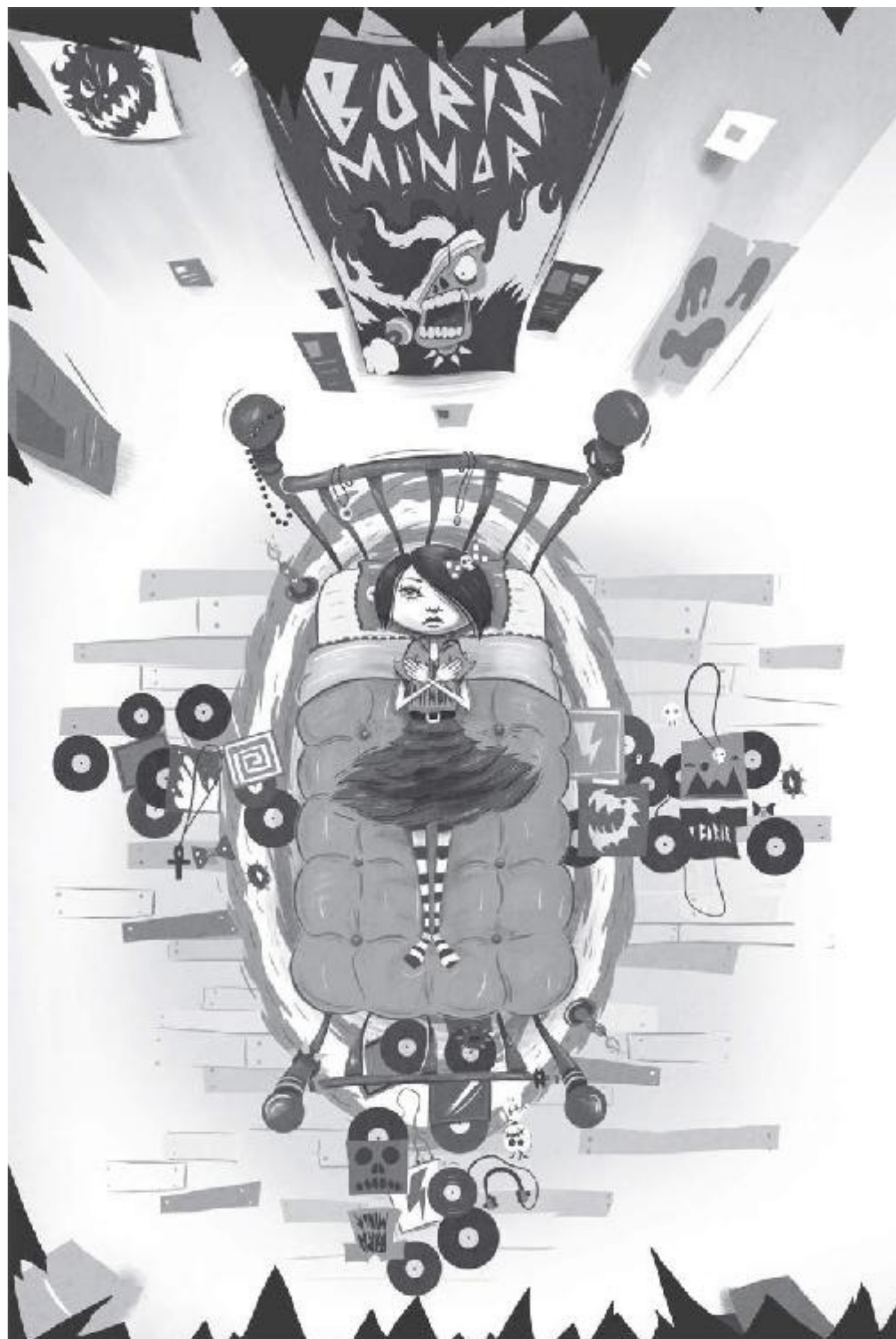
Sir William negou com a cabeça.

— Até agora, só a de hoje foi assim.

— Ah, bom.

— Mas isso não quer dizer muita coisa, porque raramente fazemos esses eventos. Na verdade, esta foi a primeira desde que... que... Desculpe. — Sir William se calou. — Não lembro desde quando.

Chuck Brickweather apertou os olhos, registrando essas informações no seu *notepad*.





Capítulo 11

Canções de ninar não resolvem a insônia de Leslie — nem chá com biscoitos

O quarto de Leslie Fang ficava em cima da cozinha do Dim Sum Emporium do Famoso Freddy. O lugar era pequeno, pouco iluminado e cheirava a óleo. Mas, com exceção do aroma, era o típico quarto de uma menina de doze anos. Um edredom branco com bordas cobria a cama, e o espelho em cima da cômoda estava enfeitado com um monte de elásticos de cabelo, colares coloridos e recortes de revistas. Na última prateleira da estante ficavam os bichinhos de pelúcia, dos quais Leslie não queria se desfazer.

Alguns aspectos da decoração, porém, pareciam mais condizentes com um adolescente entediado — como a cor das cortinas, por exemplo (eram pretas), ou da poltrona de pelúcia acomodada no canto (vermelho-escura com hipnóticos espirais de prata). Além disso, vários dos colares pendurados no espelho exibiam pequenos esqueletos de prata em vez de joias ou outros enfeites.

Porém, o mais estranho de tudo eram os cartazes de Boris Minor e os Karloff, uma banda de pop gótico que tinha feito sucesso duas décadas antes do nascimento da menina.

É isso o que acontece quando uma mãe arrasta a filha de cidade em cidade em busca de um “trabalho perfeito” que nunca aparece: surge o interesse por coisas que não são exatamente condizentes com a idade.

Três cidades atrás, Leslie e a sua mãe moravam em cima de uma loja de discos usados. A única pessoa que a garota via com frequência, além da própria mãe, era a gerente do estabelecimento, uma mulher simpática e gorda que usava um vestido de tafetá com saia rodada e um chapéu de feltro.

— Escute isso — sugeriu a gerente, entregando o primeiro disco de Boris Minor e os Karloff. — Aposto que você vai gostar.

Ela gostou *mesmo* — e foi mais ou menos nessa época que todo o guarda-roupa da menina ganhou a cor preta.

A mãe de Leslie ficou tão horrorizada com as imagens de filme de terror daqueles discos que achou que a má influência da música justificava uma nova mudança de endereço.

Infelizmente (pelo menos para a mãe de Leslie), quando elas carregaram o carro e partiram para uma nova cidade, Leslie já estava viciada nas cativantes melodias de três acordes daquela banda — sem falar na voz profunda e quase infinita do vocalista, Boris Minor, cujo rosto magro olhava com raiva no cartaz que a menina colou sobre a cama.

Leslie olhou para ele. Não conseguia dormir. Desde que tinha visitado a DENKi-3000, a sua mente não parava de repetir a mesma frase o tempo todo:

Aquelas criaturas são reais! Aquelas criaturas são reais! Aquelas criaturas...

Na capa do disco de Boris Minor e os Karlooffs, os integrantes da banda em geral apareciam com umas roupas esquisitas, imitando zumbis ou talvez lobisomens (tudo fazia parte da imagem teatral que eles queriam construir). Considerando o jeito como eles se apresentavam naquelas imagens, dava para dizer que nenhum deles, nem o tal Boris Minor, se levava muito a sério. Mas *ela* estava falando sério.

Aquelas criaturas eram reais!

Não se parecem com as roupas estranhas e a maquiagem tenebrosa de um filme B antigo. As criaturas *reais* eram demais!

Bastava pensar nelas para sentir uma leveza na cabeça — e na alma. Sempre que Leslie se lembrava dessas palavras — *as criaturas são reais* —, o seu corpo parecia ficar mais leve que o ar. Tinha a sensação de estar subindo, sem peso nenhum, flutuando sobre as cobertas da cama! E não era apenas essa suavidade alto-astral que a impedia de cair no sono, mas sobretudo o mistério que havia na coisa toda. Ela tinha tantas perguntas...

De onde surgiam aquelas criaturas? O que havia naquelas imagens, ou naquelas *lembranças*, que apavoravam todo mundo? E tinha também o tio de Elliot. Qual era o invento secreto que ele estava desenvolvendo e com o qual tinha sonhado a vida toda?

Pois Elliot e ela teriam de voltar à fábrica. Não importava o que aquela Monica tinha dito, eles precisavam de respostas para todas essas perguntas. Afinal, depois de achar o lugar mais surpreendente do mundo, quem não quer voltar?

Leslie ouviu uma batida suave na porta.

— Você não deveria estar dormindo?

— Estou sem sono.

— Bom, *eu* estou com sono. — A sua mãe entrou no quarto e se acomodou na beira da cama. — E também estou *entediada*. Passei o dia inteiro aqui e não apareceu ninguém. Para mim, é um desperdício de tempo, se você quer saber.

Leslie reconheceu o tom da conversa da mãe: as queixas sobre as dificuldades ou chatices de um emprego sempre anunciavam nova decisão de mudança.

A menina fechou os olhos.

— Eu gosto daqui — falou.

A mãe parecia assustada.

— Achei que você tinha dito que Bickleburgh é o lugar mais tedioso no qual já moramos.

Leslie abriu os olhos a tempo de ver a mãe se inclinar para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— É ótimo conviver com o seu avô e ter um trabalho que oferece lugar para morar, mas não tenho certeza de que vale a pena.

— Se ficar esperando clientes é chato, por que você não aprende a cozinhar com o vovô Freddy?

A mãe sacudiu os ombros.

— É, quem sabe.

— Por favor, mãe, vamos tentar ficar mais de seis meses no mesmo lugar pela primeira vez na vida?

— Mas *aqui*?

— Por que não?

— Você gosta mesmo daqui? De Bickleburgh?

— Gosto.

— É por causa daquele garoto?

— O *Elliot*?

— Só me faltava essa: a primeira paixão da minha filha...

— Mãe, confie em mim. Não é por causa dele *mesmo*.

Até que era, mas não do jeito que a mãe dela achava.

— Não sei, Leslie. Estou sentindo vontade de cair na estrada outra vez.

Vontade de cair na estrada. Essa era sempre a explicação para ir embora de um lugar de repente.

— Você está sempre pensando na próxima novidade, mas, quando a gente chega ao lugar, nunca é como esperava. Você já pensou que talvez a única razão para não gostar de um lugar seja não ficar nele tempo suficiente para descobrir o que ele tem de bom?

A mãe de Leslie pensou um pouco.

— Você é mais esperta do que parece, sabia?

— Sei disso — confirmou a menina, alegre.

— É isso o que você quer? Ficar no mesmo lugar, mesmo que seja Bickleburgh?

Leslie concordou novamente.

— É, sim, é isso o que eu sempre quis. E é *aqui mesmo*. Vai por mim, Bickleburgh é um lugar *mais legal* do que parece. Talvez você também perceba isso, se a gente ficar aqui para ver.

A mãe de Leslie ficou em silêncio por um longo tempo e, em momentos como esse, tudo o que a menina desejava era ler os pensamentos da mãe — ou melhor, *influenciá-los*. É claro que isso era impossível. Tudo o que ela podia fazer era esperar.

— Tudo bem — falou a mãe, finalmente. — Então vamos dar mais um tempo, para ver o que acontece. — Inclinou-se para beijar a filha. — Agora durma, está bem?

É claro que a menina não conseguia adormecer e, depois que a mãe foi embora, continuou acordada.

Começou a ouvir um disco de Boris Minor, bem baixinho. O ritmo suave do único grande sucesso da banda, “Monster Gnash”, funcionava como uma canção de ninar.

Era engraçado que a sua mãe achasse que Elliot era o motivo para Leslie querer ficar em Bickleburgh. A menina quase riu, pensando no colete ridículo. Parecia algo que o seu avô usaria.

Infelizmente, ela se sentiu ainda mais animada que antes. Desligou a música e levantou da cama. *Chá com biscoitos*, pensou. Se funcionou para acalmar um *bombastadon*, tinha que funcionar com ela. Caminhou até a porta na ponta dos pés e espiou para o corredor. O quarto da sua mãe estava fechado, mas havia um pouco de luz escapando pelas frestas, o que significava que ela estava acordada. Leslie teria que ser bastante silenciosa.

No térreo, a cozinha estava impecável. As áreas de trabalho tinham sido lavadas e polidas, e todos os potes e panelas estavam guardados nos seus devidos lugares. A única coisa que parecia fora do lugar ali era... o vovô Freddy.

Ele estava jogado sobre uma cadeira que ficava no canto, com os olhos fechados e a boca frouxa. Roncava como uma serra elétrica. Um dos braços pendia rumo ao chão, com os dedos segurando uma garrafa do vinho caseiro que ele usava para cozinhar.

Leslie andou na ponta dos pés até a garrafa, que ainda estava aberta, com a rolha sobre o balcão. O líquido claro e transparente tinha uma coloração rosada, resultado de uma ameixa que flutuava no fundo. O avô colocava essas frutas em todas as garrafas porque elas liberavam um sabor doce que tornava o álcool mais fácil de ser ingerido — pelo menos, era isso o que ele dizia.

Leslie se abaixou para sentir o aroma, mas se afastou rapidamente. O cheiro era *horrível*, uma mistura estranha de mel, vinagre, frutas passadas e molho inglês.

Tremendo um pouco, a menina tirou a garrafa das mãos do avô com delicadeza e a fechou com a rolha. Levou a bebida até um pequeno armário fora da cozinha, onde Freddy guardava os ingredientes. Uma das prateleiras acomodava cerca de vinte ou trinta garrafas do vinho rosado. Leslie colocou aquela, que estava pela metade, no meio das outras.

Muitas vezes, a mãe de Leslie pedia para que o vovô Freddy parasse de beber tanto vinho. Ele respondia com um sorriso travesso, dizendo que a bebida era o seu verdadeiro ingrediente secreto. *Talvez fosse mesmo*, pensou Leslie, mas desde que ela e a mãe se mudaram para cima do restaurante, ela nunca tinha visto o avô usar o ingrediente secreto *para cozinhar*.

A menina jogou um saco de chá de ervas num copo e colocou a chaleira para ferver. Não tinha certeza se ainda havia algum biscoito, mas decidiu vasculhar os armários para descobrir.

Não encontrou nenhum. Então se debruçou sobre o balcão, esperando a água ferver, quando algo chamou a sua atenção. Estava além da janela, numa construção do outro lado do beco, quem sabe apenas um flash de néon no meio da copa das árvores.

Não, algo estava se *movendo* através dos ramos. Era uma forma grande. A luz de néon brilhou e algo úmido reluziu.

Era um olho.

Estava olhando diretamente para ela — e era *enorme*.

Leslie se abaixou. O que havia lá fora? O que poderia ter um olho *daquele tamanho*?

Ela atravessou a cozinha e se aproximou do interruptor. Em seguida, apagou as luzes. Se a cozinha ficasse escura, aquilo que estava lá fora não conseguiria enxergar lá dentro.

— *Vovô!* — sussurrou ela. — Vovô, acorde!

Ele nem se mexeu e continuou roncando. Leslie rastejou de volta para perto da janela. As árvores pareciam vazias. O olho tinha ido embora. Leslie examinou a escuridão. Um arco-íris de luz de néon cobria o edifício e as árvores.

Ela viu alguma coisa.

Era um verde que não era o mesmo verde das folhas. Parecia um tom macio e manchado, como uma pele — mas não a pele de um ser humano. Leslie tentou identificar a forma daquilo, mas era impossível distinguir onde terminavam as árvores e começava o corpo daquela coisa. Tudo o que ela viu foi...

O olho!

Ele piscou para ela de novo e deu para ver que havia mais coisas. Uma orelha. Um nariz. Uma imensa mão, que envolvia todo um galho grosso. Finalmente, ela viu uma boca — um enorme sorriso cheio de dentes e presas tortas e amareladas.

Ela pronunciou as únicas palavras que conseguiu pensar:

— *Que grande.*



O seu cérebro dizia que só podia ser uma criatura, alguma coisa relacionada com a DENKi-3000. Mas, ainda que ela só conseguisse enxergar uma parte, sabia que não se parecia com nada do que tinha

visto no Departamento das Criaturas. Nada do que ela e Elliot haviam conhecido era *assustador* desse jeito.

— Vovô, por favor! — Leslie se afastou da janela e puxou o braço dele. — Por favor, *acorde!*

Ela sacudiu com mais força e ele soltou um sonoro arrote. Os seus olhos se abriram.

— Hãã? O que está acontecendo?

— *Psiu!* — Leslie colocou um dedo sobre os lábios. — Tem alguma coisa lá fora. — Apontou para a janela.

— Que coisa?

— Acho que é uma criatura.

O avô sacudiu a cabeça para despertar. Ergueu-se da cadeira e foi mancando até perto da janela.

— Espere — falou a menina. — Tome cuidado. Seja o que for, é muito grande.

O avô abriu a janela e esticou a cabeça careca para fora.

— O que foi que você viu?

— Ali nas árvores. — Leslie se aproximou da janela. — Do outro lado dessa construção.

Os dois olharam para os galhos.

— Onde?

— Estava bem ali. Eu só vi isso. — Mas agora não havia nada para ver. — Vamos esperar, ele vai voltar!

Os dois ficaram na escuridão da cozinha, olhando, mas não viram nada. Nem olho, nem nariz ou orelha, nem a mão e muito menos a boca, com aquele sorriso sinistro.

O que ela *viu*, no entanto, foi a pele. Um pequeno pedaço daquele cinza-esverdeado desaparecendo na escuridão.

— *Ali!* — Leslie apontou para as árvores, mas o que ela tinha visto sumiu totalmente. — Você viu, né?

O avô não respondeu.

— *Não viu*, vovô?

Ele continuou calado.

— Vovô, você viu, né?

Por um segundo, Leslie achou que ele tinha caído no sono de novo. Mas, quando ela se virou e olhou para ele, viu que estava acordado e com os olhos arregalados.

— Você viu, sim — disse ela.

— Viu o quê? — O seu avô fechou a janela e se levantou como se nada tivesse acontecido. — Desculpe, mas a minha visão não é mais a mesma...

Leslie suspirou.

— Tinha alguma coisa lá, vovô. Eu vi.

— Já passou da hora de dormir. Pode ser que você sonhou.

Leslie sacudiu a cabeça.

— Eu não estava conseguindo dormir, olhe! — Apontou para o fogão, onde a chaleira tremia por causa da água que começava a ferver. Infelizmente, Leslie sabia que o chá não ia ajudá-la a dormir. Depois de ver o que ela tinha acabado de ver, não existia nenhum chá ou biscoito no mundo capaz de fazê-la pegar no sono.





Capítulo 12

Chuck recebe um telefonema do Chefe

Chuck Brickweather gostou do escritório que o pessoal da DENKi-3000 arrumou para ele. Tinha o dobro do tamanho da área que ele ocupava na Quazicom e ficava no último andar da torre norte.

Mas, apesar da poltrona confortável, do espaço e da vista agradável, Chuck Brickweather estava nervoso.

Faltavam apenas dois minutos para começar uma conversa por telefone com o presidente da Quazicom, um homem conhecido apenas como “Chefe”. Ao contrário de Sir William Sniffledon, o bondoso líder que comandava a DENKi-3000, a verdadeira identidade do Chefe era um segredo.

Até mesmo no dia da entrevista de Chuck para ocupar o cargo, tudo o que ele encontrou foi uma voz grave que saiu de um interfone cinza-fosco, acomodado no meio da mesa. Uma pequena câmera digital, instalada sobre um tripé que parecia um inseto, transmitia as respostas de Chuck para algum receptor à distância, no escritório secreto do chefe igualmente secreto.

Tanto mistério deixava Chuck nervoso — além de *estressado*.

Lembrou-se do quanto tinha se preparado para conseguir aquele emprego: pela internet, encomendou livros sobre desenvolvimento pessoal que conseguiu encontrar, como *Técnicas de entrevista para idiotas*, *Entrevista para tontos* e *Como se sair bem numa entrevista se você nem sequer sabe soletrar o seu nome*. Todos diziam a mesma coisa: no grande dia, mostre o que você tem de melhor! Pessoas pequenas, elegantes e magras têm mais chances de contratação! Uma série de ilustrações úteis (e deprimentes) mostrava a aparência ideal de um entrevistado.

Era óbvio que Chuck *não parecia nadinha* com o entrevistado ideal. Por isso, ele recorreu ao Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth. Só que, quanto mais ele bebia, mais ele odiava falar com o Chefe. E tudo por causa de um alerta escrito no rótulo:

CUIDADO: Nossos produtos não combinam com estresse. Excesso de aflição pode fazer o Knoo-Yoo-Juice funcionar ao contrário!

E parecia que era isso mesmo. Sentado no seu escritório na DENKi-3000, cada vez mais ansioso à espera do toque do telefone, Chuck sentia o seu corpo estressado inchar embaixo da pele.

trrrrim!

— Alô! É o Chuck Brickweather.

— Imagino que você saiba quem está falando — disse o Chefe, com a sua voz grave e vaga.

— Claro que sei, Chefe.

— Muito bem. Estou ligando para verificar como você está lidando com o caso da DENKi-3000.

— Bom, o que acontece é que... — Chuck hesitou. O gosto peculiar dos goles mais recentes do Knoo-Yoo-Juice ainda estava presente na sua garganta. — Eu não tenho muito...

— Escute, Chuck, para podermos dar andamento à fusão, é preciso saber mais sobre as “joias da coroa” da DENKi-3000, se é que você me entende.



— O senhor está se referindo ao Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento?

— Isso mesmo, Chuck. Eu sabia que você era o cara certo para o trabalho. Agora, quero que você descubra de onde vêm todas aquelas ideias incríveis, como esse último lançamento deles. Como é mesmo o nome?

— Balas de menta *wireless* — disse Chuck. Realmente era um produto incrível e ele gostaria muito de conhecer os criadores que desenvolveram os protótipos. — O nome é TransMints.

— Isso, TransMints. Se você quer saber, o nosso pessoal da Quazicom conseguiria arranjar um nome bem melhor. — O Chefe fez uma pausa. — E sobre esse tal de Von Doppler? Ele deve saber alguma coisa.

— Acho que ele está me evitando. Participou de uma reunião no dia em que cheguei, mas depois sumiu.

— Será que ele ficou doente ou saiu de férias? Ninguém desaparece assim.

— Fiz umas perguntas por aí, mas ninguém...

— Bom — falou o Chefe, pensativo. — Se ele sumiu *mesmo*, pode ser bom para nós...

— Como assim?

— Estou dizendo que, se o chefe do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento saiu de cena, é a hora certa para ir lá e dar uma vasculhada. Vá ver o que descobre — o Chefe abaixou a voz —, e não esqueça de tirar fotos.

— Quando o senhor fala em “dar uma vasculhada”, quer dizer para eu *ir até lá*?

Nova pausa. Tudo o que Chuck ouvia era o crepitar da estática.

— Chuck — disse o Chefe, finalmente. — Você sabe por que eu te contratei?

— Hum, porque gostou do meu currículo?

— Currículo? As minhas decisões são baseadas em algo muito mais profundo que *currículos*. Tem alguma ideia sobre qual foi esse fator no seu caso?

— Não tenho a mínima ideia, senhor.

— Pois bem, tomei a decisão por causa do seu nome — revelou o Chefe. — Chuck. Uma sílaba, direta e firme. *Chuck*, eu pensei, deve ser nome de um homem *de ação*. Entende aonde quero chegar, Chuck?

— Não tenho muita certeza se...

paff!

Chuck ouviu um barulho alto do outro lado da linha, como se o Chefe tivesse dado um soco na mesa.

— *Ação*, Chuck, é isso o que eu quero. E quero o relatório!

— Sei disso, senhor. Também estou muito curioso, mas eu não posso simplesmente ir lá e, quer dizer, *invadir* o lugar...

— Entrar, invadir, é problema seu. Exijo o trabalho pronto.

— Não lembro se esse tipo de tarefa estava previsto no meu cargo...

— Ah, Chuck, não se preocupe. Leve alguns dos robôs-seguranças que mandei para aí. Eles se encarregam de quem aparecer no caminho.

— É assim que a Quazicom costuma fazer negócio? Estou achando tudo isso pouco convencional...

O Chefe deu um suspiro profundo, que pareceu um furacão soprando pelo telefone.

— Ouça, Chuck. Será que eu mesmo vou ter que ir até aí? Porque, se eu tiver que ir, vou levar um exército inteiro comigo. E vou entrar onde tiver que entrar, entendeu? É isso o que você quer?

— Mas, Chefe, e se não for permitido?

— Permitido ou não permitido, para mim não faz diferença. Deu para entender, né?

Chuck se perguntou se o Chefe estava falando sério mesmo. Um exército? Não, isso não seria possível. Mesmo assim, Chuck estava ainda mais estressado que no começo da conversa. Quase dava para sentir o alargamento do intestino conforme os hormônios do estresse interagiam com o suco do Dr. Heppleworth. Começava a considerar a possibilidade de que o Chefe não batia muito bem.

— S-sim, claro que deu para entender — gaguejou. — Não é preciso vir até Bickleburgh, claro que não. Está tudo sob controle.

— Está mesmo? Porque, se você não der conta do recado, não me importo nem um pouco em ir até aí

com alguns dos meus melhores robôs e...

— *Não!* Sou capaz de dar conta, fique tranquilo.

— É mesmo? — O Chefe pareceu surpreso (e talvez um pouco decepcionado).

— Eu tenho os meus recursos — afirmou Chuck.

— Então, o que está fazendo no telefone?

— Foi o senhor que me telefonou, Chefe. Queria saber como estão as coisas e...

— Muito bem, Chuck. Quero o relatório na minha mesa na próxima sexta-feira, entendeu?

— *Esta* sexta-feira?

— Isso mesmo. E não me venha com desculpas, viu? Detesto isso!

— Claro, Chefe, entendido!

— Agora volte ao trabalho. Não vejo a hora de ler o relatório.

O Chefe da Quazicom desligou.

Chuck largou o telefone e bebeu até a última gota do suco do Dr. Heppleworth, o que só piorou o gosto ruim que sentia na boca. Felizmente, como agora estava em terra firme, procurou no bolso pela embalagem de TransMints. Pegou duas pastilhas azuis e pequenas e as jogou na boca. Em segundos, o milagroso frescor em constante transformação eliminou todos os sinais daquela bebida medicinal.

Até sexta-feira, pensou.

Ele tinha conversado com quase todos os funcionários da DENKi-3000 — de Sir William até o simpático chefe da segurança chamado Carl, e teve uma surpresa ao constatar que quase ninguém dentro da empresa sabia o que acontecia no departamento chefiado pelo professor Von Doppler.

No decorrer dessas conversas, porém, várias vezes Chuck ouviu dizer que mais uma pessoa (além do professor) tinha autorização para entrar e sair do setor de P&D. Curiosamente, era um chef.

Chuck abriu a pasta que guardava as poucas informações disponíveis sobre essa pessoa tão especial. A única coisa que havia ali dentro era o folheto de um restaurante, que dizia:







Capítulo 13

Jean-Remy dá a sua opinião sobre massa folhada e Elliot faz uma crítica culinária honesta

— Elliot von Doppler, apareça aqui em cinco minutos ou eu sou capaz de... Espere... Onde está o meu livro de receitas?

Aparentemente, as ideias da mãe do menino sobre assar, fritar ou refogar o filho tinham se esgotado.

No andar de cima, Elliot já podia sentir o cheiro da torrada queimando. Puxou as cobertas para cobrir o nariz e a boca, desejando se tornar invisível — pois assim poderia percorrer o Departamento das Criaturas sem ser percebido.

Era terça-feira e o seu tio só tinha até sexta para apresentar algo surpreendente o bastante para salvar a empresa. Para piorar, a vice-presidente da empresa, Monica Burkenkrantz, proibira que ele e Leslie pusessem os pés na DENKi-3000. Elliot se virou para o lado, sem ânimo, tentando achar uma solução. *Queria muito* ajudar o seu tio e também voltar ao Departamento das Criaturas. Mas como?

Do lado de fora da janela, o ar estava cheio de gaivotas briguentas, que gritavam e berravam (o que é normal para uma gaivota), mas pareciam especialmente agressivas. Uma delas, que era um pouco maior que o resto, se comportava como se estivesse com mais problemas naquela manhã do que o próprio menino. Os outros pássaros a perseguiam, batiam e a empurravam a bicadas. De repente, talvez farta com a dose de perseguição para aquele dia, a gaivota grande se afastou do bando e foi parar na janela de Elliot.

O menino engasgou. Puxou as cobertas ainda mais e ficou olhando com horror conforme aquela grande bola de penas brancas e cinzentas mergulhava na direção dele.

bam!

A ave bateu contra o grosso vidro da janela. As penas voaram para todos os lados e o pássaro deslizou, parando no peitoril.

Duas outras integrantes do bando mergulharam do céu e pousaram sobre a barriga da gaivota maior.

— *Aaaii!* — disse a gaivota maior.

As recém-chegadas bicaram a cabeça da primeira, como se fosse um último desaforo antes de voltar para o grupo.

— Depois de tudo o que inventamos — falou a gaivota com nítido sotaque francês —, eu realmente *esperrrava* um *disfarrce* melhor.

— Jean-Remy, é você? — Elliot pulou da cama e empurrou a janela.

— Viu só? Se *non* conseguimos nem enganar uma *crrriança*, quanto mais um bando de *verrrdade*, *non* é?

A gaivota se ergueu e tirou a cabeça falsa, como se fosse um capacete. O rosto que apareceu em seguida, claro, era o de Jean-Remy Chevalier.

— Bem, o disfarce não é tão ruim — consolou Elliot. — Até começar a falar, você me enganou direitinho.

Jean-Remy suspirou e se firmou sobre os pés, livrando-se da poeira. Algumas penas soltas flutuavam pela janela. Ergueu a falsa cabeça e examinou com atenção.

— Patti fez isso *parrra* mim com, bem, você sabe... — Passou uma asa ao redor da própria cabeça. — Pode *parrrecer* boa *parrra* você, Patti é muito talentosa... Mas as gaivotas, *ugh!* — Olhou para o bando, ao longe. — Elas *son* muito exigentes.

— *Você só tem cinco minutos para o café da manhã!* — anunciou a mãe de Elliot da ponta da escada. — Se você se atrasar, as suas orelhas vão virar massa folhada!

Jean-Remy ergueu as sobrancelhas pretas e grossas.

— Mas o que é isso?

— É a minha mãe.

— Ela *parrrece* muito violenta.

— Não se preocupe. Ela não sabe fazer massa folhada.

Um ar de tristeza tomou conta do rosto de Jean-Remy.

— Ah, massa folhada... — Ele suspirou. — É uma delícia, mas *non* quando é feita com *orrrelhas!*

Elliot explicou a situação:

— Os meus pais escrevem críticas de gastronomia para o *Bickleburgh Times*.

— Eles *son crrríticos*? Aff! — Jean-Remy movimentou as mãos. — No mundo das *crrriaturrras*, isso *non* existe.

— Não?

— É *clarrro* que *non*! A gente acha que *opinion* é uma coisa que temos que conquistar. *Enton*, como funciona? Simples: é *prrrreciso* fazer aquilo que se quer *crrriticar*. Vamos supor que você *queirrra crrriticar* um filme. *Prrrimeirrrro*, *prrrrecisa* fazer o filme! Faz sentido, *non*? *Clarrro* que, enquanto faz, você se *diverrrte* tanto que *non* quer mais ser *crrrítico*. *Voilà!* Nada de *crrríticos*!

— Parece um bom sistema — concordou Elliot. — Mas o que você está fazendo aqui? E por que está disfarçado de gaivota?

— *Agora*, Elliot! — berrou a mãe.

Elliot se virou para a porta, pois teve a impressão de que ela estava subindo a escada.

— Não, espere!

— Muito bem, garoto — disse a mãe. — Já estou indo e vou levar o batedor elétrico!

— *Ta mère! Elle arrive!*

— Rápido, você tem que se esconder!

Jean-Remy se apertou contra a moldura da janela.

— Tudo bem, vá lá. Tome o seu *petit déjeuner*, mas volte logo. Eu tenho algo *imporrrrantíssimo parrrra* dizer!

Elliot correu para o corredor. Sua mãe realmente estava subindo, mas não tinha nada nas mãos.

Elliot se juntou aos pais na mesa, mal podendo olhar para o seu café da manhã. Como engolir torrada queimada com mingau frio depois de provar as delícias do Famoso Freddy?

— Escutem — disse ele, assim que sentou. — Vocês *precisam* conhecer o restaurante da família da Leslie. O avô dela é um gênio!

— O tal lugar da comida chinesa? — perguntou o pai. — Desculpe, filho, você precisa entender: não é o nosso estilo.

— Não é o que os nossos leitores querem saber — completou a mãe. — Eles estão interessados em conhecer os melhores bistrôs de Paris e Nova York!

— Mas eles moram em Bickleburgh!

— Por isso mesmo que eles querem ler sobre o que há em Paris e Nova York. Agora, prove o seu café da manhã e diga o que achou.

O garoto precisou fazer um esforço quase sobre-humano para mandar goela abaixo a torrada queimada com aquele mingau horrível.

— Que tal? — perguntou o pai.

Elliot estava irritado com a rapidez com que seus pais tinham desconsiderado o restaurante do avô da amiga, sem sequer provar a comida feita lá. *Tudo bem*, ele pensou, *se eles querem uma crítica, vamos ver se encaram a verdade*.

— A torrada — disse ele, fazendo uma pausa dramática e escolhendo as palavras — é como se alguém tivesse desidratado toda a dor do mundo e martelado até criar um milhão de cacos de amargura, que grudaram na minha garganta logo na primeira mordida. E o mingau é um exemplo perfeito de decepção servida dentro de uma tigela. — Sorriu educadamente. — Satisfeitos?

Por um instante, os pais ficaram olhando para ele.

— Brilhante! — gritou o pai.

— Bravo! — exclamou a mãe.

Eles estavam realmente muito felizes.

O pai deu um tapa nas suas costas.

— Filho, você tem um futuro brilhante.

A mãe o abraçou.

— Finalmente você está aprendendo!

— Posso ir agora? Eu quero me arrumar.

— Claro, é claro que pode!

— Que comentário riquíssimo! Eu poderia até usar alguns trechos na crítica do próximo domingo!

Elliot sorriu e voltou para o quarto. Jean-Remy estava esperando por ele, quietinho, camuflado na janela. Tinha a cabeça de gaivota instalada sobre um corpo de morcego.

— Então — perguntou o menino. — O que você quer me contar?

Jean-Remy olhou com uma expressão grave.

— O *Deparrrrtamento das Crrriaturrras prrrecisa* de você.

— *De mim?* Por que eu?

— *Porrrque agorrrra* você e a sua amiga *prrrrecisam* concluir o *trrrabalho* do seu tio a tempo de *aprrresentar* na *reunion* dos *investidorrrres*.

— Concluir o trabalho...? Espere, por que *ele* não pode fazer isso?

Os olhos negros de Jean-Remy se tornaram mais escuros.

— *Porrrque* o seu tio nos abandonou.

— *Ele fez o quê?*

— *Non* se assuste — pediu Jean-Remy. — Isso às vezes acontece, *emborrrra* nunca numa *situaçon ton sérrria*. Algumas *crrriaturrras* acham que talvez, mas só talvez, a *prrrresson* seja *forrrte* demais *parrra* ele.

— O meu tio não é desse tipo.

Jean-Remy hesitou.

— Sim, eu também acho. *Esperrro* que ele volte a tempo, mas *non* podemos ter *cerrrteza* absoluta de que isso vai acontecer e *prrrrecisamos* continuar o *trrrabalho* de qualquer jeito. E por isso *prrrrecisamos* de você.

— Mas por que eu?

— *Porrrque* você também tem sangue dos Vón Doppler! — Vasculhou os bolsos e achou um pedaço de papel. — Pelo menos, é isso o que diz o bilhete.

— Bilhete?

— O bilhete que o seu tio deixou no final de semana. — Jean-Remy entregou o papel para Elliot.

Precisei sair em busca de suprimentos para a minha nova invenção. Desculpem a falta de detalhes, mas prometo contar tudo assim que voltar. Talvez eu tenha até um protótipo e, acreditem, vocês não vão se decepcionar! Por favor, enquanto eu estiver fora, tentem achar um jeito de colocar o Elliot e a Leslie no laboratório. Estou muito otimista em relação aos dois e, se alguma coisa acontecer comigo, eles podem ser a única esperança de salvar a empresa!

Archie







Capítulo 14

Elliot experimenta uma das ameaças da mãe, Reggie diz algo que não deve e um segredo do professor é revelado

No primeiro momento, ficar dobrado dentro de um bolinho chinês gigante até pareceu ser uma boa ideia, mesmo porque ninguém teve uma proposta melhor.

— Isso é realmente necessário? — quis saber Elliot. — E todas as passagens secretas que vimos? Tem que existir uma que nos leve até o Departamento das Criaturas sem ninguém perceber.

Por um momento, Jean-Remy fez uma pausa, pensativo dentro da sua roupa de gaivota.

— Eu sinto muito — disse ele, por fim. — A ideia da Leslie é a melhor *opçon*.

Como resultado, Elliot se viu vivendo uma das ameaças imaginárias dos seus pais, e agora ele e Leslie serviam de recheio para o maior bolinho chinês que o Famoso Freddy já tinha feito.

Ficar enrolando dentro de uma casca de massa, no entanto, não era exatamente confortável.

— Isso não vai dar certo — disse Elliot, com voz abafada.

Leslie conseguiu dar uma cotovelada nele, mesmo estando dentro de outro bolinho.

— *Psiiu!* Já estamos chegando!

Durante o trajeto, Elliot começou a se preocupar com o tio. O que ele quis dizer com *se alguma coisa acontecer comigo...*? Se ele só tinha ido buscar suprimentos, o que poderia acontecer? Procurar suprimentos podia ser perigoso? O menino concluiu que tudo dependia do que você estava tentando fazer.

O trailer do restaurante do Famoso Freddy reduziu a velocidade quando o avô de Leslie se aproximou dos portões da fábrica. No instante seguinte, alguém abriu a porta.

Por meio das aberturas de respiração do seu bolinho, Elliot viu que era Carl, o simpático segurança, que vinha inspecionar a carga — só que ele não tinha uma expressão nada amigável. Em vez disso, parecia bem zangado. Talvez fosse porque a ele coube apenas abrir as portas, pois foram dois robôs-seguranças da Quazicom que examinaram tudo.

— Isso é um monte de bolinhos — falou o primeiro robô. — Ouvi falar que os misteriosos

funcionários do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento adoram essa comida, mas não imaginava que fosse tanto assim.

— E aqueles dois ali no meio — completou o segundo robô — são os maiores bolinhos que eu já inspecionei.

— É mesmo — respondeu o primeiro robô. — Se eu tivesse boca, certamente gostaria de dar uma boa mordida nessas delícias tentadoras.

Ao ouvir isso, Elliot deduziu que ele e a sua amiga tinham sido descobertos e que os robôs estavam apenas zombando deles.

No entanto, parecia que aqueles guardas metálicos estavam falando sério, porque o primeiro disse:

— Tudo bem, pode deixar entrar. É melhor comer enquanto ainda estão quentinhos.

— Sim — concordou o segundo. — Quem tem boca sempre diz que não há nada pior que comida fria.

Encarando os robôs o tempo todo, Carl fechou a porta do veículo.

Quando a porta do caminhão se abriu novamente, foi Gügor que soltou a trava. Uma grande alegria tomou conta de todas as criaturas assim que o Famoso Freddy abriu a massa dos “bolões” e libertou duas crianças encharcadas.

Como da outra vez, todos comeram juntos no *cafetarium*, sob a cobertura de nostálgicas imagens do passado das criaturas.

No final da refeição, aconteceu de novo. As imagens ficaram ameaçadoras e sinistras. Eram cenas de caos: criaturas correndo para salvar a vida, perseguidas por hordas de seres estranhos e sombrios, que arrastavam imensas redes e desapareciam na escuridão.

Nas imagens, os seres sombrios pareciam mais próximos, quase entrando em foco. Elliot viu pedaços de uma pele verde manchada, igual à que tinha visto quando...

Patti Mudmeyer desligou o teto.

— Espere — disse Elliot. — O que são essas coisas?

As criaturas ao redor da mesa se entreolharam, mas ninguém falou nada.

— Se vocês quiserem a nossa ajuda — explicou Leslie —, precisam nos dizer.

— Eu acredito que nós devemos uma explicação aos nossos jovens amigos — declarou uma voz ao fundo.

Era Reggie, o *bombastadon*.

— Você só vai conseguir criar alguns pesadelos — resmungou Harrumphrey. — Ninguém precisa saber nada sobre...

— Os *ghorkolians* — revelou Reggie.

— Reggie!



Até as criaturas mais tímidas gemeram e cobriram as orelhas. Mas Reggie continuou.

— *Ghorks!* — gritou ele. — *Blerg*, criaturas desprezíveis! São um tipo de ogro ou de *troll* subterrâneo particularmente desagradável. Ou melhor, algo parecido com *gremlins* gigantes. São tão diferentes que é difícil classificá-los. *Mas, oh!* Já tive pesadelos *medonhos* por causa desses miseráveis!



Reggie parecia prestes a entrar num quadro de histeria, mas Harrumphrey assumiu a conversa.

— Reggie está certo em relação a uma coisa: eles são *miseráveis*. — Parou por um momento para refletir. — Não, são piores que isso. Muito piores. Nós, criaturas, já existíamos bem antes que os humanos entrassem em cena. Quando isso aconteceu, houve uma espécie de divisão entre nós. Os *ghorks* não queriam dividir este mundo com ninguém, enquanto o resto de nós estava feliz por poder usar a tecnologia das criaturas para ficarmos escondidos. Para nós, não havia problema em levar a nossa vida secreta, nas nossas cidades secretas, nos nossos redutos secretos... — Os olhos dele percorreram a sala. — E nas nossas mansões secretas. Os *ghorks*, no entanto, não tinham nada disso.

— Começaram a achar que eram superiores às outras criaturas — disse Reggie. — Dá para imaginar uma *arrogância* dessas?

— Para a nossa sorte — disse Patti —, os *ghorks* eram tão horríveis que passavam a maior parte do tempo brigando. Eles se dividem em cinco sabores, ou espécies, se vocês preferirem, e cada grupo se acha melhor que os outros. Deixamos que brigassem sem interferir, mas, no final, a guerra deles foi ficando incontrolável e chegou a todas as partes do universo das criaturas. Quem não era *ghork* precisou fugir para as montanhas e por isso acabamos espalhados pelos quatro cantos. — Os olhos de Patti se estreitaram e ela examinou o lado esquerdo e o direito. — Acreditem ou não, estamos escondidos *por toda parte*. Vocês ficariam surpresos.

— É *verrrdade* — disse Jean-Remy. — De fato, existem muitos *outrrrros Deparrrrtamentos* das *Crrriaturrrras* iguaizinhos a este em *outrrrros lugarrrres* do mundo.

— Essas imagens desagradáveis que vocês viram — disse Harrumphrey — aparecem sempre porque são uma lembrança coletiva da última vez que vimos as nossas casas de verdade.

Todo mundo ficou em silêncio, concordando com as palavras de Harrumphrey.

— Pois eu acho que vi um *ghork* — disse Elliot.

— Eu também — completou Leslie. — Eles são bem grandes, né? Parecem gigantes!

Harrumphrey riu.

— *Grandes?* Nada disso. Além do mais, os gigantes podem ser bastante pacíficos. Mas os *ghorks*?

Não, não são pacíficos nem gigantes, *definitivamente*!

Gügor concordou:

— O maior *ghork* que Gügor já viu só chegava até aqui. — Colocou a mão na base do peito (mesmo sendo algo grande para os padrões humanos, era menor do que aquilo que estava escondido no meio das árvores).

— Não — disse Elliot. — O que eu vi era *beeem* maior.

— Acho que vi a mesma coisa — disse Leslie. — Era *enorme* e estava espiando o restaurante. —

Ela olhou para o Famoso Freddy, que mastigava com calma. — Né, vovô?

Freddy hesitou.

— Eu não tenho certeza.

— Mas você também viu — insistiu Leslie. — Eu sei que você viu!

Freddy engoliu outro bolinho, fazendo barulho.

— Estava escuro demais — disse. — Sei que alguma coisa te assustou, mas eu tinha... — Encolheu os ombros, tímido. — Bem, você sabe...

— *Exagerado na bebida* — completou Leslie.

Freddy balançou a cabeça, tristemente.

— Tudo o que posso dizer que vi foram algumas sombras estranhas.

Leslie estava decepcionada e se virou para Elliot.

— Você acredita em mim, né? Tinha a pele verde e viscosa e estava me espiando pela janela.

— É isso! — disse Elliot. — Foi exatamente isso o que me seguiu na floresta!

— Mas, se não era um gigante nem um *ghork*, o que era?

Ninguém tinha uma resposta e, durante alguns instantes, todos ficaram em silêncio.

— Olhem — falou Patti. — É bem possível que vocês tenham visto algo lá fora, mas não foi nenhum de nós daqui. E não temos tempo para especular. O que precisamos fazer é continuar trabalhando, principalmente agora que o professor desapareceu.

Leslie achou que Patti estava certa. A reunião com os investidores seria nos próximos dias.

— Vocês procuraram o professor em todos os lugares?

Gügor assentiu.

— Até no quarto do Reggie.

Reggie fez uma ressalva:

— *Sem* pedir autorização, gostaria de lembrar.

— Mas como eu ia pedir, se você estava hibernando? — quis saber Harrumphrey.

— E naquele armário do escritório dele? — perguntou Elliot. — Alguém procurou lá?

Todos na mesa olharam para ele, mas Elliot não desviava o olhar de Leslie.

— Lembra de quando viemos aqui da primeira vez? A gente achou estranho que ele pudesse fazer tudo sozinho. E eu brinquei, dizendo que uma mansão velha como esta só podia ser cheia de passagens secretas.

— Eu me *lembro* — disse Leslie. — Você foi olhar por trás do armário e...

— Ele ficou meio apavorado, não foi?

Leslie sorriu.

— Até que eu o assustei ao falar do vovô Freddy.

— Talvez *realmente* exista uma passagem secreta lá — sugeriu Elliot. — Talvez ele esteja por ali!

Elliot e Leslie não precisaram dizer mais nada. Todas as criaturas se levantaram da mesa e, momentos depois, estavam no escritório do professor.

O armário pesava muito, mas Gügor o tirou do lugar como se fosse feito de papel. Como Leslie suspeitava, aquele móvel escondia alguma coisa.

Era um *cofre*.

Elliot olhou para os outros.

— Alguém sabe a combinação?

Ninguém sabia.

— Eu posso tentar — disse Harrumphrey, confiante, e usou a sua cauda para testar uma combinação. Em seguida, puxou a porta. Mas ela não abriu.

Harrumphrey tentou outra combinação, mas também não funcionou. Na oitava tentativa frustrada, afastou-se do cofre.

— Muito bem — disse ele, um pouco abatido. — Vá em frente, Gügor. É hora de *engenhocaria*.

Gügor piscou para a parede.

— Gügor acha o espaço muito pequeno para caber o professor.

Harrumphrey suspirou.

— Sim, todos concordamos que pode não ser uma passagem secreta, mas tudo bem. Por enquanto, estamos apenas procurando pistas.

— Talvez a *invençon seccrrreta* do *prrrrofessor* esteja aí!

— Gügor acha que é confidencial. — O monstrengo olhou para Patti, em busca de orientação.

— Vá em frente, rapaz — disse Patti. — Se for para ajudar a encontrar o professor, temos que fazer isso.

Gügor agarrou a maçaneta com os seus dedos enormes e, com um único puxão, arrancou a porta.

Todos se surpreenderam com o que caiu do cofre — *Histórias em quadrinhos?* — perguntou Elliot.

— Bem, por essa ninguém esperava, né? — concluiu Patti.

O cofre estava lotado de gibis e revistas de ficção científica velhos, desbotados e bastante

manuseados. Era o tipo de diversão antiga, de uma época em que a coisa mais próxima da internet que existia era o rádio (provavelmente aqueles bem grandes, feitos de madeira).

— Certo, então esse é o grande segredo? — Leslie se agachou sobre a pilha de revistas coloridas e repletas de orelhas nos cantos. — Então ele é fanático por quadrinhos?

Todos folhearam as revistas, procurando alguma coisa que pudesse revelar por que aquelas velhas histórias de super-heróis e foguetes estavam tão bem escondidas. Não acharam nada de útil.

A história em quadrinhos mais comum tinha um nome parecido com *Capitão Aventura salva todo mundo!* O personagem era um herói de queixo quadrado e roupa vermelho-alaranjada, que percorria o universo, planeta após planeta, a fim de... *salvar todo mundo*.

— Essa é a história em quadrinhos mais ridícula que eu já vi — disse Leslie.

— Eu acho que essa é uma das razões para ficar guardada num cofre — sugeriu Elliot —, mas não nos diz nada sobre onde o tio Archie pode estar.

Patti passou o braço escamoso ao redor dos ombros do menino.

— Tenho certeza de que ele estará de volta em breve. Até lá, temos que continuar procurando.

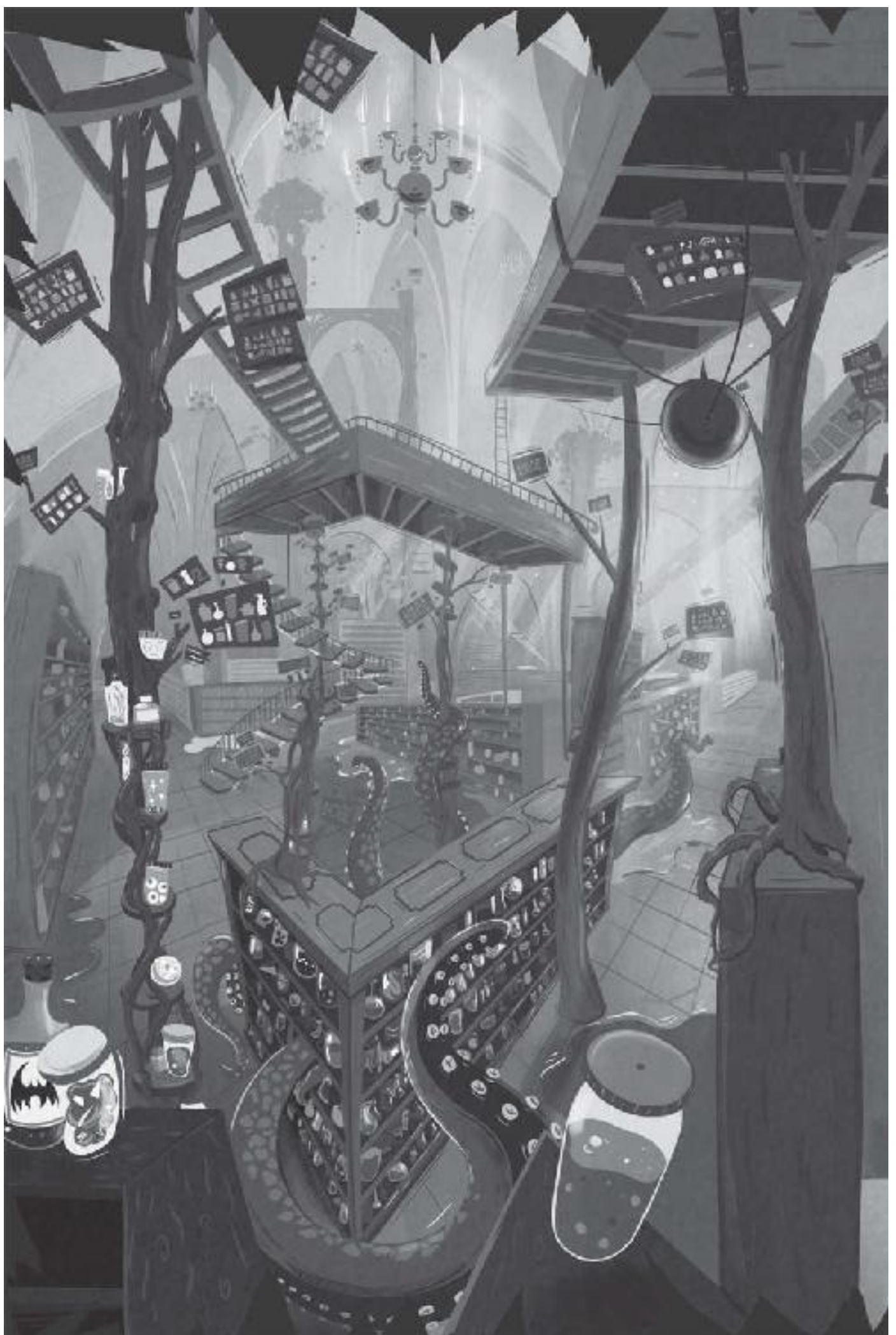
— É aí que vocês entram — disse Harrumphrey. — Vocês dois têm o trabalho mais importante no Departamento das Criaturas.

— Temos, é? — perguntou Leslie.

Harrumphrey confirmou, balançando a cabeça:

— Está na hora de vocês conhecerem os irmãos Preston.







Capítulo 15

Os irmãos Preston demonstram que algumas tabelas são maiores que outras

Harrumphrey, Gügor e Patti foram preparar o laboratório, enquanto Jean-Remy levou Leslie e Elliot usando o *expectavador*. Depois de apertar os *seotobs* (e de ouvir outro “aaaahhh!” um pouco enjoativo saindo das portas), viram Gabe lá dentro e entraram.

Embora a maioria dos botões exibisse palavras que descreviam precisamente onde o *expectavador* podia levá-los, Jean-Remy escolheu um que estava coberto por pequenas bolhas azuis. Quando Gabe apertou, o botão brilhou com intensidade, sumindo num arco-íris de cores conforme o trajeto começou.

ping!

E terminou.

— Cheguei aqui mais rápido que o normal — informou Gabe com a sua monotonia habitual. Olhou para Elliot e Leslie. — Vocês devem estar se sentindo bastante otimistas esta manhã.

Elliot e Leslie concordaram com a cabeça. Mesmo que o cofre não tivesse levado até o tio Archie, eles tinham esperança de que em breve o professor estaria de volta.

As portas do *expectavador* se abriram para um corredor monótono e rangente. Parecia com o resto da mansão, mas com uma diferença importante: o cheiro.

Ao contrário de todos os outros lugares do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento, ali não havia odores de livros velhos e mofados ou de madeira em decomposição. O corredor exalava um aroma limpo e forte, com o nítido frescor de uma manhã do final de novembro depois da primeira neve.

No outro extremo do corredor havia uma porta dupla de carvalho. Conforme Elliot e Leslie se aproximavam, o perfume aumentava. Quando chegaram, uma placa prateada pendurada ao lado da entrada identificava:

Abstratório

Jean-Remy parou e hesitou diante da porta.

— Antes de *entrrrrar*, devo dizer que por favor *non se prrrreocupem* se o do meio *non* falar com vocês.

— O do meio? — perguntou Elliot. — O que significa isso?

— *Non se prrrreocupe* — disse Jean-Remy. — Ele nunca fala.

Eles entraram no Abstratório.

No início, Elliot achou que estava numa biblioteca. Depois da entrada havia uma grande sala com paredes de madeira entalhada e grandes pilares que sustentavam o teto equipado com um enorme vitral colorido e circular. Aquele lugar enorme estava lotado com o que pareciam ser estantes. *Muitas, muitas estantes.*

Eles ziguezaguearam e caminharam, subiram e desceram escadas e percorreram becos sem saída. Havia torres, vales, pontes e cavernas feitas de estantes, sem falar nas estantes que brotavam de outras para criar o que pareciam ser... *árvores-estantes.*

Se aquele lugar era uma biblioteca, sem dúvida era a mais desorganizada e confusa que alguém já construiu. Mesmo assim, não era preciso observar muito para ver que *não se tratava* de uma biblioteca.

Afinal, não havia nenhum livro à vista.

Em vez de lotadas com volumes empoeirados, como se podia esperar de um ambiente antigo como aquele, cada prateleira acomodava garrafas e frascos de vidro de formas e tamanhos variados. Guardavam estranhas substâncias — líquidos, gases, pós, metais brilhantes, lascas de madeira, folhas de chá secas, terra escura e pétalas de flores raras. Era uma interminável coleção de substâncias de uma variedade de cores também aparentemente infinita.

Muitas substâncias pareciam inertes nos recipientes, mas outras se contorciam e borbulhavam como se estivessem vivas.

— Que lugar *é este*? — quis saber Elliot.

Leslie estava igualmente impressionada com aquele lugar.

— E o que tem dentro dessas garrafas?

— Tudo a seu tempo — disse Jean-Remy. — *Prrrimeirrrro*, temos que *encontrrrrrar* os *irrrrmãos Prrrreston*. — Voou até um balcão, que realmente parecia a recepção de uma biblioteca, e tocou uma pequena campainha de bronze.

Leslie esperou que alguma criatura pequena aparecesse atrás do balcão, mas isso não aconteceu. A garota avistou uma forma estranha se movendo através das prateleiras.

Parecia uma aglomeração de pessoas, mas era difícil ter certeza porque a imagem ficava confusa no meio daquele amontoado de prateleiras. Além disso, o que Leslie *conseguia* ver era distorcido pelos vidros dos frascos.

— Olhe! — disse Elliot. Ele apontou para as imagens que tinham chamado a atenção de Leslie. Ela olhou para onde o garoto estava indicando e engasgou.

Um tentáculo!

Uma mola de pele rosada e borrachuda apareceu ao redor de uma das prateleiras. As ventosas enrugadas ajudavam-na a se deslocar para a frente.

— Hum, Jean-Remy — falou Leslie —, por favor, me diga o que isso teoricamente é.

— *Mais bien sûr. Son... os irrrrmãos Prrreston!*

— Os irmãos Preston são tentáculos?

— *Non, non, non!* — Jean-Remy apontou para as figuras estranhas distorcidas pelas prateleiras. —

Os tentáculos *perrrtencem* a eles.

Deram a volta na última estante assim que Jean-Remy terminou de falar e Leslie viu que tinha se enganado. Não era um *grupo* de criaturas que se deslocava através das prateleiras, mas apenas uma.

Ou seriam três?

Ou as duas coisas ao mesmo tempo?

Os irmãos Preston, vejam só, eram uma criatura com três cabeças. As três cabeças eram idênticas — *e identicamente estranhas*. Pareciam um cavalo-marinho com nariz arrebitado, com um focinho arredondado e típico de um pônei, com saliências espinhosas em vez de juba.

A única característica diferente eram os bigodes.

A cabeça da esquerda tinha um bigode com as pontas em espiral. A do lado direito tinha um bigode que parecia uma ferradura, com as extremidades — que ultrapassavam o queixo da criatura — voltadas para baixo. Os dois bigodes eram espessos, bem cuidados e impressionantes.

A cabeça do meio, no entanto, exibia um bigode discretíssimo: apenas dois traços delicados. O grupo dividia um belo colete de *tweed*, especialmente confeccionado para acomodar três cabeças.

Estes eram os irmãos Preston. Com três cabeças, dois braços e oito pernas com tentáculos, certamente eram a criatura (ou as criaturas?) mais estranha de todas.



— Bem, se não é o Jean-Remy Chevalier! — falou a cabeça da esquerda (aquela com o bigode virado para cima).

— Acabamos de receber o aviso de que você estava chegando para uma visita — comentou a da direita.

A cabeça do meio (com bigode fininho) não disse nada.

— *Querrrro aprrrresentar os guarrrdions do Abstrrrratório* — disse Jean-Remy. — Lester, Nestor e Chester *Prrreston*.

— Prazer em conhecê-los — disseram as cabeças das pontas, falando ao mesmo tempo. A cabeça do

meio, que se chamava Nestor, apenas balançou a cabeça.

— Foi isso o que você quis dizer com “o do meio” — Leslie falou para Jean-Remy. Virou-se para Nestor e comentou: — Ele disse que você era calado.

Nestor piscou para ela, mas sem grande entusiasmo.

— E quanto a vocês? — quis saber Elliot. — Quem é Chester e quem é Lester?

— Isso é fácil — disse a cabeça da direita. Apontou para o irmão no ombro oposto. — Lester começa com Les e ele fica no lado esquerdo.

— Bem, *tecnicamente* — corrigiu Lester — é uma questão de perspectiva. Estou à esquerda para eles, mas do nosso lado direito. Essa fórmula só funciona se ficarmos cara a cara. É confuso. E se alguém estiver atrás de nós? *Você* é que vai ficar do lado esquerdo.

Chester ergueu as sobrancelhas espinhosas.

— Você acha que *o que eu disse* é confuso?

— Francamente, acho — disse o irmão.

— Você é que está complicando tudo. Lester, lado esquerdo. Simples, né?

— Ah, sim, parece que pode funcionar, mas acho que devemos tentar algo mais exato, como os nossos *bigodes*. Não foi para isso que deixamos crescer, afinal de contas?

Chester estendeu a mão para acariciar o seu bigode em forma de ferradura.

— Talvez seja por isso que *você* deixou o seu crescer, mas e o meu? Este bigode aqui tem estilo.

— Ah, claro — falou Lester. — A mamãe sempre disse que você era o mais vaidoso.

— Por favor, por favor, *senhorres* — Jean-Remy interrompeu. — Temos um *trrrrrabalho imporrrrtante* a fazer.

— Espere — pediu Elliot. — Como podemos fazer um “trabalho importante” se não sabemos que lugar é este ou o que devemos fazer?

— Sim — concordou Leslie. — Para que tantos vidros?

Nestor, que ficava no meio e não abriu a boca, franziu a testa e balançou a cabeça. Parecia estar dizendo: “*Boa pergunta!*”.

— Esses vidros? — perguntou Chester, apontando para as prateleiras que os cercavam. — Eles guardam as substâncias mais importantes do mundo das criaturas. Vamos mostrar para vocês.

Os irmãos Preston caminharam (ou melhor, se *deslocaram*) para trás do balcão da recepção. Abriram várias gavetas diferentes com os seus tentáculos e, aproveitando-se das múltiplas cabeças, inspecionaram várias delas de uma vez.

— Será que perdemos de novo? — perguntou Chester.

— Parece que sim — disse Lester.

Nestor revirou os olhos e um dos tentáculos do meio mergulhou na gaveta. Dali, ele tirou um pequeno controle remoto.

— Bom trabalho, irmão — disse Chester.

Nestor balançou a cabeça e apontou o controle remoto para a parede. Uma grande tela se iluminou e apareceu algo que Elliot e Leslie já tinham visto em alguma aula de ciências.

— Parece a tabela periódica — disse Elliot, mas depois ele olhou mais de perto. — Mas não é.

— Tem elementos demais — concluiu Leslie.

— E o número um deveria ser o hidrogênio — disse Elliot. — E não... *harmonia*.

— Harmonia é um elemento? — perguntou Leslie.

— Claro que não — respondeu Lester. — Isso não é a tabela periódica dos *elementos*. É a tabela periódica dos *intangíveis*, ou a pedra angular da ciência das criaturas.

— A nossa tecnologia — continuou Chester — não se baseia nas fontes de energia convencionais utilizadas no mundo humano, como gasolina, baterias e painéis solares. A tecnologia das criaturas usa algo muito mais poderoso.



— Esperança! — exclamou Elliot, num ímpeto.

— Como no *expectavador* — lembrou Leslie.

— Muito bem — disse Lester. — Dá para ver que vocês dois são tão espertos quanto a gente achava.

— Poucos seres humanos conseguem usar esse tipo de lógica lateral — falou Chester. — E, quando conseguem, não acham que isso é possível.

— Mas é claro que é — disse Lester. — As essências de conceitos como a esperança ou a curiosidade estão entre as substâncias mais poderosas em todo o mundo, desde que você saiba aproveitá-las.

— Poderosas — sussurrou Chester —, só que... um pouco imprevisíveis. Como vocês podem ver — disse ele, apontando para a tela —, existem muito mais coisas intangíveis no universo do que os elementos simples. Por isso, a ciência das criaturas é tão infinitamente interessante... Temos muito mais elementos para trabalhar!

— É verdade — disse Lester, de uma forma menos exuberante, mais imparcial e mais científica. — Assim como na tabela de elementos, os intangíveis mais comuns ficam no alto. Coisas como coragem e paixão, confiança ou desespero. — Apontou o controle remoto para a tela e a tabela deslizou para cima, revelando muitos outros conceitos abstratos. — Mas, se você começar a olhar mais para baixo...

Elliot observou a tela.

— O que significa “sensação de estar sendo vigiado”?

Chester moveu com a cabeça vigorosamente.

— É um dos meus favoritos! Conceito intangível abstrato de número 416: a sensação de que você

está sendo vigiado.

— Se vocês olharem mais para baixo ainda — orientou Lester —, vão começar a ver os elementos *realmente* estranhos. Ou, para ser mais exato, os que só existem no universo das criaturas.

— Como este aqui? — Leslie apontou para o número 1384, lendo em voz alta na tela. — “Tremor de repulsa ao ser atingido pela baba de um *bombastadon* em hibernação”?

— Exatamente — falou Lester.

— Total! — concordou Leslie.

— Espere um segundo — disse Elliot. — Você está dizendo que é isso o que tem nesses vidros?

Com o braço, Chester apontou para o labirinto de prateleiras.

— Por que não dá uma olhada? A primeira prateleira tem alguns dos ativos intangíveis mais conhecidos.

Andaram até a estante mais próxima, e o primeiro vidro que Leslie pegou era um frasco comprido e fino que continha um líquido azul-prateado e com movimentos rápidos. O rótulo dizia:

Justiça

— Sério? — ela perguntou. — Essa é uma garrafa de justiça?

— Tome cuidado — Chester advertiu. — Levamos *anos* para juntar isso.

Cada garrafa na prateleira tinha uma substância diferente. Inspiração, vulnerabilidade, egoísmo, paciência, piedade, compostura, saudade, dignidade e assim por diante...

Leslie pegou um frasco redondo da prateleira. Estava cheio de um líquido vermelho-alaranjado brilhante, que liberava pequenas bolhas.

Ela olhou por um momento para o rótulo.

— Espere um segundo — disse, virando o vidro para mostrar ao trio de irmãos. — Aqui diz que essa é uma garrafa de *amizade*. Isso quer dizer que, se eu fizer alguém beber ou despejar isso sobre a sua cabeça, vai ser meu amigo?



Chester e Lester deram uma risada estrondosa.

— *Senhorrrres*, por favor! — Jean-Remy saiu em defesa de Leslie. — Ela é novata no *Abstrrrratórrrio*. A *zombarrria non* vai explicar nada.

— Sim — disse Leslie —, o que é tão engraçado?

— Pense um pouco — falou Chester. — É tão fácil assim fazer amigos?

— Eu não sei — respondeu ela. — Achei isso porque está escrito *amizade*, de repente...

— É a *essência* da amizade — explicou Lester. — Pense na farinha. É o ingrediente perfeito para um

bolo, mas, se você enterrar um saco de farinha no chão, não nasce trigo.

— Não nasce *nada* — disse Chester. — Plantar trigo é uma tarefa difícil, assim como a amizade. Entende o que quero dizer?

Leslie olhou para Elliot por um momento.

— Eu acho que entendo, mas então para que serve isso?

— Vamos imaginar que precisamos de energia para mover algum tipo de máquina para solucionar mal-entendidos — disse Lester. — Nesse caso, tenho certeza de que algumas gotas de amizade viriam a calhar.

Leslie achou bastante específico, mas, de acordo com a estranha lógica das criaturas, fazia sentido.

— E quanto a este aqui? — perguntou Elliot, do outro lado do corredor. Ergueu um pote de vidro com o tamanho e a forma de uma lata de atum. Lá dentro só havia uma pilha de cascalho e de poeira. — Aqui fala que é a essência de fracasso. Para que pode servir *isso*?

Chester sorriu.

— Serve para um monte de coisas!

— Por exemplo — disse Lester —, digamos que queremos desenvolver um aparelho didático, algo para ajudar as pessoas a aprender uma nova habilidade.

— Bom exemplo, meu irmão — disse Chester. — Ninguém aprende se só tiver sucesso. Para aprender, é preciso errar também.

Com cuidado, Elliot recolocou o fracasso na prateleira.

— Agora entendi, pelo menos uma parte.

— Falando em *invenções* — disse Jean-Remy —, temos que começar! Já é *terrrça-feirrra* e só temos *trrrês* dias até a *reunion*! — baixou a voz. — *Devemos* contar *parrra* as *crrrianças* no que estamos *trrrabalhando*.

Mais uma vez, Lester apertou um botão no controle remoto. A tabela periódica dos intangíveis desapareceu e foi substituída por uma tela em branco, onde apareciam as seguintes palavras:

Possíveis projetos secretos nos quais o professor estava trabalhando quando nos deixou

— Ele não nos deixou! — Elliot protestou. — Só saiu em busca de suprimentos, e talvez até para construir o seu invento.

— *Esperrro* que sim — disse Jean-Remy —, mas e se ele *non* voltar?

— Eu acredito em você — disse Leslie. Colocou a mão no ombro de Elliot. — Ele estará de volta a tempo.

— Arrã! — Lester pigarreou. — Apenas no caso do seu tio não voltar, já examinamos os diários dele para descobrir no que ele estava trabalhando e chegamos a três possibilidades.

Lester apertou outro botão e a tela mudou, mostrando a primeira de três invenções inacreditáveis.





Capítulo 16

Elliot e Leslie fazem uma boa escolha

A tela estava cheia de equações incompreensíveis, diagramas com engrenagens e fragmentos de inúmeros mecanismos misteriosos. Um título apareceu sobre as imagens:

1. Aparelho de teletransporte

— É nisso que Gügor estava trabalhando — disse Elliot.

— É, na Sala das Engenhocas, quando viemos aqui pela primeira vez — completou Leslie.

— Estamos tentando *aperrrfeçoar* esse *aparrrelho há anos* — explicou Jean-Remy.

— Anos? — perguntou Leslie. — Nesse caso, como vocês podem chamar isso de um projeto secreto?

— Boa pergunta — falou Chester. — Mas não podemos descartar a possibilidade de que o professor achou um jeito de fazer isso funcionar.

— Isso explicaria o sumiço repentino dele — raciocinou Lester. — Talvez ele estivesse testando esse dispositivo.

Outro toque num botão e a tela exibiu uma nova imagem. Eram outras equações matemáticas e desenhos incompreensíveis. Mas no meio da segunda imagem havia o desenho de um chapéu oval, com elaboradas tiras para passar embaixo do queixo e algo parecido com uma torre de rádio em miniatura instalado na parte superior.

2. Capacete telepático

— Legal! — exclamou Leslie. — Serve para *ler pensamentos*?

Os três irmãos concordaram, muito sérios.

— Mesmo no mundo das criaturas — disse Lester —, os capacetes telepáticos são *muuuuito* complicados. Pelo que sabemos, ninguém conseguiu construir um protótipo confiável até hoje.

A imagem seguinte tinha representações matemáticas e mecânicas, mas ao redor de uma silhueta pontilhada de uma criatura grande, peluda e com chifres. Acima do desenho estava escrito:

3. Máquina de invisibilidade

Elliot engasgou.

— O meu tio estava trabalhando numa máquina para ficar invisível?

— Nós encontramos algumas pistas — respondeu Chester.

— Isso é incrível — gritou Leslie. Ela fez uma pausa. — Mas espere um pouco. Teletransporte, telepatia e invisibilidade. São projetos grandiosos, mas nós somos apenas crianças. O que a gente pode fazer?

— Mais do que vocês pensam — garantiu Lester. — Na verdade, descobrimos que muitas crianças têm mais coisas em comum com as criaturas que os humanos adultos típicos. Por isso, de certa forma o Departamento das Criaturas é o lugar perfeito para vocês.

— É isso o que torna o seu tio tão especial — acrescentou Chester. — Ele ainda não perdeu o talento.

— Talento para *quê*? — perguntou Elliot.

— *Parrra a parrрте mais imporrrtante de qualquer invençon no mundo das crrriaturrras* — disse Jean-Remy —, e isso acontece aqui, no *Abstrrrratórrrio*. É aqui que escolhemos... *a essência intangível dos inventos*.

— Não é tão fácil como parece — corrigiu Chester. — Exige a combinação de vários elementos intangíveis. Uma combinação de três essências, e sabemos que a terceira é um elemento decisivo.

— Este é o *grrrande* talento do seu tio: escolher as essências intangíveis *corretas* para *prrrropulsionar* as *invençons* — Jean-Remy explicou. — E *esperrramos* que você também tenha essa habilidade.

— Um bom exemplo são as balas de menta *wireless* — disse Chester. — Sabíamos que o produto teria que incluir uma essência intangível de frescor e de informação, mas só isso não funcionou. O sabor era forte demais e atingia os dentes como se fosse uma marreta. Precisávamos do ingrediente ideal para deixar tudo mais suave e um pouco mais doce.

— Foi o seu tio — prosseguiu Lester — que percebeu que cheiros e gostos despertam *lembranças*, e o TransMints jamais teria funcionado sem uma gotinha deste ingrediente aqui. — Mostrou uma garrafa tirada de trás do balcão, cheia de algo que parecia com graúdos flocos de neve. — Conceito abstrato intangível número 802: a melhor lembrança do inverno. Responsável pela sensação de “friozinho” presente em cada bala.

Por um momento, todos olharam para a garrafa. Lá dentro, a neve brilhava com suavidade, cada floco emitindo a sua luz, quase como uma memória distante.

— Só mesmo o seu tio *parrra* pensar nisso — sussurrou Jean-Remy. — Ele é muito talentoso.

Elliot sentiu uma onda de orgulho.

— E, como você também é um Von Doppler, e a Leslie, que conhecemos por causa do que aconteceu na *feirrra* de ciências, é *parrrecida* com você, cabe aos dois escolher a essência intangível *parrra* cada uma das nossas novas tecnologias.

— *Nós?*

— Por qual *outrrrro* motivo *trarrrríamos* vocês até um lugar especial como este?

Elliot e Leslie examinaram o labirinto de prateleiras: devia haver milhares de garrafas ali.

— Vão em frente — estimulou Chester. — Que tal fazer uma tentativa?

— Pensem no significado menos óbvio de cada invento — orientou Lester. — Deixem a sua mente vagar e os pés escolherem o rumo.

No meio dos outros dois irmãos, Nestor parecia concordar com o conselho. Ele balançou a cabeça, apenas uma vez.

— Tudo bem — disseram Elliot e Leslie. — Vamos tentar.

Caminharam juntos no início, mas depois se separaram para percorrer mais lugares. Sozinhos, vagavam no meio daqueles corredores sinuosos. As estantes pareciam apertadas e retorcidas, com garrafas e conteúdos (sem falar nos rótulos) tão estranhos que a dupla tinha a impressão de estar desbravando um planeta de outra galáxia.

Às vezes, os caminhos se cruzavam e eles falavam sobre o que tinham visto. Depois que se sentiram mais familiarizados com aquela estranha geografia, resolveram começar com as escolhas.

Bom, o aparelho de teletransporte.

Transportar algo ou alguém para outro lugar num único instante exige um combustível muito poderoso.

— Vamos começar com a esperança — sugeriu Elliot.

Ela estava acomodada numa garrafa transparente: era um líquido rodopiante e verde-esmeralda. Brilhava por trás do vidro, capturando luz de onde não havia nem um fio de luminosidade.

A dupla achou que o aparelho de teletransporte também precisaria de algo relacionado à vontade de ir para outro lugar.

— Já sei! — gritou Leslie, cheia de confiança. — Acho que vi ali atrás, numa daquelas... Como se chama?

— Árvores-estantes?

— Isso! Numa dessas.

Voltaram até a imponente “árvore-estante” que ficava no meio do Abstratório.

— Lá em cima — disse Leslie. Apontou para um pote em forma de disco, com a superfície coberta de pedra. O rótulo exibia uma expressão que ela já tinha ouvido da boca da sua mãe várias vezes: *Vontade de cair na estrada*. — Isso aqui — falou para Elliot. — Não tenho *a menor dúvida* de que é isso. — Ela subiu numa escada para pegar. Quando desceu, percebeu que dentro havia um tipo de areia.

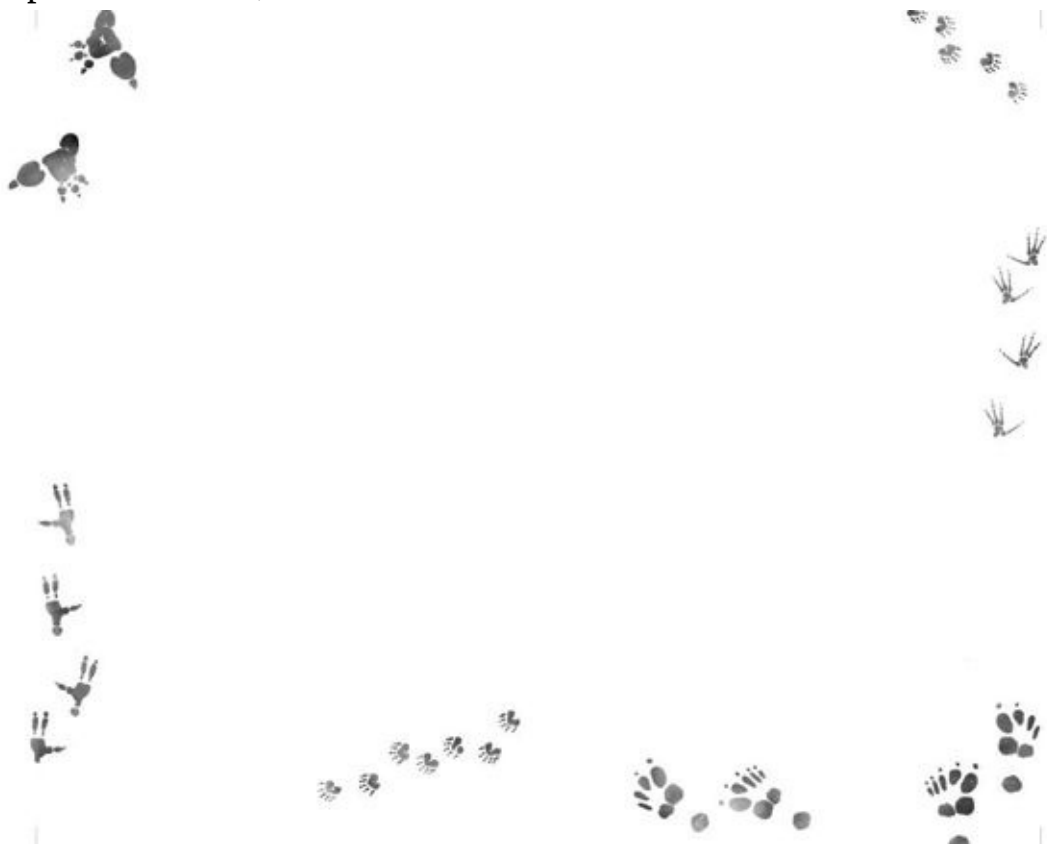
Com o vidro nas mãos, Leslie parecia desapontada. — Não entendo. Por que *areia*?

Elliot se aproximou para olhar. Tirou o lápis elétrico com lentes telescópicas retráteis e configurou para o modo microscópico, para examinar a garrafa.

— Não é areia — ele sussurrou. — São pés.

— Como?

— Milhões de pés minúsculos, e todos eles estão se mexendo.



Elliot entregou a luneta para a amiga e bastou olhar para constatar que ele estava certo. Cada grão de areia era, na verdade, um microscópico pezinho. Alguns pareciam com os pés dos humanos, mas outros eram cobertos de pelos ou tinham garras ou escamas, como os pés dos animais (ou das criaturas). Todos moviam os dedos e pisavam uns sobre os outros, como se quisessem sair correndo — depressa, sem destino mas com urgência.

— Parece a minha mãe — falou Leslie.

Mas ainda faltava o último (e mais importante) dos ingredientes da fórmula: a famosa terceira essência.

Ao explorar a Abstratório, os dois descobriram que a ampla sala estava mais organizada do que pareceu num primeiro momento. As essências mais comuns, classificadas com números conceituais mais baixos, ficavam perto da entrada. Quanto mais eles se embrenhavam no meio das prateleiras, no entanto, surgiam as opções mais raras e mais estranhas. Alguma coisa dizia que o terceiro ingrediente viria das profundezas do Abstratório.

Quanto mais se aventuravam, mais esquisitas eram as essências. Havia garrafas fechadas com rolhas e repletas de um lodo borbulhante ou com uma espécie indescritível de lama. Alguns frascos com tampa

de rosca acomodavam dedinhos minúsculos que tremiam o tempo todo, dentes que batiam e caudas que deslizavam. Mas não era apenas o conteúdo que impressionava; os nomes dos rótulos pareciam ingredientes de poções mágicas:

Poderoso chulé de um troll adolescente
Sensação de bater o mindinho no canto de um móvel
Susto ao passar os pés sobre algo embaixo da mesa
Alegria de achar um vaga-lume num caminho escuro
Pavor de encontrar um ghork num beco sem saída

— Precisamos de algo veloz, *muito* veloz — disse Leslie. — Teletransporte é isso, né? Mandar uma coisa de um lugar para outro num piscar de olhos.

Percorreram os corredores mais isolados do Abstratório, procurando o ingrediente certo. Os rótulos eram muito estranhos e eles tinham que adivinhar o conteúdo a partir do que conseguiam enxergar lá dentro. Algumas garrafas borbulhavam com intensidade, enquanto outras acomodavam partículas que pareciam algum tipo de macarrão. Só que não havia nada realmente veloz.

Então Elliot viu algo.

— Que tal isso?

Na base do que poderia ser chamado de “tronco” de uma das árvores-estantes, havia um pote grande, sem enfeites e bastante robusto. Elliot se agachou para um olhar mais atento.

— É uma tempestade de neve — concluiu. — E daquelas *bem* intensas.

Mas era pior que isso: um furioso ciclone de neve e gelo, comprimido e preso num pote de vidro.

— Parece que serve — disse Leslie —, mas o que é um... *aracnomamute*? — Apontou para o rótulo, que descrevia: Emoção de andar pela primeira vez na garupa de um aracnomamute.

Elliot não se preocupou.

— Seja o que for, deve ser rápido. Vamos escolher esse.

Leslie concordou. Levaram os três frascos até o balcão e fizeram a mesma coisa para as outras duas invenções.

Para a máquina de invisibilidade, escolheram as essências de obscuridade (uma garrafa com um nevoeiro cinza-escuro) e de deslumbramento (um pote com luzes que piscavam sem parar), duas opções que pareciam óbvias. O terceiro ingrediente essencial, mais uma vez, foi o mais complicado.

Entraram no canto mais escuro e isolado do Abstratório. Viram um frasco virado, voltado para o fundo da prateleira. Como não dava para ler o rótulo e parecia não haver nada dentro, quase passaram direto. Já estavam retomando as buscas quando Leslie gritou:

— Eu vi alguma coisa! — engasgou. — Alguma coisa ali dentro! Alguma coisa... *assustadora*.

— Mas está vazio. — Elliot não conseguia ver nada lá dentro. Encostou o rosto na garrafa e, assim que se abaixou, viu algo. Parecia que uma mão fantasmagórica (*e invisível*) tinha agarrado a sua garganta. Deu um passo para trás.

— Você está certa — afirmou. — Parece vazia, mas...

— Tem alguma coisa.

— Nós precisamos ler o rótulo. Vou tentar virar o frasco, tá?

Leslie concordou.

Devagar, segurando com muita delicadeza, Elliot girou o gargalo da garrafa. O rótulo indicava:

Esmagadora suspeita de que algo grande e faminto está escondido debaixo da cama.

— Acho que encontramos a terceira essência — disse Leslie.

Levaram as três garrafas para o balcão e as acomodaram ao lado das anteriores.

Finalmente, começaram a pensar no capacete telepático. Em primeiro lugar, fizeram escolhas lógicas: essência de intuição (um pote de mármore coloridos e foscos, como pequenas bolas de cristal). Depois escolheram o eco de várias vozes (um frasco com ondulações constantes na água). Para terminar, fizeram como da vez anterior e se aventuraram nos cafundós mais distantes do Abstratório. Vagaram muito sem conseguir achar um ingrediente que julgassem adequado.

— Vamos pensar um pouco — propôs Leslie. — O que é a *telepatia*, afinal de contas?

— Telepatia é a leitura dos pensamentos — definiu Elliot.

— Sim, mas também pode ser o contrário. Ou seja, o envio de pensamentos para a mente de outra pessoa.

— Bom, se tem a ver com pensamentos e mentes...

Foi quando eles acharam a última essência:

— *Cérebros!* — disseram ao mesmo tempo.

No alto de um dos galhos (ou prateleiras) mais altos da árvore-estante estava um frasco que parecia conter exatamente o que eles queriam. Quando examinaram o rótulo, viram a identificação: *Insaciável fome de cérebros*.

— Perfeito — julgou Leslie.

As escolhas estavam feitas.

Levaram os últimos três frascos até o balcão e, quando iam acomodá-los, as portas do Abstratório se abriram.

Era Reggie, que sacudia as suas condecorações ao andar.

— *Senhoooooreeee* — gritou. — Vocês precisam parar tudo!

— *Senhores?* — perguntou Leslie.

— Ah, claro, desculpe. Senhores e senhora — falou, curvando-se diante de Leslie. — *Vocês precisam parar!*

Antes que alguém pudesse reagir, Bildorf e Pib, os dois *hobmongrels*, entraram sufocados embaixo da grande bandeja de chá e biscoitos.

— Desculpem — disse Bildorf. — Nós bem que tentamos impedir!

— Mas ele está empanturrado de chá e de biscoitos — lembrou Pib. — Não podemos obrigá-lo a

comer mais!

— Sumam, suas pestes! Não me venham com tentações! — Reggie afastou a dupla com o calcanhar das suas botas enormes, mas o impacto foi tamanho que os *hobmongrels* rolaram pelo corredor, criando uma tempestade de bolas de pelo, saquinhos de chá, talheres e biscoitos de chocolate.

Reggie correu e trancou a porta.

— Você não deveria estar hibernando? — perguntou Chester.

— Como você espera que eu durma com esses pesadelos *horríveis*?

Lester apontou para a porta.

— Você podia ter tentado um pouco de chá com biscoitos.

Reggie debochou.

— Ahh, não suporto mais chá com biscoitos! Vim trazer notícias da mais alta importância.

Chester e Lester suspiraram em uníssono:

— Que notícias?

— É sobre o projeto secreto do professor!

Jean-Remy voou e flutuou na frente do rosto imenso do *bombastadon*. Ficar tão perto fazia Jean-Remy se achar parecido com um inseto, enquanto Reggie lembrava uma montanha de lã macia, com duas presas de morsa, claro.

— *Serrrá* que é *verrrdade*? — Jean-Remy queria ver o rosto de Reggie. — O que você sabe *sobrrre* o *prrrrofessor*?

— Sobre ele, nada. Sei sobre o *projeto* dele — Reggie baixou a voz. — Eu, o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut, do corpo de Brigadeiros Reais Antárticos a serviço de Sua Majestade, sei no que o venerável professor estava trabalhando!

— *Enton*, diga de uma vez.

Com ar solene, Reggie olhou para todos os rostos que estavam ali e sussurrou:

— Ele estava desenvolvendo *supergalochas*.

— Ele disse o que eu acho que ouvi? — perguntou Leslie.

Os irmãos Preston cruzaram os braços (e os muitos tentáculos).

— Por que o professor ia perder tempo com uma coisa boba como essa? — quis saber Lester.

— *O que são* supergalochas? — perguntou Chester.

— Seus tontos! — Reggie ergueu as sobrancelhas grossas. — O próprio nome diz tudo! Supergalochas são *super*. São iguais às galochas normais, só que mais quentes e talvez um pouco mais impermeáveis. Mas certamente não são *uma coisa boba*!

— Você tem que admitir, *mon ami*, que tem tudo *parrra parrrecer* uma coisa boba. — Jean-Remy se afastou do rosto de Reggie e pousou no balcão da recepção.

— Como você se atreve? — esbravejou Reggie. — Estamos falando de *galochas*! — O coronel-almirante olhou para as imensas botinas de borracha que estava usando. — Um par de galochas bem-

feitas pode ser a diferença entre morrer ou continuar vivo! Sem falar que são objetos de uma beleza imensa!

Terminada a sua defesa, curvou-se para a frente e tirou as botas. No mesmo instante, um vertiginoso cheiro de algas e fungos tomou conta do Abstratório.

— *Non*, Reggie! Por favor! — gritou Jean-Remy. — Calce isso de volta!



Mas Reggie pegou as enormes galochas e colocou sobre o balcão, entre Jean-Remy e a pequena campainha de bronze.

— Como você pode negar que elas são lindas? — Reggie abraçou as botas com carinho. — Com elas, dá para atravessar uma imensidão gelada sem aparecer uma bolha no pé. Com um par, consegui derrotar um exército inteiro de cruéis demolidores de gelo. E nada se encaixa melhor no estribo da sua montaria do que o salto de uma galocha de qualidade! Fora que, quando a comida acaba, ela ainda serve como xícara de chá.

— Sem essa! — disse Elliot, tampando o nariz. — Não vai dizer que você usa essa coisa *para beber*!

Antes que Reggie pudesse responder a essa pergunta claramente nojenta, Chester interrompeu:

— Tudo bem, mas o que faz você pensar que o professor estava desenvolvendo uma supergalocha? De onde veio essa ideia?

— Da mesma forma como eu recebo todas as minhas informações. — Reggie sacudiu os ombros, imponente. — Fiquei sabendo por causa de um sonho.

Os outros suspiraram. Elliot e Leslie estavam começando a entender por que as outras criaturas achavam que Reggie era um chato de galochas.

— Eu acho que já ouvimos o suficiente — concluiu Lester.

O imenso rosto de Reggie afundou ainda mais.

— *Mas... mas...* — Juntou as mãos para implorar, pedindo que os outros reconhecessem a elegância prática que ele via num volumoso e gasto par de botinas. — *Olhem para isso! Quem não gostaria de trabalhar em algo assim tão... tão lindo?*

Os três irmãos Preston balançaram a cabeça, com cara de dó.

— *Mas...* — Reggie olhou para Elliot em busca de salvação, mas o menino não conseguia acreditar

que o tio estava trabalhando em algo tão bobo como galochas à prova de frio.

O garoto respirou fundo e deu um passo para a frente, encarando o impetuoso Reggie.

— Sinto muito, mas, falando como um Von Doppler, não acredito que isso pudesse concentrar a atenção do meu tio.

Ouvir essas palavras de Elliot causou um efeito diferente sobre o grande *bombastadon*. Um olhar de confusão tomou conta da sua expressão e o lábio inferior começou a tremer no meio das presas de morsa.

— Tudo bem, então — falou, com a voz trêmula por causa da emoção nada disfarçada. — Eu entendo.

Reggie apresentou uma espécie de continência com as garras e cumprimentou todos. Depois, girou sobre os calcanhares e rumou para a porta.

— Hãã, *excusez-moi*, Reggie? — pediu Jean-Remy, pairando sobre as galochas que ainda estavam no balcão. — Por favor, *non* esqueça as botas.

Sem dizer uma palavra, Reggie se virou novamente para pegar o polêmico sapato. Saiu com o par envolvido pelos seus braços, como se segurasse uma dupla de gêmeos recém-nascidos.

Depois que Reggie saiu, Elliot e Leslie arrumaram as essências sobre o balcão. Os irmãos Preston dividiram em três grupos:

Teletransporte: esperança, vontade de cair na estrada e emoção de andar pela primeira vez na garupa de um aracnomamute.

Invisibilidade: obscuridade, deslumbramento e esmagadora suspeita de que algo grande e faminto está escondido debaixo da cama.

Telepatia: intuição, o eco de várias vozes e insaciável fome de cérebros.

Os três irmãos Preston se inclinaram para examinar os frascos e as garrafas. Levaram um tempo balançando as cabeças e olhando com ar desconfiado para os rótulos e conteúdos. Quando enfim terminaram, Lester e Chester ficaram em silêncio porque, pela primeira vez, foi Nestor quem falou:

— Vocês escolheram muito bem.







Capítulo 17

Chuck Brickweather não sabe o que fazer com o tapete

Era difícil acreditar que os funcionários do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento gostassem tanto de um restaurante derrubado como aquele. Para Chuck, parecia mais uma companhia de seguros falida do que um lugar para apreciar uma refeição.

Que roubada, pensou.

Conferiu o endereço no folheto novamente. Não, não podia ser ali. Mas havia até uma placa na frente, com setas vermelhas orientando os possíveis clientes a se aventurarem até o segundo andar.

Chuck subiu os degraus e deu de cara com uma cortina de contas verde-escuras. Passou no meio delas e viu a garçonete, uma mulher bonita, de meia-idade, com a atenção concentrada numa revista de turismo. Ela demorou um pouco para perceber que Chuck estava ali.

— Olá! — disse ela, finalmente. — Você veio ver os tapetes?

Chuck achou estranha essa maneira de cumprimentar um cliente. Mas, por outro lado, bastou olhar para o chão para ver que o tapete desbotado precisava mesmo de um bom banho.

— Desculpe — disse Chuck —, mas eu vim almoçar.

A garçonete arregalou os olhos.

— *Sério?*

Mais uma vez, ele se surpreendeu com a forma incomum de atender um cliente.

— Aqui é o Dim Sum Emporium do Famoso Freddy, não é?

— Sim, sim. É aqui mesmo. — Ela vasculhou o balcão, aparentemente à procura de um menu. Quando achou, conduziu Chuck até o meio do restaurante. — Pode escolher o lugar — disse ela. — Opção é o que não falta.

Não era brincadeira: o restaurante estava vazio.

Chuck escolheu uma mesa perto do que ele achou que era a entrada da cozinha.

— Eu ouvi dizer que vocês fazem entregas.

A garçonete confirmou.

— É o forte da casa. Temos até um trailer só para entregar comida em todos os cantos da cidade.

— Nossa, um trailer! Deve ser para entregas grandes, não é?

— Ah, sim, entregamos pedidos *enormes*.

Chuck lembrou de já ter visto o veículo: uma grande caixa branca, rebocada por um Volkswagen cor de ferrugem bem velho pelos caminhos da DENKi-3000. Para ele, parecia uma baleia puxada por um lambari.

— É você quem faz as entregas?

A mulher fez uma expressão de surpresa, como se não tivesse entendido a pergunta.

— Talvez você prefira o cardápio para viagem.

— Não, não. É só curiosidade.

— Se quiser saber sobre as entregas, é melhor perguntar para o meu pai. Ele é o dono daqui e prepara quase todos os pratos. Mas agora estou começando a ajudar, sabe?

Chuck balançou a cabeça.

— Bom, me chame quando quiser fazer o pedido, o.k.?

— Eu já sei o que vou pedir.

— Mas você ainda nem abriu o menu. — Ela apontou para o cardápio, fechado sobre a mesa.

— Vi a placa lá na frente e quero provar os famosos bolinhos de carne de porco. Pode mandar uma porção dupla.

— Ótima escolha.

A garçonete se aproximou da porta e pôs a cabeça lá dentro.

— Ei, papai, acorde! Sai uma porção da especialidade da casa, para duas pessoas. É para *comer aqui*.

Voltou para o restaurante, mas passando bem longe da mesa de Chuck (talvez, pensou ele, para evitar mais perguntas).

Chuck olhou em volta e tentou admirar a decoração, mas não era fácil. Tudo o que viu foram móveis velhos e cores berrantes.

O que tinha ali que o pessoal do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento tanto gostava? Da cozinha dava para ouvir o barulho e as batidas de louça, seguidos dos ruídos da fervura e do chiado dos cozimentos.

Mas aí veio o aroma.

Bastou sentir o cheiro da comida para Chuck receber a resposta à sua pergunta. Era *delicioso*!

Quando a garçonete largou a revista e caminhou para a cozinha para buscar o pedido, Chuck estava com água na boca. Ele mal podia esperar.

Ela voltou para a mesa dele trazendo dois cestos de bambu e, finalmente, quando ele mordeu o primeiro bolinho...

Uau!

Quando foi a última vez que ele provou algo tão maravilhoso? Durante semanas, tinha vivido praticamente apenas do Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth. Talvez o seu corpo tivesse esquecido como era comer uma comida de verdade e por isso os bolinhos pareciam tão bons.

(Não, eles *realmente* eram fantásticos.)

— Nossa! — disse a garçonete, que tinha ficado olhando de longe. — Você devorou rapidinho.

Chuck olhou para os pratos vazios.

— Estavam... *muito bons* — sussurrou, com uma espécie de reverência.

— Acho que sim — respondeu ela. — Talvez porque eu cresci comendo essas coisas, parece bem normal. Mas é bom saber que tem gente que enlouquece com essa comida.

Chuck riu.

— Como eu.

— Não se preocupe — disse a garçonete —, você não está sozinho. Várias vezes por semana atendemos pedidos gigantescos, sempre para entrega. O meu pai começa a cozinhar no meio da noite para dar conta de tudo.

— Será que daria para conhecer esse seu pai famoso? Adoraria cumprimentar o chef.

— Claro que sim. Desde que ele não tenha abusado do vinho.

Chuck não entendeu o que ela quis dizer com o comentário.

— Ei, *pai*! Tem um cliente aqui querendo elogiar a comida!

Chuck olhou ansioso para a porta da cozinha. Ouviu umas batidas esparsas, o lento arrastar dos pés e depois o rangido suave da porta da cozinha abrindo bem devagar. Apareceu um senhor bem idoso, curvado, enrugado e totalmente careca.

— Você queria falar comigo? — resmungou o Famoso Freddy.

— Sim — disse Chuck. — Gostaria de parabenizá-lo.

Trocaram um aperto de mãos e Chuck ficou surpreso com a firmeza com que o velho segurou a mão dele.

— Como esse lugar pode estar tão vazio? — perguntou Chuck.

A resposta de Freddy era simples.

— Nós basicamente preparamos comida para viagem.

Chuck balançou a cabeça.

— A sua filha me disse. Precisa até de um trailer, ouvi falar.

— Sim.

Chuck sentiu um calafrio repentino no meio da conversa.

— Então, bem... Em quais bairros vocês fazem as entregas?

— Por todos os lugares.

O rosto do velho continuava impassível.

— Estou curioso, sabe? — explicou Chuck. — Vocês, por acaso, recebem grandes pedidos de empresas?

Freddy não respondeu.

— E então? Recebem?

— Às vezes.

Chuck balançou a cabeça. Era a sua chance de descobrir o tamanho do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

— Vamos dizer que, por exemplo, vocês recebessem um pedido dessa empresa grande aqui da cidade, acho que se chama DENKi-3000. Suponhamos que fosse para o setor de P&D. Quantas pessoas mais ou menos vocês teriam que alimentar?

Mais uma vez, Freddy não respondeu.

Chuck esperou.

Depois de um tempo, Freddy ficou olhando para Chuck.

— Você está um pouco inchado.

— Eu *o quê*?

— É um tipo de erupção?

Chuck sabia que a vermelhidão no rosto era efeito colateral do Knoo-Yoo-Juice.

— Não é nada — garantiu.

O Famoso Freddy esticou o rosto para um pouco mais perto de Chuck.

— Também tem algo estranho com os seus olhos.

Chuck não sabia o que dizer. Tinha entrado no restaurante achando que a sua suspeita em relação ao Famoso Freddy lhe renderia alguma vantagem, mas agora não tinha tanta certeza.

— Acho que alguém já deve ter dito para você — falou Freddy, olhando firme para Chuck — que todos nós nos esforçamos para nos aceitar do jeito que somos.

— O quê?

O Famoso Freddy lançou um olhar sábio.

— É uma coisa que todo mundo, um dia, precisa resolver.

Talvez sentindo a tensão entre os dois, a garçonete largou a revista e correu para a mesa.

— Deseja mais alguma coisa? — perguntou, simpática. — Ou apenas a conta?

— A conta, por favor — Chuck murmurou. — Eu preciso ir.

Aquele senhor que chamavam de “Famoso” deu um aceno.

— Espero que tenha gostado da refeição — disse, e se arrastou de volta para a cozinha.

Lá fora, a limusine da Quazicom estava esperando. Chuck entrou e instruiu o motorista para voltar à sede da DENKi-3000. Não descobriu quase nada no restaurante, mas tinha certeza de que aquele velho chef sabia de mais coisas. De fato, o Famoso Freddy parecia saber mais do que aparentava. As últimas palavras dele ecoavam na cabeça de Chuck. *Todos nós nos esforçamos para nos aceitar do jeito que*

somos...

Por que falar uma coisa dessas assim, sem mais nem menos? Será que o Famoso Freddy *sabia* que o que mantinha Chuck esbelto era a dieta à base do Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth?

— O trânsito está horrível aqui — disse o motorista. — Posso cortar caminho?

— Por mim, tudo bem — concordou Chuck.

O motorista saiu da rua principal e entrou num beco estreito. Nas paredes acima deles estavam instaladas escadas de incêndio feitas de ferro. O sol da tarde surgia em raios, passando pelas aberturas. Olhando pelo vidro do carro, Chuck estava hipnotizado com aquela dança de sombras e de luz.

Mas aí ele viu outra coisa. Lá no alto, no topo de uma das escadas de incêndio, viu o que parecia ser...

Um sorriso gigante e repleto de dentes irregulares.

Depois viu duas mãos verdes enormes segurando a borda da escada.

Apareceu um par de olhos desumanamente grandes.



Chuck apertou o rosto para olhar melhor, mas surgiu um súbito clarão de luz solar e aquilo que ele tinha visto desapareceu.

— Você viu aquilo? — perguntou ao motorista.

— Viu o quê?

— Lá na escada de incêndio. Era um... sei lá o que era.

— Acho que o senhor entende que não dá para dirigir e olhar para cima ao mesmo tempo.

— Sim, é claro.

O motorista tinha razão. Além disso, Chuck tentou se convencer de que não passava de ilusão de ótica, um truque provocado pelas sombras do beco. No entanto, continuou olhando para as escadas de incêndio.

Ele não viu mais nada. Quando voltaram para a via principal, passando pelas belas árvores do Bickleburgh Park, Chuck já tinha se convencido de que não tinha visto coisa alguma.





Capítulo 18

Leslie e Elliot enfrentam o que as criaturas não podem enfrentar

No dia anterior, no Abstratório, Elliot e Leslie tinham escolhido as essências intangíveis, mas agora era preciso construir as máquinas. O laboratório foi dividido em três oficinas, cada uma dedicada a uma invenção: a máquina de invisibilidade, o aparelho de teletransporte e o capacete telepático.

As criaturas do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento foram divididas pelo mesmo critério e ninguém ficou de fora.

Patti Mudmeyer era a líder da equipe que se dedicava à máquina de invisibilidade, uma tarefa que parecia desafiadora para as suas habilidades não só como designer, mas também engenheira. Ela usou o peculiar lodo do seu couro cabeludo para criar mecanismos internos e externos. Criaturas sob o comando de Patti construíam as peças em escala maior, do tamanho exato para caber dentro da máquina ou formar a parte externa.

Gügor, é claro, ganhou outra chance com o teletransporte. Revelou-se um inventor calmo e dedicado, partindo do princípio de que a *arte das engenhocas* não era apenas consertar coisas, mas poderia funcionar também em projetos que começavam do zero.

Gügor recrutou várias das criaturas maiores e mais imponentes, que lidavam com o equipamento como se estivessem em plena batalha, disparando molas, engrenagens e motores até formar uma grande pilha.

Jean-Remy Chevalier foi incumbido de construir o capacete telepático. Fazia sentido, porque, das três invenções, esta é a que reunia as peças mais delicadas, e o tamanho miúdo do morcego encantado seria uma vantagem inegável. Ele contava com a ajuda das menores criaturas que havia ali, como os *hobmongrels* e os minigrifos, tão minúsculos que pareciam hipopótamos alados, mas que eram pouco maiores que o polegar de um homem adulto.

Quem supervisionava tudo era Harrumphrey Grouseman, sempre disposto a dar orientações e conselhos. O tempo todo, Elliot e Leslie se deslocavam de um lado para outro, em meio ao caos. Estavam

envolvidos em entregar e trocar o material entre as equipes, mas às vezes tinham que percorrer outras partes da mansão para encontrar estranhos fragmentos e peças que poderiam ajudar nos projetos.

Foi assim que descobriram que muitos quartos da mansão funcionavam como depósito. Havia salas inteiras ocupadas com placas de circuito e cabos, outras com engrenagens e redutores, além de relógios e mecanismos para aparelhos de medir o tempo, mais algumas repletas de peças de computadores e monitores, ou de porcas, parafusos, suportes, cola, adesivos, plásticos, tecidos, metais, garrafas, madeira, papelão e papel colorido. Era um conjunto aparentemente interminável de cômodos ocupado por uma variedade infinita de materiais.

No final do dia, os três dispositivos começavam a tomar forma.

Foi Leslie que finalmente se deu conta do horário.

— Elliot — sussurrou. — Temos que ir! Se eu não aparecer em casa para o jantar, a minha mãe surta! Elliot suspirou.

— A minha também.

Patti escutou a conversa e se aproximou, coberta de manchas de óleo no rosto.

— Você não vão ficar durante a noite? Acho que nós vamos trabalhar direto, até de manhã. Mas não se preocupem. — Passou um braço reconfortante ao redor dos ombros de Leslie. — Você pode dormir no meu quarto. Nós vamos encarar uma festa do pijama à moda antiga. Precisa ver como fica o meu travesseiro pela manhã! *Demais!*

Leslie recuou um pouco.

— Eu acho que não vai dar...

— E Elliot — continuou Patti —, você pode ficar com o Harrumphrey.

Elliot e Harrumphrey se entreolharam com atenção.

— Eu pareço alguém que vai a festas do pijama? — Harrumphrey perguntou, áspero.

— Obrigado pelo convite — respondeu Leslie —, mas eu não posso. Se eu não chegar em casa para o jantar, a minha mãe *enlouquece*. É verdade, ela é capaz de querer mudar para outra cidade porque vai achar que eu “estou andando com más companhias”. Essas coisas são complicadas com ela.

— Por que eles não usam os túneis? — sugeriu Gügor.

As criaturas ficaram paralisadas e algumas deram suspiros e gemidos.

— *Gügor!* — advertiu Harrumphrey. — Na condição de braço direito do professor, tenho que dizer que estou muito decepcionado por ouvir uma sugestão tão absurda.

— Você sabe que nós não vamos mais lá — completou Patti.

— Mas por quê? — perguntou Gügor.

— *Porque* — Patti sussurrou — os *ghorks* vivem debaixo da terra.

— Gügor sabe disso — falou o monstrengo. — Mas nós vivemos aqui por anos e anos, em cima de tantos túneis, e nunca apareceu nada de ruim vindo de lá. Talvez não existam mais *ghorks*.

— Nós não podemos ter tanta certeza disso — reforçou Harrumphrey.

Leslie estava ficando impaciente e deu um passo à frente.

— Quanto tempo a gente precisa para sair?

— Não muito — respondeu Gügor. — Dá para chegar ao parque caminhando em linha reta.

— Tem um túnel que chega ao Bickleburgh Park? — espantou-se Elliot.

— Há túneis pela cidade toda, mas com certeza vocês não vão querer...

— Vocês não imaginam como a minha mãe fica quando está nervosa. — Leslie segurou a mão de Elliot. — Além disso, o Elliot vai comigo.

— Ah, claro — respondeu o menino. Ele estava um pouco apreensivo com os rumos daquela conversa, mas Leslie parecia determinada a voltar para casa imediatamente. Ele não queria que ela achasse que faltava coragem para acompanhá-la.

— Sabe — disse Jean-Remy —, pode ser que a gente tenha *exagerrrado* no nosso medo. Temos que admitir que o que o Gügor disse é verdade e há anos *non* houve *sequer* um sinal dos *ghorks*, a *non* ser nas *histórrrias* que o *corrnel-almirrrante* conta quando *acorrda* de um pesadelo. Mas vamos *encarrar* os fatos: nenhum de nós *acrrredita* naqueles sonhos sem pé nem cabeça.



Elliot e Leslie se entreolharam.

— E aquilo que nós vimos? — perguntou Elliot.

— O gigante!

Jean-Remy balançou a cabeça.

— *Non* acho que vocês devam se *prrrreocupar* com isso. Como eu já disse, os gigantes *son* bem calmos. Além disso, a *maiorrrria* dos túneis é pequena demais *parrra* caber uma *crriaturra ton grrrande*.

— Tem certeza? — perguntou Leslie.

— É *clarrrro*!

— Ótimo. Então está resolvido. — A menina consultou o relógio. — Vamos pelo túnel. Jean-Remy, você pode mostrar o caminho?

— *Moi*?

— Depois do que você disse, achei que você estava se oferecendo...

Jean-Remy suspirou. Percebeu que tinha criado uma situação que não deixava alternativa a não ser acompanhar a dupla.

Usaram a plataforma hidráulica que da outra vez serviu para erguer o carro do Famoso Freddy.

Jean-Remy voou para a parede do túnel, para o mesmo lugar onde o avô de Leslie se posicionou para abrir a passagem secreta para o laboratório. Desta vez surgiu outra passagem, que levou a uma escadaria em espiral.

Eles entraram e Jean-Remy teve cuidado de trancar bem a porta assim que ela se fechou atrás deles. Eles ficaram surpresos ao ver que ainda havia luz: na verdade, a escada brilhava com ondulações de cor.

Das paredes saíam cúpulas de vidro e dentro delas voavam criaturas parecidas com borboletas — mas que tinham *asas brilhantes*.

Jean-Remy notou a curiosidade da dupla.

— *Son besourrrros* luminosos. Eles têm o *brrrilho* dos vaga-lumes, só que com uma intensidade bem maior.

Elliot e Leslie ficaram hipnotizados com as criaturas. O brilho daquela profusão de cores era extraordinário e projetava um caleidoscópio de luz do outro lado da passagem.

— Por aqui. — Jean-Remy chegou a uma escada.

Conduziu a dupla por três lances para baixo e em seguida apontou para um túnel sombrio.

— Basta ir *semprrre* em *frrrente* e vocês *chegarron* ao parque. Muito simples, uma linha reta, *entenderrram*?

Os dois confirmaram.

Jean-Remy voltou para a escada; claramente estava ansioso para retornar:

— Vamos mandar um recado *parrra* vocês amanhã, assim que as máquinas *estiverrem* montadas e *prrrontas parrra* os testes.

Elliot e Leslie saíram correndo pelo túnel. Por todo o caminho havia clarões de luzes vindas dos besouros luminosos.

Depois de alguns minutos de corrida, chegaram ao fim do túnel.

Não tinha saída.

— Não tem nenhuma porta aqui. — Elliot se virou e olhou para trás.

Havia outro túnel, que levava a outra direção. Tudo o que ele podia ver lá dentro era uma sombra cinzenta sem forma, que logo se transformava na mais completa escuridão.

— Será que ele quis dizer que era por aqui?

— Não pode ser, porque é o sentido contrário. Ele disse que era para continuar em linha reta.

— E se for outra porta secreta?

— *Rápido!* — Leslie correu para a parede e começou a mexer em cada pedaço de pedra que havia ali. — Tem que ser uma dessas.

Elliot começou a fazer a mesma coisa, puxando, empurrando e torcendo cada pedra ou abertura, mas não aconteceu nada. Depois de cutucarem a maior parte da parede, estavam começando a perder a calma.

— Vamos voltar — propôs Elliot.

— Eu vou chegar atrasada. — Havia pânico na voz de Leslie. — Você não conhece a minha mãe. Daqui a uma semana estaremos morando do outro lado do país.

— Mas então o que... — Elliot congelou. Não conseguia se mover. Naquele outro túnel, onde as sombras de cinza se transformavam em escuridão...

Havia alguma coisa ali.





Capítulo 19

Elliot e Leslie descobrem que os gigantes não são tão gigantescos nem tão pacíficos

A primeira coisa que eles viram foi a boca. Um sorriso enorme, cheio de dentes pavorosos. Depois notaram os olhos úmidos e parados. E o nariz pontudo e torto, seguido de uma orelha oleosa e forrada de pelos. Finalmente, surgiram as mãos verdes e enormes, que pareciam sair direto de um queixo perdido na sombra.

Sem pensar, Elliot se aproximou de Leslie e segurou a mão da menina.

— Talvez não existam *ghorks* por aqui — sussurrou Leslie. — Mas ninguém falou nada sobre...

— *Gigantes* — completou Elliot. — Apesar do que o Harrumphrey disse, isso não tem a mínima cara de *pacífico*.

O gigante parecia arrastar o corpo pelas sombras, com as suas enormes mãos terminadas em garras — que vieram diretamente na direção dos rostos das crianças.

Como era feio! Parecia balançar e tremer o tempo todo, como se algum pedaço do corpo fosse desgrudar do resto a qualquer momento. Os olhos, as orelhas e o nariz... Nenhuma das peças se encaixava. Foi aí que eles perceberam: as peças *não deveriam* se encaixar porque não pertenciam a uma única criatura.

Na verdade, *eram cinco criaturas*.

Cada uma parecia ter saído de um filme de terror bem antigo. Um *gremlin* ou *troll* horrível, com a pele verde e lisa, dentes tortos e as garras afiadas.

Ainda assim, cada um era diferente e tinha uma característica única peculiar. O que era mais assustador é que parecia haver um *sistema* naquilo. Olhos. Ouvidos. Nariz. Boca. Mãos.

Os cinco sentidos.

A altura das cinco criaturas variava bastante. A dona dos olhos imensos era a mais alta, enquanto aquelas mãos monstruosas pertenciam à menor delas.

Quando estavam juntas, obscurecidas pelas sombras ou arbustos, as cinco criaturas pareciam formar

um rosto enorme e distorcido. Elliot e Leslie sentiram uma pitada de pânico quando o rosto se desintegrou e revelou as cinco criaturas. Os dois estavam cercados, pressionados contra uma parede de pedra fria.

— São vocês aquilo que a gente viu — sussurrou o menino.

— Vocês são *ghorks*, não são? — quis saber Leslie.

— Acertou — respondeu a criatura com o sorriso enorme e sinistro. — E nós também vimos vocês, não é mesmo, Iris? — Olhou para o ser que exibia os olhos enormes.

— Sim, nós vimos *tudo* — respondeu ela, movendo os cílios peludos.

— E também ouvimos tudo — falou o dono das orelhas imensas. Para mostrar, contraiu as orelhas, que zumbiram como se fossem as asas de um inseto enorme.

— Nós cinco — disse o que tinha as mãos enormes e com cinco dedos impressionantes — somos os espiões perfeitos.

— É verdade — confirmou o ser com o nariz enorme, revelando uma poderosa voz anasalada. — Conseguimos farejar qualquer coisa! — Jogou a cabeça para trás, exibindo as narinas. Era como olhar dentro de um par de poços sem fundo.

— Isso é verdade — falou o dono do grande sorriso. — Sabemos tudo sobre vocês.

— Vocês sabem porque estavam nos seguindo — afirmou Leslie.

— Claro que sim — disse a criatura de olhos enormes. — É o nosso trabalho.

— Fomos contratados para ter certeza de que a Quazicom vai conseguir o que quer.

— Vocês trabalham para eles?

O *ghork* dono da boca sorriu.

— Você não sabia? Não existe apenas um Departamento das Criaturas no mundo...

As cinco criaturas se juntaram e não havia para onde correr. Elliot e Leslie só podiam se comprimir contra a parede, apertando a pedra que ficava atrás deles na esperança de encontrar uma trava secreta para sair dali.

A criatura com as mãos enormes se aproximou e o bafo da sua respiração tomou conta do lugar.

— Vocês vêm com a gente — afirmou, lambendo os lábios intermináveis com a língua macia e branca.

— Como vocês se atrevem a atormentar crianças inocentes? — trovejou uma voz vinda da escuridão. — Afastem-se deles!

As cinco estranhas criaturas se viraram e viram o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut. Ele parecia surpreendentemente corajoso na penumbra do túnel, com as medalhas do uniforme refletindo o brilho emitido pelos besouros brilhantes.

— *Tinha que ser!* — disse o sorriso sinistro. — Já estamos cheios de você!

Reggie ergueu a sua espada conforme as cinco horrendas criaturas pularam na direção dele, num movimento incrivelmente rápido. Três delas se dirigiram para o braço que segurava a espada dourada.

Enquanto isso, a criatura com mãos enormes escalou as costas de Reggie para se acomodar nos seus ombros, dando golpes no rosto avermelhado do *bombastadon*.

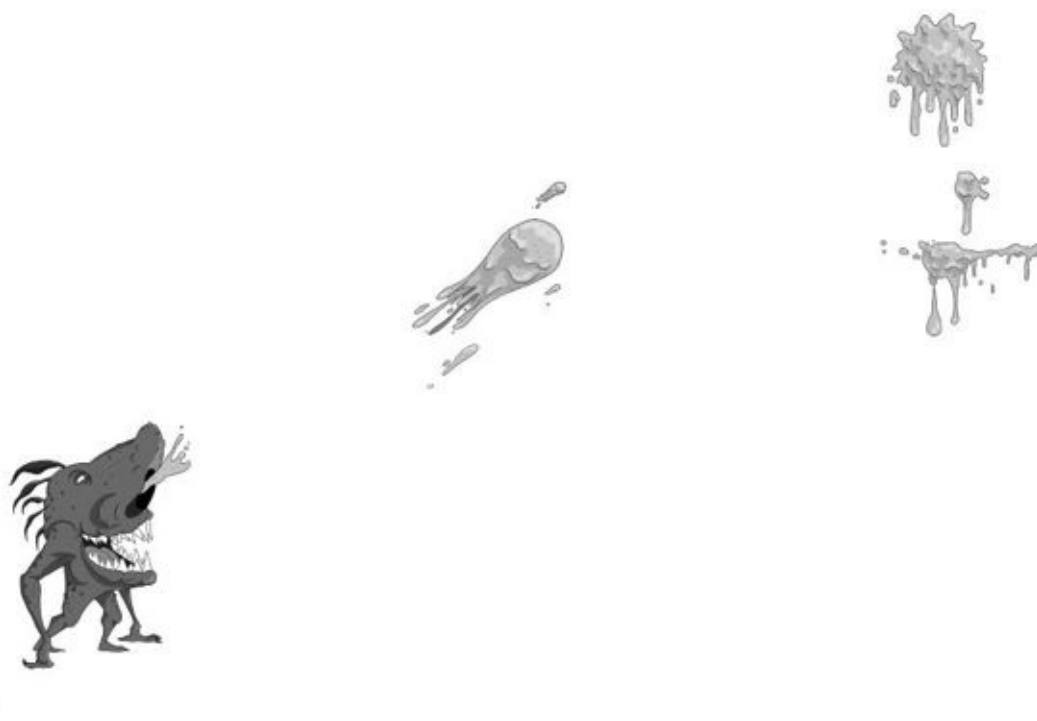
O *ghork* com o nariz enorme deu alguns passos para trás.

— Segurem firme! — gritou.

Os outros se esforçavam para imobilizar a grande criatura.

O monstro com o nariz enorme tampou uma narina, inclinou a cabeça para trás e forçou o ar para fora.

poof! puuf! poomp!



Aquela metralhadora em forma de nariz atirou uma rajada de bolhas de meleca, que cobriram a cabeça e os ombros de Reggie.

— Eca! Vocês são nojentos! Fiquem longe de mim!

Mas é claro que elas não se afastaram e logo a parte de cima do corpo do coronel-almirante estava coberta de gosma.

— Precisamos ajudá-lo — falou Leslie.

Ela se abaixou e pegou as maiores pedras que conseguiu achar. Jogou com toda a força no monstro-nariz, que se virou e mirou na menina.

poof! puuf! poomp!

Dessa vez, os tiros de meleca voaram ainda mais rápido. Elliot e Leslie procuraram proteção atrás de um rochedo, mas um daqueles lançamentos nojentos bateu nas costas do menino. Ele teve a impressão de ser atingido por uma bolada de um final de campeonato esquisito, no qual as bolas arremessadas viravam lama.

Leslie se agachou quando outras bolas de meleca explodiram na parede atrás deles.

— Tive uma ideia — falou Elliot. — Mas, para funcionar, eles precisam chegar mais perto.

Sem hesitar, Leslie se ergueu e gritou:

— Ei, Senhor Rinossoro! Nunca ouviu falar em lenço de papel?

— Sua pestinha! — O nariz bufou profundamente e...

poof! puuf! poomp!

Leslie se abaixou.

splloosh!

splush!

— Errou de novo! — Leslie provocou. — E eu achando que você ia conseguir me acertar...

O *ghork*-nariz rosnou, cheio de frustração. Arrastou-se em direção às crianças, bufando, fungando e balançando a cabeça, acumulando um estoque da sua asquerosa munição dentro das narinas generosas.

— Agora você vai ver — ameaçou ele, parado a apenas alguns metros de distância e com um som mais anasalado que nunca.

Ele estava prestes a cobrir Leslie de meleca quando Elliot saltou segurando duas pedras, que jogou no fundo do nariz da criatura.

O *ghork*-nariz gritou e cambaleou, tossindo e fungando e pulando com força para tentar expulsar as pedras. Ao saltar, tropeçou em algo e caiu para trás, batendo a cabeça na parede da caverna. Caiu no chão e ficou ali, respirando pela boca e liberando o muco espesso e verde que escapava do bloqueio formado pelas rochas dentro das narinas.

Reggie, entretanto, ainda lutava para conter as outras quatro criaturas.

— Agora é a minha vez — anunciou Leslie. — Faça o que eu fizer.

Ela se abaixou e pegou um punhado de areia do chão.

— Veja isso.

Leslie correu até a *ghork* com olhos enormes (que estava chacoalhando o braço direito de Reggie) e disse:

— Você consegue ver isso? — Mostrou a mão vazia.

— Ver o quê, pirralha? Não sei se você percebeu, mas estou ocupada batendo num *bombastadon*. É uma tarefa difícil, sabia?

— Você consegue ver ou *não consegue*? — Leslie ergueu ainda mais a mão.

— Na sua mão? Não tem nada aí!

— Tem, sim. Você não enxerga tão bem quanto acha.

Incapaz de resistir a essa provocação, a *ghork* de olhos esbugalhados soltou o braço de Reggie e se aproximou para um olhar mais atento. Parou bem perto da mão da menina.

— Você pirou. Não tem nada aí.

— Desculpe — disse Leslie. — Mostrei a mão errada. — Jogou o punhado de areia nos olhos

arregalados da monstrixinha.

— aaaai! — Ela berrou como se fosse uma sirene e saiu aos tropeços. — Os meus olhos! Os meus olhos! Os meus lindos olhos! — Entrou correndo pelo túnel, mas, sem conseguir enxergar o caminho, bateu contra a parede e caiu ao lado do parceiro com o nariz gigantesco.

Com apenas três atacantes para enfrentar, Reggie finalmente tinha melhores chances de vitória. Agarrou dois *ghorks* e os arremessou pelos ares, jogando-os na mesma pilha que os outros.

Por fim, o único que restou foi o *ghork* de boca grande, cujo sorriso deixou de ser suave para ter contornos de riso de derrota. Ele se afastou de Reggie e tentou reanimar seus amigos.

Reggie pegou o seu sabre de ouro do chão e o apontou para o inimigo.

— Você, senhor, é uma vergonha desprezível para todos no universo das criaturas. Reúna os seus companheiros e desapareçam na escuridão de onde vocês vieram!

O *ghork* atingido revelou o sorriso sinistro mais uma vez.

— Esta não é a última vez que vocês ouvem falar de nós. *Vamos voltar mais cedo do que vocês pensam!*

Ele conseguiu animar os outros e, juntos, saíram mancando, feridos e resmungando, no meio da escuridão.

Reggie tirou um lenço do bolso e limpou a lâmina da espada.

— É apenas cerimonial, claro — admitiu, colocando a espada de volta na bainha —, mas numa hora dessas ajuda bastante.

— Reggie, obrigada! — Leslie correu e deu um grande abraço no *bombastadon* (ou melhor, tentou dar. Reggie era imenso demais para receber um abraço adequado de uma garota de doze anos. Tudo o que Leslie podia fazer era se posicionar ao lado dele, levantar os braços e chegar no máximo na altura da barriga dele).

Reggie, por sua vez, ficou claramente confuso com essa súbita demonstração de afeto. Ele olhou com certo desconforto para Leslie, como se a ideia de abraço fosse estranha para ele.

— Por favor, você não precisa... quero dizer, acho que não é o caso... Bom, não precisa agradecer, senhorita. — Agitou as mãos. — Eu estava apenas cumprindo o meu dever. Defendendo a linha de frente, sabe...

Leslie recuou.

— Esses *ghorks* te reconheceram. Você combate essas criaturas o tempo todo?

Reggie se curvou.

— O seu tio me incumbiu de proteger as entradas do Departamento das Criaturas e é isso o que acabei de fazer.

— Não é à toa que você tem pesadelos.

Reggie fez uma expressão séria.

— Só de vez em quando.

— Por que eles têm essa aparência? — quis saber Elliot.

Reggie balançou a cabeça, sacudindo as presas com desânimo.

— Parece absurdo, mas você acredita que eles se reproduzem dessa maneira? Por isso passam tanto tempo lutando entre si. Nada tem mais importância para eles do que descobrir quem é superior.

— Que motivo mais besta para fazer uma guerra.

— Existem poucos motivos que não são. — Reggie apalpou as medalhas no seu peito. — E, infelizmente, falo por experiência própria. — Olhou para dentro do túnel para onde os *ghorks* tinham entrado. — Devo dizer que não é comum ver cinco deles trabalhando em conjunto.

— Hum, desculpe a interrupção — falou Leslie. — Eu *preciso mesmo* ir para casa. Você se importaria de mostrar o caminho?

— Claro que não. — Tirou do bolso um pequeno aparelho, que lembrava um telefone celular. A tela exibia um mapa.

— O que é isso? — perguntou Elliot. — Um gps?

Reggie fez expressão de surpresa.

— Como vocês sabem disso?

— Todo mundo já viu um sistema de posicionamento global.

— Ah, mas que besteira! Quem precisa de um sistema *global* para usar aqui embaixo? Meu caro, é um sistema de posicionamento *Ghork*. Sempre uso quando vou dar as minhas voltas por aí.

Mostrou o mapa, na verdade um labirinto tridimensional.

— Os *ghorks* são essas pequenas manchas verdes. Como vocês podem ver, o caminho está livre.

— Mesmo assim — insistiu Leslie, olhando para a parede do beco sem saída. — Eu *realmente* queria sair deste túnel!

— Mas é claro. — Ele piscou para ela. — Quero que vocês saibam que não sou exatamente um mau engenheiro. Acertei o meu gps para abrir qualquer uma das portas secretas por controle remoto. — Reggie apontou o aparelho para a parede.



Quando apertou o botão, a superfície da pedra abriu ao meio. Alguns degraus de pedra levavam até uma formação de granito bem no meio do Bickleburgh Park.

— Fique com isso — disse Reggie, entregando o gps para Elliot. — Você vai precisar disso para voltar amanhã.

Elliot balançou a cabeça, triste.

— É o nosso último dia antes da reunião.

Reggie deu um sorriso tranquilizador, com as bochechas dançando sobre as presas de um jeito engraçado.

— Estou certo de que uma das invenções que o departamento está desenvolvendo será um grande sucesso! Além disso, sempre podemos contar com o seu tio. Ele é incrível. Nunca nos decepcionou antes e não vai fazer isso agora.

— É isso o que eu espero.

— Não precisa se preocupar, meu rapaz. Eu *tenho certeza!* — Despediu-se de Elliot e, como se quisesse demonstrar a sua fé inabalável no professor Von Doppler, Reggie voltou para o Departamento das Criaturas andando serenamente como se fizesse um passeio matinal.

Mas Elliot não tinha a mesma confiança. A um dia antes da reunião com os investidores, ele estava começando a se preocupar...

Onde o tio Archie foi parar?





Capítulo 20

A fase de testes começa e acaba — com uma lamentação

O dia seguinte era quinta-feira, ou a véspera da reunião com os acionistas. Ninguém tinha nenhum sinal do professor Von Doppler. Quando Elliot e Leslie voltaram ao Departamento das Criaturas, não viram nenhum *ghork* (claro que o Sistema de Posicionamento *Ghork* foi bastante útil).

No laboratório, os protótipos já estavam concluídos. Três estruturas de aparência estranha cobertas por lençóis brancos estavam instaladas no meio da sala. Parecia um trio de fantasmas desajeitados.

— Bem-vindos de volta! — saudou Harrumphrey. — Achamos que deu certo, mas só vai dar para ter certeza depois dos testes. Você chegaram em boa hora. Segundo o costume, quem escolhe as essências tem a incumbência de colocá-las nos inventos.

Começaram com a máquina da invisibilidade. Patti puxou o lençol e revelou uma caixa retangular. Era oca na parte do meio, bem parecida com os scanners que vemos nos aeroportos — a não ser por uma diferença *bastante* significativa.

No caso dos aparelhos dos aeroportos, as paredes internas costumam ser de um plástico liso e sem graça — ao contrário deste, que tinha um interior nada comum: era todo revestido de algo bastante estranho.

— *São olhos!* — admirou-se Leslie.

Ao lado dela, Patti sorriu com orgulho.

— Não se preocupe. Eles não são de verdade, só parecem ser reais.

De fato: cada par de olhos parecia surpreendentemente verdadeiro. Tinham formas e tamanhos diferentes, mas não faltava nada: pálpebras, cílios, íris de várias cores e até sobrancelhas.

— É muito assustador — comentou Leslie.

— Eu mesma fiz cada um deles. Olhem só! — Patti passou os dedos pelo cabelo e juntou uma bola de resina do seu couro cabeludo. Enrolou e depois modelou com uma velocidade surpreendente. Quando ela abriu a mão, sobre a palma repousava um globo ocular tão realista que Leslie achou que poderia

piscar a qualquer momento.

Patti se aproximou da máquina, apontando para os vários pares de olhos.

— Cada um desses — explicou — representa as diversas maneiras de olhar para alguém. Este aqui é um olhar de desconfiança. — E apontou para um par levemente estrábico. — E este aqui é de espanto. — Mostrou dois olhos bem abertos. — A ideia é: você coloca algo numa máquina e, *teoricamente*, assim que todos os olhos fecham, o objeto dentro dela desaparece.

— Mas será que funciona mesmo? — indagou Elliot. Ele achava bastante improvável.

— É estranho, mas funciona — garantiu. — Essa é a tecnologia das criaturas. De qualquer forma, não é com o projeto que eu estou preocupada, mas com a *essência*. Se vocês dois fizeram as escolhas certas, vai funcionar direitinho.

— Aqui estão as essências — falou Gügor, apontando com um dos dedos nodosos para a mesa ao lado do invento.

Obscuridade, deslumbramento e esmagadora suspeita de que algo grande e faminto está escondido debaixo da cama: as três essências de invisibilidade, pelo menos de acordo com Elliot e Leslie.

Patti abriu uma portinha na lateral da máquina, onde havia uma abertura parecida com o lugar em que se coloca gasolina num carro.

— Tudo o que temos a fazer é colocar uma gota de cada uma aqui, mas, como Harry explicou, cabe a vocês essa honra.

Leslie e Elliot seguiram as instruções. Cada um pegou um frasco e pingaram uma gotinha no tanque. E, juntos, pingaram o último e crucial ingrediente: a esmagadora suspeita de que algo grande e faminto está escondido debaixo da cama.

— Vamos ver se funciona. — Patti se aproximou do painel de controle e ligou a máquina.

Cada par de olhos instalado na parte interna piscou e começou a brilhar. Um momento depois, todos examinavam o ambiente, avaliando o laboratório com grande curiosidade.

— É muito *assustador* — falou Leslie. — Gostei!

Mas a bizarrice da invenção não incomodava Patti, que sorria como se fosse uma mãe orgulhosa.

— Muito bem — falou, esfregando as mãos com entusiasmo. — Qual de vocês será a primeira cobaia?

As criaturas deram um pequeno passo para trás. Uma brecha se abriu no meio da multidão e Elliot viu Bildorf e Pib, que acabavam de entrar no laboratório.

— Que tal eles? — sugeriu.

Bildorf e Pib congelaram.

— Por que todo mundo está olhando para nós? — quis saber Bildorf, um pouco preocupado.

— Elliot — disse Harrumphrey —, acho que é uma boa oportunidade.

— Oportunidade *para quê?* — quis saber Pib.

— Para desempenhar um papel importante na história da ciência das criaturas — respondeu Patti. —

Gügor?

O grandalhão capturou os *hobmongrels*, acomodando um em cada mão.

— Ei, isso é uma grande ideia? — gritou Pib.

Gügor despejou a dupla dentro da máquina e, antes que eles pudessem pular para fora, um portão de metal subiu de ambos os lados, prendendo os dois.

Cada olho do dispositivo se virou para olhar os dois *hobmongrels* em silêncio.

— Esperem — falou Bildorf. — Isso é porque ficamos caçoando do Reggie o tempo todo? Veja bem, pessoal! É o Reggie!

Pib concordou na hora:

— O cara é um palhaço! — Olhou para aquela centena de olhos brilhantes que a encaravam. — Tudo bem, eu retiro o que disse! Ele não é um palhaço, é um sujeito adorável!

— Eu concordo *plenamente* — acrescentou Bildorf. — Agora, como a gente faz para sair dessa coisa?

— Aliás... — disse Pib. — O que é isso exatamente? A gente não tinha nem prestado atenção nessa engenhoca.

Jean-Remy voou baixo, bem perto de Bildorf.

— Talvez se você *trrrabalhasse* um pouco mais no *laborrrratórrrio*, *saberrria* do que se *trrrata*.

— Respondendo à sua pergunta — interveio Elliot —, isso é uma máquina de invisibilidade.

— Quer dizer que vamos... *desaparecer*? — perguntou Pib.

— Não se preocupe — disse Patti. — É seguro.

Bildorf sorriu aliviado.

— Ah, mas é claro que vocês já testaram essa coisa antes, com uma fruta ou um travesseiro, certo?

— Ou talvez uma bola de meia — completou Pib.

— Na verdade — esclareceu Patti —, essa é a primeira vez que ela vai funcionar.

No mesmo instante, os dois *hobmongrels* bateram no portão de metal com os pés pequenos e peludos. Gritaram todas as coisas óbvias. *Vocês não podem fazer isso! Tirem a gente daqui! Nós não somos uma bola de meia! Dá para fazer esse monte de olhos brilhantes parar de olhar para nós?*

— Silêncio — falou Patti. — Preciso me concentrar. — Ela mexia nos controles e raios de luz partiam dos globos oculares, um por um. Cada um parecia um holofote, brilhando sobre Bildorf e Pib. — Chegou a hora da verdade. — Patti puxou uma alavanca na lateral da máquina. Uma melodia suave e lenta, que lembrava uma velha caixa de música, surgiu dos alto-falantes embutidos no aparelho.

Na parte de dentro, alguns pares de olhos brilharam, piscaram e se fecharam. Era a canção de ninar que começava a fazer efeito.

— Olhe! — falou Leslie.

No centro da máquina, onde estavam Bildorf e Pib, a luz começou a enfraquecer. Ao mesmo tempo, as duas criaturas ficavam cada vez menos nítidas.

— Eles estão desaparecendo — disse Elliot.

— Espera, pessoal — Bildorf choramingou. — Eu não quero desaparecer!

— Nem eu — completou Pib. Ela colocou uma das minúsculas patas na frente do rosto, olhando com espanto enquanto tudo ia ficando nebuloso, como se fosse uma imagem visualizada através da água.

— Inacreditável — falou Harrumphrey. — Está funcionando!

Gügor se aproximou e parou atrás de Leslie e Elliot colocando as mãos enormes e quentes nos ombros da dupla.

— Eu só queria que o professor estivesse aqui para ver isso.

Todos, até os dois *hobmongrels*, ficaram em silêncio. A parte interna da máquina foi ficando cada vez mais escura, até que o último par de olhos se fechou.

— Espere um pouco — falou Leslie. — Eu ainda consigo ver os dois.

— Consegue? — Patti apertou um botão e as portas de metal se abriram. A menina estava certa. Aquele processo estranho de fato tinha exercido um efeito sobre os dois *hobmongrels*, mas não conseguiu deixá-los invisíveis. Na verdade, eles apenas tinham ficado...

Borrados.

— O que vocês fizeram com a gente?

— Estamos apagados!

Em vez de um par de criaturas que lembravam ratinhos, os *hobmongrels* tinham virado manchas marrom-alaranjadas.

— Oh, Pib!

— Oh, Bildorf!

As duas manchas se abraçaram formando uma coisa só, que chorava como um bebê.

— *Buááá! Buááá! Buááá!*

— Não se preocupem — disse Patti. — O efeito não é permanente e deve desaparecer em algumas horas, talvez dias. Para ser honesta, não sei muito bem.

— *Dias?* — As duas manchas caíram no choro outra vez. — *Buáááá!*

— Talvez a gente devesse tentar a próxima invenção — sugeriu Harrumphrey.

Eles se aproximaram do segundo dispositivo, que era o mais alto. Gügor puxou o lençol e mostrou uma poltrona de pelúcia instalada sobre uma montanha de aparelhos: mostradores, controladores, medidores, molas, correntes, fios e placas de circuito com luzes piscantes.

Ao contrário da máquina de invisibilidade de Patti, que exibia forma elegante e superfícies lisas, esse invento parecia uma pilha de sucata.

— Teletransporte é difícil — explicou Gügor, com a calma habitual. — Mas Gügor tem certeza de que vai funcionar dessa vez. Descobrimos que o segredo está em ficar tranquilo, porque o teletransporte só funciona pouco antes de cair no sono. É preciso estar relaxado, mas ainda acordado. — Bateu na têmpora com o seu dedo grosso. — Pelo menos essa é a teoria de Gügor.

— Faz sentido — disse Harrumphrey.

Gügor apontou para a poltrona confortável no alto da montanha de máquinas e eletrônicos.

— Essa cadeira é a segunda mais confortável que existe no universo.

— A *segunda*? — perguntou Leslie.

O grandalhão confirmou:

— Gügor fez o teste.

— Mas por que *a segunda* mais confortável?

— Porque na mais confortável do universo o sono vem imediatamente. A equipe de Gügor precisava de algo mais lento.

Os grunhidos vindos das criaturas maiores confirmavam o que ele tinha acabado de dizer.

Gügor moveu os olhos lânguidos para o outro lado da sala.

— Então, quem quer ser teletransportado?

Como se estivessem movidas por um instinto de grupo, as criaturas olharam para as duas manchinhas que estavam no chão.

— Oh, não — falou Pib. — De novo?

No entanto (mais uma vez), Gügor foi mais rápido que eles. Apesar de estarem borrados, capturou os dois com facilidade e levou-os para perto do seu rosto.

— O teletransporte vai ajudar — afirmou. — Quando a máquina de Gügor reconstruir vocês, estarão exatamente do jeito que eram antes.

— Tem certeza? — perguntou a mancha que correspondia a Bildorf.

— Esperem aí — falou a mancha-Pib. — Quem falou que a gente quer ser reconstruído?

Gügor nem respondeu à pergunta. Em vez disso, subiu uma escada que levava até o topo da máquina e prendeu as formas que antes eram conhecidas como Pib e Bildorf na segunda cadeira mais confortável do universo.

Elliot e Leslie despejaram as essências escolhidas — esperança, vontade de cair na estrada e emoção de andar pela primeira vez na garupa de um aracnomamute — dentro da máquina. Os mostradores, painéis e monitores começaram a piscar. A tela principal exibia a imagem das manchas de Bildorf e Pib se debatendo na poltrona de pelúcia.

Em vez de se lamentar, como tinham feito até alguns momentos antes, os dois *hobmongrels* emitiam um som que lembrava o choro de bebês.

— Relaxem — instruiu Gügor, com calma. — Vocês serão desmaterializados e depois reconstruídos aqui embaixo, ao lado de Gügor. — Apontou para um lugar perto dos seus pés, onde havia um X vermelho marcado no chão.

Os registros mostravam que a segunda cadeira mais confortável do universo estava fazendo o seu trabalho. O chororô de Bildorf e Pib foi ficando cada vez mais baixo, conforme as duas criaturas sentiam cada vez mais sono. Rapidamente, estavam prestes a dormir.



Gügor puxou a alavanca.

OuvIU-se um estalo de trovão e um raio azul elétrico brilhou e saiu daquela pilha de aparelhos, rumo à poltrona que estava instalada no alto. Depois de um zzzap final, as duas manchas de *hobmongrels* desapareceram. Tudo o que sobrou no lugar deles eram pequenos fios de fumaça.

Gügor olhou para o X vermelho ao seu lado e as suas sobrancelhas discretas se moveram alguns milímetros quando ele percebeu que não havia nada ali.

— Ops — falou.

Movimentou os visores e a tela mostrou uma imagem de Bildorf e Pib. Como Gügor previra, não estavam mais borrados — mas era evidente que o teste não saiu conforme o planejado. A dupla parecia estar flutuando num infinito branco e vazio.

— De acordo com as avaliações de Gügor — falou a criatura —, funcionou tudo perfeitamente. — Olhou calmamente para a tela. — Só que eles podem ter sido enviados para outra dimensão.

— *Outra dimensão?* — gritou Pib.

— Tragam a gente de volta já! — berrou Bildorf.

— Gügor vai levar um pouco de tempo para descobrir onde vocês estão.

— Tentem olhar pelo lado positivo — aconselhou Harrumphrey. — Pelo menos, vocês não são mais um par de manchinhas.

Para os *hobmongrels*, era um consolo muito pequeno. Eles se abraçaram, tremendo, e gritaram:

— *Buááá!*

— Bem — resmungou Harrumphrey —, dá para dizer que *as duas* invenções não funcionaram.

Jean-Remy bateu as asas e pousou em cima da terceira invenção, a menor delas. Estava coberta por um lençol.

— *Non se prrreocupem, mes amis* — anunciou. — Eu, *Jean-Remy Chevalier*, desenvolvi uma

invençon que *encherrria* o *prrrrofessor* de *orrrrgulho*. Posso *garrrrantir*, sem qualquer *sombrrrra* de dúvida, que é *absolument parfait*! — Segurando o lençol, Jean-Remy voou para o alto e revelou o capacete telepático.

Parecia com a imagem apresentada nos slides dos irmãos Preston: um chapéu em forma de ovo com uma antena no alto, que curiosamente lembrava a Torre Eiffel. Das laterais, onde deveriam ficar as orelhas, saíam dois radares em miniatura.

— Essa é uma *invençon parrrra* ser usada na cabeça — explicou Jean-Remy — e por isso acho que quem deve testar é o dono da cabeça maior.

Harrumphrey suspirou:

— Você quer dizer eu, né?

Com um pouco de insegurança, ele concordou em experimentar o capacete telepático.

— Tudo bem, vamos acabar logo com isso — falou. — Como essa coisa funciona?

— Em primeiro lugar — lembrou Jean-Remy —, precisamos das essências. — Abriu uma pequena gaveta na parte da frente do invento, um pouco acima da testa de Harrumphrey.

Pela terceira e última vez, Elliot e Leslie despejaram as gotas das garrafas selecionadas no Abstratório: intuição, vozes que ecoam e uma insaciável fome de cérebros.

Quando Jean-Remy ligou o interruptor na parte de trás do capacete, o objeto emitiu um som que parecia o eco distante de um código Morse. O minúsculo radar-orelha começou a se contrair e a girar, enquanto a “Torre Eiffel” brilhava de um jeito que fez Leslie pensar nas luzes de Natal que o seu avô colocava no restaurante.

— Tudo o que você deve fazer — disse Jean-Remy para Harrumphrey — é *concentrrrar* a *atençon* em quem você escolher. O capacete *irrrrá* captar os pensamentos dessa pessoa.

Harrumphrey olhou para todos os colegas, mas os seus olhos pararam em Gügor.

— Sabe de uma coisa, meu grande e hesitante amigo? — falou o grandalhão. — Talvez você tenha usado mais palavras para explicar o seu aparelho de teletransporte do que a soma do que disse nas últimas semanas.

Gügor encolheu os ombros.

— Eu gostaria de saber o que mais passa nessa cabeça peluda.

Harrumphrey se atrapalhou um pouco, mas logo estava olhando para Gügor. Todas as luzes da Torre Eiffel começaram a piscar juntas, enquanto os minirradares se voltaram diretamente para a cabeça de Gügor.

— Você está captando alguma coisa? — Jean-Remy perguntou para Harrumphrey.

— Não... Nada. Mas acho que não podemos descartar a possibilidade de que o crânio dele é grosso demais.

Gügor franziu a testa.

— E você, Gügor? — disse Jean-Remy. — Sente alguma coisa?

— Sim, eu me sinto insultado — respondeu Gügor.

Jean-Remy alterou alguns comandos do capacete e mandou que Harrumphrey tentasse novamente.

Mais uma vez, não foi possível captar todos os sinais, mas alguma coisa *estava* acontecendo com Gügor.

Os seus lábios tremiam. Ele abriu a boca e soltou um lamento profundo e agudo, como se fosse o som de uma triste sirene. Lágrimas escorriam por aquele rosto imenso e chegavam aos cantos da boca. O imperturbável grandalhão estava chorando!

Harrumphrey se virou para Jean-Remy:

— Tem certeza de que essa coisa funciona?

Jean-Remy garantiu:

— *Mais oui! Clarrro* que funciona!

Quando Harrumphrey mudou de assunto, Elliot percebeu algo.

— Olhem, ele parou de chorar.



De volta ao seu estado normal, Gügor apenas sacudiu os ombros.

— *Interrressante* — avaliou Jean-Remy, e depois pediu para Harrumphrey tentar novamente, dessa vez com Patti.

Alguns instantes depois, a musa do pântano estava chorando.

— Que sensação mais estranha — soluçou ela. — Não sei o motivo, mas de repente fui invadida por uma tristeza imensa...

Mais uma vez, quando Harrumphrey se distraiu, o desespero desapareceu.

— Muito *estrrrranho*... — falou Jean-Remy. — *Harrumphrrrey*, vamos testar essa coisa comigo. *Prrrecisamos descobrrrir* qual o *prrrroblema*.

Harrumphrey concentrou a sua atenção no morcego encantado. Jean-Remy sentiu a mesma tristeza de Gügor e Patti, mas tentou resistir heroicamente. O seu rosto congelou sob a sombria máscara da determinação, mas não havia nada que pudesseser feito. Uma única lágrima escorria de cada olho.

— *Non* — ele choramingou. — Por favor, é demais! O meu *corrrraçon* só consegue sentir o *prrrrofund*o pesar de um amor condenado!

Harrumphrey usou a cauda para desligar o capacete.

— Sem querer ofender, eu acho que há algo errado.

— O que será? — perguntou Leslie. — A única coisa que aconteceu é que todo mundo ficou triste.

Jean-Remy estalou os dedos minúsculos.

— *Mas é clarrro!* — Em seguida, voou para perto da menina e deu dois beijos em cada uma das suas faces (que ficaram vermelhas na hora). — *Mademoiselle, a senhorrrrita é genial!*

— Eu?

— *Clarrro* que você é! É isso mesmo o que você disse, todo mundo ficou *trrrriste* — berrou ele. —

Vocês *non perrrcebem?*

— *Não!!* — berraram todos ao mesmo tempo.

— Eu *non crrriei* um capacete telepático, mas sim um capacete *telepatético!*

— Como assim? — perguntou Elliot, resumindo o que os outros também sentiam.

— *Oui!* É *marrravilhoso, non é?* — gritou Jean-Remy, ignorando a confusão que o cercava. —

Funciona *perrrfeitamente* e ainda *comprrrrova* que Elliot e Leslie têm talento, como a gente suspeitava.

— Espere um pouco — pediu a menina. — O que é um *capacete telepatético?*

— Você *non* sabe? É um *aparrrrelho* que *trrrransmite* a *trrrristeza dirrreto parrra* o *cérrebrrrro* de *outrrrra* pessoa. Pode *non* ser o invento que a gente *querrria*, mas é uma *grrrande revoluçon* na ciência das *crrriaturrrras!*

Elliot abaixou a cabeça.

— Mas quem vai querer uma coisa dessas?

O entusiasmo de Jean-Remy desapareceu:

— Bem, essa é uma boa *perrrgunta*.

— *Maravilhoso* — interrompeu Harrumphrey. — Temos três invenções e nenhuma delas funciona, pelo menos não do jeito que deveriam.

— Mas, e o meu tio? — perguntou Elliot. — Ele vai aparecer com alguma coisa surpreendente, como ele disse! — O menino tentou reunir a mesma confiança que Reggie tinha demonstrado nos túneis, sem sucesso. Nenhuma das criaturas se convenceu.





Capítulo 21

Reggie finalmente adormece

O coronel-almirante Reginald T. Pusslegut estava esgotado. Era plena madrugada e ele não conseguia dormir. Na verdade, já fazia dias que não entrava num estado adequado de hibernação. *Malditos pesadelos*, pensou.

Reggie suspirou e sentou-se na sua cama enorme. Os lençóis caíam sobre o chão como se fossem um deslizamento branco e sedoso. Só havia uma coisa a fazer: ir até o laboratório e tentar achar um pouco de chá e biscoitos.

Como era muito tarde, o local estava deserto. Reggie achou que havia algumas novidades por ali. Muitas mesas tinham sido afastadas para abrir espaço no centro, onde estavam três dispositivos novos. Reggie não reconheceu nenhum deles. O primeiro parecia um detector de metais usado em aeroportos. O segundo, um estranhíssimo capacete de motociclista com formato oval. E no meio de tudo havia uma pilha de tranqueiras que servia de base para...

Algo extraordinário!

Os *bombastadons* eram famosos pela capacidade de escolher locais adequados e *confortáveis* para hibernar. Aquela poltrona lá em cima parecia maravilhosamente acolhedora. Sem dúvida, era a poltrona de pelúcia mais aconchegante (ou, talvez, a *segunda* mais aconchegante) que ele já tinha visto. Parecia *muuuito* convidativa, ideal para embalar aquele corpo grande e monumental. Tinha inclusive uma escada que levava até ela!

Só que Reggie não era um escalador dos mais hábeis e conseguir sair do chão já seria uma façanha. Ao subir, ele tremeu e tropeçou, balançando as pernas pelo ar. Os seus dedos dos pés sem querer atingiram os controles da máquina e, alguns degraus acima, o sapato bateu em algo que poderia ser um painel de controle. Ele não deu muita importância. Por que uma poltrona tão confortável iria precisar de um painel de controle?

Assim que se acomodou, Reggie viu que estava certo sobre o conforto daquela cadeira. Deixou a sua

mente se acalmar, sem saber se já tinha conseguido relaxar assim alguma vez antes.

Não.

Nunca.

Era extraordinário!

Em poucos instantes, sentiu-se prestes a cair no sono. Estava tão relaxado que mal percebeu o trovão que acompanhou o relâmpago azul que atingiu o seu corpo.







Capítulo 22

Monica quer uma promoção e Chuck fica sem remédio

Mais uma vez, Chuck Brickweather estava se sentindo estressado. As suas mãos suavam, as têmporas latejavam e o estômago parecia dar nós (mas isso podia ter sido porque naquela manhã ele tinha bebido quatro garrafas de Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth).

Era véspera da decisiva reunião dos acionistas e ele ainda não sabia quase nada sobre o que acontecia no Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento. E se o professor cumprisse a promessa? Se aparecesse com uma nova invenção fabulosa e surpreendesse todo mundo? Com certeza, seria um desastre para a Quazicom — sem falar que Chuck quase certamente estaria na rua. Por isso, era preciso arrumar um jeito de entrar naquela mansão velha e estranha. E ele tinha *um plano*.

Depois de passar vários dias explorando a sede da DENKi-3000, Chuck percebeu algumas coisas estranhas. Os mapas e diagramas antigos que encontrou nos arquivos da empresa, por exemplo, davam a entender que havia um elaborado sistema de túneis ligando as várias unidades da fábrica. Ele concluiu que o caminho a ser seguido ficava *embaixo da superfície*.

Pensando em executar seu plano, ele tinha roubado os diagramas dos arquivos e, naquele dia, estava totalmente preparado para explorar os túneis que ficavam embaixo da DENKi-3000. Quando Chuck chegou ao seu escritório, algo o interrompeu: um e-mail.

O remetente era Monica Burkenkrantz, vice-presidente da DENKi-3000. A mensagem o perturbou mais que o fracasso em desvendar o segredo do professor Von Doppler. Estava assinalada com o código um, que significava “urgente mesmo” — pronunciava-se “ummmm”, que é o som que as pessoas costumam fazer quando pisam em algo quente e mole.

Só os executivos mais graduados da DENKi-3000 podiam enviar mensagens da categoria um — que, quando chegavam ao destino, automaticamente bloqueavam o computador (a única maneira de fazer a máquina voltar à atividade era ler a mensagem). No caso, o teor era ameaçadoramente direto:

Chuck, precisamos conversar. Minha sala, 10h.

A primeira coisa que Chuck fez quando leu a mensagem foi vasculhar o fundo da gaveta da sua mesa. Pegou uma garrafa de Knoo-Yoo-Juice e bebeu de uma vez. Tinha um pressentimento de que iria precisar daquilo.

Quando chegou, irritou-se ao ver que a sala de Ralph, assistente exclusivo de Monica Burkenkrantz, era maior que o escritório que a DENKi-3000 tinha oferecido para ele.

— Olá, senhor Brickweather — saudou Ralph de trás da sua mesa quando Chuck entrou. — A senhorita Burkenkrantz está à sua espera. — Consultou o horário na tela do computador. — Vejo que o senhor chegou um pouco antes. Isso é bom, pois eu sei melhor do que ninguém como ela valoriza a pontualidade.

Chuck não tinha certeza se gostava do tom paternalista do rapaz, mas estava estressado demais para manifestar o seu desagrado. Instintivamente, levou a mão ao bolso do blazer listrado para conferir se a garrafinha extra do seu suco estava mesmo lá.

— A senhorita Burkenkrantz diz que o senhor pode entrar — anunciou Ralph, com um sorriso frouxo. — É só seguir reto.

A sala dela era três vezes maior que a de Chuck. Prática-mente cercada de janelas, também tinha uma vista melhor — se é que alguém podia achar bonita a paisagem monótona de Bickleburgh e os campos vazios que cercavam a cidade.

Monica olhou para o relógio.

— Bem na hora, excelente. — Fez um sinal para Chuck se acomodar numa das cadeiras à sua frente.

— Você quer falar comigo? — perguntou ele.

— Quero. Acho que está na hora de uma conversa direta.

O que ela queria dizer com isso? Chuck se perguntou se seria possível que ela tivesse uma queda por ele, o que não seria necessariamente uma notícia boa.

Com os cotovelos apoiados sobre a mesa, Monica começou a mover os dedos.

— Você sabia que, antes de me tornar vice-presidente da DENKi-3000, ocupei o mesmo cargo *em três outras empresas*?

Chuck balançou a cabeça.

— É verdade. Já fui vice-presidente de uma fábrica de botões, de uma fabricante de palitos e de uma empresa de vitaminas e suplementos alimentares. — Ela balançou a cabeça. — Eu detestava todos esses empregos.

Chuck não conseguia entender o que ele tinha a ver com isso. Mas quando foi mesmo que ele tinha tido uma conversa direta com alguém? Talvez fosse assim mesmo.

— Acho que dá para você perceber que temos objetivos comuns — completou ela.

— Eu não sei se entendi, desculpe.

— Objetivos comuns, Chuck! Você sabe o que isso significa, não sabe? Estamos do mesmo lado.

— Estamos, é?

— É claro! Você não entende o que está acontecendo?

— Entendo! Quer dizer, eu acho que sim...

— Esta é a *quarta vez* que ocupo a vice-presidência de uma empresa. Está se tornando um hábito, um mau hábito. Na verdade *um vício*, que é a mesma coisa. Como você acha que é, ano após ano, dizer às pessoas que você é vice-presidente de algum lugar?

— Eu não acho que ser o vice-presi...

— Não me interrompa, Chuck — interrompeu Monica.

— Mas você me perguntou como eu acho que...

— *Chuck!* Vamos aos fatos. Estamos do mesmo lado. Você trabalha para a Quazicom, que pretende assumir esta empresa. E eu quero largar esse *meu mau hábito*. Entendeu agora?

— Nadinha.

— Será que você é ainda mais burro do que parece, Chuck?

Ele piscou.

— Vamos raciocinar — disse Monica, inclinando a cabeça para um lado. — Você nem sequer *parece* ser esperto. Acho que são os seus olhos, muito grudados. Mas não há muito o que fazer, né, Chuck? Você nasceu assim. Vai ter que viver com isso.

— Humm... — Chuck não gostava quando as pessoas falavam dos seus olhos.

— Vou tentar ser mais direta — disse Monica. — Quando a Quazicom assumir tudo, vão dividir esta empresa. Adivinhe quem vai ficar responsável pelo que sobrar?

— Huum... Sir William? — Chuck sugeriu.

— não! — Monica deu um murro na mesa. — Claro que serei eu!

— Você?

— Sim! Finalmente vou largar o vício e deixar de ser vice. Presidente e diretora executiva Monica Burkenkrantz! Está tudo combinado.

Finalmente Chuck entendeu.

— Eu mesma acertei tudo com o seu Chefe — explicou Monica, repleta de confiança. — Ele concorda com tudo.

Chuck engoliu em seco.

— O Chefe?

— Assim que a Quazicom assumir as rédeas, esta vai ser uma empresa *bem diferente*. Mas, para isso acontecer, você precisa apresentar seu relatório *antes* da reunião dos acionistas. — Ela apertou os lábios e adquiriu uma expressão feroz. — Se o relatório chegar ao Chefe antes da reunião, ele vai seguir em frente com a aquisição, não importa o que os investidores decidirem. Assim, Von Doppler não terá qualquer chance de apresentar seja o que for que ele estiver inventando. Entendeu o que quero dizer?

— Acho que sim — disse Chuck —, mas como posso escrever o relatório se não tive acesso ao Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento?

Monica bateu na mesa de novo.

— Você é um espião, Chuck! Deveria estar espionando!

— Um espião? Achei que você detestava espiões.

— Só detesto quando eles não estão do meu lado.

— Entendi.

Monica se levantou da cadeira e caminhou até o janelão da sala. Lá embaixo, ficava o pátio da DENKi-3000.

— Eu posso te dizer uma coisa, Chuck: o Chefe não está muito contente com o seu desempenho...

— Não está, é?

Monica apontou para o pátio.

— Ele esperava que, a essa altura, você já soubesse o que acontece naquela velha construção esquisita.

— Mas eu... — disse Chuck — tenho um plano.

— Algo me diz que o Chefe não confia muito nesse plano.

— Como você sabe? — Ele estava ficando com raiva (o que não é bom para o estresse). — Só tive essa ideia hoje de manhã!

Monica voltou para a mesa e apertou um botão. Uma parte do vidro se iluminou, revelando um painel de controle oculto.

— O Chefe acha que você pode precisar de ajuda.

Chuck apertou os olhos.

— Ajuda sua?

— Não diretamente, mas de alguns dos partidários do Chefe. Você pode chamá-los de espiões *de verdade*.

— Como assim?

Monica ergueu as mãos.

— Desculpe, Chuck. Só estou repetindo o que o Chefe falou.

— Espiões *de verdade*? Ele disse isso?

Monica confirmou, com serenidade.

— Posso apresentá-los a você? — Apertou outro botão no painel de controle brilhante. — Podem entrar — disse ela, falando para um microfone embutido em algum lugar do tampo da mesa. — Só preciso avisar que a aparência deles é um tanto peculiar.

Chuck se virou para a porta, sem saber o que esperar.

— Não olhe para a porta — Monica disse. — Olhe para cá.

Chuck se virou novamente e viu que Monica estava apontando para a parede lisa atrás da sua mesa.

Ela abriu e saíram cinco...

M-m-m-monstros!

“Aparência peculiar” não era uma boa definição. Eram cinco monstregos: manchados, cobertos de escamas e verdes, como ogros (ou *trolls*, ou *gremlins*, ou qualquer outra coisa). Cada um tinha uma característica descomunal: uma boca enorme, um nariz imenso, duas orelhas elefantinas, olhos gigantes e mãos assustadoras!

— Senhor Brickweather — falou Monica. — Quero apresentá-lo ao Grinner, Adenoid Jack, Wingnut, Iris e Digits. Ou, como eles gostam de ser chamados, aos cinco *ghorks*.

Chuck quase desmaiou. O seu rosto, até então vermelho, agora estava com *cor de pavor!*

— *G-g-ghorks* — ele sussurrou.

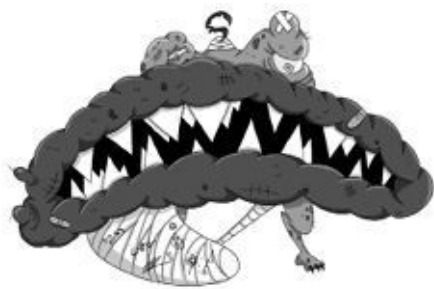
— Não se preocupe — acalmou Monica. — Eles estão aqui para ajudar.

Chuck tentou se levantar. A sua única reação foi querer fugir dali o mais rápido possível.

— Qual é o problema? — perguntou Grinner, falando através do que parecia uma centena de dentes afiados. — Você não gosta de *ghorks*?

— N-n-não, imagine! — Chuck moveu os braços, enfaticamente. — Claro que não! É só que...

— Ei!! — Monica colocou as mãos no quadril, olhando para os monstros. — O que aconteceu com vocês? — Apontou para os curativos que eles exibiam.



Chuck tinha ficado chocado demais ao vê-los entrar, mas depois notou que todos estavam cobertos com arranhões, esparadrapos e ataduras.

Talvez o mais grave fosse Adenoid Jack, o dono do narigão. Dois grandes chumaços de algodão escapavam daquelas narinas.

— Não foi nada — respondeu Grinner, com petulância. — Só uma pequena queda na escada...

— *Todos* vocês caíram da escada? — perguntou Monica.

— Está nos chamando de mentirosos? — Iris apertou os olhos enormes e deu um passo ameaçador na direção da vice-presidente (Chuck gostou de ver Monica ficar branca de medo).

— Não, claro que não! — disse Monica, sem hesitar. — Existem algumas escadas perigosíssimas...

— Pois essas eram mesmo — completou Digits, apontando o longo dedo para Monica.

— As mais perigosas que existem — enfatizou Wingnut. Ele balançou a cabeça com tristeza, provocando uma rajada de vento com suas enormes orelhas.

— Não se preocupe — falou Adenoid Jack, cutucando com cuidado a ponta da sua napa. — Vamos

nos vingar daquelas escadas.

— Certo — disse Monica, que parecia ansiosa para mudar de assunto. — Chega de falar de escadas. Quero que vocês conheçam o senhor Brickweather. Podem chamá-lo de Chuck.

Toda a atenção se voltou para Chuck e ele congelou. Cada pedacinho do seu corpo desejava cair fora dali, mas ele estava atordoado demais para se mover.

— Ele também é um espião — Monica continuou, sorrindo com falsidade para Chuck. — Só não é muito bom. Assim como vocês, ele foi enviado para reunir informações antes do ataque, quero dizer, da compra.

Ela disse ataque?, Chuck se perguntou. Mas ele não divagou muito tempo, porque os cinco *ghorks* o cercaram, olhando-o de cima a baixo. Nenhum deles parecia impressionado.

— Achei que poderia ser interessante — continuou Monica — se todos vocês trabalhassem juntos.

— Se-senhorita Burkenkrantz — gaguejou Chuck, lutando para controlar os pés. — Acho que prefiro trabalhar sozinho.

— Por que tanta individualidade? — perguntou Grinner. — Eu tinha entendido que você não se incomoda com os *ghorks*.

— Não, não! Não é nada disso! Claro que eu gosto dos... *g-g-g-ghorks*!

— É mesmo? Porque dá a impressão de que não é bem assim. — Wingnut ergueu a ponta de uma orelha enorme. — Eu consigo *ouvir* na sua voz.

Chuck riu, nervoso:

— Ah, eu nunca mentiria. Estou apenas um pouco alterado.

— É verdade — disse Iris. — Você parece estressado.

Chuck engasgou.

— Estressado, eu?

Grinner soltou um bafo de desconfiança.

— É o seu rosto — falou ele. — Está todo vermelho.

Chuck quase entrou em pânico. Já era demais! Aquela mulher estava de segredinhos com o Chefe, e ainda apareciam aqueles seres horrorosos! Ele começava a sentir que o seu corpo elegante estava perdendo o controle. Mal podia resistir à garrafa escondida no bolso. *Preciso de um gole!*

Ele enfiou a mão no bolso, tirou a tampa da garrafa e...

— Pare!

Chuck estava com o vidro bem perto dos lábios.

— Me dê isso — falou Monica.

Chuck negou.

— Não posso...

— *Agora!*

Em vez de entregar a garrafa, Chuck tentou se aproximar da porta. Os *ghorks*, no entanto, foram mais

ágeis e o dominaram. A garrafa foi arrancada da sua mão, e Digits empurrou Chuck de volta para a cadeira.

Iris entregou a garrafa para Monica, que virou o conteúdo na mão.

— Mais essa... Eu nunca ia imaginar...

Tudo o que Chuck conseguiu murmurar foi:

— Isso é um remédio. — Tentou recuperar o frasco. — E eu preciso dele.

— Claro que precisa. — Monica cheirou o líquido e fez cara de nojo. — *Tenho certeza* de que você precisa mesmo.

— Como assim? — Alguma coisa no jeito como aquela mulher afirmou ter certeza causou um arrepio na espinha de Chuck.

— Lembra que eu disse que fui vice-presidente de uma empresa que produzia suplementos alimentares? Você consegue adivinhar o nome dessa empresa?

Chuck perdeu a fala. Tentou dizer algo, mas não conseguiu.

— Knootri-Vitamins Incorporated, do Dr. Heppleworth.

— Você trabalhou lá?

— Eu era *vice*-presidente, como já contei. — Monica tremeu ao dizer isso.

O corpo de Chuck desabou sobre a cadeira.

— Então, você sabe o que essa bebida faz, não sabe?

— Na verdade, não sei.

— Não sabe? — O rosto de Chuck se iluminou (era um brilho rosado).

— Não — afirmou Monica —, mas estou prestes a descobrir.

Chuck continuou mudo.

— O motivo que me fez sair da empresa Dr. Heppleworth é o mesmo que me causa dificuldades aqui na DENKi-3000. — Ela se inclinou para a frente, aproximando-se de Chuck, que estava preso na cadeira pelas mãos enormes de Digits. — É segredo demais para o meu gosto. Na verdade, a Dr. Heppleworth tinha uma área bem parecida com a mansão lá embaixo. Ninguém podia entrar, a não ser o próprio senhor Heppleworth. Eu sempre quis saber o que acontecia lá, mas cansei de perguntar e nunca recebi nenhuma resposta. Tem ideia de como isso é frustrante?

Os cinco *ghorks* balançaram a cabeça em solidariedade a ela.

— Um dia, pouco antes de sair, comecei a vasculhar os computadores do velho Heppleworth. Não descobri muita coisa sobre a ala secreta da empresa, mas sabe *o que eu achei*? Um memorando sobre um produto secreto que eles estavam desenvolvendo. — Ergueu a preciosa garrafa com o líquido de cor rosada. — Era alguma coisa chamada Knoo-Yoo-Juice.

— Você precisa de-devolver isso — Chuck gaguejou. — Eu preciso muito di-disso pa-para...

— Precisa *para quê*, Chuck? Talvez, se você me disser, eu possa te devolver...

Chuck mordeu o lábio. Como ele podia explicar? Era impossível, ainda mais cercado por um bando

de *ghorks*!

— Não se preocupe, Chuck. Você não precisa dizer uma palavra. Algo me diz que é só esperar. — Monica deu a volta na sua mesa e trancou a garrafa de Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth dentro de uma gaveta. — Tenho certeza de que não vai demorar muito para ver o que acontece com o senhor Chuck Brickweather quando ele *não toma* o remédio.





Capítulo 23

Reggie fala coisa com coisa

Quando o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut abriu os olhos, viu tudo branco. *Onde estou?*, perguntou-se ele. Não tinha a menor ideia, mas uma coisa era certa: pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se descansado. *Incrivelmente* bem descansado. Era *extraordinário*!

Uma brisa revigorante atingiu o seu corpo. Qualquer outra pessoa teria se incomodado com o vento, mas para Reggie não era nada. Afinal, ele era um *bombastadon* e tinha sido criado para o frio.

Virou a cabeça para os lados. Branco. Tudo era branco.

Seria possível?

Ele se sentou e sentiu algo muito macio sobre os ombros.

— *Neve!* — gritou. — Isso é extraordinário!

Mal controlando os pés, ele viu que estava dentro de uma caverna gelada. Caminhou até a abertura e olhou para fora.

Não demorou a perceber que estava em casa, nos confins da Antártida. Estava perto do sopé do Monte Codrington, na Terra Sem Fim, um ponto turístico bastante agradável no inverno.

Mas como ele chegou ali? Lembrou aos poucos de ter cochilado numa cadeira maravilhosamente confortável. Talvez ele ainda estivesse dormindo. Mas, se era um sonho, parecia mais real que qualquer outro.

Só para ter certeza, ergueu o braço e deu um beliscão na pele solta e rosada que ficava perto do cotovelo.

— *Ai! Não estou sonhando!*

Talvez desse para localizar alguns dos antigos companheiros, talvez eles pudessem explicar o que ele estava fazendo ali. Estava prestes a se aventurar por aquela imensidão de gelo quando parou de repente.

De trás dele surgiu um ruído agudo, que lembrava o estilhaçar do gelo. Ele se virou, mas a caverna

parecia vazia. Então viu alguma coisa: um bloco de gelo azul bem lá no fundo. Sentiu um tremor. Reggie se preparou para um terremoto ou uma catástrofe glacial, mas percebeu que não era o *chão* que estava tremendo, e sim aquele único bloco de gelo.

— Que estranho — murmurou.

Entrou na caverna e, depois de dar alguns passos, entendeu por que o gelo estava se mexendo daquele jeito. Havia algo congelado dentro dele. Quando Reggie se abaixou para dar uma olhada, mal conseguiu acreditar no que viu.

Eram Bildorf e Pib, aqueles dois *hobmongrels* insuportáveis. De algum jeito, tinham conseguido ficar presos dentro de um bloco de gelo.



— O que vocês dois estão fazendo aqui?

Mas eles estavam paralisados demais para conseguir responder. Tudo o que conseguiram fazer foi movimentar de leve o bloco para a frente e para trás.

— Acho que vocês gostariam que eu os tirasse daí, né?

A resposta foi um movimento mais forte.

— Muito bem, suas pestes. — Reggie puxou a sua espada cerimonial e, com um rugido, deslizou a lâmina bem no meio do bloco de gelo, quase acertando os *hobmongrels*. Os dois estavam uivando e azuis de tanto frio, com gotas glaciais pingando dos bigodes.

— Muito, muito, muito, muito, muito, muuuiiito obrigado! — gritou Bildorf.

— Isso mesmo — acrescentou Pib.

Reggie retribuiu aquela manifestação duvidosa de gratidão com uma saudação.

— Ah, não precisam agradecer. Agora, por favor, parem de pular desse jeito, como se fossem dois idiotas. Vocês vão provocar uma avalanche.

— Mas como podemos parar? — gritaram as criaturas quase hipotérmicas. — *Estamos congelando!*

— Sério? Estou achando esse friozinho uma delícia.

— Isso é porque você é um... um... — Pib apontou o dedo trêmulo para o rosto de Reggie. — Esqueci o nome do que você é!

— Sou um *bombastadon*, senhora.

— Sim, um desses...

— *Ah!* Eu esperava que vocês pelo menos soubessem o nome da *minha espécie*, apesar de todo desprezo que sempre dedicaram à minha pessoa. Mas vejo que seria pedir demais.

— Escute — disse Bildorf —, por acaso você não trouxe um pouco de chá com biscoitos, trouxe?

— Lamento informar que não. Na verdade, eu estava tentando achar justamente essas delícias quando vi aquela cadeira maravilhosa.

Pib suspirou.

— Você não consegue ver a diferença entre uma cadeira e um aparelho de teletransporte?

— Ah, então era isso.

— Só que não funciona muito bem — informou Bildorf. — Tudo o que é colocado lá vai parar na Antártida. Veja! — Ele apontou para uma pilha de bolas de meia que estavam no canto da caverna. — Eles estão fazendo testes há vários dias.

— Você disse que tudo vai parar na Antártida? — Reggie passou a mão numa das suas presas, pensativo. — E o que tem de errado nisso?

— É frio demais! — gritaram os *hobmongrels*.

— Ah, parem de choramingar. Talvez isso ajude. — Reggie agarrou Bildorf e Pib pelo cangote e acomodou os dois dentro do seu uniforme. — Muito bem. Espero que isso os deixe aquecidos... e quietos!

— Agora, sim — falou Pib. Ela se acomodou no peito quentinho de Reggie. — Aqui está uma delícia!

Bildorf concordou:

— Para ficar melhor é só a gente se livrar desse cheiro de sardinha.

— Desculpe — disse Reggie. — Talvez eu tenha derramado um pouco do meu jantar.

— E agora? — perguntou Bildorf. — Como vamos voltar para casa?

— Isso é fácil — afirmou Reggie, saindo da caverna em direção à imensidão gelada. — Temos que achar um aracnomamute.

— *Por favor* — pediu Pib. — Você poderia falar alguma coisa que faz sentido uma vez na vida?

— Senhora, como um soldado e um cavaleiro, tenho o dever de só falar coisas que fazem sentido.

— Ah, céus!

— E foi por isso que sugeri o aracnomamute.

— Mas o que é um aracnomamute? — perguntou Bildorf.

— Um paquiderme grande, peludo e com oito patas.

— Um elefante peludo e com oito patas?

— Isso mesmo. E *incrivelmente rápido*! Consegue atravessar um continente inteiro em poucas horas! Além de ser um ótimo nadador! Se a gente conseguir usar um aracnomamute como montaria, voltamos para casa rápido!

Os dois *hobmongrels* puseram a cabeça para fora da gola do uniforme de Reggie.

— Você acha que a gente acredita nisso?

— É claro! — Reggie continuou se arrastando pelo gelo. — Esses animais são bastante comuns por

aqui. A qualquer hora a gente vai encontrar um deles.

Pib caçoou:

— Parece quase tão ridículo como “trazer a paz para o grande Reino da Antártida”.

— Mas eu fiz isso mesmo — garantiu Reggie. — A prova está à nossa volta. Vejam só que lugar pacífico.

— Não tem *ninguém* aqui — disse Bildorf. — É como dizer que você levou a paz para a Lua.

— Não, lá foi outra pessoa.

— Uma vez, só *uma vez* na vida — falou Pib —, eu gostaria de ver você admitir que noventa por cento de tudo que diz é...

Ela parou.

Algo que ela viu a impedia de falar. Era grande e muito rápido. Era exatamente como Reggie tinha descrito: um mamute enorme e peludo, com oito patas e corpo de aranha, esmagadoras patas de elefante e *duas* (duas!) presas enormes.

— Ah, ali vem um deles. — Reggie cuspiu na palma das mãos e as esfregou, com animação. — É melhor vocês segurarem firme, porque isso pode ser um pouco agitado.

Os dois *hobmongrels* seguraram firme na lapela de Reggie. Ficaram apavorados ao ver que o aracnomamute vinha direto na direção deles, emitindo um som bem alto.

uóóó!

Quando parecia que o animal iria pisoteá-los até a morte, Reggie pulou para o lado e agarrou uma das presas, segurando o aracnomamute com um movimento elegante.

— Muito bem, amigão! — Reggie sussurrou algumas palavras no ouvido da criatura, que se acalmou na hora.

— Não acredito nisso — disse Pib.

— Nem eu — completou Bildorf. — Mas é verdade!

— Bem — disse Reggie, que puxava o imenso animal andando em círculos lentos. — Onde fica o norte?

Antes que Reggie conseguisse se orientar, surgiu um bando de aracnomamutes cortando a imensidão gelada. Na garupa de cada um vinha um *bombastadon*, todos vestidos com a mesma indumentária militar de Reggie, com medalhas, botões brilhantes e espadas cerimoniais.

A visão era tão assustadora e imponente que os dois *hobmongrels* voltaram a se esconder dentro do uniforme de Reggie.

Quando aquele exército de *bombastadons* viu Reggie de pé no seu caminho, todos interromperam a sua marcha, levantando uma tempestade de neve e gelo. Em seguida, um jovem *bombastadon* montado no seu aracnomamute se aproximou de Reggie.

— Coronel-almirante Pusslegut? É o senhor mesmo?

Reggie bufou:

— Quem mais você esperava encontrar num lugar como este?

— Ouvimos falar que o senhor tinha sido morto na batalha da Ilha dos Elefantes.

— Imaginem! Nem o derretimento das calotas de gelo consegue acabar com o velho Reggie!

— Claro, senhor. — Os olhos do jovem soldado se concentraram no peito de Reggie. — Mas preciso

admitir que parece que o senhor... mudou bastante.

Reggie demorou um pouco para notar que os dois *hobmongrels* preenchiam o seu uniforme e davam a impressão de que o *bombastadon* contava com um par de seios irregulares.

— Ah, sim... Quero dizer, *não*! Não é o que vocês estão pensando! Isso aqui são só... os meus...

Bildorf e Pib apareceram no colarinho de Reggie.

— Somos amigos dele — explicou a dupla.

— Amigos? — surpreendeu-se Reggie.

— Os amigos do coronel-almirante — disse o jovem soldado *bombastadon* — são nossos amigos também. Não é verdade, senhores?

A confirmação da tropa ecoou por longas extensões de gelo. Quando as vozes diminuíram, o jovem soldado à dianteira comandou o restante numa saudação solene.

— Senhor — falou ele. — É uma grande honra e privilégio finalmente conhecê-lo.

Ao ver isso — um exército inteiro de *bombastadons* da Antártida batendo continência em sinal de respeito —, Bildorf e Pib ficaram tomados de emoção. Não puderam evitar e fizeram algo que jamais, nem num milhão de anos, achariam possível: olharam para o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut e o saudaram também.





Capítulo 24

Elliot e Leslie assistem à reunião errada e o Chefe sugere uma forma de produção alternativa

Era sexta-feira na DENKi-3000. As criaturas tinham consertado as máquinas durante a noite, mas nenhuma delas estava funcionando direito. A reunião decisiva dos acionistas seria realizada no final da tarde e as criaturas não tinham nada para mostrar. E, o que era pior, ninguém sabia nada de novo sobre o tio de Elliot.

Leslie e Elliot decidiram voltar ao Abstratório. Talvez, se selecionassem essências novas e frescas, os dispositivos funcionariam da forma correta. Eles se reuniram na floresta do Bickleburgh Park e usaram o gps de Reggie para abrir a porta. Mas, quando se dirigiam ao Departamento das Criaturas, Elliot parou.

Olhou para o outro túnel, aquele pelo qual os *ghorks* tinham fugido. De frente para ele, com a luz do dia brilhando lá fora, o menino viu um clarão no chão da caverna.

— O que é isso? — Leslie perguntou.

Elliot não respondeu. Pegou o lápis elétrico e examinou as sombras com a lente telescópica.

— Nós não devemos entrar aí — Leslie avisou.

— Eu sei, mas... — Elliot deu alguns passos na direção do túnel. — Está tudo bem. Não tem nenhum *ghork*, viu? — Ele levantou o gps para mostrar à menina.

Leslie seguiu o amigo para dentro do túnel e viu que ele estava certo. Mas tinha alguma coisa no chão: era um crachá da DENKi-3000. Elliot reconheceu a foto na hora.

— É o tio Archie! — Elliot começou a explorar a caverna. — E se os *ghorks* o levaram? A gente precisa achar o meu tio!

— Não é melhor avisar os outros?

— Eles não vão vir. Estão apavorados demais para andar por aqui.

— E o Reggie?

— Vai dar tudo certo — afirmou Elliot. Mostrou o gps. — Enquanto tivermos isso aqui.

— Não sei, não...

— É o meu tio. Eu *tenho* que encontrá-lo e trazê-lo de volta antes da reunião.

Os túneis embaixo da DENKi-3000 formavam um labirinto de sombras e de pedras, iluminado pela fosforescência viva dos besouros luminosos.

Seguiram em frente e os pequenos pontos verdes que representavam os *ghorks* na tela ficaram cada vez mais numerosos.

Tiveram que se enfiar em aberturas ou andar na ponta dos pés pelos cantos das cavernas para não dar de cara com bandos de *ghorks*. Eles esperavam (esperançosamente) encontrar Reggie, mas não havia nem sinal dele.

Um brilho trêmulo surgiu na curva adiante.

A luz dos besouros luminosos atingia a parede em ondas, lançando sombras que caíam sobre a pedra como o movimento suave dos oceanos.

Leslie parou.

— O que é isso? — Apontou para um poço de escuridão em plena parede: uma sombra sólida e em movimento. — Tem mais alguma coisa neste túnel.

Elliot consultou o gps.

— Definitivamente não é um *ghork* — afirmou o garoto.

E não era mesmo, porque tinha um tamanho bem maior. A volumosa sombra se ergueu na parede à frente deles.

— Se isso não é um *ghork*, então deve ser o Reggie. — Elliot estava prestes a dar um passo quando Leslie agarrou o seu braço.

— Não — sussurrou ela. — Dê uma olhada no formato.

Leslie estava certa. Tinha algo errado com aquela sombra. Reggie andava sempre com o corpo ereto e aquela criatura tinha a postura de um gorila — isso sem falar na cauda.

Reggie não tinha cauda. O dono daquela sombra, porém, contava com uma cauda longa e espessa que deslizava como uma cobra.

Os dois se esconderam atrás de uma rocha e esperaram a criatura passar. Mas ela não passou: em vez disso, entrou em outro túnel e a sombra desapareceu.

— Estou começando a entender — falou Elliot — por que ninguém quer andar por aqui.

Mais uma vez, eles seguiram a luz vacilante e não demorou muito para chegar a uma saliência que permitia ver toda a caverna.

O lugar tinha o tamanho de um estádio de futebol. No telhado havia uma grande cúpula de vidro cheia de besouros luminosos e quase tão clara quanto a luz do dia. O chão estava coberto de fileiras de cadeiras, cada uma ocupada por um *ghork*. Havia *centenas* deles. Todos estavam acomodados de frente para um palco que ficava na extremidade da caverna (o cenário tinha uma estranha semelhança com a reunião dos acionistas da DENKi-3000).



Elliot estremeceu. Havia algo de particularmente arrepiante em ver criaturas desagradáveis e cruéis como os *ghorks* organizadas daquele jeito.

Os cinco *ghorks* que eles já conheciam subiram no palco e foram recebidos pela multidão com aplausos. Logo depois deles surgiu... *Monica Burkenkrantz*!

Eles se acomodaram atrás da longa mesa, em silêncio. Todos pareciam esperar algo.

De repente, uma imagem apareceu na enorme tela instalada atrás do palco. Era a silhueta da cabeça e dos ombros de um homem. O seu rosto estava embaçado pela sombra e, embora fosse impossível dizer quem era, até o último *ghork* explodiu em gritos.

— Quazicom para sempre! — berrou um dos monstros.

— Viva o Chefe! — completou outro.

O Chefe.

Quem quer que fosse, levantou a mão para silenciar a multidão.

— Obrigado — falou. — Não precisam aplaudir. — Tinha uma voz seca, dura e grave, mas as palavras fluíam com um calor doce que a deixava agradável e quase sedutora. — Eu gostaria de começar cumprimentando a futura presidente da DENKi-3000, senhorita Monica Burkenkrantz, além de mais alguns conhecidos. Os líderes das cinco tribos: Grinner, Iris, Wingnut, Adenoid Jack e Digits. E, claro, dar as boas-vindas a todos vocês, leais investidores da Quazicom Internacional!

Um estrondo surgiu da multidão quando os *ghorks* deram vivas para eles mesmos.

— *Investidores* — sussurrou Leslie.

Elliot mal podia acreditar.

— Os *ghorks* estão por trás da Quazicom.

O Chefe pigarreou.

— Arrã, muito bem! Já faz um tempo que nós da Quazicom estamos ampliando as nossas operações por meio da aquisição de empresas em todo o mundo. Escolhemos essas empresas porque elas partilham os mesmos traços incomuns. Primeiro, criam produtos diferentes como ninguém consegue fazer. Em segundo lugar, a origem desses produtos sempre fica guardada a sete chaves.

No palco, Monica Burkenkrantz balançava a cabeça.

— É claro — falou o Chefe — que nós sabemos qual é o segredo, não é?

Ouviram-se vaias, assobios e berros dos *ghorks*.

— Sabemos, sim — continuou o Chefe —, que é o Departamento das Criaturas. — Ergueu algo que parecia um minúsculo “ovo” azul. Era uma bala de menta *wireless*. — Produtos de qualidade como o TransMints deveriam pertencer à Quazicom, que é o que vai acontecer *muito em breve*. — Enfiou a pastilha na boca.

Mais manifestações raivosas dos *ghorks*.

— Por isso a parceria entre a Quazicom e os *ghorks* é tão promissora. Nós, da Quazicom, vamos nos apossar da tecnologia da DENKi-3000. E vocês, *ghorks*... Bem, vocês vão assumir o novo Departamento das Criaturas.

Em meio a berros e aplausos, a multidão dava socos no ar.

— Eles vão trabalhar para nós! — gritou um deles.

— Vamos transformá-los em *escravos*! — completou outro.

Na tela, o Chefe interrompeu.

— Sabem, eu estou quase com inveja de vocês. Entre nós, humanos, o trabalho escravo saiu de moda há muitos anos. — Ele suspirou, melancólico. — Bons tempos aqueles...

Em plena escuridão da caverna, Leslie e Elliot precisavam se apoiar no rochedo.

— Criaturas transformadas em escravos — falou Elliot. — É isso o que vai acontecer se a Quazicom assumir a empresa.

— Nós temos que detê-los!

— Como? Olhe só quantos são.

— Em primeiro lugar — lembrou Leslie —, precisamos voltar. Não podemos deixar que as criaturas ignorem o que está acontecendo bem debaixo dos seus...

Elliot colocou a mão sobre a boca de Leslie. Algo vinha na direção deles. Em silêncio, ele consultou o gps. Não havia pontos verdes nas proximidades. Não era um *ghork* que andava pelo túnel; era a mesma coisa que eles tinham visto antes: a tal criatura curvada e com cauda de lagarto.

— Está vindo para cá — murmurou Leslie.

Elliot olhou para baixo e tudo o que viu foi um penhasco íngreme e fundo.

— Para onde iremos?

Quando ele perguntou baixinho, uma coisa estranha aconteceu: a luz da cúpula iluminada por besouros luminosos se alterou e piscou (ela fazia isso o tempo todo, mas daquela vez era diferente). Olharam para a cobertura de vidro que protegia o local. De repente, os besouros luminosos brilhavam todos juntos.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Leslie.

Os insetos formaram um tubo cônico de luz, com uma das extremidades alargada criando um

triângulo.

— É uma seta!

Os insetos radiantes brilhavam como sinais de uma estrada, daqueles usados para indicar o caminho.

— Aquela coisa está apontando para essa borda. — Elliot olhou na direção apontada e não viu nada.

— Eles querem que a gente vá para lá?

Os besouros luminosos apagaram.

— Acho que não — arriscou Leslie.

Um grunhido medonho e borbulhante ecoou pelo túnel. A criatura estava se aproximando.

Os insetos se iluminaram novamente, mas dessa vez o desenho formava setas curvas, apontando para trás.

— Talvez eles queiram que a gente vá para o lado — disse Elliot.

Os insetos brilharam com entusiasmo.

— Sim, eu acho que é isso. — Leslie ficou na ponta dos pés para se equilibrar, inclinando-se para observar melhor. — Olhe! Tem outra plataforma ali!



Outro rosnado ecoou pelo túnel. A criatura agora estava muito perto. A única esperança era se esconder na outra superfície, só que ali eles poderiam ser vistos — bastava que os *ghorks* olhassem para cima. Mas não havia escolha nem outro lugar para ir.

— Obrigado — disse Elliot para os milagrosos besouros luminosos. Eles piscaram uma vez e saíram, voltando à sua organização sem sentido.

De mãos dadas e com as costas pressionadas contra a parede da caverna, Leslie e Elliot passaram para a outra rocha com cuidado. Assim que chegaram ao outro lado, ouviram os passos lentos e indolentes e a respiração irregular daquilo que estava no encalço deles. Veio direto para a plataforma que os dois tinham acabado de abandonar.

Leslie estava na frente e afastada demais da outra borda para conseguir ver algo, mas Elliot, que ainda estava perto, quase podia tocar a pele da criatura. Tudo o que viu foram escamas vermelhas cintilantes. *O que poderia ser?*, ele se perguntou. Uma pequena parte dele tinha curiosidade, mas uma porção bem maior simplesmente queria ficar o mais longe possível. Elliot cutucou Leslie e percebeu que ela... *tinha desaparecido*.

Era outro túnel. A menina entrou nele e puxou Elliot.

— Onde estamos? — sussurrou ele.

— Dê uma olhada no gps. Podemos voltar por aqui?

De acordo com o Sistema de Posicionamento *Ghork*, no entanto, aquele túnel não existia. Simplesmente não estava no mapa. Mas, como não havia possibilidade de voltar (pelo menos, não com um grande monstro escamoso esperando por eles), seguiram adiante.

O túnel terminava numa pesada porta de ferro. Tinha a parte superior arredondada, nenhuma transparência e era feita de hastes metálicas cravejadas de inúmeros rebites.

— E agora? — perguntou Elliot.

— Nós não vamos tentar abrir a porta? — indagou Leslie.

— Deve estar trancada. — Elliot colocou a mão na imensa trava. — Portas como essa nunca ficam...

A porta abriu.

Dentro, havia uma grande sala que parecia uma imitação inferior do laboratório do Departamento das Criaturas. Mesas velhas cobertas com equipamentos empoeirados de informática e tubos de ensaio aos pedaços. Armários e prateleiras espalhados acomodavam peças quebradas e livros antigos e desbotados, como se tivessem caído na água e colocados para secar.

Apesar do estado desordenado e estranho daquele lugar, o que chamou a atenção de Elliot foi a grande mesa que ficava no centro. Ou melhor, o que havia *sobre* a mesa.

— Tio Archie!





Capítulo 25

O professor emite ruídos estranhos e Elliot lê a nota

O tio de Elliot estava inconsciente sobre a mesa, com a cabeça amarrada a um tipo de transferidor de ideias improvisado. A cobertura da “cama” se movia acompanhando os movimentos do peito do professor.

— Eles estão roubando as ideias dele! — gritou Elliot. Correu para perto do tio. — Tio Archie! Acorde! Estamos aqui para salvá-lo!

Mas o professor respondeu apenas com uma sequência de ruídos sem sentido.

— *Buorbl-buorbl-quackle-mickle-zumpty-zizz--suuuwahmbah-bah-bah-baaah...*

— Elliot, olhe isso.

Havia um computador sobre uma mesa toda bagunçada que ficava contra a parede. O tubo de borracha no topo do transferidor de ideias estava ligado a ele.

— O que é isso? — perguntou Leslie, apontando para a tela.

No início, parecia apenas um fluxo de palavras, símbolos e equações. Mas, conforme Elliot observava, eles sumiam e revelavam o que parecia ser um grande par de botas de esqui metálicas, vermelhas e brilhantes. O peculiar calçado brilhava com os cabos, fios e medidores misturados com chamas vermelhas e alaranjadas, que partiam das solas.

Por um lado, aquilo parecia bastante cafona, mas, ao mesmo tempo, era... *bem legal*, como algo que uma gangue de motociclistas robóticos usaria num filme de ficção científica.

Mais uma vez, a imagem brilhou e desapareceu, voltando a exibir a sequência de desenhos e dados.

— Eu acho que é isso que tem dentro da cabeça do meu tio.

— Mas o que é isso? — perguntou Leslie.

Mais uma vez, as palavras e figuras sumiram e as estranhas botas estavam de volta.

— Será que o Reggie tinha razão? — Elliot sussurrou.

— Sobre o quê?

— Sobre as supergalochas.

Leslie fez cara de espanto.

— Mas eu não entendo. Como isso poderia impressionar os investidores?

Elliot também estava um pouco decepcionado.

— Vamos lá — disse ele. — Vamos tentar acordar o meu tio.

Os dois se aproximaram do professor e balançaram os braços dele, gritando em ambos os ouvidos.

Eles mexeram com tanta força que o jaleco branco abriu e dentro do bolso interno apareceu uma folha de papel.

— O que é isso?

Elliot se abaixou para pegar o papel, mas nem precisou encostar nele para ver o que era.

— É uma página de um gibi do Capitão Aventura.

— O que tem aí? — Leslie se inclinou sobre a mesa.

Elliot desdobrou o papel.

— Parece ser o fim de uma história em quadrinhos. — Ergueu o papel para mostrar a Leslie, que examinou a página.

— Por que ele iria carregar isso? É apenas uma página qualquer de um gibi antigo.

— *Não* — afirmou Elliot, que estava olhando para o lado oposto da página. — Não é só isso. — Ele passou por Leslie e se aproximou do computador. — Não são supergalochas. São *botas propulsionadas por foguetes*.

Elliot ergueu a página e mostrou o verso para a amiga. Era uma propaganda com a imagem do Capitão Aventura subindo pelo cosmo. Embaixo havia um desenho de botas iguais às que apareciam na tela do computador. Letras destacadas e trêmulas diziam:

Neste Halloween, não fique sem as botas-foguetes* do Capitão Aventura!(apenas \$ 19,95, mais o frete)

Elliot sabia o que significava aquele asterisco ao lado das *botas-foguetes*! Olhou para as letras miúdas no rodapé da página. Uma nota minúscula esclarecia: * *As botas-foguetes não são de verdade*.

— O que está acontecendo? Onde estou?!

Atrás deles, o professor Von Doppler estava sentado e tirava o transferidor de ideias da cabeça.

— Olá, vocês dois. — Piscou para eles, claramente atordoado. — O que está acontecendo? Lembro de pegar os suprimentos, mexer nas botas e depois... — Balançou a cabeça. — Não lembro de mais nada.

— *Depois* — disse Leslie — você foi sequestrado pelos *ghorks*, que estão trabalhando para a Quazicom e ajudando a assumir a DENKi-3000!

O professor ergueu as sobrancelhas.

— Viemos para salvá-lo — explicou Elliot.

O tio olhou para eles de uma forma que mostrou que não estava totalmente acordado. Os seus olhos

passaram de Leslie para a tela do computador, para Elliot e para a página de gibí na mão do menino. Colocou a mão no bolso do jaleco e constatou que estava vazio.

— Isso caiu quando a gente tentou acordá-lo — Elliot dobrou a página e devolveu ao tio.

O professor olhou o anúncio.

— Estou começando a lembrar — falou. — Eu vim aqui porque alguns desses túneis levam até as lojinhas das criaturas.

— Lojinhas?

— É, vendem as coisas mais estranhas que vocês podem imaginar. — Balançou as pernas para o lado da mesa e se levantou. — Eu tinha juntado tudo o que eu achava que poderia precisar, mas, no caminho de volta para o laboratório, fui atacado.

— Pelos *ghorks* — disse Leslie.

— Sim, por cinco *ghorks*.

Elliot estremeceu.

— A gente conhece esses caras.

— Eles me trouxeram aqui e me forçaram a trabalhar na minha invenção secreta. Fiz o que eles disseram, mas só porque achei que isso iria me ajudar a escapar. Mas, como vocês podem ver, eu passei a maior parte do tempo inconsciente. — Olhou para a mesa e para a imitação fajuta que os *ghorks* fizeram do transferidor de ideias. — Eles me deixavam ligado naquela coisa por horas a fio. Quando eu estava acordado, tinha alguém vigiando. Acho que a única razão pela qual vocês me encontraram é porque todas aquelas bestas correram para a tal reunião com...

— *O Chefe* — completou Leslie.

O professor lamentou:

— A Quazicom e os *ghorks* trabalhando juntos. É abominável!

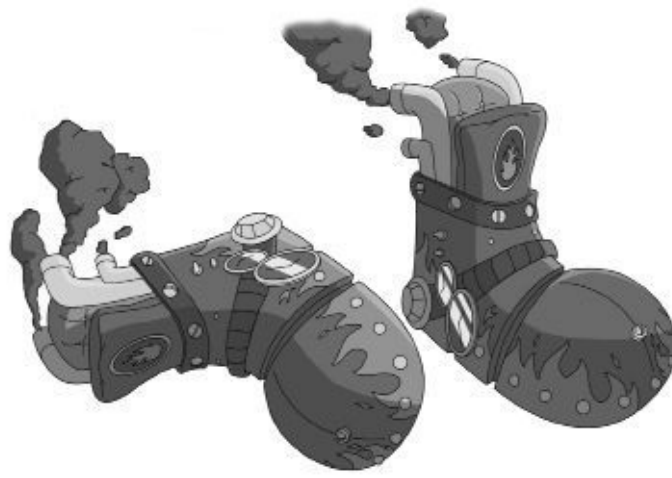
— Bem, agora você está livre — falou Leslie. — Vamos nos mexer antes que um deles volte.

— Espere — disse Elliot. — Você disse que os *ghorks* o obrigaram a trabalhar na sua invenção. —

Examinou a sala cheia de bagunças. — Mas onde ela está?

O queixo do professor encolheu e o seu rosto revelou uma expressão insegura. Apesar de ainda estar tonto, vagueou pela sala até chegar num armário de madeira situado no canto.

Quando ele abriu a porta do móvel, os três viram algo incrível.



Botas-foguetes.

Eram iguaizinhas às da tela e da página do gibi, só que não eram projetos.

— São de verdade — falou Elliot.

O tio pegou uma delas.

— Quando eu era criança, adorava o Capitão Aventura. Via essa propaganda no gibi e acreditava que era verdade. Economizei dinheiro durante vários meses e mandei o pedido, na esperança de receber as minhas botas-foguetes. — Ele riu de si mesmo. — Imaginem a minha decepção. Quando abri a caixa, vi que era apenas um brinquedo. — Aproximou o calçado do rosto, com os olhos atentos a cada detalhe. — Por isso eu me tornei inventor. Queria fazer com que elas virassem realidade. — Colocou a bota ao lado da outra e abaixou a cabeça.

— Tio Archie? Algum problema?

— Elas não funcionam. Nunca consegui descobrir a essência adequada para esse invento.

— Sim, nós aprendemos isso do jeito mais duro — disse Leslie. — Escolher as essências é a parte mais difícil.

— Os *ghorks* querem as botas para eles — explicou o professor —, mas eles precisam do ingrediente mais importante: *as essências*. Foi por isso que deixaram o transferidor de ideias ligado o tempo todo. Achavam que poderiam extrair a resposta do meu cérebro, só que eu não a tinha. Não havia nada para extrair. — Suspirou de novo, parecendo ainda mais desesperado. — Eu acho que é verdade o que eles dizem naquela nota miúda no pé da página: *As botas-foguetes não são de verdade*.

Elliot não gostou de ver o tio tão triste.

— Vamos tirar você daqui e levar as botas até o Departamento das Criaturas — avisou o menino. — Se todos nós trabalharmos juntos, a gente resolve isso.

O professor Von Doppler ainda estava um pouco tonto. Leslie e Elliot seguraram as botas e se posicionaram ao lado do professor, ajudando-o a ir em direção à porta. Quando ela se abriu, porém, os três gritaram.





Capítulo 26

Surge uma nova criatura

Na porta surgiu um dinossauro gordinho, vermelho brilhante e com um olho só, que gritava bem alto:
— bléééerrgh!

Porém, depois de ver que pesava mais que aquelas três pessoas juntas, ele parou de berrar.

— Desculpe — falou, tentando recuperar a compostura. — Vocês me assustaram.

— Nós assustamos você? — perguntou Elliot.

O dinossauro confirmou.

— Não seria mais lógico você assustar a gente? — indagou Leslie.

— Eu sei — disse o dinossauro, suspirando. — Eu sou *horrível*... Sinto muito mesmo se os assustei, mas talvez vocês possam me ajudar. Estou um pouco perdido.

— Por que eu acho que já escutei a sua voz? — quis saber a menina.

— Porque já nos conhecemos. Bem, mais ou menos.

— Sem querer ofender, mas eu acho que, *se tivéssemos nos conhecido*, eu me lembraria.

— Foi no começo da semana — disse a criatura —, na reunião dos investidores. Vocês são as duas crianças que moram no poço de ventilação, não é?

— Nós *não moramos* lá — Leslie corrigiu. — A gente só estava lá naquele momento por coincidência.

— Mas como você sabe disso? — perguntou Elliot.

O professor também estava intrigado:

— Eu passei a reunião inteira no palco e posso garantir que não tinha nenhum dinossauro de um olho só na plateia.

— O nome correto é *cicloptossauro*.

— Eu deveria saber — falou o professor. — Bem, seja como for, também não vi nenhum.

O dinossauro baixou a voz.

— Eu estava *disfarçado* — sussurrou. — O meu nome é Charlton. Mas naquela reunião fui apresentado como...

— *Chuck Brickweather!* — Leslie estalou os dedos. — *Por isso* eu reconheci a voz!

— Ei, você está dizendo que é aquele cara da Quazicom? — Elliot chegou mais perto e examinou melhor. — Não me leve a mal, mas você não parece nada com ele.

— Como isso é possível? — perguntou o professor.

Charlton encolheu os ombros.

— Eu disse que estava disfarçado.

— Bom disfarce! — comentou Leslie.

— Bem, na verdade, é mais um *tratamento* que um disfarce. Durante várias semanas, bebi uma mistura que deixa as criaturas parecidas com os seres humanos, pelo menos por um tempo. A bebida se chama Knoo-Yoo-Juice. — Charlton olhou para si mesmo, com a boca torcida de decepção. — Vocês entendem por que eu prefiro beber esse negócio, né?

Mas eles não entendiam.

— Para se parecer com seres humanos? — perguntou Elliot. — Mas por que você quer isso?

— Porque sou um cicloptossauro gordo e escamoso enquanto tudo o que eu mais queria era ser elegante, esbelto e bonito. Mas olhe para mim! Sou o tipo de criatura que *faz as pessoas gritarem* quando apareço. Vocês são a prova disso.

— Nós gritamos porque não estávamos te esperando — explicou o professor.

— E sabe que eu gosto da sua aparência? — falou Leslie.

— Gosta?

— Eu também gosto — concordou Elliot. — *Quem não gostaria* de ser um lagartão com dois metros de altura coberto por brilhantes escamas vermelhas?

Charlton olhou para os lados, como se quisesse ter certeza de que não havia ninguém ouvindo.

— Vou contar um segredo — sussurrou. — Eu tenho *medo* de criaturas. Elas são tão... *estranhas!* E me dão arrepios!

— Você tem consciência — disse o professor — de que também é uma criatura? Tenho certeza de que vários outros cicloptossauros adorariam ser assim. Para eles, você é exatamente como sonha: elegante, bonito...

— E esbelto?

— Bem, talvez não, mas qual dinossauro, desculpe, quero dizer cicloptossauro, que se preza vai querer ser esbelto?

— *Eu quero!* — Charlton apontou para o focinho. — Eu nunca pedi para pertencer *ao mundo das criaturas*. Tudo o que eu queria era ser elegante e bonito, talvez conseguir um emprego na área financeira. Eu queria tanto a ponto de viver só do suco do Dr. Heppleworth durante meses! Foi por isso que consegui o trabalho na Quazicom. Tinha um palpite de que eles estavam comprando departamentos de

criaturas, e que esse emprego me levaria a um lugar especializado em novas invenções. No caso, a você.

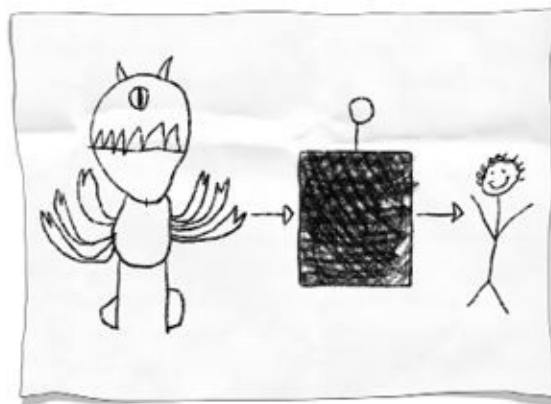
— Eu? — perguntou o professor. — Mas por quê?

— Porque você e o seu departamento são os únicos capazes de construir *a minha invenção*.

— Você é inventor?

Charlton encolheu os ombros.

— Não exatamente. — Ele trazia uma bolsa de couro pendurada no corpo, que ia de um ombro até o quadril oposto. Abriu a bolsa e tirou um rolo de papel amarrado com uma fita vermelha. Abriu o “pergaminho” sobre a mesa e mostrou um projeto. Rabiscado com um traço infantil, o desenho retratava no lado esquerdo uma criatura completa, com chifres, presas e tentáculos. Uma seta ligava o monstro a um grande quadrado preto, que ficava no meio, e uma segunda seta saía do quadrado preto e apontava para um homenzinho.



— Genial, né?

O professor Von Doppler inclinou a cabeça, olhando para a página com desconfiança.

— Não é um projeto muito detalhado.

— É aí que você entra — explicou Charlton. Moveu a cabeça com confiança. — Sou do tipo de gente que tem ideias.

— Você quer dizer do *tipo de cicloptossauro que tem ideias* — disse Elliot.

— Desculpe, eu ainda estou me adaptando...

O professor suspirou, tentando entender o projeto desenhado no papel.

— Então, o que é *essa coisa*?

— Isso significa que ninguém mais vai precisar beber o Knoo-Yoo-Juice do Dr. Heppleworth! — Charlton sorriu, revelando os dentes brilhantes que enfeitavam aquele focinho simpático. — Eu o chamo de *aparelho humanizador*, porque ele transforma criaturas em seres humanos. *Para sempre!*

Todos olharam para o desenho, que de repente adquiriu uma aparência mais sinistra.

O professor Von Doppler franziu a testa.

— É uma ideia terrível! Por que você acha que as criaturas no meu departamento iriam construir *uma coisa dessas*?

Charlton fez uma pausa. Uma expressão de confusão tomou conta daquele rosto com um olho só.

— Mas quem não deseja ser esbelto, elegante e... — Charlton parou, sem saber o que dizer em

seguida.

— SÉRIO — falou Leslie, se aproximando do dinossauro. Colocou uma mão no barrigão de Charlton.

— Concordo com o Elliot, você parece *bem mais legal* sendo um cicloptossauro.

— Você acha?

Leslie confirmou.

— Talvez — disse Charlton, sem convicção. — De qualquer jeito, não tem mais importância. Todo o meu estoque de Knoo-Yoo-Juice sumiu. — Explicou como Monica Burkenkrantz descobriu a verdade e depois os cinco *ghorks* destruíram as garrafas do precioso líquido que o tinha transformado em Chuck Brickweather. — Só sobrou esta. — Tirou uma única garrafa, que estava pela metade. — Monica e os *ghorks* ficaram tão surpresos quando voltei a ser quem sou, que só deu tempo de correr e escapar. O único lugar possível eram esses túneis, mas agora estou perdido.

O professor deu um tapinha tranquilizador no braço de Charlton.

— Eu sei que você não se sente muito valioso na sua forma natural, mas tenho a sensação de que ajudaria bastante com as engenhocas.

— Com o *quê*?

O professor Von Doppler sorriu.

— Venha trabalhar comigo e eu mostro.

— Trabalhar no Departamento das Criaturas?

O professor confirmou:

— Mas você vai ter que parar de beber essas coisas. — Ele estendeu a mão, como se quisesse pegar a garrafa de Charlton.

O cicloptossauro, no entanto, não estava disposto a desistir.

— Obrigado pela oferta — falou —, mas preciso de um tempo para pensar.

Guardou o último frasco de volta na bolsa.

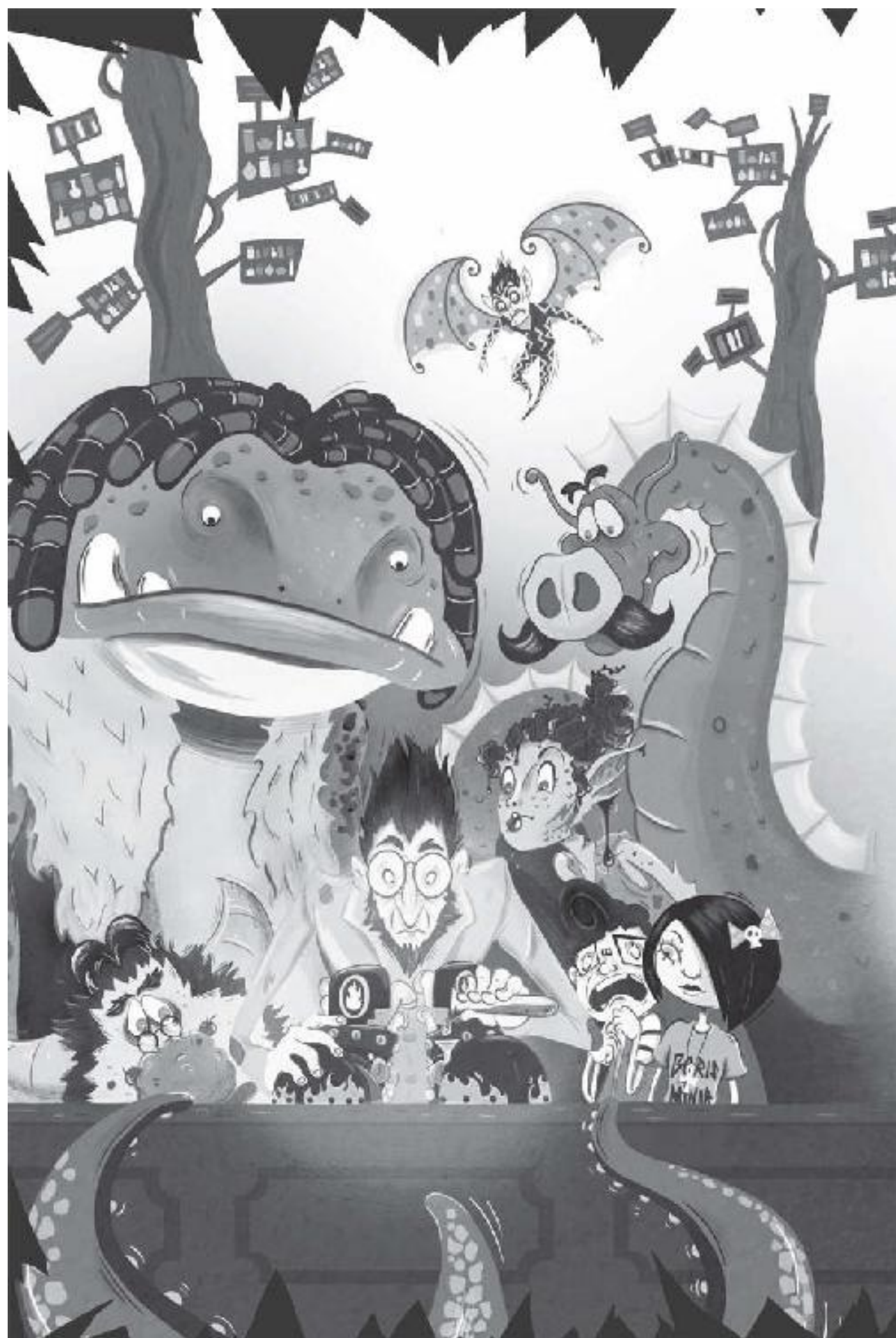
— Como você preferir — disse o professor. — Mas pelo menos apareça lá no departamento para dar uma olhada. Depois de conhecer algumas criaturas, acho que vai encontrar muitas coisas boas.

Charlton concordou. Ele iria aparecer no Departamento das Criaturas, pelo menos até o final da tarde.

— Ótimo! — comemorou Leslie, batendo palmas. — Agora que somos todos amigos, vamos cair fora deste calabouço?

— Ela está certa — disse Elliot. — Só falta uma hora para o começo da reunião dos acionistas. Mas não se preocupe. — Mostrou uma das botas-foguetes que segurava nas mãos. — Quando a gente conseguir fazer isso funcionar, vamos deixar todos de boca aberta!

— Se a gente conseguir fazer funcionar — corrigiu o professor.





Capítulo 27

O professor ganha um abraço, e Leslie e Elliot fazem uma escolha incomum

Quando voltaram, os quatro foram recebidos no Departamento das Criaturas com aplausos entusiasmados. Todos estavam muito felizes em rever o professor, mas a comemoração não durou muito porque ainda faltava a essência intangível essencial para o funcionamento das botas-foguetes. Havia apenas uma maneira de encontrá-la.

No Abstratório, os irmãos Preston colocaram as botas sobre o balcão (ao lado da pequena campainha, como Reggie tinha feito com as suas galochas velhas e fedorentas).

— O senhor mesmo projetou essas coisas, não foi, professor? — perguntou Patti Mudmeyer. Ela não tinha gostado muito dos acessórios deselegantes das botas, sem falar daquela cor berrante e de gosto duvidoso. — Parece coisa do Gügor.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Gügor.

— Acho que ela quis dizer que parece um trabalho da arte das engenhocas — explicou Harrumphrey.

— Por favor, *mes amis*! — Jean-Remy desceu dos ares, pousando na borda da bota-foguete da esquerda. — A *reunion* com os *investidorres* vai começar em *brrreve*. E *non* temos nada *parrra mostrrrar*!

— As essências! — Elliot lembrou. — Temos que encontrar a essência para as *botas-foguetes*! Todas as criaturas percorreram aquela floresta de árvores-estantes, recolhendo as essências que julgavam úteis.

Logicamente, muitos achavam que a essência para aquela tecnologia tinha algo a ver com voo ou com algum tipo de movimento *ascendente*. Tentaram a euforia (um pote de penas que flutuavam como que por magia), a flutuabilidade (uma névoa etérea condensada perto da borda de um frasco colorido), os espíritos elevados (um vidro espesso com algo que tinha um cheiro parecido com rum) e o sucesso (um líquido laranja quente e borbulhante, que emitia um ruído similar a aplausos). Combinaram essas possibilidades com vários ingredientes intangíveis armazenados no Abstratório, mas nada parecia

propulsionar as *botas-foguetes*.

Em seguida, as criaturas se perguntaram se a essência fundamental não poderia estar associada ao fogo. Tentaram as essências de combustão (um pote cheio de chamas), de energia elétrica (um frasco recheado com raios azuis) e de faíscas (um vidro que exibia galáxias com pequenas estrelas). Mas nenhuma das opções sequer conseguiu animar os motores de arranque da engenhoca.

Finalmente, acharam que a solução estava próxima. As botas-foguetes tinham sido o sonho de infância do professor, um objeto conhecido por meio dos gibis do Capitão Aventura. Talvez o *heroísmo* do personagem fosse o grande segredo. Tentaram as essências de coragem (um vidro repleto de hastes de metal), de persistência (uma gosma grudenta e parecida com melaço), de bondade (um pote com um chumaço quente e colorido) e de ousadia (algo parecido com um refrigerante). Infelizmente, nada funcionou.

Todo mundo, dos imensos irmãos Preston à menor das criaturas, parecia ter perdido as esperanças. O professor se debruçou na ponta do balcão, olhando com melancolia para a invenção dos seus sonhos. Mas a bota-foguete não saía do lugar.

— São tão inúteis como aquele brinquedo que recebi pelo correio quando era garoto.

Gügor se aproximou e colocou um braço ao redor dos ombros do amigo.

— Gügor acha que você deveria se orgulhar — disse o monstrengo. — Mesmo sem voar, ficaram uma beleza.

— *Isso mesmo* — concordou Patti.

O professor gemeu e rangeu os dentes.

— Gügor, por favor, não aperte tanto!

Gügor soltou Von Doppler do seu bem-intencionado abraço.

— Sinto muito, professor. Você precisa desculpar Gügor. Não é à toa que o meu sobrenome é Quebra-Tudo.



— Eu entendo e acho que você está certo. Eu *deveria* me orgulhar. Graças a Leslie e a Elliot, temos

coisas interessantes para apresentar aos investidores.

— Temos, é? — perguntou Harrumphrey.

— Eu sei que eles não funcionam direito ainda — explicou o professor —, mas uma *quase* máquina de invisibilidade, um aparelho de teletransporte imprevisível e um capacete *telepatético* não são qualquer coisa. Tenho certeza de que, se pudermos juntar tudo isso, nós...

— *É isso!* — gritou Elliot. — Matei a charada!

— Como assim? — perguntou o professor.

Todos se viraram para Elliot, com ar de descrença. Até o tio do menino parecia confuso.

A única que entendia era Leslie.

— É o que o professor disse: *juntar tudo!*

— Estamos no caminho certo — confirmou Elliot. — As essências de voo, de fogo e de heroísmo parecem adequadas para movimentar um par de botas-foguetes, mas talvez a gente precise de mais potência.

— É isso aí — concordou Leslie. — Talvez as botas-foguetes sejam tão incríveis que apenas as essências mais criaturescas deem conta do recado.

Elliot se virou para os irmãos Preston.

— Alguém já tentou combinar *três essências* exclusivas das criaturas numa única invenção?

Os irmãos se entreolharam.

— Hum... é arriscado — alertou Lester.

— Nunca vi isso — confirmou Chester.

Nestor apenas apertou os olhos.

— A reunião começa em dez minutos — lembrou Elliot. — É a nossa última chance.

Então, Leslie e Elliot deram mais uma vasculhada na floresta de estantes em busca das três essências mais bizarras que pudessem encontrar, cada uma representando um aspecto da invenção do professor.

Começaram pelo voo. Deram várias voltas por aqueles corredores estreitos, mas quando viram souberam que tinham achado o que procuravam: uma garrafa gordinha que balançava na prateleira de um jeito estranho.

No seu interior havia uma espécie de tempestade em *slow-motion*, com várias nuvens fofas batendo umas contra as outras. Quando as bordas se encontravam, em vez de liberar trovão e relâmpagos, as nuvens brilhavam suavemente, em tons de vermelho, verde e amarelo. Elliot e Leslie pararam um momento, olhando a garrafa e tentando entender o que a fazia se mexer.

— Já entendi — disse Leslie. — Ela não está *apoiada* na prateleira!

Ela tinha razão: a garrafa *pairava* sobre a estante. O que impedia o pote de sair flutuando era um fino barbante entrelaçado, que tinha uma ponta amarrada no gargalo e outra num parafuso preso na madeira do móvel. O rótulo informava: Alegria de descobrir que as criaturas são reais.

— É perfeito — aprovou Elliot.

Para a essência relacionada ao fogo, escolheram algo que tinham visto antes, mas sem entender muito bem na ocasião: Beleza da luz de um besouro luminoso. Dentro do frasco, espirais fantasmagóricas e manchas coloridas flutuavam e se moviam como se fossem aquelas simpáticas criaturas.

A última escolha foi a mais difícil. Como o *heroísmo* poderia ser representado no mundo das criaturas? Andaram para a frente e para trás por alguns minutos, enquanto o tempo passava. Enfim, Elliot e Leslie notaram algo um pouco diferente na árvore-estante mais alta.

— Você não acha que aquela lá brilha mais? — perguntou Elliot.

— Acho, mas por quê?

Deram várias voltas na árvore antes de identificar a fonte do brilho.

— Tem *uma abertura* aqui — observou Leslie. Limpou uma das prateleiras mais baixas para achar compartimentos ocultos. Quando abriu, um brilho de luz escapou. — Tudo vem daqui.

Ao abrir o terceiro de uma série de compartimentos internos, viram um frasco de cor escura e matizada, que brilhava com a luz de um *sol minúsculo*. O brilho era tanto que eles tiveram de cobrir a garrafa com as quatro mãos para conseguir ler o rótulo: Desejo das criaturas de viver em harmonia com os seres humanos.



— É este aqui — garantiu Elliot.

Leslie sabia que ele tinha razão.

Quando levaram as três para o balcão que ficava na entrada do Abstratório, os irmãos Preston não pareceram muito animados.

— As três são raríssimas — comentou Lester ao ler os rótulos. Olhou para os irmãos com uma expressão tensa. — Juntar tudo isso pode ser perigoso.

— Não sabemos o que pode acontecer — reforçou Chester.

Como da outra vez, Nestor esperou até o último momento para falar:

— Pois eu acho que, novamente, vocês fizeram escolhas acertadas.

— E nós *non* temos nenhuma *outrrra opçon* a *non* ser *prrrrosseguir* — lembrou Jean-Remy. — A *reunion* está *parrrra* começar a qualquer momento.

Como tinham escolhido as essências, Elliot e Leslie mais uma vez fizeram as honras. Pingaram algumas gotas (ou vapores ou lampejos) de cada substância nos motores das botas-foguetes e, quando o professor ligou o comando, as luzes se acenderam e os mecanismos entraram em ação.

— Funcionou!

Patti Mudmeyer bateu palmas.

— Por todas as flores do pântano, nós conseguimos! — Sorriu para Von Doppler. — O que está esperando, professor? Chegou a hora de testar a sua invenção.





Capítulo 28

Monica dança no palco, Carl aparece vestido de ninja e Sir William lembra daquilo que tinha esquecido

Sir William Sniffledon ocupou o seu lugar diante dos investidores da DENKi-3000. Era sexta-feira, por isso três ou quatro deles não estavam usando gravata, mas o resto exibia os tradicionais ternos em sóbrios tons de azul e cinza.

O presidente da empresa seguia a tradição e usava jeans desbotado e um suéter de lã com o desenho de um alce.

Os acionistas olhavam nervosamente para a ponta do palco, onde a cadeira reservada para o professor Von Doppler permanecia vazia.

Sir William sabia exatamente o que eles estavam pensando. Aquela reunião não era a última oportunidade para o professor apresentar a sua nova e fabulosa invenção? Aquela que deveria salvar a empresa da ruína e defendê-la de aquisição raivosa por parte da Quazicom?

Onde o professor poderia estar?

— Bem-vindos, senhoras e senhores acionistas — disse Monica Burkenkrantz, levantando da sua cadeira ao lado de Sir William. — Gostaria de agradecer a todos por terem vindo. Vocês devem ter percebido que o nosso convidado de honra não apareceu. — Ela olhou para o lugar vazio. — Não se preocupem, pois eu tenho uma explicação bastante razoável para a ausência do professor Von Doppler: um e-mail que ele mandou hoje de manhã.

Sniffledon franziu a testa. Por que o e-mail não tinha sido enviado para *ele*?

Monica começou a ler a mensagem ao microfone:

— “Cara Monica, por favor, diga a Sir William que sinto muito.” — Olhou para o chefe, com uma expressão triste. — “Infelizmente, não consegui terminar a nova invenção que prometi. Acho que será necessário vender a empresa para a Quazicom. Um abraço, Archie.”

Uma onda de silêncio tomou conta da sala.

Na primeira fila, o porta-voz dos investidores se levantou.

— Bem, então está tudo resolvido — falou. — Sem novidades do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento, os acionistas não têm escolha a não ser recomendar a venda da DENKi-3000 para a Qua...

— *Não! Espere!*

De repente (assim como na *reunião anterior*, pensou Sir William), a tampa do poço de ventilação saltou da parede. Surgiram as mesmas crianças: a menina que parecia uma bailarina gótica e o garoto com o escandaloso colete de pescador. Como eles se chamavam mesmo? Ah, sim, Elliot e Leslie. E o menino não era parente do professor?

— Como vocês conseguiram entrar? — explodiu Monica Burkenkrantz. — Os robôs-seguranças estavam instruídos para manter os dois longe daqui.

— Quem deveria ficar bem longe é *you* — respondeu Elliot. — Por que não conta a Sir William o que está tramando?

Monica olhou para as crianças com uma expressão furiosa.

— Não tenho nada para contar!

— Você está trabalhado para a Quazicom! — falou Leslie.

— Porque quer ocupar o *lugar dele* na presidência! — completou Elliot.

Sir William ficou surpreso ao ver o menino apontar para ele. Seria possível? A sua própria vice-presidente ajudando um rival, tentando roubar a posição de comando da sua empresa? Seguramente, *essa* era a coisa importante da qual ele precisava se lembrar.

Seria possível?

Ele se virou para Monica.

— Isso é verdade?

Ela deu uma risada sonora.

— Mas que ridículo! Como você pode acreditar numa dupla de pivetes intrometidos que mora no sistema de ventilação?

— Admito que eles não usam um meio de chegada muito convencional. Mas, se por *duas vezes* eles se esforçaram para rastejar pelos tubos só para falar comigo, talvez eu devesse escutar o que eles querem dizer.

— Não me diga que você acredita que um par de...

— Muito bem — interrompeu William —, o que é que vocês têm para dizer?

— Basicamente — disse Elliot —, que a sua vice-presidente é uma mentirosa.

— É uma acusação muito séria, meu jovem. Você pode provar?

— Esse e-mail que ela leu é falso — disse Leslie.

— O meu tio jamais iria querer que o senhor vendesse a empresa para a Quazicom.

— Se isso é verdade — Monica interrompeu, maliciosamente —, por que ele não vem aqui e fala isso?

— Mas ele veio — respondeu Leslie.

Elliot concordou.

— E está bem atrás de nós.

As duas crianças se afastaram. Todo mundo olhou para a escuridão do poço de ventilação.

Lentamente, a escuridão se iluminou e...

pliinnn!



Houve uma explosão de luz e o professor saiu voando de dentro da parede. Ele estava *voando* mesmo! Calçava um par de botas berrantes, vermelhas e amarelas. Chamas azuis e verdes escapavam da sola, propulsionando o professor pelo ar como se ele fosse... um super-herói saído de um gibi antigo (o jaleco flutuava para trás, imitando uma capa).

Finalmente, Von Doppler perdeu altitude e pousou diante da mesa dos executivos.

— Senhoras e senhores — anunciou. — Apresento a minha invenção secreta: botas-foguetes que voam *de verdade*!

Sir William estava atordoado e sem palavras, assim como os investidores.

— Espere um minuto! Parem tudo! — Monica Burkenkrantz apontou para as botas. — Mas isso não deveria funcionar!

— E como a senhora sabe disso? — perguntou o presidente.

— Porque ela roubou o invento — respondeu Elliot.

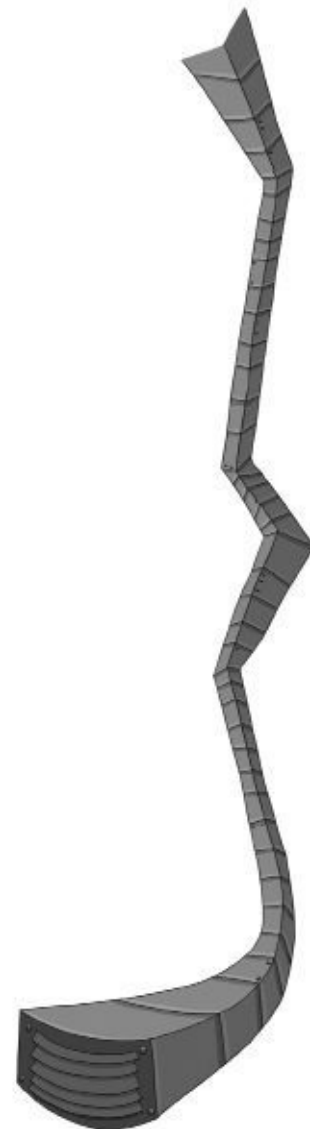
— Só que nós conseguimos pegar de volta — esclareceu Leslie.

— É verdade? — perguntou Sir William.

— N-não, claro que não — Monica balbuciou. — Eu nunca... por que motivo eu... — A gagueira sumiu de repente e ela disse: — Não deveriam funcionar *porque botas-foguetes não existem*!

O professor Von Doppler sorriu para ela.

— Não olhe para mim — disse ele. — É tudo graças a essas duas crianças que às vezes invadem o poço de ventilação.



Monica ficou tão nervosa que quase começou a dançar.

— Mas como esses pirralhos conseguiram fazer isso funcionar? Tentamos *de tudo* enquanto te mantivemos preso nas cavernas ligado a um... — Ela percebeu que tinha falado demais.

Sir William estava começando a acreditar nos garotos.

— Quando o professor estava ligado a quê?

— Ao transferidor — respondeu o menino vestido com o colete. — Eles estavam tentando roubar as ideias do meu tio.

— O que você quer dizer com *eles*? — perguntou Sir William.

— Ela e o chefe da Quazicom — afirmou Leslie.

— Você quer dizer *eu*? — perguntou uma voz rouca vinda de trás do palco. A voz saía da tela, que de repente ganhou vida.

— Ele mesmo! — disse Elliot, apontando para o rosto enorme e sombrio. — Ele é o Chefe!

— Não sei se você sabe — interrompeu Sir William —, mas este é um sistema de comunicação fechado, e só quem trabalha na DENKi-3000 pode usar!

— Sei muito bem — respondeu o Chefe. — E, a partir de hoje, não sou apenas um empregado, mas sim o patrão. Ou melhor, sou *o Chefe*.

Sir William sentiu que a sua pele enrugada e velha estava ficando quente.

— O que você quer dizer com *o patrão*? A empresa ainda é minha, seu ladrão!

— Ele está certo — disse o porta-voz dos acionistas, aumentando a voz para falar com aquele rosto sombrio que pairava sobre o ambiente. — Você não pode fazer nada antes da votação dos investidores!

— Eu preferiria que as coisas não fossem dessa maneira — disse o Chefe (mas ninguém acreditou). — Só que estou perdendo a paciência. Acho que vou ter que recorrer a uma operação *menos amistosa*. E, quando eu digo menos amistosa, é *menos amistosa* mesmo!

Ele não estava brincando.

Bem na hora, o imenso exército de robôs-seguranças da Quazicom surgiu de trás do palco. Eles cercaram os executivos, os investidores e até mesmo Leslie e Elliot.

— Sentimos muito por qualquer inconveniente que possa surgir por causa do desemprego de vocês — anunciou um dos robôs —, mas a partir de agora todos os funcionários da DENKi-3000 estão demitidos.

— *Ha, ha!* — riu Monica Burkenkrantz, se remexendo no palco. — Isso significa que você, William Sniffledon, está no olho da rua! E adivinhe quem *finalmente* vai assumir a presidência, hein? *Eu!*

— Na verdade — acrescentou o Chefe —, decidi demiti-la também.

— *O quê?* — Monica congelou os seus movimentos, com uma perna esticada e as mãos girando inutilmente no ar.

Sir William riu e pensou: *Ela parece uma estátua!*

— Gostaríamos de pedir a todos os funcionários da DENKi--3000 a gentileza de nos acompanhar para desocupar as instalações.

— Eu não vou para lugar nenhum — afirmou William Sniffledon.

— Nós não votamos ainda! — protestou um dos investidores. — De que adianta ser acionista se não temos direito de votar?

— Por favor — disse um robô —, preferimos que vocês não criem problemas. Fomos programados para atacar quem desobedecer e odiaríamos ter que...

zzzap!

— *Aaaaiii!* — gritou uma acionista lá no fundo. Era a mesma senhora que tinha mostrado o seu lápis elétrico na reunião anterior. Ela se levantou e chutou o rosto de um dos robôs (se é que aquelas máquinas tinham rosto).

— Por que você fez isso?

— Lamento muito — disse o robô. — Só estava testando o meu sistema de ataque.

Sir William estava indignado. Primeiro, a invasão do telão e agora uma agressão a um investidor desavisado (sem falar naqueles raios disparados por toda a empresa). Mostrou o punho fechado para o

rosto sombrio do Chefe.

— Você nunca vai conseguir acabar com isso, seu vilão!

Quando terminou de falar, o professor Von Doppler ligou as botas-foguetes.

— Agora! — gritou. — É de verdade! — Mirou para a tela. — Um arquivilão perigoso! — Apontou para os robôs. — Capangas traiçoeiros! — Voltou-se para a senhora que tinha sido atingida pelo robô. — Uma donzela em perigo! — Olhou para William Sniffledon. — Não falta nem um homem bondoso garantindo que o vilão não vai escapar! *É tudo absolutamente perfeito!*

Monica Burkenkrantz cruzou os braços.

— Acho que perfeição é uma ideia que varia bastante — resmungou ela.

— É como *uma história em quadrinhos!* E, como estou usando botas-foguetes e uma capa (ou uma espécie de capa, pois na verdade é só o meu jaleco), sou praticamente *um super-herói!* — Ele se ergueu e anunciou: — Honrados cidadãos da DENKi-3000, não tenham medo! Chegou a hora do incrível Capitão Aventura salvar...

ZZZZZAP!

Vários robôs o atingiram com os seus raios azuis e Von Doppler caiu de costas no chão.

— *Tio Archie!* — Elliot correu e se ajoelhou ao lado do tio, segurando a cabeça do professor. Felizmente, o tio só estava desacordado, mas o menino sentia tanta raiva que queria enfrentar os robôs da Quazicom um a um.

Mas isso não foi necessário porque as portas de trás da sala de reuniões se abriram e Carl, o simpático chefe da segurança, entrou correndo, com uma aparência um pouco estranha. Vestia algo parecido com uma roupa de mergulho, que não era feita de neoprene e sim de... câmaras de pneus de bicicleta. Carl tinha virado quase uma múmia!



Vários robôs correram na direção dele.

— Sentimos muito, mas somos obrigados a detê-lo.

— Desculpe — respondeu Carl. — Não consigo parar.

Passou por cima dos robôs apesar da rajada de raios, que não causavam nenhum efeito. Carl estava

protegido por aquela peculiar roupa de ninja feita de borracha reciclada.

— Não quero alarmar ninguém — disse —, mas vim aqui para dizer que a empresa está sendo atacada.

— Certo — disse Leslie. Ela desviou o olhar da gigantesca cabeça sombria para observar o professor Von Doppler, ainda desacordado. — A gente já tinha notado.

— Não façam drama — falou o Chefe. — Não é um ataque. É apenas o jeito agressivo como a Quazicom faz negócios.

— Não é um ataque? — perguntou Carl. — Então como vocês chamam aquilo ali?

Apontou para fora da janela.

No pátio, a velha mansão estava cercada por todos os *cinco* lados, cada um tomado por uma tribo de *ghorkolians*. Formavam um bando armado com redes e equipamentos nada amistosos.

— O que são essas coisas? — gritou um dos investidores.

— São *ghorks* — explicou Elliot.

— Seja lá o que for — falou Carl —, eles estão atacando o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento. E, se quisermos salvar esta empresa, temos que *lutar por ela*!

Alguns robôs tentaram atirar novamente, mas saíram gi-rando quando o raio não surtiu efeito.

— Uma pergunta — disse o porta-voz dos acionistas. — O que é um *ghork*?

— Não é óbvio? — perguntou Leslie.

— É uma criatura — disse Elliot. — E das nada boazinhas...

— É isso — gritou Sir William. — *Era disso* que eu estava esquecendo! A empresa toda nasceu no *Departamento das Criaturas*!

— Pode até ter começado — disse o Chefe —, mas agora é hora de acabar tudo. E pode deixar isso *comigo*!

Com esse terrível aviso, o misterioso espectro desapareceu da tela.

— É melhor irmos até o Departamento das Criaturas — propôs Sir William. Olhou para a mansão cercada, lá embaixo. — Alguns dos nossos funcionários estão lá e temos que protegê-los.

Carl, acompanhado de outros guardas vestidos com trajes de pneus, conseguiu evitar que os robôs da Quazicom atacassem os investidores. Todo mundo foi levado até o Departamento das Criaturas a bordo do *expectavador*.

Alguns acionistas quase desmaiaram quando viram Gabe, mas se acalmaram assim que notaram como o curioso ascensorista era inofensivo (e deprimido). No fim, todos foram reunidos no amplo corredor em frente ao laboratório.

O porta-voz dos acionistas olhou para o papel de parede com desenhos fora de moda, os enfeites de madeira entalhada e os lustres antigos.

— Isso aqui parece uma velha mansão mal-assombrada!

— Não se preocupe — assegurou Elliot. — Este lugar é tudo, *menos* assombrado.

Infelizmente, bem nessa hora saíram do laboratório Jean--Remy, Patti Mudmeyer, Gügor Quebra-Tudo, o cicloptossauro Charlton e Harrumphrey Grouseman.

— *Aaaaiii!*

O berro coletivo dos investidores acordou o professor.

— Eu consegui salvar o mundo? — perguntou.

— Não muito — informou Leslie —, mas valeu a tentativa.

— Eu achei que você tinha dito que este lugar *não* era mal-assombrado — falou o porta-voz dos acionistas.

Sir William bateu com a bengala no joelho do homem.

— Mas o que é isso, seu medroso? Não está vendo que são *criaturas*, e não fantasmas?

O professor levantou, meio tonto.

— Como as defesas estão se saindo?

— Os *ghorks* ainda *non conseguirrrram entrrrrar* — informou Jean-Remy —, mas achamos que é apenas uma *queston* de...

crash!



Atrás dos acionistas, Gabe saiu calmamente do *expectavador*. Lá dentro, os *ghorks* tinham feito uma rachadura no teto e várias garras verdes tentavam abrir caminho. Gabe fechou as portas.

— Eu duvido que isso vá segurá-los por muito tempo — anunciou.

As portas começaram a sacudir e marcas com formato de punho surgiram do outro lado do metal.

— Todo mundo para o laboratório! — convocou o professor, calçando as botas-foguetes.

Foi um momento histórico: pela primeira vez, um grupo tão numeroso de humanos colocou os pés no Departamento das Criaturas. Mas não houve tempo para comemorar a ocasião.

— Precisamos de um plano — disse o professor.

— Talvez eu possa falar com eles — sugeriu Monica Burkenkrantz. — Acho que eles me respeitam.

— É por isso que o Chefe demitiu você? — perguntou Elliot.

— Boa pergunta. — Ela olhou para o professor. — Então, qual é o plano?

O tio de Elliot achava que a melhor forma de reagir ao ataque era usar as invenções disponíveis.

Infelizmente, porém, a maioria dos aparelhos estava quebrada, inacabada ou não servia como arma de defesa.

— Tenho mais dois pares de botas-foguetes — avisou o professor —, mas são protótipos que nunca saíram do chão.

Estavam guardados dentro de uma caixa empoeirada que ficava no escritório dele. Quando Von Doppler mostrou, todos suspiraram decepcionados.

— Mas por que são tão pequenas assim? — perguntou Harrumphrey.

— Eu disse que eram exemplares de teste...

— Não cabem nos meus pés — falou Gügor.

— Eu sei — concordou o professor —, mas cabem nos pés de *crianças*.

— *Nós?* — perguntou Elliot.

— Claro! Um super-herói com botas-foguetes como eu precisa de companheiros fiéis, não é mesmo?

As botas serviram perfeitamente e bastou despejar as gotas das essências para funcionarem.

uooooo!

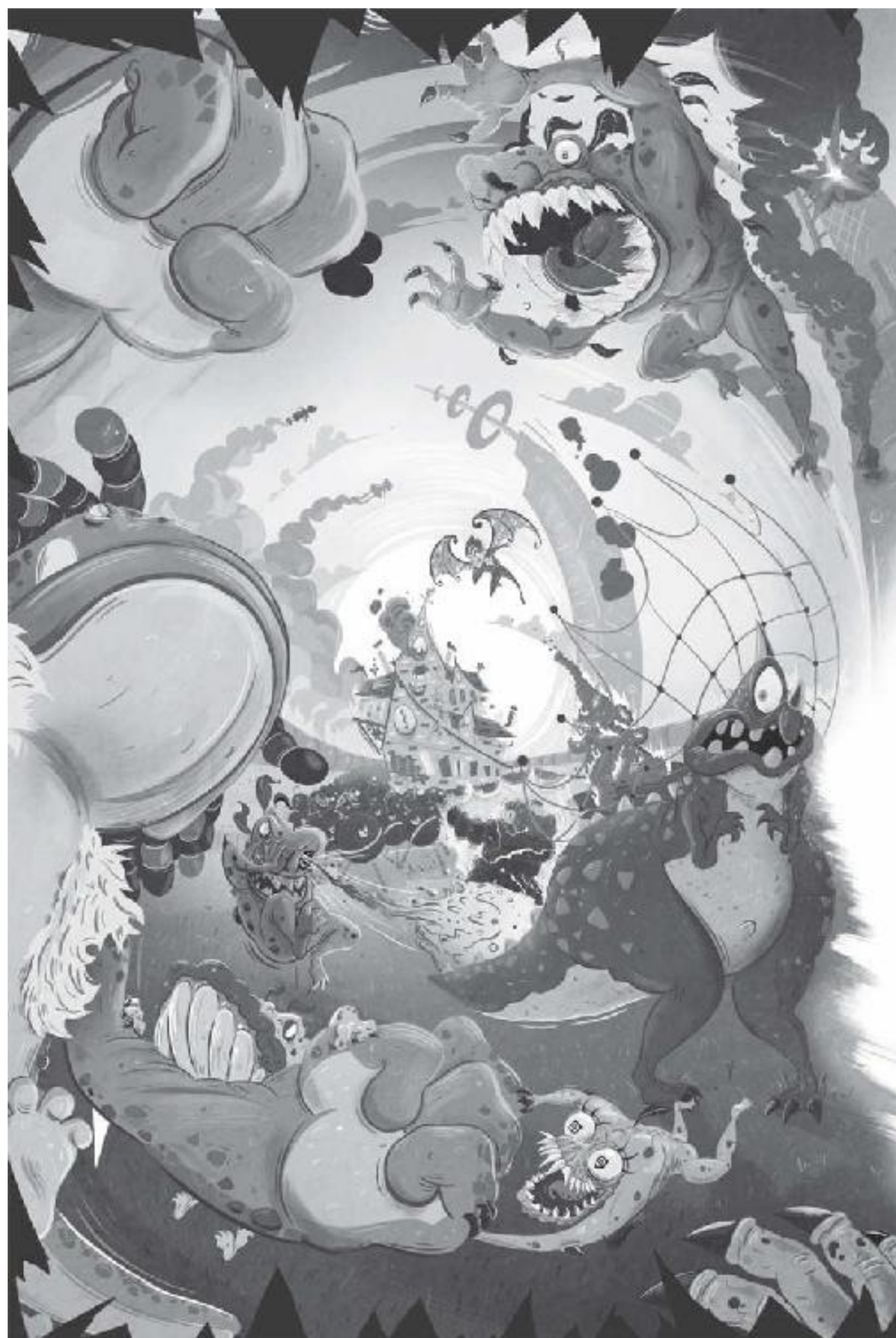
Elliott e Leslie saíram do chão. Com aquelas botas ficava fácil, e voar parecia ser a coisa mais natural e bonita do mundo — e talvez fosse mesmo.

Em seguida, acomodaram todos os acionistas e criaturas, um por um, na “quase máquina de invisibilidade” (esse era o apelido do invento), apostando que, se perdessem a nitidez, teriam mais chances de escapar.

— Vocês precisam achar um nome mais adequado — sugeriu o porta-voz dos investidores depois de virar uma mancha indefinida. — Que tal *translucinator* ou *tira-contornos*? Tem que ser alguma coisa com mais apelo comercial. Quem vai querer comprar algo chamado “quase máquina de invisibilidade”?

— Eu não quero ser desagradável — disse Patti —, mas não é hora de discutir nomes de marca, né?

E certamente não era! Naquele momento, as portas do laboratório viraram pedaços, e um amontoado de *ghorks* aterrorizantes entrou rugindo e rosnando no Departamento das Criaturas.





Capítulo 29

O professor recomenda a supervisão de um adulto, e Leslie e Elliot chegam ao topo

Aquele episódio entraria para a história das criaturas como a Batalha de Bickleburgh. Infelizmente, os *ghorks* tinham chances bem maiores de vencer. Eles eram criaturas desajeitadas, grosseiras e incapazes de ajudar uns aos outros (mesmo contra um inimigo comum), mas não tinha importância. A imensa superioridade numérica deles compensava tudo isso.

Além do mais, executivos e investidores não se destacavam pela habilidade como lutadores. Sem muito esforço, caíam um a um nas redes e eram erguidos como se fossem cardumes pescados em alto-mar.

Harrumphrey, por outro lado, surpreendeu a todos: com a sua cauda, os chifres e o baixo centro de gravidade, demonstrava agilidade suficiente para derrubar os *ghorks* num divertido dominó de criaturas.

Patti Mudmeyer impressionou com o seu peculiar jeito de arremessar bolas de lama extraídas do couro cabeludo.

— Minhas irmãs e eu costumávamos atirar nas ninfas do rio — contou ela, mandando uma bola no olho de um *ghork* olhudo e no nariz de um *ghork* narigudo.

De longe, o melhor lutador era Gügor. Para todos os *ghorks* que encontrava, dava um curso completo da arte das engenhocas. Para se livrar dos *ghorks* horrendos presos nos braços, pernas e até no rosto, ele recuava um pouco e arremessava um a um contra a parede.



A luz do dia entrou pela abertura feita por Gügor, revelando outra batalha no pátio, dessa vez

envolvendo os robôs-seguranças da Quazicom e os guardas-ninjas da DENKi-3000 (vestidos com “armaduras” de borracha).

Enquanto isso, no laboratório, as criaturas que tinham perdido nitidez por causa da “quase máquina de invisibilidade” conseguiram driblar os adversários. Infelizmente, a indefinição não serviu muito para escapar dos *ghorks* olhudos, que tinham sensibilidade suficiente para identificar os inimigos. Logo estavam todos presos, se contorcendo e se acotovelando dentro das redes *ghorkolians*.

Elliot, pairando sobre a confusão graças às botas-foguetes, viu que no fundo da sala os cinco *ghorks* conhecidos (Grinner, Adenoid Jack, Iris, Digits e Wingnut) comandavam o ataque como generais petulantes.

Eles prenderam a sua ex-empregadora, Monica Burkenkrantz, numa rede apertada embaixo dos seus pés fedorentos. A mulher tinha errado feio: os *ghorks* não a respeitavam *nem um pouquinho*. De tempos em tempos, um deles lhe dava um cutucão com os dedões, fazendo a ex-vice-presidente soltar um grito indignado (o que eles adoravam). Elliot se surpreendeu ao sentir pena dela.



Temos que parar com isso, pensou. Eles não podem vencer.

Mas os defensores do Departamento das Criaturas estavam perdendo a batalha, e quase todos os menores tinham sido capturados. Sem essa ajuda, as criaturas maiores começavam a perder força. Apenas Jean-Remy e as demais capazes de voar conseguiam defender o laboratório.



— Olhem — berrou Leslie, apontando para o topo do aparelho de teletransporte e para a segunda cadeira mais confortável do mundo. Sir William e Harrumphrey estavam em pé sobre os braços de pelúcia, tentando afastar os *ghorks*.

— Talvez — sugeriu Leslie — dê para teletransportar todo mundo para outro lugar.

— Como? — perguntou Elliot. — Para isso funcionar, a gente precisa relaxar, lembra? Como fazer isso quando se está cercado de *ghorks*?



— Sem falar que não temos nenhuma ideia do destino!

— Se a gente sair daqui, nunca mais vamos recuperar o Departamento das Criaturas! — lembrou Elliot.

— Tome *isso*, seu monstro! — Sir William bateu a sua bengala com coragem e atingiu a testa de um *ghork* orelhudo. A criatura caiu da máquina, bateu o traseiro no chão e chorou como um bebê.



— *Acho que descobri!* — falou Elliot. Pegou o capacete *telepatético* e subiu para os andaimes suspensos.

Leslie se apressou em se juntar a ele.

— Claro! Eles são um bando de *bebês chorões*! Lembra dos túneis? Eles fugiram gemendo e berrando. Aposto que são sensíveis aos efeitos do capacete *telepatético*.



— É isso o que eu espero. — Elliot vestiu o capacete e se concentrou para enviar uma descarga de tristeza. *E funcionou!* (Bem, pelo menos um pouco.) O bando fez uma pausa um pouco melancólica, mas em seguida retomou a batalha.

Elliot tentou novamente e tudo aconteceu do mesmo jeito que antes.

— Eles são muitos — disse Leslie. — Precisamos ampliar o sinal.

— Mas como? — perguntou Elliot.

Leslie estalou os dedos.

— O teto da torre norte! Lá tem uma antena enorme. Vamos para lá!

— Boa ideia, mas é melhor chegar rápido, porque temos companhia.

Um grupo de *ghorks* estava se deslocando pelos andaimes, enquanto do outro lado havia um bando de robôs-seguranças da Quazicom.

— Esperem por nós! — falou o professor, subindo para se juntar à dupla, acompanhado de Jean-Remy. — Se você pretende ligar o capacete *telepatético* a um transmissor instalado no telhado de uma construção alta, é melhor contar com a supervisão de um adulto. — Olhou para baixo, com as mãos nos quadris. — Mas não tenha medo! O incrível Capitão Aventura está pronto para entrar em...

ZZZAP!

Mais uma vez, o professor Von Doppler caiu inconsciente.

— *Tio Archie!*

Jean-Remy suspirou.

— Ele é um inventor *brrrilhante*, mas *non* é muito bom em salvar o mundo...

— Sinto muito — disse o robô responsável pelo disparo —, mas vou pedir que vocês façam a gentileza de entrar na rede.

— *De jeito nenhum!* — gritou Leslie, decolando. Ela se virou para Elliot, ajoelhado ao lado do tio. — Nós precisamos ir! Temos que chegar ao telhado!

Jean-Remy voou sobre o corrimão:

— Leslie está *cerrrta!* Nós temos que...

Uma enorme rede de borboleta surgiu e capturou Jean--Remy como se ele fosse um inseto.

— *Von em frrrente!* — instruiu ele, enquanto os *ghorks* o puxavam pelo ar. — Liguem o *trrrransmissor* na saída do capacete e boa *sorrрте!*

Elliot sabia que não tinha escolha a não ser deixar o seu tio, ao menos naquele momento. Saltou da plataforma escapando das garras *ghorkolians* e dos disparos de eletricidade azul. Aproximando-se de Leslie, sobrevoou o laboratório e viu que quase todos (Patti, os irmãos Preston, Harrumphrey e até Gügor e Sir William) tinham sido presos.

Os dois escaparam pelo buraco que Gügor abriu na parede. Lá fora, Carl e os outros seguranças estavam perdendo a vantagem, já com as armaduras de borracha reduzidas a pedaços. Sem a ajuda deles, o cicloptossauro Charlton não podia fazer muita coisa e logo uma rede envolveu o seu corpo vermelho e volumoso.

Só tinham sobrado Leslie e Elliot.

Ao subir um pouco mais, os dois viram os moradores de Bickleburgh reunidos diante dos portões da empresa, olhando com horror e fascinação o que acontecia lá dentro. A multidão comemorou quando viu Elliot e Leslie. Todos apontaram para a dupla, que se elevava rumo ao céu propulsionada pelas botas-foguetes que *funcionavam de verdade*.

Os dois pousaram no telhado e viram que a antena era muito maior do que parecia quando vista de longe. Na base, encontraram um enorme painel de controle repleto de fusíveis e fios. Precisaram de tempo para achar algo que se encaixasse no capacete.

Elliot se inclinou na beirada e avistou Bickleburgh inteirinha.

— E se a gente deixar a cidade toda triste?

— Concentre o pensamento apenas nos *ghorks* — instruiu Leslie.

— Vou tentar.

Mas Elliot estava preocupado, porque a antena era *enorme*. Ele olhou para o pátio e viu os *ghorks* cercando os prisioneiros. Concentrou toda a sua atenção naqueles monstrenhos horríveis.

Uma estranha onda de energia tomou conta do garoto, como se fosse um ataque de alfinetes e agulhas. O sentimento começou na parte de trás do pescoço e se estendeu até os pés, voltando em seguida para a cabeça. Depois, parecia que fluía de uma abertura invisível na sua testa e quase dava para ver um funil de tristeza se espalhando rumo ao pátio.

De repente, a agitação diminuiu. Os *ghorks* pararam de provocar os prisioneiros e de brigar entre si e, todos juntos, começaram a chorar. Desistiram de segurar as redes e vários prisioneiros escaparam.

Leslie deu um pulo de comemoração.

— Está funcionando!

E estava *mesmo*! Incapaz de descobrir o que os deixava tão tristes, alguns resolveram sair dali. sploosh!

Algo úmido, quente e viscoso atingiu a cabeça de Elliot e um feixe de faíscas alaranjadas começou a sair do capacete. Elliot mal conseguiu tirar o invento e jogá-lo no chão antes que entrasse em curto-circuito e explodisse.

Ele sentiu algo estranho grudar na sua nuca e, quando limpou, já sabia do que se tratava: era meleca de *ghork*.





Capítulo 30

Os cinco ghorks discutem receitas e Elliot avalia sua lista de afazeres

— Vocês não escapam do poderoso faro dos *ghorks* — falou uma voz anasalada atrás deles.

Leslie e Elliot olharam para cima das ruínas sobre o que restou do capacete *telepatético* e viram que estavam cercados pelos cinco *ghorks*.

ssplash! ssplash! ssplosh! ssplash!

Adenoid Jack, o dono do nariz enorme, mandou mais quatro rajadas de meleca, mirando certinho nos pés de Leslie e de Elliot. Quando tentaram se soltar, os dois não conseguiram. Assim como o capacete, as botas-foguetes estavam arruinadas.

— A gente está de *olho* em vocês — avisou Iris, revirando as pupilas imensas.

— Tem certeza? — Adenoid Jack enfiou o dedo numa das suas narinas cavernosas. — Um *nariz* potente é bem mais útil, não é?

— Fale por você — respondeu Wingnut. — Na minha opinião, ter *orelhas* grandes é bem mais importante!

— *Orelhas são importantes?* Essa é boa! — disse Iris.

— Mas o único que consegue agarrar alguma coisa grande aqui sou eu! — gabou-se Digits.

— *Chega de bobagem!* — berrou Grinner, rangendo os infinitos dentes. — Não estamos aqui para discutir quem é mais importante. Temos algo mais urgente para resolver!

— Temos, é? — perguntou Wingnut.

— Claro que temos. Estamos aqui para *nos vingar*, esqueceram? — lembrou Grinner.

— Ah, isso *mesmo* — disse Iris. — Vingança. Ou, como eu costumo dizer, *olho por olho*.

— Ou orelha por orelha e nariz por nariz — acrescentou Wingnut.

Grinner bateu o pé.

— *Parem com isso!* Vamos pegá-los já!

No telhado de um edifício, presos num líquido grudento e com os pés enfiados em botas-foguetes que

não serviam para nada, Elliot e Leslie não tinham para onde correr. Para piorar, aquela gosma arremessada por Adenoid Jack tinha endurecido.

— Que nojo! — gritou Leslie. — É cola de meleca!

Um instante depois, Digits prendeu a dupla com uma rede.

— Não sei se vocês sabem — falou Grinner, sorrindo com maldade — que, no variado mundo das criaturas, os *ghorks* se situam numa categoria intermediária entre *trolls* e ogros. — O seu sorriso cresceu. — Só que somos bem piores que eles.

— Somos, é? — perguntou Wingnut.

Grinner confirmou:

— Até no universo das criaturas existe evolução. Os *trolls* e os ogros? Aqueles moloides pararam de comer crianças *há muito tempo*. Mas nós, *ghorks*, especialmente os mais *famintos* como eu... — Abriu tanto a boca que parecia que toda a sua cabeça estava pendurada na parte de trás do seu pescoço. O seu hálito cheirava esgoto e enxofre, parecia que as fileiras de dentes cercavam *outras fileiras de dentes*. Eram várias delas, que perfuravam a carne macia da goela rumo à escuridão da garganta do *ghork*. — Então, a única pergunta que faz sentido é: qual deles vamos comer primeiro?

— Hum, acho que o garoto — sugeriu Wingnut. — Os meninos são salgados. Vamos guardar a menina para a sobremesa.

— Eu sempre preferi as meninas para o aperitivo... — falou Iris.

Adenoid Jack deu uma fungada:

— Se vocês quiserem fazer as coisas direito, temos que picar bem os dois, pois só assim vamos liberar o cheiro da comida.

— *Blerg!* — reprovou Grinner. — Acho que estou cercado de molengas. Eu sei o que temos que fazer: arrastá-los lá de cima e cobrir os dois com bastante ketchup. Isso sim que é uma refeição em grande estilo!

Digits bateu as mãos enormes:

— Adoro ketchup! Combina muito bem com *crianças fritas*!

Elliot não podia acreditar no que estava ouvindo. Foi a pior coincidência que ele podia esperar! Depois de escutar durante tantos anos as mais variadas modalidades de preparo de crianças, era exatamente isso o que ia acontecer!

Para tornar aquele cenário ainda mais aterrorizante, começou uma discussão entre os *ghorks* sobre como preparar a refeição (se deveriam assar, levar ao forno ou simplesmente cozinhar no vapor). Poderia ter sido uma boa oportunidade para Leslie e Elliot fugirem, mas como? Os dois estavam presos por uma rede e colados no telhado por uma espécie de supermeleca. Enquanto isso, lá embaixo dava para ver que os *ghorks* tinham recuperado vantagem. Todas as criaturas e os funcionários da DENKi-3000 estavam presos novamente.

A desesperança de Elliot deu lugar ao desespero. Ele pensou em todas as coisas que não chegaria a

realizar e em todas as metas que tinha imaginado. Crescer e se tornar um inventor como o seu tio, por exemplo. Dirigir um carro. Viajar pelo mundo. Votar. Quem sabe até aprender a pescar (ele já tinha a roupa certa). Mas nada daquilo ia acontecer e isso não parecia nada justo.

— Ei — sussurrou para Leslie. — Acho que as coisas não vão terminar como planejamos, né?

— Parece que não. — Ela deu um sorriso triste. — Mas mesmo assim estou feliz por minha mãe ter mudado para Bickleburgh. Por ter conhecido você, o seu tio e os outros também. Eu estou feliz por ter descoberto essas criaturas estranhas antes de... — Ela olhou rapidamente para aqueles *ghorks* briguentos. — Bem, você sabe do quê...

— Antes de virar comida de *ghork*?

— Isso mesmo.

— Eu estava pensando na minha situação — Elliot fez uma pausa, pois não tinha certeza de como dizer o que estava pensando. — Sei lá, mas eu acho que... a gente... devia... Bem, a gente devia se beijar!

— O quê?

Os *ghorks* olharam para eles.

— Só mais um pouco — avisou Grinner. — Ainda não decidimos qual a melhor forma de preparo.

Leslie olhava para Elliot como se ele fosse louco (e Elliot quase concordava com essa possibilidade).

— Confie em mim — falou ele. — Beijar uma garota não está no topo da minha lista de coisas para fazer antes de morrer. Na verdade, nunca fiz essa lista, mas, como parece que talvez eu nem faça o que está *nas outras listas*, e já que você é uma menina e está aqui, só achei que a gente podia tentar.

Leslie pensou por uns instantes.

— Bem, já que vamos virar comida de *ghorks*...

Eles se aproximaram um do outro, mas era difícil se mover com os pés totalmente presos. Os lábios, tentando abrir caminho no emaranhado da rede, estavam prestes a se tocar, quando ouviram alguma coisa. Soou como um trovão, mas o céu estava completamente claro.



— Vocês escutaram? — perguntou Wingnut aos outros *ghorks*.

— O que foi *isso*? — quis saber Digits, olhando para o céu vazio.

— Olhem lá! — Iris apontou para os prédios de Bickleburgh. Uma nuvem de poeira cinza amarronzada percorria as ruas. A multidão que estava no portão da fábrica também ouviu. As pessoas se dispersaram bem a tempo de ser atingidas...

barooooooooooooooooo!

Um potente som barítono rompeu o ar quando um exército de *bombastadons* montado num numeroso bando de aracnomamutes atravessou os portões da DENKi-3000.



Quem estava no comando, é claro, era o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut. Para o povo de Bickleburgh, aquilo representava uma séria virada no rumo dos acontecimentos. Para o pessoal do Departamento das Criaturas, porém, o mais surpreendente era que, sobre os ombros de Reggie, estava um par de *hobmongrels*!



Reggie se aproximou da árvore em forma de foguete debaixo da qual estava o professor, ainda tonto por causa da segunda descarga que recebeu dos robôs. Examinou os pés de Von Doppler.

— Como eu suspeitava: supergalochas. — Depois, caminhou até Gügor e os outros. — Meus caros amigos — falou, apertando a mão deles com entusiasmo —, a cadeira que vocês desenvolveram é *extraordinária*! Nunca dormi tão bem em toda a minha vida! Tem o problema de mandar a gente para outro lugar, mas não é nada que vocês não possam ajustar.

Com os portões no chão, os cidadãos de Bickleburgh percorriam o pátio, um pouco assustados. Olhavam para as criaturas com uma mistura de curiosidade e suspeita — mais ou menos como os funcionários humanos da DENKi-3000, que nem sonhavam que aqueles seres existiam.

Quando viram Elliot e Leslie, recém-resgatados do telhado da torre norte e, obviamente, bastante amigos daquelas criaturas estranhas, ficaram relaxados. O gerente de recursos humanos (só humanos!) da empresa declarou:

— Sempre achei que tinha algo estranho nesse setor, mas não *tão estranho* assim!

— Você está se referindo a minha pessoa? — perguntou Patti Mudmeyer, um pouco ofendida.

— Estou falando de todos — respondeu ele.

— Relaxe — respondeu Harrumphrey. — Nós formamos uma equipe bem diferente, mas é difícil para um humano entender isso.

Sir William, depois de se desvencilhar da sua rede, anunciou que o desenvolvimento de um modelo funcional das *botas-foguetes* afastaria a venda para a Quazicom.

— Mas isso — completou ele, olhando para os investidores — se vocês votarem contra a compra.

— Pode ficar tranquilo — falou o porta-voz dos acionistas, tirando a poeira das mangas do terno. — Não queremos nenhum tipo de negócio com a Quazicom e aquele chefe assustador deles. De qualquer forma, a contratação de ogros, ou o que quer que fossem...

— Eram *ghorks* — explicou o professor.

— Sim, isso. Bem, contratá-los para invadir uma empresa *definitivamente* contraria as diretrizes de responsabilidade de qualquer corporação.

— Elliot! Elliot! O que está acontecendo? Mas que bagunça! — Era a mãe do menino, que abria espaço no meio da multidão.

— Onde está o seu tio Archie? — quis saber o pai, sério. — Queria que ele tivesse só um pouco de juízo naquela cabeça.

Elliot apontou para os pés do professor, que se projetavam para fora da árvore podada em forma de foguete.



— Ah, mas o que é isso? — disse o pai de Elliot, um pouco decepcionado. — Que *sapatos* são esses que ele está calçando?

— Não são sapatos, mas sim *botas-foguetes* — explicou Elliot.

— É claro que são sapatos — disse a mãe do menino, sacudindo a cabeça. — E parecem perigosos.

— O que está *acontecendo* aqui? — perguntou o pai, aproximando-se do menino. — E o que são essas... essas...

— Criaturas — respondeu Elliot.

A mãe dele fez uma careta:

— Pois é isso mesmo o que parecem. Espero que você tenha percebido que é melhor ficar bem longe delas, porque senão nunca será aceito na Escola Bom Gourmet. Vão achar que você está contaminado!

— Na verdade — explicou Leslie, assumindo a defesa de Elliot —, elas têm um gosto refinado para comida.

— Sério? — Os pais de Elliot não pareciam convencidos.

— Além disso — disse Sir William, repousando as mãos sobre os ombros do menino, numa postura protetora —, se for o desejo de Elliot, asseguro que ele tem um futuro brilhante aqui na DENKi-3000.

— É mesmo? — perguntou Elliot.

— Se os seus pais autorizarem, claro.

A mãe e o pai de Elliot, porém, não tinham nada a dizer sobre o assunto. Estavam muito ocupados olhando para as criaturas, os destroços do pátio e o estado de Archie von Doppler.

— E, falando em futuro brilhante na DENKi-3000... — Sir William andou mancando até o grande cicloptossauro vermelho que estava no meio das criaturas. — Eu poderia aproveitar o conhecimento corporativo de alguém que conhece a Quazicom.

— É mesmo? — perguntou Charlton.

— Acho que está na hora de envolver as criaturas em outras áreas da empresa. Além disso, é claro que vou precisar de um novo vice-presidente.

— *Ei!* — gritou Monica Burkenkrantz. Ela estava estendida no chão ao lado do tio de Elliot, porque ninguém se preocupou em ajudá-la a se erguer. — Isso significa que eu estou demitida?

— O que você faria se estivesse no meu lugar? — perguntou Sir William.

Monica suspirou.

— Eu demitiria a vice-presidente.

— Isso mesmo.

Monica já se preparava para reclamar quando foi interrompida por um estrondo: era o barulho do escapamento de um carro. Um Volkswagen cor de ferrugem entrou no pátio e a mãe de Leslie saltou de dentro, ainda vestida com o seu uniforme preto e branco.

— Leslie! O que está acontecendo? Me contaram que a cidade estava sendo atacada por... — Ela parou de falar de repente, porque viu que estava cercada por um *monte de criaturas*!

— Não se preocupe — disse Leslie. — Essas aí são as criaturas do bem.

— Você tem certeza?

— São os meus novos amigos.

— Essas *coisas*...?

— E também quem está atrás de você.

A mãe de Leslie se virou e deu de cara com Jean-Remy Chevalier.

— *Enchanté, madam.* — Ele flutuou ao redor da mulher e, assim como tinha feito quando conheceu Leslie, beijou a ponta do seu dedo. — *Prrrazer* em conhecer a mãe de uma menina *ton encantadorrra*.

A mãe de Leslie, porém, resistiu ao charme de Jean-Remy. Tirou a mão e se voltou para a menina.

— Só porque o seu amigo é um pequeno homem bonito e com asas não significa que eu vá esquecer que você está metida com... com...

— *Criaturas* — falou Leslie, respirando fundo. — Acho que isso vai te fazer querer mudar para outro lugar, né?

— Por que você acha isso?

— Porque é *sempre* assim.

A mãe de Leslie concordou.

— Sinto muito. É apenas aquele meu...

— *Desejo de colocar o pé na estrada.* Eu sei, é algo poderoso.

— Mas você não precisa se preocupar — falou a mãe. — Apesar de tudo isso... — Examinou o pátio. — Decidi fazer as coisas de outro jeito.

— Como assim?

— Simples. Vamos ficar em Bickleburgh.

— *Sério?*

A mãe de Leslie confirmou com a cabeça novamente.

— Decidi que talvez você esteja certa e a razão pela qual nada parece funcionar como quero é porque eu nunca dou tempo suficiente para isso. Mas também tem outro motivo.

— E qual é?

— É o seu avô. Ele precisou se ausentar por um tempo e quer que eu assumo o restaurante.

— Ele foi embora? Mas nem se despediu de mim!

— Pareceu ser algo muito urgente, porque ele saiu com uma pressa terrível.

— E como você vai tocar o restaurante? Você não sabe nada sobre cozinha.

— Claro que sei! — A mãe de Leslie colocou as mãos na cintura. — Aprendi algumas coisas com o Famoso Freddy, e aposto que os meus bolinhos chineses são tão bons quanto os dele.

Bastou ouvirem falar dos bolinhos para as criaturas se juntarem.

— Será possível? — perguntou Patti. — Vocês acham que alguém pode fazer bolinhos tão bons quanto os do Famoso Freddy?

— Talvez — falou Jean-Remy. — Mas nós *terremos* que ser os juízes dessa *competiçon*.

Os pais de Elliot não puderam deixar de ouvir.

— É o restaurante que o Elliot tem comentado, não é? — perguntou o pai.

A mãe de Elliot pareceu impressionada com o número de criaturas que queriam (e babavam) comer naquele lugar estranho. Olhou para o marido:

— O que você acha, querido? Vamos ver como é?

Leslie estava preocupada.

— Mãe, você tem certeza do que está fazendo?

— Vamos todos para o restaurante — propôs ela, confiante. — Eu vou mostrar o que aprendi.

Quando ela disse isso, o professor Von Doppler finalmente acordou. Ele se sentou e gritou:

— Nunca é tarde para salvar... Ah, não! Perdi a oportunidade de novo, né?

— Mais ou menos — respondeu Elliot. — Mas veja o lado positivo: você acordou a tempo de irmos para o Famoso Freddy.

Foram todos — criaturas, executivos, investidores, inventores, *bombastadons* e moradores — marchando pelas ruas rumo ao Dim Sum Emporium do Famoso Freddy. Quanto mais se aproximavam do restaurante, maior a multidão. Corria um rumor de que um grande segredo escondido no centro da cidade finalmente tinha sido revelado: é verdade que *existiam criaturas estranhas*, e elas estavam em Bickleburgh!

Quando chegaram ao restaurante, a multidão era tão grande que ocupava a rua. A mãe de Leslie não tinha condições de fazer tudo sozinha e por isso pediu ajuda.

A cozinha se tornou uma espécie de miniatura do Departamento das Criaturas, todos envolvidos no preparo da comida.

— Obrigado por me incluírem — falou Charlton, com o seu volumoso corpo vermelho inclinado sobre o balcão no qual Elliot e Leslie preparavam a massa. — Passei grande parte da minha vida dentro de um disfarce. — Olhou para a cozinha, lotada com todo tipo de criaturas estranhas. — Mas, pela primeira vez, tenho a impressão de pertencer a um grupo.

— E você pertence mesmo — afirmou Leslie.

— Então, eu estava pensando... — Charlton abriu a mochila e de dentro dela caiu o projeto que ele tinha mostrado para o professor.

— O que é isso? — quis saber Harrumphrey. A sua cauda deu umas voltas e agarrou o papel. — É

algum tipo de invenção?

— N-não! — respondeu Charlton, subitamente nervoso. — N-não é nada! — Pegou de volta o papel e rasgou inteirinho.

Harrumphrey olhou para ele, desconfiado.

— Não era uma ideia boa — disse Charlton. — Uma porcaria, para falar a verdade. Assim como essa outra inutilidade aqui. Tirou da mochila a última garrafa de Knoo-Yoo-Juice e se virou para Leslie. — Como eu estava dizendo, não vou mais precisar disso. Melhor despejar tudo na pia.

Leslie pegou a garrafa e, quando tirou a tampa para jogar fora o líquido, a menina congelou.

— Algum problema? — quis saber Elliot, percebendo que havia algo errado.

— É o cheiro.

— O cheiro do Knoo-Yoo-Juice? — Elliot parou de preparar os bolinhos e se aproximou de Leslie na pia. — Que cheiro?

Leslie não sabia o que dizer. Cheirou mais uma vez a garrafa: era um odor químico agudo, forte e ácido, mas com um aroma que ela conseguiu identificar: mel, vinagre, frutas passadas e molho inglês.

— É o mesmo cheiro do vinho que meu avô tem na cozinha.

— Então é uma notícia boa saber que ele nunca usava para cozinhar — falou a mãe da menina, olhando para a garrafa.

— Não — disse Leslie, completamente desnorteada. — Ele sempre só... *bebeu isso*. — Balançou a cabeça. — Não pode ser.

— Você tem certeza? — perguntou Elliot.

— Tem um jeito de descobrir. — Ela levou o amigo até o armário onde o Famoso Freddy guardava a sua infinita coleção de garrafas. — Ele guarda tudo...

O armário estava vazio.

A mãe de Leslie deu risada.

— Você achou que ele ia deixar para trás o seu precioso vinho de cozinha? Ele arrumou tudo e levou junto.

— Mas pode ser apenas uma coincidência — disse Elliot.

— Deve ser — concordou Leslie, com segurança. — É a única explicação. Porque, se o vinho de cozinha que o Famoso Freddy costumava beber for a mesma coisa que tem nesse frasco, quer dizer que o meu avô...

— Também é uma *criatura*! — concluiu Elliot.

— Não — falou Leslie. — Isso é impossível. — A menina correu para a pia e derramou até a última gota do Knoo-Yoo-Juice e ainda lavou bem a garrafa.

Elliot acompanhou a amiga de volta para a mesa.

— E se não for? — perguntou o menino.

Leslie sacudiu a cabeça.

— É *impossível*. Foi bobagem minha.

Antes que Elliot pudesse fazer mais perguntas, o cheiro dos primeiros bolinhos tomou conta da sala. O aroma era tão rico e delicioso que os lembrou da comemoração.

Os dois concluíram que a mãe de Leslie realmente *tinha aprendido* algo com o Famoso Freddy. Até os pais de Elliot ficaram impressionados.

— Refinadíssimo — elogiou o pai.

— Este lugar merece a crítica mais elogiosa que escrevemos até hoje! — falou a mãe de Elliot.

— Mamãe! — Leslie lhe deu um enorme abraço. — Estou muito orgulhosa de você!

— Acho que isso merece um brinde — disse Sir William, erguendo uma taça. — Um brinde a essa comida maravilhosa, ao professor Archimedes von Doppler e ao seu Departamento de Criaturas, às maravilhas das invenções e aos rigores da ciência e, *especialmente*, às duas crianças que salvaram tudo!

Todos brindaram e Leslie pôs um dos seus discos favoritos de Boris Minor e os Karloff. Todo mundo caiu na dança ao ritmo de *Monster Gnash*: Leslie, Elliot, o professor Von Doppler, Gügor, Harrumphrey, Patti Mudmeyer, o coronel-almirante Reginald T. Pusslegut, Jean-Remy Chevalier, o cicloptossauro Charlton e até Bildorf e Pib, a dupla de *hobmongrels*. Todos se divertiram e a animação seguiu noite adentro.

No entanto, o sucesso da comemoração não dependeu apenas do sabor delicioso dos alimentos, do ritmo da música ou da reunião de tantos rostos amigos — havia algo mais. Era algo intangível, como uma daquelas estranhas substâncias sobrenaturais que ficavam armazenadas no Abstratório. Era uma *sensação*.

Não um sentimento único, mas vários. Nem Elliot nem Leslie poderiam descrevê-los, mas havia um que certamente sobressaía: a amizade. Pela primeira vez, ambos sentiam que tinham encontrado um amigo de verdade.

Eles sorriram um para o outro. Na verdade, todos estavam sorrindo e era por causa de outro sentimento que enchia a sala: a sensação de que algo estava se transformando e de que, daquele momento em diante, a pequena e pacata Bickleburgh *nunca mais* seria a mesma.

Agradecimentos

Sem o apoio de algumas pessoas, o *Departamento das Criaturas* jamais teria saído da sua caverna secreta. Agradeço à minha sábia agente Jackie Kaiser, a quem devo muito; à minha editora, Rebecca Kilman, que com suavidade e discernimento deu ao manuscrito um resultado melhor; a Nick Hooker, da Framestore de Nova York, e Zack Lydon, autores de impressionantes obras de arte que serviram de inspiração enquanto eu escrevia; a Simon Whalley, que generosamente me apresentou à Framestore de Londres; e ao incrível Ben Schrank, que proporcionou um estímulo decisivo desde o início.

Finalmente, os meus mais profundos agradecimentos à minha esposa, pois sem ela não existiria nada — especialmente este livro. Sua calma, paciência e seu apoio são as essências que me mantêm em movimento.

